

166-3-16-17

D. Est
166-

REVERBERO

CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.

3-1
3



ESCRITO

POR DOUS BRASILEIROS,

AMIGOS DA NAÇÃO, E DA PATRIA.

TOMO PRIMEIRO.



RIO DE JANEIRO,
NA TYPOGRAPHIA NACIONAL.

M. DCCC. XXII.

A V I S O.

E Ste Periodico vende-se avulsamente por 120 reis (sendo de 12 paginas,) nas seguintes cazas : Loja da Gazeta, Rua da Quitanda, esquina da de S. Pedro. Botica da Rua dos Pescadores, esquina da da Candelaria N.º 6. Loja de Livros de João Baptista dos Santos na Rua da Cadeia, N.º 22. Loja do Diario no Largo do Rocio N.º 33. Em qualquer destas cazas se acha a Collecção de todos os Numeros que se tem publicado, e vende-se pelo preço das duas Subscrições, tendo direito o comprador a receber os seguintes até fins de Junho.

Os Redactores incumbem-se de remetter pelo Correio, para as outras Provincias, aos Senhores que quizerem esta Obra, todos os Numeros já impressos, e os que forem sahindo, devendo ser para isto avisados tambem pelo Correio, e com as necessarias clarezas para huma boa entrega.

As Cartas que se enviarem (pago o seu porte) sejam dirigidas = aos Redactores do Reverbero Constitucional Fluminense. =



REVERBERO

CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.

15 DE SETEMBRO DE 1821.

Redire sit nefas.

HORAT. LIV. V. OD. II.

PORTUGUEZES de ambos os Mundos! Vós sois hum grande Povo, e disto tendes dado provas infinitas desde que o Nome de Lusitanos ou Portuguezes he conhecido no Mundo. Descahidos da fama, e da fortuna, não por falta de virtudes, mas pela influencia de huma administração monstruosa, que depois de nos roubar a liberdade só nos déra em troco della pobreza, calamidades, e miserias, vistes finalmente raiar hum grande Dia, que foi o memoravel 24 de Agosto de 1820. Pasmada lançava a Europa seus olhos inquietos para a Patria illustre dos Gamas, Castros, Pachecos, e Albuquerque, e não podia comprehender como os que forão terror da Africa; como os que primeiro havião entrado nas portas do Oriente por mares nunca d'antes navegados; e como os que dominavão Senhores desde o Amazonas té o Prata, podessem dentro de casa gemer em vil e duro cativoiro! E seu pasmo ainda crescia, quando attenta considerava como os mesmos homens, que tão valentemente havião arrojado o Despotismo estrangeiro desde

o Tejo té o Garona, depois disso tão submissos se mostravao ao ferreo agoute da escravidão domestica! Com effeito não era facil explicar, como Gigantes com estatura colossal de fama, de heroismo, e de prodigios podessem estar reduzidos a mesquiuba forma de insignificantes Pigmeos que sem a menor difficuldade já diariamente hão passando por baixo das forças caudinas de hum systematico e pesado despotismo! Mas de tamanha affronta vos livrou em fim o maravilhoso Dia 24 de Agosto de 1820, e nelle bem como nos mais que até hoje sem interrupção se tem seguido, resurgio toda a vossa gloria antiga com a antiga Liberdade. Não resta pois agora mais nada para fazer do que conservar intacta, inviolavel, e sagrada a santa e augusta obra da nossa regeneração politica. Quando o vosso hero, e mais que tudo vossos melhores interesses a tão justo empenho não fossem capazes de obrigar-vos bastaria só ter em vista huma mais recente e fatal recordação. Lembrai vos de Napoles, e do Piemonte e véde com attenta reflexão o que agora ahi está obrando hum victorioso despotismo. A mesma e fatal sorte vos espera, se consentis que aos pulsos livres se vos lancem algemas novas. Abri a Historia do Mundo e dos Homens e ahi vereis que o poder arbitrario nunca perdoára huma só vez a quem lhe arrancon da mão a espada da tyrannia e da injustiça. Tem-se visto Povos recobrar a liberdade, e serem nobremente generosos para com os usurpadores de seus direitos, e desta mesma generosidade vós acabais de dar hum grande exemplo: porém até hoje inda não se vio hum só poder Ministerial victorioso, sem vir escoltado de sanguinolentas listas de horrosas proscriptões. A razão he bem clara: quando o Povo recobra seus direitos por meio de huma victoria, como nessa só cumpre com hum dever, e não póde envergonhar-se da boa acção, que se executou, com facilidade então perdoa a seus inimigos. Mas não he este o caso quando o Despotismo recobra o seu poder. Como elle tem sempre a consciencia de obrar huma acção má, recorre então necessariamente aos actos de horror, e crueldade para ver se com os cadafalsos, e com o sangue emudece a lingua da verdade e aterra os animos para não defenderem o que he seu. Por tal arte o ladrão de estrada embolsa a riqueza do timorato viajante pondo-lhe a pistola ao peito para que não haja de gritar pela violencia que lhe fazem.

Assim ó Portuguezes, amados Compatriotas, eu vo-lo torno a repetir: lembrai-vos do Piemonte, e de Napoles. Ahí presentemente estão correndo rios de sangue: as Cadeas estão atulhadas de victimas, e até para vergonha eterna, se vergonha pôde caber em usurpadores das Liberdades humanas, se vêm sobre o potro resoar os açoutes naquella mesma terra Classica, onde já fôra crime de Lesa Magestade Romana agoutar hum homem livre. E contra quem e porque se commettem tamanhas crueldades? Contra homens que tão livres sahirão das mãos de Deos como os algozes que os martyrisão; e porque para manterem sua liberdade desejavão ter hum Governo Constitucional em vez do Arbitrario que tinão. A estas e outras semelhantes barbaras vinganças estais vós ó Portuguezes expostos, se deixardes novamente usurpar os bens da Liberdade que haveis reconquistado. Futão melhor he derramar por ella o sangue no campo da independencia, do que hir verter cobardemente esse mesmo honrado sangue sobre viz cada-falsos em honra do Despotismo.

— Campeão Portug. —

Com esta Proclamação terminou o Campião Portuguez o ultimo numero do seu interessante Jorual, que tanto assistou ao Ministro Villa Nova. Glorioso de haver corrido para a regeneração da Patria que elle via já palpar o abismo do nada em que sem remedio hia a precipitar-se; e ovante de haver coadjuvado para a sua salvação, e triunfo, elle faz as suas despedidas aos generosos Portuguezes de ambos os Mundos, persuadindo-os que não deixem apagar o sagrado fogo da Liberdade, que accendido no Douro, inflammou-se no Téjo, e generalizou-se do Amazonas ao Prata. He com esta mesma Proclamação, que nós começamos os nossos trabalhos, pondo-nos por sentinella a esse fogo celestial, para que se não apague na nossa Patria, e a deixe novamente toldada das horrosas trévas do Despotismo.

Foi bello e magestoso o espectáculo da Liberdade plantando o seu estandarte no Brasil, que rojava ha tres se-

eulos os vergonhosos feitos da escravidão; chamando Brasileiros a esmentarem a voz da Sabedoria e da Razão, e os Direitos sagrados do Homem; e marcando os verdadeiros fundamentos da Sociedade, que pousão sobre o livre consentimento dos Povos. Foi igualmente bello e grande, ver o mesmo Brasil correndo a jurar sem saber qual fosse ainda o Código que se lhe offercia, na justa convicção de que não seria consultando o termometro, ou na va distincção dos climas, mas sim na Natureza, e no coração dos homens, que os seus Irmãos de Portugal beberião os principios humidos que devião assegurar-lhe a fructificação dos bens, que das mãos da Natureza receberá. Mas que triste, pavoroso, e ensanguentado não seria o quadro do Despotismo reentendo o collo, hoje abatido; afiando os punhaes, accendendo as fogueiras, e sacrificando humanos hecatombes ao seu furor, á sua vergonha, e á sua vingança!! Que scenas lastimosas se não prodigalisarião pelo Brasil se novos Verres fossem mandados governar suas Provincias! Tiremos o exemplo de nós mesmos: se alguns dos que actualmente as governão, tem posto em pratica a mais escandalosa politica, e estabelecido ate hum infame systema inquisitorial, blasfemando ora, ora ridiculisando a nova ordem de cousas, e isto quando elles vêm impender-hes sobre a cabeça a Espada da Justiça baseada sobre a Igualdade da Lei, que lariao quando o Despotismo Ministerial os auctorisasse de novo a devastar para melhor reinar! Na sua raiva pela perda da arbitrariedade já elles tem marcadas as victimas que deverião (se o puderem conseguir) ser offercidas em holocausto a sua vergonha; a hypocrisia largando a mascara, que accommodou á sua hedionda figura, a violencia, e a astucia tornarão a manchar a Historia da Humanidade com assassinios judiciaes. Portuguezes! alerta.

Habitantes do Rio de Janeiro, para vos especialmente he que escrevemos: para pôr sempre diante de vós o abismo que vos espera, he que tomamos esta arriscada tarefa. Será nosso empenho o mais grato transmitir-vos todas as Luzes Constitucionaes da Europa, a fim de fortificar o vosso amor pela santa Causa da Nação, pela vossa propria Causa. O poder arbitrario he huma Calamidade das Nações: o Despotismo he o principio opposto ao bem moral e fysico das Monarchias, e Imperios. As Leis nas suas mãos são os instrumentos de suas vinganças, de suas

paixões, e de seus caprichos: dahi vem os calabouços, dahi a tortura, dahi a inquisição civil e religiosa, os processos mysteriosos, os ediosos confiscos: o terror, e o susto são os sentimentos que procura inspirar, e porisso jámais cuidou de prevenir os erros, tratou sempre de os punir: porisso he que a lembrança de interessar o coração, e a alma dos Cidadãos nunca a seu peito acodio, e que a innocencia e a virtude he para elle chinera.

Habitantes do Rio de Janeiro, acautellai-vos contra esta hydra mais medonha que a das cem cabeças. Hum dos laços que vos armão os seus Satellites, he o rumor de receios de idéas democraticas. A este respeito vos apresentarei as reflexões de hum Sabio bem nomeado da Europa. " Não ha aqui Democracia, ha tendencia geral e uniforme para a igualdade social, base da grande refórma que em toda a parte se opéra. Tresentos annos se tem gastado a recalcar na noite que as produzira as instituições dos Barbaros, e a apagar todos os vestigios que seus passos deixáráo; a procurar as Bases constitutivas das associações humanas, e a fazer reinar a regularidade, onde só imperava a força e o acaso. O momento de fazer a applicação destes principios chegou a toda a parte pelas deformidades sempre crescentes dos Governos, como pela desigualdade moral, que se tornou palpavel aos governados. Então os homens começáráo a declarar que elles querião ser governados debaixo dos principios e luzes superiores, ou ao menos iguaes ás suas. Elles tem dito, que depois de haverem com Newton advinhado os mais occultos segredos da Natureza; com Rousseau, e Montesquieu estabelecido os direitos do Homem, assignado os principios da Sociabilidade, e achado os titulos do genero humano; depois de haverem hido com Colombo procurar novos mundos ao través dos abismos, depois de terem com Franklin arrancado ao ceo o raio; de haverem com arte maravilhosa dado ás producções do Genio huma vida indestructivel e huma extensão sem limites, e depois em fim de terem posto todos os homens em communicação por mil diferentes prisões de commercio, e de relações sociaes, era impossivel supportar outros governos que não fossem analogos á ordem creada por tantas acquisições tão preciosas, e tão grandes. A Europa sábia declarou portanto que ella deixava ao Egypto adorar animaes. "

O Rio de Janeiro só deseja possuir hum Governo

liberal, e permanente, regulado por Leis fixas, e bebidas na Natureza. Esta pertença não he nova, he ao contrario radical na humanidade: não he criminosa, porque tem a sua origem no sentimento da propria felicidade, e conservação que o Author da Natureza gravou nas nossas almas. Queremos portanto e devemos querer huma Constituição, nem o poder arbitrario pôde assegurar a felicidade e a vida dos Reis. A sua felicidade não pôde andar unida com a desgraça dos Vassallos, e a escravidão he a maior das desgraças: a sua vida não pôde estar segura senão quando o amor dos Vassallos levanta muros de corações em torno delles, e a escravidão não produz senão desconfiança, e receios.

Tão bem guiados por taes principios devemos apertar mais e mais a moral e sagrada cadêa que nos prende aos nossos Irmãos de Portugal. Do templo da Liberdade, que ali se ergueo he que nos ha de vir a boa Constituição de que precisamos: huma Constituição pela qual todos os membros do grande Corpo do Estado gosem de hum inteiro desenvolvimento, correspondão-se, dêem-se mutuas forças, participem todos do succo nutritivo da vida, todos concorram para a harmonia geral, porque huma boa Constituição he para o corpo politico, o mesmo que he no corpo physico: he a saude dos Estados. Por ella as Leis que são a alma de todo este corpo, e que lhe imprimem hum movimento organico, e regular serão sabiamente reguladas. Por ella nos serão garantidos os primeiros bens do Homem; e os seus direitos mais caros a Liberdade, a Igualdade, a Segurança. Eis o que nos affiançao as Bases que juramos.



DISCURSO

SOBRE O ACCONTECIMENTO DO DIA 15 DE SETEMBRO DE 1820 NA CIDADE DE LISBOA.

Hoc precor : hunc diem nobis Aurora nitentem
Luciferum roseis candida portet equis.

TIBUL. Liv. I. Eleg. III.

Com mais justiça, e porisso mesmo com maior enthusiasmo, que o do Principa dos Poetas Elegiacos, devem os Portuguezes de hum e outro hemisferio celebrar este Dia memoravel com esforços só dignos, dos que sabem apreciar a verdadeira liberdade, e recommendal-o por este modo á todos os vindoiros, como a epoca da nossa maior gloria, e como principio da nossa tão desejada prosperidade. O clarão brilhantissimo da Regeneração Civil, que fulgira nas agoas do Doiro, quando ao grito de poucos Heróes, responderão todas as Provincias septentrionaes de Portugal, marcou para sempre nas paginas da nossa Historia, o célebre Dia 24 de Agosto do anno de 1820. Então se affirmou a nossa gloria, a nossa honra, o nosso character, proclamando-se a Religião Catholica Romana, o Senhor D. João VI. Rey Constitucional da Dynastia de Bragança, e o bem da Nação até ali tolhido por hum Ministerio declarado inimigo dos Povos, inimigo de qualquer Codigo, que não fosse dictado pelos seus caprichos e pela sua arbitriedade.

Mas o cruel Despotismo encastellado ainda na opprimida Cidade de Lisboa, concentrado em corações. que não se tocavão das lagrimas e das miserias de tantos infelizes, tornava mudos os seus honrados habitantes no momento, em que anhelavão responder aos seus Irmãos, marchando já para as suas portas com a oliveira da paz em

as suas mãos, e com o fito em huma bem exarada Constituição, que remediando promptamente os males soffridos, os preservasse de futuras desgraças, anivellando os Cidadãos todos por hum código universal e necessario. Entendião-se os corações na Cidade de Lisboa, mas ninguém ousava incetar o brado, que em breve se ouviria em toda a Nação Portugueza. Ah! não era possível que o erro persistisse sempre em triumpho; a oppressão sendo hum estado contrafeito para o homem, chega á ponto de o avisar pelas dores, á que procure a natural posição, em que só pôde viver e prosperar. Isto, que á cada momento observamos no homem physico, a historia nos aponta tambem no homem moral, e quando não he o effeito de huma exasperação terrivel, he o resultado de huma accumulção de luzes scientificas, que adoçando os meios, com que procura o seu amelhoramento, não macula a sua honra, não ensanguenta os seus planos, porque os escólhe com prudencia, e os dirige com firmeza e com desinteresse pessoal. No morno silencio em que se deixou ver a Cidade de Lisboa, constrangida a decidir-se, ou pela santa Liberdade, ou pelo antigo Despotismo, depois que se divulgááo as noucias da heroica determinação do Porto, em vão taxada de temeridade, rebellião, e sacrilegio, ouvião-se as bravatas inutilmente furiosas do servilismo, que cego pela raiva de se ver desmascarado, fraco pela impossibilidade de rebater a novissima opinião dos que opprimira, e já delirante em seus ultimos parocismos, lançava mão dos velhos instrumentos do seu nutante poderio, pretendendo illudir aos deenganados, e apertar muito mais os ferros, que huma mão poderosa por todas as partes aligeirava e rompia.

Amanheceo por fim o Astro da Liberdade de Lisboa com o feliz Dia 15 de Setembro de 1820, em que os Portuguezes se recordavão do livramento de hum jugo estrangeiro, mas com prazer incompleto. O Povo queria levantar para os Ceos aquellas mãos, que por alguns mezes fóráo aleivosamente opprimidas de cadêas; e a idéa da oppressão domestica encurtava os seus transportes, estimulando a sua justa indignação. Os bravos Militares querião celebrar o 12.º anniversario de hum triunfo, que foi o prelúdio de outros muitos, em que se perpetua a gloria das Armas Portuguezas; mas a certeza de que ainda existião inimigos internos, tanto ou mais oppressores do que

aquelles que foram repellidos para além dos Pyreneos, diminua a importância do seu jubilo, acco dando os seus hrios para restaurarem a felicidade da Nação com a Liberdade Civil, que só pôde ser a sua fonte. Providencia celeste; e não vellavas tu sobre os gloriosos destinos do Reino Unido!.. Foi ella de certo, quem ajuntou todos os votos em hum só brado, que fez beijar a terra o mal seguro e sempre ameaçador Despotismo. Protegidos pelos Heróes de Alubera, Salamanca, e Victoria, os Cidadãos accendidos no ardente fogo de hum honroso Liberalismo, sacudirão os seus ferros, soltarão os seus pulsos, clamando em torno dos seus oppressores cavilosos, e que ainda pretendião capitular: "havemos dado certamente huma grande prova de paciencia, e assim como os nossos maiores descobrirão o que havia de mais importante na Liberdade, assim nós o que havia de mais terivel na escravidão; tolhidos indignamente na faculdade de ouvir e fallar, nós teriamos perdido a memoria e a fallia, se fosse tão possível o esquecer, como he o callar., "— *Dedimus profecto grande patientiæ documentum, et sicut vetus atas vidit quid ultimum in libertate esse, ita nos quid in servitute, adempto per inquisitiones et loquenti, audiendique somercio; memoriam quoque ipsam cum voce perdidissemus, si tam in nostra potestate esset oblivisci, quam tacere.*., (Tacito invita Agricola).

Este dia avivando a lembrança daquell'outro, que no anno de 1640 recommendou a nossa honra ao pasmo de todas as Nações civilizadas, marca nos Annaes da Monarchia duas épocas, que eternisão a nossa gloria. Mas se então os Portuguezes derão provas decisivas, de que não era do seu character brioso o arrastar cadeas, que lhes lançára huma mão estranha, hoje com verdadeiro Heroismo mostrão, que tambem se envergonhavão da oppressão caseira, emanada dos que, em vez de promoverem o bem de todos, abusavão da Bondade do Soberano, escolhido na Pessoa do Senhor D. João o IV. para manter inviolaveis as Leis, e os Fóros da Nação. Se então pelas armas elles se constituirão na posse dos seus direitos, tão indignamente usurpados, fazendo ver que a consciencia da propria justiça he mais poderosa do que grandes exercitos adextrados no socego da paz, e sempre renovados no calor de porteadas batallas, hoje tambem pelas Armas elles recobráo a sua supplantada independencia, seguros de que huma Na-

ção livre, reúne-se em interesse commum, arrostra os perigos sem pavor, porque sabe que a morte he gloriosa, sempre que o verdadeiro amor da Patria dirige as acções da nossa vida. Se entao os Loiros da Regeneração conseguida em tão poucos instantes não fôrão manchados com o sangue de muitos Portuguezes, que favorcião o despotismo e a arbitrariedade, hoje tambem nenhum Cidadão desaparece da dcirada cadeia, que se prolonga do Porto á Lisboa, deixando-se o castigo dos seus crimes ou aos remorsos dos seus corações, ou ao despreso de Liberaes generosos, que aborrecendo a iniquidade retirão as suas vistas dos iniquos. Se então finalmente foi hum só o grito de toda a Nação accordandô do lethargo de 60 annos de cativoiro, para responderem ás acclamações da Capital, quando se proclamava libertada do estrangeiro jugo, hoje tambem he hum só o nosso brado, propagando-se a electricidade do Liberalismo nos corações dos Portuguezes de ambos os mundos, porque a todos chegára a oppressão, todos sentião a mesma desgraça, que tornando-se geral, só exceptuava os que della se nutrião.

Seja-nos licito antes de entrarmos na consideração dos outros anneis, que prodigiosamente se prendêrão á este, que no Dia 15 de Setembro se ligára á cadeia Constitucional principiada no Porto, lembrarmo-nos das palavras de hum oppunido porém sempre Liberal Cidadão Portuguez, que achou distante da sua Patria aquella consideração, que lhe merecião os seus distinctos talentos, e ue que em Lisboa o privara a já defunta Inquisição.

..... então a Liberdade
 As azas não manchadas
 De baixa tirania,
 Soltou isenta pelos ares livres;
 Mal que aviston a escravidão ao longe,
 Roupas trajando santas
 Veio estes climas demandar ditosos.

O D E

NO DIA 15 DE SETEMBRO DE 1820.

— POR JOÃO VICENTE PIMENTEL MANDONADO. —

Vio-te o Douro nascer, das margens suas
 Intrépido sahindo,
 Já na infancia mimosa hereúleo em forças,
 Já credor de alta estima,
 Prompto humilhaste o Mauritano Orgulho.
 Abençoou teus Fados,
 Nascente Portugal, a Europa absorta.
 Eis n' Africa guesreira.
 Os Filhos teus magnanimos triumphão:
 Eis em douda porfia,
 Calcando sustos, arrostando azares,
 Muudos novos encontrão:
 Quebrão, subjugão de insulcados Mares
 O recondito arcano,
 As medonhas, horrisonas procellas.
 Asia culta, e vaidosa,
 Ao vèllos esbraveja, e pugna, e céde.
 O Gama denodado,
 O famoso, terrífico Pacheco,
 O brioso Sampayo,
 O grande Cunha, o rígido Sylveira,
 O justissimo Castro,
 Os Mascarenhas dons, os dons Almeidas,
 E o mal recompensado,
 Tão vasto em coração, tamanho em gloria,
 Albuquerque espantoso,
 Numes se antolhão no Indiano Imperio!
 O Persa desviado
 Ancêa honrar-se da alliança nossa:
 O furioso Egepcio
 Nos sanguentos Baixéis de nós lá foge:
 O Lusitano Esforço
 De Roma eclipsa as bellicas façanhas.
 Assombroso, que vezes
 A scena de Thermopylas trasiada!
 Quão facil, quanto a mindo
 Renova, excede a sobr'humana audacia
 Do Marathonia Dia!
 Egregio Portugal! E tu que há pouco,
 Do abysmo de infortunios

Alevantando a fronte magestosa ,
 Entre heroicas fadigas
 A vez segunda restauraste o Sceptro ,
 Trahido , enxovalhado ,
 Entregue á mofa de Invasão iniqua !
 Oh Portugal ! e ignobil
 Frustrar devêras sacrificios tantos ?
 E supplice , e medroso
 Hir mendigar impróvidos recursos
 Lá onde em Ceo malquisto
 Jupiter trovejaute , e Phebo irado
 Horrores mil alternão ?
 Egregio Portugal ! De Heróes oh Patria !
 Miserrimo devêras ,
 Triste , indefenso , abandonado , e manso ,
 Expirar , bemdizendo
 A férrea Mão que te esmagava os Brios ?
 Altiva Independencia
 Ergue a voz grandiosa : o sabio Henrique
 Nos Elysios applaude
 A voz , os votos da Cidade sua.
 Electrico luzila
 O Sacro Patriotismo : o Tejo entõa
 Tão nobre voz , taes votos.

CORRESPONDENCIA.

Recebemos a Carta que o Sñr. J. C. S. teve a bondade
 enviarnos com data de 12 de Setembro , e com tanto maior
 prazer , quanto mais certos somos , de que se confórma com os
 nossos sentimentos persuadindo a necessaria e honrosa união
 dos Portuguezes de ambos os mundos , sem distincção de Eu-
 ropêo e Brasileiro. Nós a faremos publica na folha N.º II. do
 1.º de Outubro , visto achar-se prompta a impressão da I. , e
 continuaremos o mesmo assunto para desempenho da nossa ta-
 réfa , com utilidade da Nação. Oxalá que se convertessem
 todos os concundas , ou que pelo menos deixassem os verdadei-
 ros Constitucionaes sem medo de publicar as suas idéas ; pois
 não falta quem sonhe com divisões prejudiciaes á boa Causa
 da Nossa Liberal Constituição ; ou quem macule o credito da-
 quelles de quem temem o seu justo castigo , attribuindo-lhes
 sentimentos que nunca tiverão , e menos agora !

Avante , Amigos da Nação e do Rey ; unidos trium-
 pharemos , e divididos voltaremos ao nada.

Redire sit nefas.

RIO DE JANEIRO NA OFFIC. DE MOREIRA, E GARCEZ.



REVERBERO
 CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.

1.º DE OUTUBRO DE 1821.

Redire sit nefas.

HORAT. Liv. v. OD. II.

A noticia mais interessante, que de Lisboa nos veio, he a da cordialidade com que o Nosso saudoso Rey jurou no dia 4 de Julho passado as Bases da Constituição Politica da Monarquia; accrescentando de proprio motu, depois das fórmulas prescriptas do Juramento = Isto he verdade, e Eu o Juro de todo o meu Coração. Assellou deste modo o Pacto Social entre Elle e a Nação Soberana, e gravou com letras de diamante no Templo da Immortalidade Seu Augusto Nome á par do grande Affonso e do invicto João I. Tambem não he menos interessante a noticia, de que affastou do seu lado aquelles malvados Conselheiros e Validos, de cujo vandalismo, ignorancia, e fanatismo, fomos por longo tempo as victimas. O Todo Poderoso purificou a mente do Rey, tocou o seu Coração, encheo-o da luz da verdade, e vigorou o seu braço para descarregar sobre elles o golpe da indignação e da desgraça. Elles havião sido os agentes, que levarão a Nação á borda dos abismos: elles os causadores das atroci-

dades, que se commettêrão em nome de hum Rey pacifico: elles dos assassinios juridicos, que se perpetrarão em nome de hum Rey verdadeiramente Religioso: elles das extorsões, que se executarão em nome de hum Rey Justo: elles, em fim, do cardume de males, que de chόfre cahirão sobre Povos, que benignos os hospedarão. Mas apenas o Nosso Amado Rey se separa de taes monstros, os seus passos começãrão a ser marcados pela Sabedoria; apenas segregado do bando impuro daquellas harpiás, que infectavão quanto vião ou tocavão, Elle só produzio fructos de amor, de rasão, e de justiça; apenas escuta a voz da verdade na bocca do Arcebispo da Bahia, accorda do lethargo, rasga o véo da illusão, que os Ministros, e Validos perversos tinham lançado sobre os seus olhos, e exclama por vezes = Estou pelo que ordenarem as Cōrtes. = Bem hajas O' Nosso Bom Rey! agora sim, agora he que Tu és o Pai da Patria, agora o Pai de teus Póvos, porque só agora he que estes titulos nascêrão do coração, sem serem extorquidos pelas suggestões dos Aulicos, que nos persuadião á da-los, mostrando-nos os cadafalsos e as fogueiras, ameaçando-nos logo com as suas usuaes blasfemias, de = revoltosos, traidores, e libertinos. = Oh como he certo, que se existem tyrannos sobre a terra, he porque existem aduladores, e parasitos nas Cōrtes!

Os Principes perpetuamente circundados, e quasi que espionados por pessoas dispostas á lisonjear as suas inda as mais descomedidas, e desmoralizadas inclinações, ou commettem muitas vezes o mal por ignorancia, ou não experimentão remórsos. Ordinariamente he tarde, que os Reis abrem os olhos, e ficão repassados de susto á vista do abismo, que huma complacencia criminosa cavava sob os seus pés. Em todos os paizes, em que o despotismo tem calcado os Direitos dos homens, o Rey he hum Deos, a etiqueta o seu culto, e os Ministros os seus Sacerdotes. Estes, raras vezes de accordo entre si, são os encarregados de transmittir os oraculos do Idolo, que são os seus mesmos oraculos, ou os dos seus interesses. Os titulos, o nascimento, o patrocínio, são as unicas chaves, que abrem o santuario, e dão ingresso á presença de taes Principes vigiados aliás muito de perto pela adulação, pela calumnia, pelo fanatismo, para que nenhum profano ouse fazer chegar-lhe o écco das injustiças, e das oppressões, que soffre.

O Soberano , que só he accessivel aos seus Cortesãos , que só ouve a voz dos seus Ministros , que só assigna as leis , que elles escrevêrão , e que á elles forão dictadas pelos seus apaniguados , póde contar de certo , que nunca a voz da verdade soará em seus ouvidos , nem a narração das desgraças do Estado retalhará o seu peito. As justas queixas do seu Povo , as lagrimas da viuva e dos seus filhos , espoliados pela voracidade dos impunes Magistrados , lhe serão continuamente interceptadas , e , ou a Agricultura esteja decadente , em nullidade a Marinha , em parocismos o Commercio , a Industria banida , o Crédito publico arruinado , a Educação despresada , o Vandalismo enthronizado , o Fanatismo protegido , e o seu proprio Nome ludibriado , todas as vozes dos Anlicos se reúnem em torno d'elle á fazer-lhe hum concerto de louvores e de mentiras , em que lhe apregoão = que o seu Povo vive na abundancia , e na felicidade , que cada hum dos seus Vassalios se interessa na sua conservação , e que Elle he o melhor dos Soberanos , e que até , ou não devêra nascer , ou então nunca morrer = ; e quando algum rumor surdo , bem como o dos canaviaes de Midas , principia a revelar o que elles tanto procuráráo encobrir , gritão " Revolução , Jabobinismo ,, e logo cavão-se masmorras , elevão-se patibulos , fôrmao-se Inquisições civis , maldiz-se a Imprensa , anathematisão-se os Philosophos ; e a morte por mil modos horrosa vai punir o que só era effeito de desesperação , excesso de males , peso de escravidão , cumulo de miserias , visinhança de absolutas ruinas , suspiros de desgraça , e imprecações da necessidade.

Lancemos agora os olhos á ver o que constitue a grandeza dos Soberanos absolutos ; o fausto , o luxo , a desordem , as dividas , a vingança , e a satisfação de todas as suas paixões. Qual he o interesse dos Cortesãos e dos seus Ministros? .. serem ouvidos com agrado para poderem ampliar a sua fortuna. Qual será em tal caso a sua conducta ? ; dizer a verdade , combater as inclinações do Soberano , sacrificar o interesse á virtude , a elevação á honra , e a fortuna á hum bom nome ? ... isto seria exigir rozas aos espinheiros. Esta fortaleza da alma só se encontra nos Estados livres , onde a virtude e o mérito he que repartem as graças , onde a Imprensa he a salvaguarda da Nação. Vós tivestes destes homens O' Portuguezes , nos dias doirados da vossa liberdade , quando a vossa Cons-

tituição seguida á risca fulminava, e reduzia a opprobrio aquelles, que não fallassem verdade aos Reys; então he que o Escrivão que lavrava o Testamento de João II. recusou escrever para seu Successor o nome do Principe D. Jorge, que o Rey nomeou com prejuizo ao Duque de Béja, em que por justiça devêra recahir; então he que na tomada de Safim não quiz outro lançar as ordens para huma contribuição extraordinaria, bem que precisa, dizendo ao Rey, (que o tentou até com a prisão) = Vossa Alteza não pôde lançar tributos sem convocação e approvação de Côrtes. = Ah! que differença! até agora só lhe dirião: = as Leis causticas da equidade não são para hum grande Potentado: quanto o estado tem he patrimonio dos Reys, e ate o mesmo ar, que respirão os Vassallos he hum favor do Soberano, que he o representante de Deos. = O Cortesão com grandeza d' alma e elevação de sentimentos, he hum phenomeno; a natureza leva seculos para produzir hum Sully, e o Conselheiro de Affonso IV. não acha modellos na historia dos Povos escravos.

Tambem não he menos para notar o interesse secreto, que tem os Cortesãos e os Ministros em fazer o Imperante desenedado, bonacheirão, desapplicado, indolente, enervado de corpo, e fraco de espirito. He então que elles sabem tirar partido á fim de ser elles os que governem. Com effeito nada ha mais incommodo para huma Côrte essencialmente corrompida pela moleza e ociosidade, do que hum Rey activo, penetrante, firme, amigo da justiça, protector das Letras, amador dos Sabios com quem falle, e de quem ouça a linguagem da rasão e da verdade; como tambem nada de peor do que a ordem, a economia, a igualdade da justiça para criados, que vivem da desordem e vícios dos Amos, que fazem mercancia das suas graças, leilão do seu valimento, e que só estão bem, quando os Povos estão mal. O bom Rey para a sua Côrte, he hum máo Rey para o seu Povo.

Qual he a rasão porque tantos Monarcas exercem hum despotismo infrene, senão porque ha Metternichs, que lhe alongão sempre a méta dos seus poderes, Nesselrodes, que amplião a medida dos seus Direitos, e Hardembergs, que occultão a balança dos seus verdadeiros interesses, e espalhão em torno delles as trévas da ignorancia, para senão encontrarem com a verdade? Se os Povos são continuamente samagados por tributos excessivos, se a proprie-

dade, a liberdade, e a segurança do Cidadão he atacada, e postergada, e illaqueada; se he vedada aos Póvos a queixa; e se mil generos de inquisições lhe encadêão, e suffocão até o livre pensamento, não he culpa dos Monarcas, he dos Aduladores famélicos, dos Ministros indignamente complacentes, dos Grandes ávidos de distincções e de honras. Dizia o Superintendente Bullion á Luiz XIII. chamado o Justo: = Senhor, muito felizes são os vossos vassallos, inda não estão reduzidos a pastarem a herva dos campos =!!! O que he então sobejamente para admirar, he que até os mesmos Ministros do Deos da verdade e justiça, e destes os de todas as Jerarquias, quando cercão o Throno tomão a linguagem de Belial, prostituem a honra, e a Religião á mentira e á baixeza, e até sóprão elles mesmos as fogueiras, em que se mandão queimar os Varões probos, que ousão lançar em rosto os seus escandalosos vicios, e chamão péste e veneno ás doutrinas santas dos Illuminadores da Nação.... Mas não, não nos admiremos: o homem de Côte, qualquer que elle seja, para dar-se a si mesmo mais importancia, ou antes para colorar o seu comportamento baixo, acostuma-se á considerar o seu Amo como hum Deos, esquece-se do verdadeiro Deos, cuja Doutrina he incompativel com a sua aparatosa elevação e com os seus vicios. Não córa, antes glorifica-se de tornar-se o Ministro dos seus prazeres, e até faz hum dever de prevenir seus gostos. Nada he abjecto para elles, tirão gloria do opprobrio, e como que huma especie de mérito de sacrificar á aquelles, de quem são escravos, a honra, a virtude e todos os sentimentos da natureza. Consultemos a historia, Astiages deo a comer á Harpago a carne de seu proprio filho, e perguntando-lhe que tal a achava, respondeo o Cortesão = excellente: á mesa do Rey tudo he saboroso = Cambises para mostrar a sua destreza em atirar atravessou o coração de hum menino aos olhos de seu pai, e este exclamou = nem Apollo atiraria melhor. = Dionisio Tyranno de Siracusa tinha muito pouca vista; todos os seus Cortesãos affectavão ser miopes, abaltoavão-se huns aos outros, e situavão-se sempre de maneira que o Tyranno escarrasse sobre elles.

Todos estes, e outros muitos exemplos provão até que ponto o homem modificado pelos habitos póde envilecer-se e degradar-se. Finalmente a Patria aos olhos do Cortesão he hum Paiz feito para estar em contínua contribuição; o

Patriotismo do homem de Corte, he o affluo do Abutre na sua presa; a affeição e a amizade delles para seu Amo, he como a amizade e a affeição do Parasito ao homem que tem boa mesa. Os Principes, que só os escutão, achão-se sempre pobres, hem que governem os Estados mais opulentos; as minas de prata, e oiro, tornão-se-lhes de cobre; a natureza pródiga torna-se-lhes avára e estéril; então são obrigados a recorrerem aos expedientes mais injustos, debaixo do pretexto de necessidades do Estado. Ah! e quaes são estas pertendidas necessidades, que servem de colorar as extorsões mais irritantes, os impostos mais violentos, e a violação dos juramentos mais sagrados?.; Por ponco que as examinemos, saltará aos olhos, que ellas são as desordens das finanças, a prodigalidade das mercês, a ineptia dos Ministros, a superfluidade do luxo, o abuso na administração, em fim, a condescendencia com os Sanguexugas inuteis e corrompidos, á quem se sacrifica o necessario do Militar honrado, da Viuva opprimida, do Benemerito sem Patrono, á quem se dão os suores do Povo, o sangue do Agricultor, as fadigas do Commerciante, e os sustos do Nauta intrépido.

— Visires, Ministros, Grandes, Nobres, Cortesãos de todo o mundo, outra vez clamamos, se os Reys são Tyrannos, he obra vossa. Sois vós quem os excitais á invadir os direitos dos vossos Concidadãos; que mostrais hum incansavel zelo em esmagar debaixo dos seus Sceptros a Liberdade das Nações. ; Porque cegueira vos crêdes interessados em transformar vossos Amos em Tigres? ; Porque tomais gosto em assolar contra a Patria estes Leões, que podem a todo o instante lançarem-se sobre vós mesmos? ; Porque não tendes a coragem de dizer-lhes = sede Justos, não excedais os vossos limites; respeitai os Direitos dos Povos, não attenteis contra a sua Liberdade =? ; Porque não aprendeis a ser Cidadãos? Metamorphoseando os Reys em Tyrannos, vós outra cousa não sois do que instrumentos ephemeros de hum poder, que a cada instante pôde precipitar-vos na multidão dos opprimidos, onde então levareis a execração e o odio dos vossos compatriotas, em vez da estima geral, que acompanha a desgraça honrosa dos que servem fielmente á Nação.

— E porque fatalidade não tem a massa geral dos homens seguido os exemplos da Inglaterra, Hespanha, e Portugal? ; Porque os Reis do mundo não se dão pressa

(19)

á marchar pela estrada ha pouco trilhada pelo Magnanimo, pelo Grande e Immortal João VI? He porque os principios da Moral são ignorados pela maior parte dos homens, que infelizmente os consideráo pelo Microscopio enganador de prejuizos destruidores; he porque elles se deixáo arrastar por huma rotina cega, usos barbaros, e opiniões falsas. Lamentemos a sorte da humanidade, e esperemos (O' Deos! Dignai-vos de aproximar esse dia) que a verdade, bem como em Portugal e no Brasil, aclare toda a Familia humana sobre a verdadeira natureza das cousas; que a Philosophia confunda a ignorancia e o erro, e que a Eloquencia fulmine os mananciaes fecundos do mal moral.

Pela parte dos nossos Compatriotas, Congresso illustre da Lusa Monarquia, nós vos agradecemos a Proclamação e estabelecimento dos nossos Direitos, e a segurança da nossa Liberdade. Se as nossas vozes tiverem a fortuna de resoar no vosso recinto, nesse Templo Augusto da Philosophia e da Liberdade, que ellas apregoem, = que eterno vinculo nos ligará eternamente; que não abraçamos idéas quimericas, de que a malignidade, e os restos atributarios dos Satellites do Despotismo accusáo os Brasileiros. Obtivemos por vós quanto desejavamos, e em vós tudo confiamos, porque huma parte da Nação livre, não ha de querer escravisar a outra; que esta confiança firma se em principios, e em proprio interesse; em principios, porque a Liberdade he franca, ama a justiça e a glória; em interesse proprio, porque o Povo livre vive e prospéra pelo Commercio; e com a mesma franqueza, com que beneficia os effeitos da sua industria, recebe os effeitos e generos de que carece.

Vomite embora a calumnia os seus venenos, taes são os votos dos Brasileiros.

NOTÍCIAS ESTRANGEIRAS (EXTRAHIDAS DO TIMES.)

Na Sessão do dia 25 de Junho pronunciarão-se grandes discursos contra o commercio da escravatura, e se disse: que os Americanos tinham por Lei equiparado hum tal commercio á pirataria, e que todo o individuo daquella

Nação soffreria pena de morte , quando se lhe prouvesse haver feito semelhante tráfico , ou em Navio Americano , ou nos de outra qualquer Nação. — Que os Francezes tinham nos ultimos tempos exportado de Africa 60U000 escravos , e os Portuguezes no anno passado 18U000. — Que a Inglaterra havia concluido hum Tratado com os Arabes para se extinguir no mar vermelho o mesmo commercio. O fim do principal discurso foi que se representasse ao Rey , que apesar da declaração do Congresso de Vienna , continuava o tráfico dos escravos nas mãos dos vassallos dos mesmos Governos , que haviam assignado a dita declaração de ser elle infame e horroroso. — Que o Povo Inglez muito sente a conducta do Rey dos Paizes Baixos , por não haver já de huma vez extinguido este commercio. — Que os mesmos sentimentos existem contra o Governo Hespanhol. — Que com a mais viva dôr contempláo a conducta dos Portuguezes , cujo Governo não negando os principios geraes da inhumanidade de tal commercio , nunca quiz marcar a época da sua extincção , nem tem providenciado o franco complemento do Tratado , quanto aos pórtos do Norte da Linha. — Que era do dever da Gram Bretanha , e de todas as Nações representadas no Congresso de Vienna , não se contentar só com admoestações e queixas , mas que se devia pôr em pratica o principio lembrado em Vienna , de cortar as communicações commerciaes com aquelles Governos , que continuarem tal tráfico , e que mesmo se devia pedir ao Rey , que obtivesse de todos os outros Estados , que não recebessem os productos do Brasil e Portugal , em quanto este se mantiver em contradicção com os principios Moraes dos Governos Christãos.

No dia seguinte na Camara dos Communs recitou hum dos Ministros outro discurso , em o qual depois de louvar o que acabamos de transcrever , disse : que se o Povo Portuguez fosse o ultimo a abolir tal commercio , essa conducta seria regular , porque elle tinha antes a aplanar difficuldades locais. — Que não lhe parecia ainda chegado o momento de armar contra os Mantenedores deste negocio , pois que não faltava quem desconfiasse da sinceridade da Gram Bretanha nas suas pertençaes phylantropicas. — Que senão devia esquecer a grande opposição , que á Inglaterra mesmo se faria , á hum systema , que acarretaria a cerração de mercados de consummo das suas manufacturas , e mercados tão brilhantes. — Que não era preciso lembrar a

duvidosa situação , em que se achava a Corte Portugueza. o que tornava taes negociações muito delicadas , apesar das modificações , com que ella foi proposta novamente ha oito mezes , e que agora só poderá ser tratada quando o Throno estiver consolidado. Em ambas as Camaras fôrão estas proposições geralmente approvadas.

Na França houve iguaes discursos , e acabárão por se esperar que o Governo tomasse medidas justas para aterrar os contraventores das Leis , que prohibem aos Francezes este commercio.

Na Hespanha descobrio-se huma Conspiração , que se estendia de Sevilha á Cordova : forão presos dous Generaes. — O Cura Merinos continúa á existir nas montanhas de Burgos.

A Marinha Franceza conta hoje 58 Náos; 39 Fragatas ; traz embarcados dous terços dos Officiaes , e Guardas Marinhas. — O Commercio , e Pescarias Francezas occupão 52U000 homens ; a Marinha Real 10U700.

Na Noruega descobríão-se symptomas de Democracia , que forão abafados.

A Russia tem 100U000 homens acampados nas margens do Pruth ; e os Governadores visinhos tem ordem para terem viveres promptos para mais 80U000 homens.

Na Turquia continúa a insurreição dos Gregos , que estão de posse da Valachia e Moldavia , e que tem cortado todo o commercio Turco com o Mediterraneo , Costa d’Africa , e Egypto.

CORRESPONDENCIA.

REPUTAÇÃO AO DIALOGO ENTRE OS DOUS HOMENS DA ROÇA.

Luceo , non uro.

Sñr. André Raposo.

Os Orgãos das Facções , para melhor se insinuarem no animo do Publico desprevenido , gerão projectos inexistentes

à fim de o perturbar , e á coberto da perturbação , con-
 summar os Planos , que tração. A's vezes a ignorancia
 apresenta a mesma face , porém seja huma , ou outra cou-
 sa , não basta , diz hum célebre Escriitor , observar como
 objecto de curiosidade o diverso das calumnias , e como
 principio de satisfação a sua incapacidade : podemos destas
 calumnias aproveitar uteis lições ; e ao ponto em que se
 trata da Liberdade e ordem publica , he indispensavel que
 tudo se aproveite.

Quando vejo accusado o Povo desta Capital injusta-
 mente , não pôsso existir silencioso. A Analyse será rápida ,
 e não sacrificarei a verdade ao aproveitamento de lembranças ,
 que parecerão graciosas ou picantes. Rasão , belleza
 de pensamentos , e todas as qualidades caracteristicas dos
 bons Escriptos despreza o Sñr. Raposo , e só aproveita a
 grosseria , indeecencia , e abjecto servilismo. ¿ Onde existe o
 Politico e Instructivo com que o inculcão ? ¿ He na mor-
 te da senhora Brites , na madeira da sua caixa , ou na
 denuncia das idéas de seu sobrinho , e palmatoadas , com
 que o flagella ? Pobre André ! As pensões da Alta Policia
 volaverunt ; os espiões levárão baixa ; e do officio indeco-
 roso resta-lhe apenas o desprezo dos honrados Portuguezes ,
 que V. m. insulta com as suas expressões. Todos os indi-
 viduos tem Direito á aproveitar as luzes da rasão , para
 discernirem o que pôde ser util , ou nocivo ; despedaçá-
 rão-se as prisões , que tolhião liberdade aos pensamentos ,
 ella generalison-se , o seu uso não he crime , e só recebe
 este caracter quando insulta a verdade , e aspira encobrir
 com o verniz da maledicencia acções dignas de louvor.
 Não ha privilegio exclusivo , ou classe privativa para opi-
 nar sobre Politica : do Caixeiro , que V. m. mette á ridi-
 culo , fórma-se o grande Commerciante , bem como do Sol-
 dado o habil General , ou do simples Estudante o sábio
 Magistrado , e a Patria não lucra mais nestes do que interessa
 por aquelles. ¿ Para que fim promóve lembranças , que nun-
 ca existirão , ou perecerão no principio de existencia mo-
 mentanea ? O Congresso Nacional olha muito attento so-
 bre o Brasil , e não tardará á decretar-lhe fórma decisiva
 de Governo ; desta verdade todos existem convencidos , e
 desta convicção resulta o abandono de qualquer outra re-
 fórma , que não seja a prescripta pelas Côrtes.

O sentimento unanime dos Portuguezes repelle as suas
 accusações , e indignado mal supporta que o Vigario do

seu Compadre Bolonio denomine = desordem , anarquia , e hum parto monstruoso em Politica = alterar o Governo estabelecido por El-Rey. = ; O que fizerão os Patriarchas da nossa Regeneração Política em Portugal ? ; O que fizerão os Heróes habitantes de varias Provincias do Brasil , adoptando o Systema Constitucional antes do Fatal Dia 26 de Fevereiro ? ; O que praticarão o Leal Povo desta Cidade , e os Benemeritos Militares , conjunctamente com o Digno Principe Regente no Dia 5 de Junho ? ; Foi , ou não foi alterado o Governo de S. Magestade nas épocas variadas , que refiro ? ; Das premissas , que V. m. estabelece , quaes são as consequencias , que espera deduzir ? Se a causa primaria he criminosa , criminosa deve ser a secundaria ; ; logo , como elogia os successos do Dia 5 ? Eu não o entendo , talvez porque não estudei pela = Arte Portugueza , que trata de todas as Linguas , ou pela sua orthographia do = tendéis = e syntaxe de concordancia dos generos masculino e feminino = Bernarda Pai , Bernarda Filho = &c. , expressões revoltantes , quando as applica para exprimir Factos muito respeitaveis , e formar similes allusivos nos Sagrados Objectos da Nossa Santa Religião. Dez vezes = Bernarda = em 5 linhas incompletas , he com effeito borbotão de erudição. O seu fim , Sñr. Andre , existe conhecido ; ou quer adular , ou intrigar ; mas veja , que por ali não vai bem.

Pertendia o Sñr. Raposo , que o systema do velho Governo ficasse eternisado , e não se lembrava que as melhores instituições degenerão com os tempos , e o que hoje he bom amanhã póde ser péssimo. Diga : ; que nos restava á esperar quando Aulicos pela maior parte Ladrões ou ignorantes firmavão os alicerces da sua fortuna sobre a desgraça da Nação ? Talvez , talvez que algumas Leis existão , onde o nome de — Rey — fosse escripto por mão alheia ; porém agora já não podemos ter esse receio ; os Ministros são responsaveis , os comedores ficão sujeitos a engasgues , e indigestões , e os aduladores a ser suffocados pelo venenoso fumo do incenso da lisonja. Quando queira ver o que he Dialogo Politico e Instructivo , lêa , para não hir muito longe , o que ha pouco sahio á luz entre o Corcunda abatido , e o Constitucional exaltado ; aqui achará tudo o que falta naquelle , em que mettêrão a V. m. ; e póde dizer ao seu Letrado , ou Rábula , que os Portuguezes de ambos os mundos desconhecem o que elle chama = perpetrar crime , senão de Lesa Magestade , pelo menos de

Lesas Nação = que á custa de crimes nunca saberião ser ditosos; que se os Portuguezes ainda quando gemião de baixo do jugo dos Mandões e despotismo, sempre forão fieis aos seus Monarcas, agora que são livres, não desmentirão o seu Character; forão fieis, serão sempre fieis. Póde dizer-lhe finalmente: que o Patriotismo dos Portuguezes lançou os fundamentos da nossa felicidade, e que a Nossa Religião, a Constituição, o Nosso Augusto Rey, e Benemerito Principe, levarão ao suspirado fim os nossos desejos.

Sñr. André, mude de systema em quanto he tempo, e seja como eu sou

— Hum Constitucional de Factoe Direito. —

AVISO.

O Sñr. J. C. S. soffra ainda que demoremos a publicação da sua Carta, sem attribuir isto á outro principio mais, que o de querermos inserir nesta Folha ós nomes dos Deputados de algumas Provincias do Brasil, que já forão nomeados.

PELA PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO EM 21 DE MAIO.

I. Luiz Nicoláo Fagundes Varella. II. João Soares Brandão. III. O Bispo Conde e Reitor da Universidade de Coimbra. IV. O Bispo Inquisidor Mór. V. Luiz Martins Bastos. SUPPLENTES. I. Custodio Gonçalves Ledo. II. Francisco Villela Barbosa.

PELA PROVINCIA DE S. PAULO EM 7 DE AGOSTO.

I. Antonio Carlos Ribeiro d'Andrade. II. Nicoláo de Campos Vergueiro. III. José Ricardo da Costa Aguiar. IV. Francisco de Paula de Sousa Mello. V. José Feliciano Fernandes. VI. O Reverendo Diogo Antonio Feijó. SUPPLENTES. I. Antonio Manoel da Silva. II. Antonio Paes de Barros.

PELA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA.

I. O Reverendo Lourenço Ferreira d'Andrade. SUPPLENTE. I. O Sargento Mór José da Silva Maira.

PELA PROVINCIA DAS ALAGÓAS.

I. Manoel Marques Grangeno. II. O Reverendo Francisco de Assiz Barbosa. III. Francisco Manoel Martins Ramos. SUPPLENTE. I. Luiz José de Barros.

RIO DE JANEIRO. NA OFFIC. DE MOREIRA E GARCEZ.

N.º 1.

SUPPLEMENTO

AO NUMERO II.

DO REVERBERO CONSTITUCIONAL
FLUMINENSE.

8 DE OUTUBRO DE 1821.

Redire sit nefas.HORAT. LIV. V. OD. II.

CARTA

A EL-REY CONSTITUCIONAL O SENHOR

D. JOAO VI.

EXTRAHIDA DO DIARIO CONSTITUCIONAL N.º 21, DA BAHIA,

(29 DE AGOSTO.)

SENHOR. Tomando a Junta Provisional do Governo desta Provincia a parte, que de justiça lhe cabe no geral regosijo da Nação, pelo grande beneficio de haver o Ceo restituído a V. Magestade e Real Familia ao saudoso Berço, e antiga Capital da vasta Monarchia Portugueza, a mesma Junta em seu nome e no de todo o Povo desta rica Provincia, vda respeitosa á felicitar, como cumpre, á Sagrada Pessoa de V. Magestade por tão próspero acontecimento.

A Omnipotente Mão do Soberano Arbitro dos destinos dos Povos, que se dignou unir tão promptamente a V. Magestade com as Cortes Geraes da Nação (sem duvida para com Ellas prefazer a magnífica e immortal Obra do Per-

tuguez Edifício Social, começando já pelo solenne e voluntario Juramento, prestado ás Bases da Constituição) não deixará de conservar e alargar, como lhe nós fervorosamente rogamos, a preciosa vida de V. Magestade, á fim de que o Mundo fatigado de calamidades e de injustiças góse por muito tempo do Espectaculo não commum, de ver na Magnanima Pessoa de V. Magestade hum fiel transumpto de tão raros Monarcas, á quem, sem lisonja, compete o verdadeiramente glorioso epitheto de — Amigo dos seus Póvos. — Assim o esperamos, Augusto Senhor, da indefectivel Justiça do Deos de nossos Pais, não só em prémio das hereditarias e proprias virtudes de V. Magestade, senão da boa fé, e sinceros votos de hum Povo Religioso, amante de seus Reis naturaes, e da bem regulada Liberdade Civil e Politica á que tem incontestavel Direito todas as Nações do Universo. A' muito Alta e Poderosa Pessoa de V. Magestade, Guarde Deos como todos os Portuguezes havemos mister. Palacio da Junta Provisional do Governo da Bahia, aos 25 de Agosto de 1821. De V. Magestade, Senhor, Humillimos e Fieis Subditos — Luiz Mancel de Sousa Cabral, Presidente. — Paulo José de Meilo Azevedo e Brito, Vice Presidente. — José Fernandes da Silva Freire. — Francisco de Paula de Oliveira. — Francisco José Pereira. — Francisco Antonio Filgueiras. — José Antonio Rodrigues Vianna, — José Lino Cortinho. —

CARTA,

QUE A REGENCIA DE LISBOA DIRIGIO A' JUNTA PROVISIONAL DO GOVERNO DESTA PROVINCIA.

EXTRAHIDA DA MESMA FOLHA, N.º 18.

(SABBADO 25 DE AGOSTO)

Illustrissimos e Excellentissimos Sñrs. Sendo impossivel esquecer-se hum momento os esforços praticados pela Provincia da Bahia á prol da justa Causa, que temos abraçado, e contemplando de quantos bem merecidos louvores se tem V V. Excelencias tornado dignos pela boa administração e meios de providencias, que tem posto em prática, á fim de consolidarem cada vez mais os laços que nos unem, laços de huma fraternidade indissolvel; a ise-

regencia do Reino, assidua em manter com desvelo estas relações indispensaveis, e de mutuos interesses, mandou proceder á organização do Corpo Militar, que V. V. Excellencias exigirão, e o faz expedir desde já debaixo do commando de Officiaes acreditados, não só pelos seus conhecimentos, como pela sua conducta.

A Regencia não se descuidou hum só instante, a fim de se realisarem os desejos de V. V. Excellencias á quem assegurarão a mesma promptidão em tudo o mais, que lhes aprouver requisitar-lhe á beneficio Nacional: bem certa na igual cooperação de V. V. Excellencias em identicas circumstancias; sendo estes os energicos meios de fazer progredir o Systema Social, amparado por huma Constituição justa e vantajosa. A Regencia espera que V. V. Excellencias ordenem á Administração da Marinha dessa Provincia, para que faça realisar as communicações relativas á remessa de utensilios, e alguns objectos, que vão servindo nos Transportes, feitos pela Commissão da Marinha installada aqui por Ordem do Governo, e á qual foi encarregado o absoluto arranjo e preparativo dessa Expedição. Cumprindo que regressem as Charruas á este porto com a maior brevidade possivel; e sendo estas as Ordens, que levão os Commandantes, a Regencia lembra á V. V. Excellencias, que seria muito vantajoso que as ditas Charruas trouxessem dessa Provincia madeiras de construcção, dado o caso de as haverem disponiveis, sendo muito á desejar, com preferencia, taboadó de quatro polegadas de grossura. He com esta coadjuvação reciproca que ainda teremos a satisfação de readquirirmos a gloria dos nossos Antepassados, e merecer o respeito das presentes e futuras gerações. A Regencia ristéra os seus offerecimentos, julgando-os identificados com os sagrados deveres, á que está ligada pelo voto da Nação. Deos guarde a V. V. Excellencias muitos annos. Palacio da Regencia, em 27 de Junho de 1821. — Francisco Maximiliano de Sousa. — Illustrissimos e Excellentissimos Senhores da Junta Provisional da Provincia da Bahia. —

A Tropa de que se falla nesta Carta, chegou e foi bem recebida na Bahia, no dia 22 de Agosto, segundo o Officio da Junta Provisional do Governo ao Secretario de Estado dos Negocios da Marinha em Lisboa, com data de 26 de Agosto, transcripta no Diario Constitucional N. 21,

de Quarta Feira 29 de Agosto, dois Batalhões de Infantaria foram aquartelados no Convento do Carmo; a Companhia porém de Artilheria, na Fortaleza do Barbalho.

PROCLAMAÇÃO.

HABITANTES DE VILLA RICA. Sendo chegada a época em que o Nosso Augusto Regente reconhecendo a necessidade de hum Governo Provisorio para a felicidade desta Provincia encarregou á Camara da Capital sua organização, alguns individuos levados de hum espirito meramente illiberal pertenderão espalhar a dissensão entre alguns de vós, que seduzidos das falsas persuasões com que vos illudião não olhaveis o abismo em que vos hieis precipitar: seducções lisoujeiras; promessas apparentes, zelos e gratidões, fundadas em utilidade propria, não concorrão senão para vos fazer corréos do mais enorme attentado contra a Soberania da Nação e suas Leis, e contra a vossa mesma liberdade politica e moral, pertendendo oppôr-se, como era publico sem justa causa, á mais santa e liberal Determinação. Felizmente os Actos, filhos da prudencia, e do ardente desejo do vosso bem, por vezes acalmarão a tormenta que nos ameaçava, até que guiada hoje pela luz da mais clara razão, a Tropa desta Villa segurando-nos seu auxilio debaixo do commando, obediencia, e disciplina do seu honrado e liberal Tenente Coronel Jose Maria Pinto Peixoto, nos affiança hum resultado feliz ao Aviso de 14 de Agosto deste anno, que por tantas vezes tem sido pertendido illudir. Esta mesma Tropa, que vedes postada para tão justo fim, em lugar de vos inculcar terror, e espanto não serve senão para a vossa mesma defeza; para segurar melhor vossos Direitos, em fim para se ultimar, com a brevidade desejada, o grande Edifício do Governo Provisorio: não receeis concorrer de bom grado a votardes nos Membros d'elle, representados pelos vossos d'entre vós que fazem a vossa publica Representação: toda a causa: eu vos asseguro, abraçará com ardor a nossa causa: ella mesma o tem demonstrado pela presteza com que se tem proposto a nomear aquelles, que deverião concorrer á Eleição, alguns dos quaes já aqui se achão; seus

escrupulos , se alguns ainda podessem haver , se desvanecem com a presença de tão Nobre Congresso que acaba de eleger a Representação Nacional; elle de bom grado se presta a este fim ; pois annuindo promptamente á convocação , que por esta Camara lhe foi feita , assegurou sua presistencia até então. Eia pois , não temais , Cidadãos , concorrei a ultimar a obra da vossa fortuna , e da felicidade de toda a Provincia : a paz , e a tranquillidade nos guiaráó : conclua-se a Obra da nossa Regeneração , dirigindo-vos aos Paços do Concelho , onde reinará sómente a boa ordem , e a harmonia na fórma que já vos foi annunciada por Edital de 26 de Agosto já passado. Villa Rica , 20 de Setembro de 1821.

(Assignado) — Cassiano Speridião de Mello Mattos. — Juiz de Fóra Presidente da Camara.

RELACÃO

DO ACONTECIDO EM VILLA RICA ,

Capital da Provincia de Minas Geraes . installando-se o Governo Provisorio no dia 20 de Setembro deste anno.

Chegou finalmente á esta Côrte a tão desejada noticia da installação de hum Governo Provisorio na Provincia de Minas Geraes ; aquelles dos nossos Leitores , que não ignoráo os meios alli postos em prática para que fosse retardada a prosperidade daquelles Póvos , porque , ou tem lido o que já se imprimira , ou o que dalli se nos refere em tantas cartas , estimaráó de certo ver agora em huma breve e sincera narração , o modo com que se effeinára a mudança daquelle Governo , dando por isto toda a gloria á quem de justiça pertencee.

Os sequazes do antigo systema , querendo dar vida por mais alguns instantes ao seu moribundo poderio , nada omitirão para chegarem aos seus fins. Tentárão por meio dos Eleitores o estabelecimento do Governo só na pessoa do General daque la Provincia , e com assignaturas colhidas de Compadres , Amigos , e Apaniguados , pertendiáo illudir as Ordens de S. A. R. que positivamente ordenára a instal-

lação do Governo Provisorio em Villa Rica, assim como já se havia feito nas outras Provincias do Reino do Brasil, (excepto em Pernambuco). Muitos dos Eleitores não se deslizarão do seu Liberalismo, o que fez deferir-se para o 1.º de Outubro a dita nomeação, porque no tempo, que mediava, a intriga, a lisonja, o parentesco, &c. aplanarão todas as difficuldades desta anti Constitucional tentativa. Elegêrão-se, com tudo, nos dias 17 e 18 de Setembro os treze Deputados para as Côrtes e os quatro Supplentes, ficando de fóra a Comarca de Paracatú para nomear o seu, segundo a nova resolução das Côrtes. Nada direi desta Eleição, porque nella apparecem muitas Pessoas benemeritas; mas apesar disto pôde julgar-se que houve alguma precipitação, ou falta de cabal conhecimento a respeito de alguns nomeados, pois que além de outras cousas, lemos o nome do honrado Doutor Bernardo Carneiro, bem conhecido no Fóro desta Côte pelos seus escritos, e no gremio dos Nossos Concidadãos pela sua decidida probidade, porém que não he filho da Provincia, que o nomeára, nem residente nella, como recommendão as Instrucções.

Havia chegado por fortuna, e como presente da Providencia, no dia 16 de Setembro o verdadeiramente Constitucional e Benemerito Tenente Coronel José Maria Pinto, toda a Tropa se animou por isto, decahindo visivelmente os animos dos Corcuudas; mas sem nunca perderem de todo o seu fito, rodearão o Tenente Coronel de tal sorte, com pretexto de obsequiosas visitas, que nenhum Liberal ousava fallar-lhe no que mais se precisava, e desejava. Nada disto acobardou aquelle Official, antes proseguindo na carreira de ser util á Regeneração Politica dos Povos, realisando a sua felicidade pela prática daquelles meios, que n'outros lugares se usarão para se quebrarem absolutamente os ferros de hum Despotismo já tão aviltado, traçou os seus Planos com segurança de hum bom resultado, porque era dirigido pela justiça, e seria secundado por muitos Liberaes daquella Villa. Só na tarde do dia 19 he que se poderão communicar todos; a conversão do Capitão Penna facilitou hum Commandante á Artilheria, e fez o regosijo de muitas pessoas, que vendo-o restituído aos seus verdadeiros deveres, vião hum golpe mortal descarregado sobre o partido giboso.

Pela meia noite do dia 19 juntárão-se no Quartel todos os Militares da I. Linha, o intrépido Tenente Core-

(7)

nel Pinto estava á sua frente , e o Capitão Penna ao seu lado. Erão 5 horas da manhã quando huma Patrulha foi convidar o Juiz de Fóra , para que com os Cidadãos fizesse o Governo Provisorio , com toda a liberdade , e segurança , e huma energica Proclamação se affixou em nome da Tropa declarando os seus honrados e liberaes sentimentos naquelle Acto. A's 6 horas postou-se a Tropa na Praça , commandada pelo Pinto , e a Artilharia pelo Penna , entrou logo o Juiz de Fóra , dérão-se os Vivas do costume , crescendo no fim os do Governo Provisorio , que se hia installar ; juntárão-se o Procurador da Camara , o Escrivão , e outros muitos Cidadãos Liberaes , em cuja presença , e na da Tropa foi lida huma eloquente Proclamação do Juiz de Fóra , que tambem se publicou na Villa pelo Porteiro , e a toque de caixas.

Reunida a Camara , entrou o Penna na Salla das Sessões ; pediu audiencia , e lêo hum Protéstó , em que confessando com modéstia o seu erro , por haver sido do partido opposto ao da Junta Provisoria , agora solemneamente se declarava pela boa Causa , como hum verdadeiro Constitucional ; foi geralmente applaudido , e ali mesmo abraçado com enthusiasmo e ternura. Procedeo-se logo aos votos para escolha dos Membros do Governo , e depois de apurados , publicou-se cada hum delles , segundo a Lista que no fim transerevemos , repetindo-se cada hum dos nomes com applausos de hum geral contentamento , que bem como huma setta varava os peitos dos inflados Corcundas. Affirmamos com muitas pessoas da Provincia de Minas Geraes (e com cartas que temos presentes) que esta escolha he verdadeiramente boa , e tanto mais , que sendo feita sem se designarem repartições , ellas com tudo , apparecerão pela boa fé dos votantes , que só tiverão em vistas o bem geral.

Segundo o Aviso de S. A. R. o Commandante da Tropa devia ser feito pelos Governadores ; e como estes ainda não estavão todos na Villa , faltando quatro que só dentro em 8 dias poderião comparecer , retardava-se por isto a precisa nomeação do Chefe Militar , talvez com prejuizo da boa Causa , tão felizmente triunfante ; a falta de huma móla tão necessaria , em huma Maquina , que tão difficil-tosamente se erguêra , podia dar azos aos Corcundas para desmonta-la antes de principiar o seu movimento , porque a perversidade não dorme , em quanto percebe que tem

meios para restabelecer-se. Esta consideração estimulou o zelo de muitos Liberaes, para acatellarem o imminente e provavel perigo; o receio fazendo-se geral, lembráram-se os meios de hum prompto remedio. Erão 7 horas quando se derão os vivas aos ultimos Governadores nomeados; eis que de repente apparece o Penna na Salla das Sessãos, e diz ao Presidente da Camara = Senhores, a Tropa tem completado a sua Obra; a tranquillidade, a paz, e a liberdade, tem estado com nosco; falta com tudo, hum passo muito necessario á segurança do que já se fizera; a Tropa deseja, e por mim expressa á este nobre Ajuntamento os seus desejos para que sem perda de tempo se nomeie o Commandante Militar. = Apenas se ouvirão estas palavras, quando logo huma geral acclamação resouu de todas as partes, repetindo o nome do honrado Tenente Coronel José Maria Pinto; repetidos vivas dos Cidadãos e dos Militares o acclamárão na Sessão e na Praça; assim o publico agradecimento de hum Povo livre deu publicamente a primeira coroa de gloria ao seu intrépido Bemfeitor, que afastando o susto de seus corações, banindo a arbitrariedade refocilando o Patriotismo dos honrados Mineiros, e obliterando todos os planos da intriga, e de hum odioso capricho, fez o seu nome respeitavel na Lista dos Benemeritos Constitucionaes da Nação Portugueza.

O Ex-General D. Manoel de Portugal e Castro não faltou em vir agradecer politicamente á Assembléa a nomeação de Presidente, que nelle recahira com mais oito votos sobre a do Bispo, teve muitos vivas, e até quando voltou: concorrêrão depois todos á sua morada para se reunirem com elle, e comparecerem no Carmo onde se cantou hum Solemne Te Deum. (Em 21 de Setembro foi a posse e Juramento dos novos Governadores.)

LISTA DAS PESSOAS, DE QUE SE COMPÔE O GOVERNO
PROVISÓRIO.

PRESIDENTE, o Ex-General D. Manoel de Portugal e Castro. — VICE-PRESIDENTE, o Desembargador José Teixeira de Vasconcellos. — SECRETARIO, João José Lopes (com voto na Junta). — MEMBROS, o Desembargador Manoel Ignacio de Mello. — O Coronel Francisco Lopes de Abreu. — O Reverendo Doutor, e Vigario Joaquim Lopes Mendes Ribeiro. — O Reverendo Conego, e Vigario Jose Bento

(9)

Leite Ferreira. — O Capitão Mór José Bento Soares. — O Coronel Antonio Thomaz de Figueiredo Neves. — O Doutor Theotônio Alves de Oliveira Maciel. — O Coronel José Ferreira Pacheco.

COMMANDANTE DA TROPA, O Tenente Coronel Graduado José Maria Pinto Peixoto.

DEPUTADOS

PELA PROVINCIA DA BAHIA. FINALISADA A ELEIÇÃO EM 3 DE SETEMBRO.

I. O Reverendo Francisco Agostinho Gomes. II. José Lino Continho. III. Cypriano José Barata de Almeida. IV. Pedro Rodrigues Bandeira. V. Domingos Borges de Barros. VI. Alexandre Gomes Fervão Castello Branco. VII. Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França. VIII. O Reverendo Marcos Antonio de Souza. SUPPLENTES. I. Francisco Elias Rodrigues Silveira. II. Francisco Ignacio Silveira da Motta. III. Christovão Pedro de Moraes Sarmiento.

Não se elegeo o IX. Deputado, por pertencer á Comarca da Jacobina, que deve dar 3 Eleitores, os quaes ainda não chegarão.

DEPUTADOS

PELA PROVINCIA DE MINAS GERAES, ELEITOS A 18 E 19 DE SETEMBRO.

I. O Doutor Belchior Pinheiro de Oliveira. II. O Desembargador Antonio Teixeira da Costa. III. O Doutor Manoel José Veloso Soares. IV. O Capitão Mór Domingos Alves Maciel. V. José de Resende Costa. VI. O Padre José Custodio Dias. VII. O Desembargador do Paço Lucas Antonio Monteiro de Barros. VIII. O Coronel João Gomes da Silveira Mendonça. IX. O Desembargador Francisco de Paula Duarte. X. O Desembargador José Cesario de Miranda. XI. José Eloi Ottoni. XII. O Doutor Jacintho Furtado de Mendonça. XIII. O Desembargador Lucio José Soares. SUPPLENTES. I. O Doutor Bernardo Carneiro Pinto de Almeida. II. O Doutor Carlos José Pinheiro. III. O Capitão Mór José Joaquim da Rocha. IV. O Padre Manoel Rodrigues Jardim.

N. B. Faltão os de Piracatú que se julga a nomeação segundo a nova Determinação das Côrtes.

FALTA DE NUMERARIO.

Quando comparamos o saudoso estado de abundancia de Numerario, que havia no Rio de Janeiro, com a falta extraordinaria que hoje apresenta esta Praça, não podemos deixar de lamentar os erros de huma administração viciosa, que tudo arruinou, e que tudo perverteo. He desta causa principal, ainda mais que do desfavor do Cambio; que do temor universal que encerra os Capitaes; que da incerteza das fortunas que não permite confiança nos Negociantes; que da exportação de sommas consideraveis; que resulta, que os Bilhetes ou Notas do Banco, onde se lê = pagará á vista = com muitas assignaturas que os garantem, longe de ser pagos como inculcão., soffrem delongas, e intrigas, e manejos. Eis-aqui como a fatalidade das circumstancias corrompe os principios, substitue palavras ás coisas, e faz a justiça tão rara como o mesmo dinheiro.

Esta falta, e estes males não se remedeão com o cunho de innumeravel moeda de còbre com hum valor representativo infinitamente desigual. Huma condição fundamental em toda a moeda, ou seja de ouro, prata, ou còbre he que o seu valor intrinseco, que he o preço do metal de que he formada equivalha ao seu Numerario, que he o curso vulgar da especie. Esta aberração que os Principes tem feito, e que he hum imposto secreto, lançado sobre os Povos, quando he extraordinario produz infinitos males: O sello dos Reis só dá ao metal o character de moeda, mas não he o sello que faz a moeda. ; Que se segue da permissão de pôr o valor intrinseco sensivelmente inferior ao valor nominal, e fazer disto huma operação de finanças, entretanto que se finge servir o publico? Resultão dois effeitos certos: 1.º Que os Estrangeiros ou muito mais industriosos que nós, e ajudados de meios economicos que nós não temos, ou possuindo a materia prima, de que

(11)

fazemos essa moeda nos inundaráo della , por isso que lhes custa muito menos do que a nós , e que lhes deixa hum lucro incalculavel. 2.º Esta introduccão nos rouba hum valor equivalente de metacs e pedras preciosas , o que augmenta o mal que nós queremos diminuir ; e ainda que elles paguem este oiro , e estas pedras com 50 por 100 de agio ainda fazem hum lucro consideravel porque ganhão no còbre cunhado que introduziráo , para mais de 300 por 100. Além de tudo isto , perdendo huma tal moeda , apesar do nome que representa , muito valor no Commercio , o que he demonstrado evidentemente , segue-se , que além de retardarem-se as especulações , perde-se o equilibrio , e desnaturalisáo-se todas as relações.

Portanto não he pelos meios perigosos da arte , e da argucia , que se poderáo sanar os males feitos ; he mister que a simplicidade e a lizura substitua o misterio , e que ao lado da evidencia de nossos males ande a evidencia de remedio. A desordem tudo arruinou , cumpre que a ordem tudo restabeleça. As grandes idéas de Constituição tornaráo-se muito familiares : acabou-se o tempo dos giroglificos : exige-se hoje verdade , e franqueza.

Em o N.º II. deste Periodico , pag. 15 linh. 22 , Jacobinismo , lêa-se Jacobinismo. Na pag. 18 linh. 29 , assolar , açular. Na pag. 24 linh. 13 , Factoe , Facto e

RIO DE JANEIRO. NA OFFIC. DE MOREIRA & GARCEZ.

N.º III



REVERBERO
CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.

15 DE OUTUBRO DE 1821.

Redire sit nefas.
HORAT. LIV. V. OD. II.

CORRESPONDENCIA.

Sñrs. Redactores.

Como ao Cidadão fiel, ao amigo do Rei e da Patria não póde nem deve ser tolhida a liberdade de defender-se, e aos seus Patricios, muito mais quando a sua defeza resulta em gloria do Rei, louvor da Patria, e interesse geral da Nação, atrevo-me a desprender a voz para rechaçar a injuria qualquer que póssa attribuir-se aos meus Concidadãos ácerca dos rumores, que ha pouco girárão, de huma desmembração da Monarchia debaixo do titulo alliciador de = Imperio do Brasil. #

Todo o hom Fluminense tremeo quando ouvio começar surdamente este rumor, ir engrossando, encorpar, e tomar hum vulto ameaçador: firmes porém na adhesão á

Mãe Patria, inabalaveis no seu juramento, e immudaveis na resolução de não retrogradar jámais, nem jámais sujeitar os pulsos aos antigos ferros, elles fizeram desta sua opinião hum baluarte inexpugnavel, e oppozerão aos innovadores turbulentos huma energia que fez esbarrar os seus projectos. Que elles existirão he huma verdade a qual se prova mesmo da Proclamação que o nosso amado Principe dirigio aos Povos. Cumpre porém saber quem erão estes facciosos, que depois de terem dimittido de si, e revestido com os poderes que lhes competião aos nossos Representantes, ousavão formar projectos e planos tão insensatos como maldosos para que o Mundo imparcial faça a distincção que he mister á nossa gloria e ao nosso caracter? No Rio de Janeiro bem como em toda a Monarchia Portugueza, e digo mais, em toda a Europa culta existem dois partidos; hum dos Ultras, isto he, dos Saudosos das cebolas do Egypto o qual he composto de todos aquelles que perdem, ou já, ou de futuro, na refôrma radical que se executa: e o outro he dos Liberaes, isto he, daquelles que na igualdade da Lei, na suppressão da arbitrariedade, na extincção da Inquisição, no apoio do merecimento, na queda do Despotismo, no gôso da Liberdade legal, e na posse da segurança pessoal, e de fazenda, esperão gosar a felicidade a que tem direito o homem social, que abandona parte dos seus direitos naturaes para obter a segurança da outra parte em tranquillidade, e perpetuidade. Estabelecida esta proposição demonstrada por si mesma resta-nos indagar de qual destes dois partidos poderia sahir hum plano tão monstruoso intrinsicamente, bem que apparentado com exteriores attractivos. Provada a impossibilidade em hum, fica provada a realidade no outro.

Quando o Povo he feliz, quando o Cidadão não teme por suas pessoas e por sua propriedade; quando vê que injustas preocupações o não degradão daquillo que naturalmente lhe compete, e que a Lei igual para todos nem aos Principes concede isenções de direito, nenhuma eloquencia he capaz de persuadi-lo a affastar-se da linha que lhe assegura a continuação dos bens que gôsa: os Filosophos todos do universo debalde lhe apresentarião o plano de hum maior grão de felicidade: o Povo não abandonará a fruição actual para correr a pós da fruição theoretica. A prova das provas desta verdade ainda agora foi dada pelos nossos Concidadãos: gosando de huma Constitui-

ção que já lhes assegura muitos bens não se deixará fascinar pela promessa de — outra — que se lhes dizia — melhor. — Esperançados na verdadeira sabedoria e igualdade que rege o Congresso Soberano, não se deixarão assustar com os espalhados receios de sujeição, diminuição de forças, restabelecimento de Systema Colonial; e tomarão antes a attitude respeitavel de hum povo generoso, que não consente na infamia de seus Irmãos, nem quer ser incommodado nas suas esperanças; e se esta attitude que desorientou os perversos he por elles julgada como principio de crimes, o Mundo imparcial a caracterizará como devida resistencia aos ataques dos inimigos da ordem, como justa defeza da propria Representação. Temos portanto o desmentido solemne, ou antes a evidencia de que não foi do Povo Fluminense de espirito verdadeiramente Constitucional e só abafado pela fatalidade de circumstancias, que sahirão projectos que tinham por base a illusão, e por norma o vicio. Na bocca do menor individuo andavão verdades do mais subido peso; ouvia-se-lhes dizer geralmente, porque somos grandes não devemos ser maiores que mal nos faz a união fraternal com as nossas Colonias? Tememos pela nossa Representação? lá estão os nossos Deputados. Para ser Nação independente não basta querer sê-lo, he mister poder sustenta-lo, e nós não o podemos fazer acabando agora mesmo de largar os ferros: vamos apresentar ao mundo hum estado de debilidade irrisorio para nós, animador da usurpação estrangeira, e propagador da anarchia a mais medonha. Quanto póde a convicção e o sentimento! He esta a eloquencia da rasão congenita com o amor da propria conservação.

Provada, como creio a puridade do Povo, segue-se que o mal vinha dos Ultras. Estão defendidos os meus Patricios, ou ao menos a generalidade delles, a parte sã, a parte meritoria. Quanto fólgo de ver a turba dos gibosos remordendo-se e espumando de raiva! Quanto he doce a hum Fluminense, té hoje pizado e esmagado debaixo da mais tyrannica escravidão, poder com os raios da opinião abraçar estes pseud-patrioticos que com o caro nome de Patria e de engrandecimento della querião reedificar o altar da sua soberba, e que tinham o descaramento de contar com hum Povo que opprimirão, para obreiros da sua propria desgraça, e frabricadores da fortuna delles? Desesperados pella nullidade de hum systema que os fez engora

dar á custa da substancia pública , andão a apagar-se a todas as esperanças que são o refugio de partidos derrotados , amaldiçoados pela Nação em geral que vê nelles os operarios da sua ruina , machinão no horror das trévas planos perniciosos , e envolvem nelles o Nome mais Augusto , mais Digno do nosso Amor. He mais hum crime que a Patria tem de punir : he mais hum atentado que a Nação tem de anathematizar. Como he possivel que a luz co-exista com as trévas , ou para fallar sem figura , que o Principe onvisse os Malvados!

Se as minhas reflexões merecerem os seus votos queirão introduzi-las no seu estimado Periodico , e crêem-me

Seu constante admirador

J. J. V. S.

Sñrs. Redactores.

Ainda que neste mundo cada hum tem obrigaçào de dar contas daquillo de que se encarregou , ou o encarregãõ , e por tanto he do dever dos Directores do Banco o dar providencias , para que á este Povo não faltem trocos nõdos , porque senão houvessem Notas do Banco em circulaçào , necessariamente haveria outra moeda em giro ; comtudo como não se segue mal algum de patentear cada qual as suas idéas , e ainda mesmo sobre objectos de interesse individual , porisso me animo á pedir-lhes , que imprimão estas , que me occorrêãõ sobre hum mal , que nos mortifica , e que á meu vêr he de facil remedio ; nós estamos quasi huns Tantalos , toca-nos a agna na barba , e morremos de sede ; temos por agora , (graças a Deos) moeda , e andamos todos os dias a cata de duas patacas para comprarmos o necessario ao jantar , com mais pena e desagrado do que temos para ganharmos o valor das mesmas duas patacas ; isto he hum mal , e eis-aqui como eu o remediaria , se fosse Director do Banco do Brasil.

A moeda he bem comparada á huma maquina , que facilita a operaçào do troco dos generos ; com effeito , sem

ella não se vê como se trocaria huma sacca de café , por hum pedaço de pano , sem que hum e outro vendedor andassem de porta em porta perguntando por quem precisasse , do que elle tinha , e que ao mesino tempo possuísse o que lhe faltava.

Sendo pois o vehiculo , que nos liga áquelle , que precisa do que nos sobeja , e ao outro , que tem o que nos falta , está claro , que ella deve existir em diferentes tamanhos , á fim de facilitar o transporte das quantidades das cousas , que se precisão. He isto o que de presente falta no Rio de Janeiro ; temos moedas , que representão tres saccos de Farinha , e outras que representão huma penca de bananas ; ora como entre tres saccos de farinha e huma penca de bananas se precisão de milhares de cousas , que valem mais do que a ultima , e menos do que os primeiros , já se vê que se precisa de quem represente estas cousas medias. He bem verdade , que muitas das pequenas equivalem á huma grande ; porém o peso das primeiras , o tempo que se gasta em as contar , e a escassez das mesmas , concorrem para augmentar o embaraço , que temos em trocar a maior em proporções medias , e dahi nasce o incommodo , em que vivemos á este respeito. Ha moedas de 4000 reis , e de 40 rs. he grande a differença destes valores , precisa-se pois de outras moedas , que preenchão e aproximem , como por degrãos , huma da outra.

Não ha muito tempo que estas moedas existião , circumstancias extraordinarias as fizerão desaparecer ; he preciso suppri-las , e eis aqui , como me parece que isto se deve fazer.

O Banco póde prestar Notas no valor de duzentos mil cruzados , de 1U , 2U , 3U réls , e emitti-las recolhendo em igual valor Notas de 100U réis para cima ; este sistema remediaria de certo o mal ; resta só saber-se se elle tem Notas prontas para designarem estes valores ; talvez que as não tenha , que as não possa fazer de repente , e ate mesmo que lhe não convenha , porque representão pouco , e custão tanto como as que representão muito.

O Banco tem (segundo diz) bastante prata , que não manda cunhar , porque receia , que desapareça , como aconteceu á que ha annos girava , e tem rasão nisto ; as causas que fizerão desaparecer a moeda velha , farão desaparecer a nova ainda por bastante tempo ; a demais , a prata custou-lhe muito cara , e se a fizesse cunhar com o

valor antigo, perderia na negociação, e como ninguém faz transacções sabendo que perde, segue-se que o Banco não deve cunhar a sua prata com o valor antigo, em quanto o preço desta senão ignalar com aquelle; remedeia-se isto (á meu vêr) do modo seguinte.

Faça o Banco cunhar moedas com o seu nome, e com o valor corrente da prata, elle então não perderá, nós teremos trócos, e ninguém as esconderá ou exportará.

A necessidade de cunhar moeda com o valor corrente dos metaes, não tem sido até hoje bem conhecida por Governo algum, porque lhes custa desprenderem-se do antigo uso; todos tem embirrado em conservar no cunho o valor que os metaes tinham ha cem annos, forçando o preço de hum genero, que tem soffrido alterações no seu valor, bem que não tão varias como os outros generos; já em 1750 o Espião Chinez se ria, de que o Governo Portuguez vendesse hum pedaço de oiro por 6400 reis, o qual fóra do Reino valia mais, e foi muito excessiva a tenacidade, com que os Inglezes quizerão conservar o valor dos seus Guinéos; suspenderão o cunho dos mesmos, em quanto o oiro teve alto preço, e só os tornárão a cunhar depois que baixou, e isto com o frivolo argumento, de que hum homem, que vendeo certa propriedade á prazos, deve receber a mesma quantidade de metal ao fazerem-se os pagamentos, seja qual fór a alteração intermedia do valor do mesmo metal: erro este indesculpavel, porque a quantidade do metal do contracto não era mais do que o representante de certas cousas; ora como pela nova quantidade, que se recebe, se achem as mesmas cousas, não se vê aonde estaria a lesão; e felizmente a industria humana tende tanto á baratear o valor das cousas, que quanto mais tarde se faz a cobrança, tanto maior numero destas são representadas pela moeda, que se recebe, ainda que seja menor o seu valor intrinseco. Hoje, em Londres, o Guinéo representa o valor corrente do oiro com senho-reagem e moedagem, quando antes nem estas despesas representava; o resultado foi o sahirem da circulação todos os Guinéos. No tempo da guerra, remediárão elles a falta dos trócos, cunhando moedas de prata, e estas com o valor corrente da prata no momento, em que se fazia o cunho; he verdade que não foi o Governo quem isto fez; de 1797, até 1817, forão cunhadas moedas do Banco com valores differentes, iguaes aos preços da prata, da Praça,

e com ellas se trocarão as Notas do mesmo : viveo-se optimamente ; se imitarmos este methodo , teremos necessariamente o mesmo resultado.

Quando a prata valia 100 réis á oitava , forão cunhadas para o Brasil duas oitavas e quarenta e dous grãos com o valor de 320 réis á que chamamos — pataca — eu por mim não vejo a rasão porque hoje , que a prata vale 135 réis á mesma oitava , não se ha de cunhar a pataca tanto mais pequena , quanta he a differença entre 100 e 135 réis , isto he , de duas oitavas e pouco mais. Com moedas de huma , duas , e tres patacas , cunhadas neste sentido , ficaremos com moedas proprias para trócos. O Banco não perderá , porque sendo este o valor corrente da prata , e levando a moeda as despesas de senhoreagem e moedagem , não se vê o prejuizo , que lhe sobrevirá , pelo contrario ganhará a differença do valor , que deo pela prata , e o que ella hoje tem ; e como deve estar á mira da diminuição de valor que a prata irá tendo , como vá fazendo cunhar moedas com o novo valor , e maiores , e as vá dando pelas velhas menores , a pequena differença de preços progressiva não se fará sensivel , e ficará coberta com os lucros , que fez na prata , que já tem , e com os 6 por 100 que deve ganhar na primeira emissão , pois que ellas devem entrar em circulação , sem que haja diminuição alguma nas Notas presentes. Não lhe succederá assim se fizer Notas pequenas , porque não as deve emittir sem retirar da circulação Notas grandes , e então nada ganhão , e terá o prejuizo do papel , e despesas , que as Notas lhe custão.

Ninguem se empenhará em as guardar , nem em as exportar , porque o seu valor he só de momento , e quem pensa bem não guarda huma cousa , cujo valor deve lir á menos , e porque em parte nenhuma do mundo vale huma oitava de prata 135 réis.

Este systema não he novo . e não he só na Inglaterra , que se tem feito moeda para o momento , como já se disse. Aqui mesmo no Brasil , e em quasi todas as Colonias das outras Nações , sempre houve moedas locais , que servirão para o mesmo fim , isto he , para não sahirem da circulação , como estas que aconselho ; unicamente a Hespanha obrou em sentido opposto , mas por huma rasão evidente ; a prata era producto das suas Colonias , e em muito maior quantidade do que ellas precisavão , lo-

go era genero de exportação, logo era barato, logo fez tem aquelle Governo em se contentar com a senhoragem e moeragem, e em facilitar a exportação da mesma.

Quando em Portugal corrião por 480 rs. 4 oitavas e 59 grãos, fizeram no Brasil as moedas de 320 réis com 2 oitavas e 42 grãos; ora á seguir exactidão nas proporções, devião as 2 oitavas e 42 grãos valer 257 réis cento e hum, tresentos e quarenta e sete ávos, como isto senão fez, porque se quiz evitar a exportação da moeda, não sei porque senão possa agora fazer, quando a necessidade de evitar aquella he maior, e quando disso nos não ha de resultar mal algum; agora tem o Paiz fructos equivalentes ás importações, e porisso nunca o valor da moeda fará alterar os preços das mesmas, o que teria infallivelmente acontecido, se precisassemos de moeda para pagarmos o que se importa.

Eis aqui, Sñrs. Redactores hum remedio para a molestia, que sentimos; eu não sou daquelles que se persna-dem ter rasão por força, portanto se alguem me demonstrar que a receita não he boa, longe de mortificar-me porisso, estimarei muito que suscite outro systema melhor, que me livre do incommodo de adormecer meditando aonde, e porque modo acharei troco de 4000 réis na manhã seguinte para comprar o almoço; acredite a minha sinceridade expressada nas seguintes palavras de Horacio:
..... Hanc veniam petimus que, damus que vicissim.

CARTA, E REFLEXÕES A' QUE SE REFERE O ANNUNCIO DA
ULTIMA PAGINA DO I. N.º DESTE PERIODICO.

Sñrs. Redactores.

Bem longe de ambicionar apparecer em publico com o caracter de Escriitor, faltando-me para isso todos os conhecimentos necessarios, com tudo arrebatado do verdadeiro espirito Constitucional, que me anima, tomo a deliberação de remetter-lhes, para serem expostas ao publico, as minhas debeis e curtas reflexões, implorando o perdão daquelles, em cujas prudentes mãos cabir este pequeno escritó, sendo só minha intenção tirar todo o abuso dos que ainda talvez pensão na rivalidade entre Portuguezes Europeos, e Brasileiros, quando todos formamos huma só familia.

Espero da sua attenção hajão de as inserir no seu

Periodico , pois pela simplicidade e natureza do assumpto , em nada compromette a sua delicadeza nem offendo a nossa concedida liberdade de Imprensa. Sou effectivamente com todo o respeito

Att.º Venerador.

J. C. S.

Rio de Janeiro 12 de Setembro de 1821.

REFLEXÕES.

O brasil , escondido por muitos seculos ás vistas dos Geografos , encerrava no seu seio todas as preciosidades da natureza ; era hum grande thesouro , mas só possuido pelos Indigenas , Nações barbaras , destituidas de conhecimentos polidos , e de toda a communicação com o resto do mundo , que nem suppunhão existir fóra do circulo das suas vistas , necessitando por isto mesmo de quem as tirasse do esquecimento para encaminha-las á gloria , de que os homens são susceptiveis.

Apparecerão os brayos Argonautas Portuguezes no anno de 1500 , que conduzidos ao bérço da Aurora por Pedro Alvares Cabral , e desviados na sua derrota por temporaes , em que se occultava a mão da Providencia , descobrirão esta grande porção do Globo , estabelecendo nella cordial amizade , estendendo aqui a gloria do nome do Senhor D. Manoel , plantando a Religião , e em consequencia disto ensinando as Leis , os sabios costumes , a Agricultura , o Commercio , a Navegação , fontes principaes da prosperidade dos Povos. Derão-se as mãos mutuamente por aquelles principios . e pelos sagrados vinculos de parentesco , que tão rápida e progressivamente produzirão o enlace , que hoje vemos generalisado em todas as Provincias do Brasil. He portanto evidente , que a Magnanima Nação Portugueza na Europa , na America , e nas demais partes do seu todo , por suas virtudes heroicas , e por seu distincto caracter , fórma huma só Familia , que reunida por estes preciosos vinculos , fórma a base da sua perpetua harmonia , jurando-se mutuamente huma perpetua e necessaria união.

Se Portugal geme o Brasil tambem geme ; a oppressão dos Hollandezes não foi menor que a dos Filippes , nem maior a energia com que na Europa se quebrarão os ferros da Hespanha , do que aquelle com que no Brasil se triunfára da Nação Batava , ligando-nos sempre em hum

centro Nacional, donde resultava o mais encendido Patriotismo. Esgotárao-se as forças physicas e moraes desta Nação briosa, ella pareceo adormecer sobre os seus amontoados trophéos, como cansada das suas victorias, mas de certo só opprimida por alguns dos seus mesmos filhos, que lhe bebião o sangue, disfarçando-lhe a dôr das feridas por onde o tiravão. Esgoton-se tambem o seu soffrimento, como fora prognosticado por muitos Politicos, que calculavão os nossos futuros successos, pelo nosso brioso e nunca desmentido character, eis que resêa no ameno Doiro o agradável brado de huma bem entendida Regeneração, proclamada por Heróes verdadeiramente Portuguezes, que no dia 24 de Agosto de 1820, accôrda a Nação toda do seu vergonhoso lethargo, pondo-lhe á vista a gloria, em que ainda podia fuigurar, e a desgraça em que seria para sempre sepultada. Ouvio-se nas margens do Têjo o êcco dos applausos das Provincias Septentrionaes Portuguezas, que prontamente se declararão pela liberdade da Nação, que assegurando as bases da sua gloria, e da sua tolhida prosperidade, só reformava os abusos da primeira Administração, encadeando o Despotismo, que atacava os nossos antigos e já quasi esquecidos Fóros. Lisboa clamou no dia 15 de Setembro do mesmo anno: eu tambem quero ser livre, porque tambem gêmo na escravidão; meus filhos tambem são Portuguezes, e eu serei o primeiro anel da cadeia brilhante, que se principiára no Doiro.

Salvon-se a Nação toda por esta nobre determinação, que ajuntou em hum só os desejos de todos os habitantes de Portugal e do Brasil; o Sabio e Magnanimo Congresso Nacional, reunindo se em Lisboa, como os Bravos e Prudentes de Ourique na célebre Cidade de Lamego, fazem vêr na pasmosa Regeneração da Monarquia o mesmo Heroismo, que alli se admirára na sua pasmosa Fundação. Elles restituem o Character Nacional ao seu primitivo esplendor, dissipando as trévas, que o sepultavão no mais vergonhoso esquecimento. As Sciencias, e as Artes já comecção á tomar aquelle assento de honra, que lhes compete em huma Nação livre; o merecimento já não temerá aproximar-se do Throno dos nossos Reys Constitucionaes, seguro de que agora só a Lei, e não o capricho e o interesse dos Validos e dos Ministros, reparte os prémios, que de justiça lhe pertencem.

¿E seria o Brasil insensivel á tanta prosperidade de que

tambem se via privado? Não soffria por ventura o peso daquelles ferros, que lhe lançara a mais revoltante ingratição, vendo declarados inimigos, aquelles que generosamente abrigára, e que logo depois juntos ao Rey fizeram que valessem mais os serviços de o acompanharem medrosos, do que os Serviços dos Benemeritos Defensores da Patria, que á custa do seu sangue restabelecerão, contra toda a humana expetição, a gloria dos Portuguezes? E o Brasil persistiria escravo, quando os seus Irmãos Europeos se acclamavão libertos, quando era huma só a gloria de todos? Ah! se elle surgio da tumba do Sol para se manifestar aos intrépidos descobridores do caminho da Aurora; se elle accenou as respeitaveis Quinas, que nas suas praias arvorára esse Digno imitador do Heroismo de Vasco da Gama, não foi de certo para gemer em ferros, que sobre os pulsos lhe apertarão esses falsos Portuguezes, inimigos da sua Nação, e só cuidadosos dos seus pessoases interesses. O fogo natural quando se prende de elementos proprios á sua nutrição, propaga-se ainda com mais vagar, do que o fogo da Liberdade encontrando corações dispostos ao seu triumpho, pelos sentimentos, que fazião communs as suas terriveis oppressões. Graças ao Supremo Architecto do Universo, que fez ser a gloria de todos aquelles, de quem fora a oppressão!

Nesta época brilhante, em que somos libertos, podendo deixar aos nossos filhos huma herança mais rica, do que a que havíamos recebido de nossos Paes, qual será o Portuguez Constitucional que não olhe hum Brasileiro como hum outro elle, e qual será o Brasileiro tambem Constitucional, que não veja hum Europeo, como seu verdadeiro Amigo, como seu Irmão, que o ajuda no adiantamento da sua felicidade e que rompêra os diques da sua, por tantos seculos, despresada Liberdade? Se algum receio de separação ainda se nutre em corações Portuguezes, elle não pôde vir senão, ou de algum malvado, que affectando zelo pela gloria da Constituição, accende o archote da intriga no meio de Cidadãos por tantos titulos reunidos, ou de algum ignorante, que não pésa os verdadeiros interesses da nossa tão necessaria, como bem reconhecida confraternidade. A' estes diremos, sem nos iludirmos com os seus planos: 1.^o Cessa a oppressão, cessa por isso mesmo o motivo de nos separarmos daquelles, á quem devemos a nossa existencia Religiosa, Litteraria, e Civil. 2.^o Ainda

nos devemos considerar na infancia da Liberdade, e he melhor sem duvida termos por mentores aquelles de quem temos o sangue a educação, e os brios, do que qualquer das Nações Estrangeiras, que nos venderão muito cara a sua protecção. 3.º Já começámos a saborear os fructos de huma boa Constituição, vale mais pertencermos á huma Monarquia Constitucional, em que ha centro e limites aos diversos poderes, que constituem o Governo, do que abandonarmo-nos aos delirios de huma Democracia absoluta, que não pôde permanecer por muitos annos em hum Paiz extensissimo como he o Brasil, nem pôde assegurar as suas diversas e remotas Provincias da separação mutua, á que podem ter direito nesse caso, e que sem duvida servirá para sua ruina, por guerras civis, ou por fraqueza, que dellas se siga, que as entregue á primeira Nação, que tente empolga-las, ou ao mais astuto e mais affortunado General, que se converta em seu oppressor. Aos Perversos diríamos = Corcundas = nenhum Brasileiro se lembra agora da Liberdade absoluta, ou separação da Mãe Patria, porque nenhum pôde ser mais livre, do que com a sabia Constituição, em que trabalhão as nossas Cortes. = Corcundas = Hum Soberano Constitucional he o idolo dos seus Povos; he o instrumento da publica felicidade; he o centro das mais remotas Provincias; só não he bom para vós outros, que adulais para corromper, corrompeis para alcançar; alcançais para opprimir; e opprimis para indignareis a Nação, desacreditareis o Soberano, de quem vos fingis amigos.

NOTICIAS ESTRANGEIRAS

(EXTRAHIDAS DO CONSTITUCIONAL DE PARIZ.)

ALLEMANHA.

Os Jornaes deste Imperio estão cheios de circumstancias relativas aos Gregos; o furor dos Turcos tem chegado ao seu maior auge, mas o certo he que o Governo foi o primeiro em dar o sinal de crueldades ha muito tempo inauditas. O Principe Morusi foi assassinado; e o Venerando Patriarcha Grego com 7 Bispos, muitos Sacerdotes, que se achavão no Templo para celebração da grande Festa da Pascoa, forão dali mesmo arrancados, e enforcados logo á porta da Igreja. (Em dia de Pascoa!... á 22 de Abril!... Por ordem do novo Visir!... e he verdade que tambem este foi deposto dali á poucos dias!... A sorte dos Gregos interessa a todos os Amigos da Humanidade.)

RIO DE JANEIRO, NA OFFIC. DE MOREIRA E GARCEZ.

N.º IV.



REVERBERO

CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.

1.º DE NOVEMBRO DE 1821.



Redire sit nefas.

HORAT. LIV. V. OD. II.



Havendo nós lido no N.º 27 do Campeão Portuguez um interessante Discurso sobre os Destinos futuros de Portugal, resolvemo-nos a transcrever, e transmittir aos nossos Leitores a segunda parte d'elle, em que o Author o considera unido com o Brasil. " He este, diz elle, o Estado mais proprio, natural, e vantajoso, quando de parte a parte hajão provas sinceras de amizade, e os interesses sejam reciprocos. Nenhuma das Provincias da America, que tem, ou tiverem dependencia das Nações Europeas está em tão favoraveis circumstancias como Portugal com o Brasil. As Americas Hespanholas; por exemplo, compoem-se de hum grande numero de Indigenas civilizados, e de outro igual ou maior de Europêos, ou seus decedentes. O Brasil pôde dizer-se completamente habitado só por Portuguezes, quer abi nascidos, quer na Europa, porque os Indigenas do Brasil ou vivem no interior sem fazer corpo de Nação civilizada, ou em mui pequeno numero vivem com nosco sem nenhuma influencia civil ou politica. Assim he

elaro que se nas Americas Hespanholas pôde haver hum motivo plausivel de antipathia e desunião entre Americanos, e Europeos; não existe, nem deve racionalmente existir entre Portuguezes Europeos, ou Brasileiros porque todos elles formão a mesma Familia, e são exclusivamente dependentes do mesmo tronco Europeo. Não fallamos na povoação preta, ou de cõr porque sendo a primeira quasi toda de escravos, são estes como estranhos no Paiz sem direitos politicos, e sendo a segunda huma mistura de Portuguezes com pretos, ou Indios, entrão elles na Classe de Portuguezes. Logo he evidente que entre Portuguezes Europeos, e Portuguezes-Brasileiros ha mais ligação natural que, por exemplo, ha entre Hespanhoes Europeos, e Americanos: e se tal he esta ligação, a fraternidade politica entre os dois Reinos he como acabamos de dizer a mais natural, mais própria, e mais vantajosa.

Conservando-se portanto Portugal unido com o Brasil, dispõe de si o melhor que pôde dispor, porque não faz mais do que preferir a natural companhia de parentes a huma artificial companhia de estranhos. Mas todavia não basta, que Portugal tenha estes desejos; necessario he ainda que o Governo, e Portuguezes do Brasil cooperem da sua parte para manter esta natural união; porque a não haver huma reciproca correspondencia, os laços naturaes se affrouxão ou quebrão, e os mesmos parentes se convertem em estranhos ou inimigos. Grande cousa he com effeito a sympathia do parentesco, e do sangue, e por isso muito mais facilmente se podem formar as sociedades politicas ou domesticas; mas he preciso confessarmos que ella só não basta; porque facilita as uniões não se segue que necessariamente as forme e as mantenha. Requer-se pois ainda mais alguma cousa; e que he o que se requer? — Reciprocidade de interesses. — Se ametade de huma familia quizer tudo para si, e não quizer repartir nada com a outra, apesar de todos os seus laços de educação, e de sangue, a desunião e a guerra entrarão entre ellas, e a separação, e inimidade serão inevitaveis. Neste caso estão Portugal e o Brasil, ambos a mesma familia, mas divididos em duas metades: se o segundo quizer tudo para si, e nada repartir com o primeiro, como pôde então esperar que persista a união? Portugal faz muito bem em preferir a união do Brasil, isto he, a união de parentes, e amigos, á união de estranhos; e em nossa opinião nenhum sacrifi-

cio, ou nenhuma tentativa deixe de fazer a fim de a conseguir, mas fazendo-o assim tambem tem direito a achar no Brasil, e no Governo ahi residente huma igual correspondencia: qual ella seja agora o diremos.

No actual estado das cousas, em que o Governo Supremo Portuguez está estabelecido no Brasil, sem probabilidade de voltar para Portugal, deve este em attenção á grande distancia em que fica do Chefe do Governo, e até pelo justo respeito, que merece sua alta, e antiga categoria politica, ter huma administração local propriamente sua, sem depender do Brasil para a regular marcha dos negocios domesticos; e deve esta administração ter por base necessaria a Lei fundamental da Monarchia, que he a annual, e regular convocação das suas Côrtes ás quaes por direito pertence: 1.º Conhecer, e examinar o estado, e qualidade das despesas do Reino. 2.º Determinar para ellas as rendas publicas. 3.º Designar, e authorisar os tributos de que estas devem proceder. 4.º. Propor e discutir todos os melhoramentos que forem necessarios para bem da arrecadação da fazenda, quer para a boa distribuição da justiça, quer em fim para bem da interna economia do Reino, ou da Lavoura, Industria, e Commercio.

Assim para que esta administração local fundada na impreterivel base mencionada, possa ser, e ficar proveitosa e verdadeiramente protectora dos interesses nacionaes, convém que tenha por Chefe do Poder Executivo hum Indivíduo (o qual seja sempre da Familia Real) com authoridade bastante para sancionar os direitos das Cortes, e decidir todos os mais casos ordinarios, sem ser preciso recorrer ao Governo, e Côrte do Rio de Janeiro: porque se para todos estes casos fosse necessario recorrer á saucção do Rei, e seu Governo no Brasil, quaesquer instituições, que houvessem em Portugal seriam illusorias, ou não passariam de simplicis fantasmas sem realidade. Ao Rei deve sim pertencer de direito tudo o que for Graça, e Mercê extraordinaria, mas deve deixar ao Governo local tudo o que fôr de expedição ordinaria. Se para comprovar esta verdade, já tão clara, e tão simples, são necessarios exemplos apontaremos alguns, que em nossos mesmos dias temos visto, e ainda estamos vendo. Durando o Imperio Francez, teve este a si unido o Reino de Italia; e como era elle governado? Tinha huma Representação Nacional propria sua, e por Chefe do Governo Executivo hum Vi-

o Rei com todos os poderes como os que agora desejamos para Portugal. Depois da queda do Imperio, formaram-se ainda dois Reinos, que são governados pelo modo que fica dito. O 1.º he o de Polonia, que apesar de pertencer a hum dos Imperios mais despoticos da terra, he todavia governado por Leis particularmente suas, tem hum Representação Nacional, e hum Vice-Rei com ampla authoridade para a sua ordinaria administração. O 2.º he o da Noruega que goza das mesmas prerogativas, da mesma dignidade, e das mesmas vantagens. E he bem não esquecer, que ambos estes Reinos, que fazem parte de duas Monarchias não estão na distancia immensa do centro do Supremo Governo como Portugal está do Brasil. E deve então neste caso, e bem ponderadas todas as outras circumstancias, e rasão ser o mesmo Portugal governado com menos liberalidade, menos honra, menor attenção do que aquellas que o Direito Publico da Europa não ousa hoje negar aos Reinos de Polonia e Noruega?

Não são os laços physicos, nem a proximidade das Provincias, que formão a ligação perpetua dos diversos membros de hum Imperio, ou de huma Monarchia: são os laços moraes, só bem fundados — em interesses verdadeiramente reciprocos — os que a formão, conservão, e tornão indissoluvel. E taes são estes, e tamanha a força, que elles tem, que não se affrouxão, nem quebrão em rasão das distancias por maiores que sejam, por maneira que duas partes de huma mesma Monarchia, existindo esses verdadeiros laços moraes apesar de estarem muitas centenas de legoas distantes, do que duas Provincias, cujos limites se tocão, mas não tem os mesmos laços moraes que as produzão. Estes laços no estado actual da Europa, e segundo as relações physicas em que estão Portugal e Brasil são os interesses commerciaes. He necessario que o Brasil dê huma franca e decidida preferencia a tudo que for de lavoura, industria, e commercio de Portugal, assim como este deve dar a tudo que for da lavoura, industria, e commercio do Brasil. He necessario que de huma vez se aniquilem como barbaros, impoliticos, e insubsistentes todos os Direitos sobre productos de Portugal entrados no Brasil em Navios Portuguezes, bem como sobre productos do Brasil entrados em Portugal em os mesmos Navios. E he necessario em fim, que a navegação feita entre os portos dos dous Reinos se considere como huma navega-

ção de Costa a Costa, de Provincia a Provincia do mesmo Reino. Feito isto assim, e impondo-se Direitos pesados sobre todos os productos estrangeiros de que temos, ou podemos ter abundancia, o commercio entre os dois Reinos será activo, os interesses communs, e a união será estreita, agradável, e perpetua.

Restia ainda outra especie de correspondencia a que Portugal tem direito a esperar do Governo, e consiste ella em que todas as rendas de Portugal nelle se empreguem e consumam. Quando haja hum caso extraordinario que o Brasil necessite dos nossos auxilios, quer em dinheiro, quer em gente, para defende-lo de não provezados ataques, justo he que Portugal como bom Irmão o auxilie com boa vontade e coraço, o que em bom retorno elle deve esperar do Brasil: mas o que he de justiça fazer nos casos extraordinarios da vida, não o he, nem deve ser, nos casos communs, e ordinarios.

Sendo estas as bases fundamentaes da união de Portugal com o Brasil, e estando este prompto a concedê-las sincera e francamente á aquelle, não duvidamos dizer que Portugal não pôde melhor dispor de si, do que unindo-se com a mesma sinceridade e franqueza com o Brasil, pois que esta união, como ja temos dito, he debaixo de todos os respeito a mais propria, a mais natural, e a mais util. ,, Até aqui o Campeão Portuguez:

A gloria com que este intrépido defensor da Patria Liberdade deo por concluida a sua tarefa, vendo realizados os seus desejos, que erão os de todo o bom, e honrado Portuguez, deve ser ainda maior, e de mais exuberante utilidade á Monarquia, se forem aproveitadas as sabias reflexões que delle copiamos. Mudado o principio em que elle estriba a sua hypothese, quero dizer, restituído El Rei á sua antiga Corte de Lisboa, ficão prevalecendo em todo o vigor para o Brasil as mesmas razões que elle allega para Portugal; e os laços que devião atar a tão necessaria quanto gloriosa confraternidade deste com o Brasil, são sem a menor discrepancia os mesmos que devem prender a do Brasil com Portugal. Este enlace de que pende a colossal grandeza Nacional, que nos fará respeitaveis em todos os tempos occupa hoje o pensamento de grandes politicos, e he em si mesmo da mais alta consideração. Poucas questões disse o celebre Conde de Toreno, fallando da America Hespanhola, o que he igualmente applicavel

a nós) podem apresentar-se a hum Corpo Legislativo, de tanta consequencia, e gravidade: da sua resolução dependem os maiores acontecimentos, e do acerto com que for decidida, a tranquillidade da America, e a rápida civilisação do Mundo inteiro. O immortal Bentham, o Apostolo da Liberdade, recommenda esta união aos nossos Sabios Legisladores como hum negocio de summa importancia. Alguns Jornalistas Inglezes não acreditão que elle se realise, assim como não acreditavão que nos regenerassemos tão promptamente, com tanta honra, e ordem. O Mundo instruido espera ver tratado este negocio com toda a possivel delicadeza pelos nossos Deputados Brasileiros no Augusto Congresso das Cortes. He bem por isso mesmo que nelle se falle, se pense, se escreva. Os Deputados da America Hespanhola nas Cortes de Madrid no dia 25 de Junho ultimo, tratárão já deste objecto a beneficio das suas Provincias, dando razões (que transcreveremos no nosso Numero seguinte) as quaes — *mutatis mutandis* — podem quadrar ás nossas circumstancias, apesar de conhecermos, que o que elles fazem para remediar desordens, os nossos Deputados farão de certo para as acantelar, e para que se estreitem cada vez mais os nossos vinculos de amizade, e parentesco. Ali talvez que esta união seja muito mais difficil, por que quasi que a Natureza rompeo já os laços, e a arte os não poderá reparar, pois como sabiamente diz Milton, Nunca pôde haver reconciliação sincera onde as feridas de hum odio mortal estão profundamente gravadas. Felizmente entre nós existio a mais cordial alliança, que nos reúne ha tres seculos em corpo de Monarchia, alliança ainda mais apertada desde o politico Decreto de 15 de Dezembro do 1815.

Conhecemos não serem verdades Evangelicas as reflexões do Sabio Campeão sobre a fórma do Vice-Reinado, que se deve estabelecer no Brasil (segundo o seu principio, em Portugal) apesar dos exemplos de Italia, Polonia, e Noruega, pois que sendo diversas as Constituições daquelles Reinos, diversa deve ser a nossa administração, ou pelo menos modificada segundo a natureza das nossas Bases Constitucionaes: e sem refutarmos o que a este respeito se transcreve por não sermos temerarios tanto em materia tão melindrosa, como porque a nossa Penna não pôde equiparellar com a daquelle Sabio Escritor, diremos unicamente, que se os negocios do Brasil são já hoje de hu-

ma natureza tão difficil, e importante, que não podem ser todos tratados a duas mil legoas longe de nós, que lhe não convém mais hum governo de tutela, porque he da natureza de hum tal governo, que os subordinados a elle procurem livrar-se da sujeição do tutor, tambem por outro lado todos os procedimentos do nosso Augusto Congresso inculcão hum perfeito equilibrio da Liberdade Constitucional nas remotas, e diversas Provincias da Monarchia: não sendo por isso de presumir que os nossos Irmãos nos queirão ver menos livres, que elles; que o recato com que differem tratar de nossos interesses, porque ainda se lhes não incorporarão os nossos Deputados do Brasil, he huma prova do respeito, que nos consagrão em decisões de tanto peso, e talvez tambem do vantajoso conceito, que fazem dos nossos Benemeritos Procuradores, para que seja a gloria e prosperidade da Nação, resultado da completa união de vontades, e luzes dos seus Povos.

Honrados Cidadãos Brasileiros, huma Mãe virtuosa nunca procura a infelicidade de seus filhos; antes alegrase pela sua grandeza, porque já se passarão esses tempos em que hum Ministro de Estado nosso se entristeceu só com a noticia de que no Brasil havia pão, e em que outro estabeleceu por Lei que todo o habitante deste novo Mundo que possuísse doze contos de réis fosse obrigado a mudar-se para Portugal. A Liberdade he franca e generosa, e a Sabedoria bebe as suas leis na Justiça, e na Igualdade. Liberdade, e Sabedoria achão-se reunidas no Soberano Congresso. He mister que o Brasil firme em bases estaveis a sua felicidade, mas que não prejudique, antes coadjuve á felicidade de Portugal. As Cortes hão de elevar-se sobre as preoccupações de hums, e as paixões de outros. Assim o pede o interesse geral do Brasil e de Portugal: assim o reclamão as luzes do Seculo: a força da opinião, as bases de huma politica illustrada: ambos hão mister de huma paz sólida, que lhes assegure hum commercio perenne, manancial de sua prosperidade. Assim conseguirá Portugal vantagens, que de outro modo não conseguirá, e o Brasil subirá ao grão de gloria, e elevação que a Natureza lhe destina, e que tambem de outro modo se lhe acanharião, ou retardarião; e os vincules do parentesco, e da Religião, com as relações de Commercio, e com as que resultão de instituições liberaes serão o mais seguro annel da nossa harmonia, e da nossa estreita união.

CORRESPONDENCIA.

Srs. Redactores.

Leudo, ha poucos dias, que a Europa paga á Azia mais de 80 milhões annuaes, por Chá, Pimenta, Canella, Canfora, &c. lembrei-me de ter visto no Viveiro da Laguna humma grande plantação das arvores, que dão estes productos, e por sinal com humma vegetação e florecencia admiraveis. Perguntei então a mim mesmo, por que motivo estas plantas alli se conservavão misteriosamente guardadas, á maneira dos Pomos d'ouro do Jardim das Hes. perides? ou á maneira com que o avarento imbecil entesoura as especies metallicas, contentando-se sómente com possuilas, e olhar para ellas? Acodirão de chofre á minha imaginação muitas reflexões, e não pude eximir-me de censurar e mal dizer o systema do antigo Governo, que por tres seculos nos opprimira. Que miseria tem sido a nossa? Que desvendo, que desprezo para com o Brasil? Quando estas Plantas se acimárão neste nosso abençoado territorio, os Inglezes e os Francezes, (eu o li em diversos Periodicos) se apressarão á fazer venturosos vaticinios sobre a prosperidade, que viria ao Commercio do Brasil pela acquisição destes novos thesoiros. = O Brasil, (dizão elles) vai roubar á Azia sommas immensas, por isso que situado na mais feliz posição, elle offerecerá ás Nações Commerçiantes, com maior facilidade e commodo, estes generos, que ellas vão alli buscar, por meio de tantos e tão penosos riscos de humma tormentosa navegação. = Era isto muito de presumir se o Governo do Brasil olhasse com mais attenção para os seus verdadeiros interesses, e sacrificasse alguma cousa no momento para indemnisar-se depois com usura. Mas elle que se acostumára a vê-lo crescer por si mesmo, aproveitava o presente, sem o acorçoar, sem offerecer-lhe estimulos, e aplainar difficuldades, que darião os melhores resultados no futuro; julgou tudo feito só com ter alli as plantas, e saber que prosperavão neste clima. Os Tribunaes, a quem de alguma sorte

compelia promover estes negocios, seguiu o impulso Ministerial, e quando por milagre se davão a alguma coisa util, era tanto ás canhotas, que tudo hia mal, nada progredia, e sómente admiravão as enormes despesas.

Todas as Nações procurão ardentemente sacudir o jugo estrangeiro, qualquer que elle seja; os Francezes vendo a grande somma, que lhes custavão os Chales e as Mantas de Cachemira, tem procurado, com os maiores desvelos, naturalisar na França, 27 cabras, que daquelle Paiz exportarão, para ver se podião ferrar-se deste tributo que o luxo lhes fazia pagar á Azia; os Inglezes. ó como trabalhão por transplantar para o Cabo as melhores cepas da Europa, a fim de aperfeiçoarem os seus vinhos, e deixarem de receber os nossos! Só nós ainda não ousamos deixar o misero estado de rotineiros, só nós seremos sempre cegos, e no meio de riquezas immensas seremos sempre Tantalos?... Com a protecção da cultura, e incremento dos generos, de que trato, poderíamos, não só desatar o jugo estrangeiro, mas até desviar da Azia humna grande parte do Commercio, que todas as Nações alli fazem. Supponhamos porém que ellas por motivos de reciproco interesse, preferem o fazer na Azia o provimento destes effeitos; he por ventura para desprezar o que luceríamos no nosso proprio fornecimento, e no do Nosso Portugal? Se as nossas negociações para a India fossem ao menos fundadas em o matno troco de productos, achar-se-hia nesta reciprocidade algum vislumbre de desculpa ao nosso descuido; porque he mister respeitar a industria alheia, para que respeitem a nossa; mas infelizmente todo o nosso Commercio naquella parte do mundo he feito á metal, e por isso mesmo he muito ruinoso.

O Brasil de hum Paiz agricola; esta verdade não carece demonstração; todos os ramos portanto de Agricultura devem por nós ser tratados como principal objecto da nossa applicação, por isso que he a fonte mais rica da nossa prosperidade. Na sua vastissima extensão elle abraça e encerra todos os climas: são-lhe proprias todas as produções do mundo ou aqui, ou alli; e não he hum descuido bem criminoso, o de perder por incuria, aquelles thesoiros, que deveríamos, e podemos propagar?

Nenhum passo até hoje se tem dado para animar-se tão esperançosa e util cultura; nenhuma observação ainda se fez para se calcular qual das Provincias he mais pro-

para a plantação dos diversos vegetaes encerrados naquelle precioso, mas quasi encantado jardim da Lagôa. Não he tudo; não se tem franquado (excepto á poucos Amigos) as suas sementes, nem se publicou huma só vez pela Imprensa as instrucções necessarias para o cultivo dellas, e o aranho das terras, resultado da experiencia e observação, que devem estar feitas de tantos annos, e que os Chins alli empregados deverião ter executado. Ainda mais; não consta que naquelle Jardim se fizesse o necessario processo, para extrahir-se a Canfora, e a casca da Canelleira.

Que bom Chá não nos poderia vir de Minas Novas? ; Quanto Cravo não teria já produzido aquelle Paiz novo, de clima analogo, prodigiosamente fertil e de huma decidida salobridade? As Canelleiras aqui vingão: já sabemos como na Bahia propagação e produzem as Pimenteiras; em qualquar parte do Brasil vicejão admiravelmente as Canfo-reiras; mas a Natureza tudo tem feito para nós, e nós nada sabemos fazer ainda para ella, ou para nos aproveitarmos dos seus inestimaveis presentes.

A cultura do Chá he do menor trabalho possível, por que eu tenho visto por vezes no jardim da Lagôa pastarem os animaes por entre as suas plantações, e apesar disso, conservarem-se com hum viço admiravel, e maior (como dizem os mesmos Chins) do que no seu Paiz natal. Supponhamos que erão penosos os principios desta cultura; mas se os lucros resultantes são sem duvida de alto apreço, porque não arriscaremos incommodos momentaneos, que promettem sobidos resultados? ; Dir-se-ha por ventura, que já temos muitos ramos de prosperidade, e que por isso, não devemos fazer novas especulações? Se esta regra, que só próva ignavia e tibieza fosse digna de seguir-se, nenhum objecto, nenhuma Paiz, nenhuma Sciencia teria tido augmento. ; Porque possuímos hum bem, deveremos desprezar outros bens? ; Porque somos ricos, deveremos deixar de ser mais ricos? Não he aqui applicavel o afforismo de = ser melhor gosar o certo, que esperar pelo duvidoso. = A utilidade desta cultura, nem he duvidosa, nem obsta á fraição do que já está certo. O Café ha 50 annos era no Brasil huma Planta exotica, e hoje fórma a parte mais consideravel da nossa Agricultura e da nossa riqueza.

Tornemos ao nosso objecto; he constante que muito

(47)

Cravo tem produzido o jardim da Lagoa, e muito Chá se tem colhido, beneficiado, e torrado; mas o Publico em geral nunca foi instruido destes differentes processos; nunca se lhe fez saber a occasião em que elles se fazião, para que os Lavradores ou fossem, ou mandassem ver e aprender; nunca se lhes disse que era licito tirar moldes dos Fornos, observar a qualidade e fórma das Peneiras, calcular o calor do fogo, instruir-se em fim de quanto diz respeito á hum tal beneficio; tudo alli se faz misteriosamente. Nunca se deu em exhibição ao Publico (pelo me- nos não consta) estes generos alli beneficiados; nunca se lhes facultarão pequenas amostras para que provassem, e se convencessem da identidade do sabor e qualidade. Mandava- vão-se, sim, aos Grandes, e seus apaniguados, como se delles fosse licito esperar-se alguma utilidade, como se he assim que se cria o espirito publico, e se anima o proprie- tario Capitalista. Nem jámais se convidou para o estabele- cimento de huma Companhia, ou Associação, que promo- vesse este estabelecimento nunca se offerecerão premios, nunca se prometterão estimulos. ; Quererião que hum ou outro isoladamente tentasse a empreza? mas o interesse não he do individuo, he da massa em geral; tocava portanto ao Governo, que era o seu verdadeiro representante, mon- tar a maquina, e dar-lhe a sua verdadeira direcção.

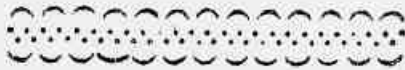
Quasi que já ouço dizer: que do jardim da Lagoa sahirão algumas Plantas dadas á diversas pessoas, que as deixarão extinguir, e que por isso se não continuarão a dar tendo-se igual sorte ás segundas. A resposta não merece contrariedade, pois que por si mesmo se destrõe, e o Povo agora não engole as pilulas, que a força o fazião engolir, quer se engasgasse, quer arrebetasse. ; Será tam- bem por este motivo, que se menospresarão os Chins, que vierão para ensinar e tratar desta cultura, restando alli ape- nas hum, que por instantes seguirá o exemplo dos seus irmãos. ; Será também por isso que o Director daquelle jar- dim nada tem dado ao Publico das suas experiencias sobre tantos objectos de interesse Nacional? Permittissem os Ceos que se acabassem os Misterios; e que a verdade reverberan- do gloriosa, encaminhe aos seus deveres os que devem pro- mover a felicidade do Povo!

DEPUTADOS DO RIO EM CORTES.

Quando anciosos esperavamos a noticia da entrada dos nossos Deputados Fluminenses no Augusto Congresso das Cortes de Lisboa, entao he que pelo Porto nos chega a certeza de que o Excellentissimo Bispo de Coimbra se contentou unicamente com a honrosa escolha dos seus reconhecidos Patricios para hum officio de tanta ponderação, e para cujo desempenho por ventura sobejavão-lhe as forças Montes, e as virtudes, quer Religiosas, quer Politicas, mas infelizmente já lhe faltavão as forças Phisicas, não menos necessarias. Se foi grande o seu prazer, vindo-se de tão longe lembrado por aquelles, que não tinham hum melhor occasião de manifestar á face do mundo os merecimentos de hum Patricio, de que tanto se honrão, e que tantos bens liberalisára sempre, na Universidade de Coimbra, aos desvalidos, mas estudiosos Brasileiros, não he menor o nosso jubilo e a nossa gloria, considerando-nos como instrumentos da solemne manifestação das suas virtudes, e da inexplicavel consolação com que ainda na provecsta idade de 92 annos elle cingue de gloria as suas honradas cans, pela acertada e liberal escolha da sua reconhecida Patria. O sacrificio dos seus ultimos dias foi portanto alliviado, recabindo a escolha sobre hum outro Patricio, de cuja probidade e talentos devemos muito esperar. No dia 10 de Setembro o Senhor Doutor Ledo (como escreve do Porto) devia marchar para Lisboa á encher o lugar, que se destinára, ao Senhor Bispo Conde.

Consta igualmente pelo Diario das Cortes, que os Senhores Deputados Fagundes Varella, e Soares Brandão, que deste porto sairão a 9 de Julho ultimo, chegarão a 8 de Setembro ao seu destino, onde logo no dia 10, na companhia do Excellentissimo Bispo Inquisidor Mór, e do Sür. Martins Bastos, fizerão a sua entrada no Soberano Congresso. As lazes e o Patriotismo destes dignos Fluminenses, penhorão as nossas esperanças, e nos impoem o dever de acreditarmos no pronto amelhoramento dos nossos negocios até então politicamente reservados á coadjunção de tão Liberaes Cooperadores. Queirão os Coos que se não realice o rumor da repentina morte do Excellentissimo Bispo Inquisidor Mór, logo nos principios da sua honrosa e bem proporcionada tarefa!

RIO DE JANEIRO. NA OFFICINA DE MOREIRA, E GARCEZ.



REVERBERO

CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.

15 DE NOVEMBRO DE 1821.

Redire sit nefas.

HORAT. LIV. V. OD. II.

Posto que nos consideremos muito fracos para dirigir a opinião publica do nosso Paiz, e quando a falta de huma virgula em qualquer escrito pôde attrahir o ferrete de — corcundismo — que muito aborrecemos; todavia, encudados pela benigna acceitação do nosso Periodico, ousamos offerer aos nossos Leitores algumas reflexões sobre a liberdade dos Impressos, que de presente apparecem, e tão injustamente crimiados, ou pelos que não levão á paciencia a nova ordem de cousas agora felizmente estabelecida, ou pelos que se sangrão em saude, para captarem a benevolencia publica sobre o que projectão imprimir. O certo he que destes huns se considêrao invulneraveis, na persuasão de que os seus escritos hão de ser acreditados por força, por serem lidos na Gazeta, que inculcão Ministerial, e por isso ousão oppôr a singularidade de seus sentimentos á torrente da opinião publica; outros comixosos de fallar mal, fallão peor do que aquelles, a quem crimião; e apresentando huma falsa compaixão ou pela mo-

cidade, ou pelo juizo, que do seculo presente farão os seculos futuros, tomão a mascara de Catões, e não são mais do que Zoilos. O Escriptor, que põe o seu fito no bem geral, não deve temer expressar-se com franqueza, e muito principalmente quando a Constituição lhe concede esse direito, e lhe pede esse serviço. O Escriptor recebido com benignidade, deve ao Publico as suas reflexões, ou como agradecimento da honra, que d'elle recebe, ou como obrigação, á que se submete servindo a Causa Constitucional. Por tanto, o que dizemos entra na ordem do nosso Plano; se formos reprovados, ficaremos com a consciencia de que escrevemos pelo bem da Liberdade da Imprensa, tão necessaria nas nossas actuaes circumstancias, e tão sabiamente proclamada pelo Soberano Congresso Nacional; attribuão-se embora os nossos erros á falta dos nossos conhecimentos, mas nunca se dirá que temos, ou falta de Patriotismo, ou abundancia de giba.

No antigo estado de cousas, era permittido fallar, com tanto porém que fosse em abono daquellas mesmos, que sob huma vara de ferro esmagavão e maltratavão o Povo: a adulação havia tomado posse da Imprensa, e até dos Templos: os eslabouços da Policia fazião expirar nos labios as queixas, que a oppressão arrancava do peito: não havia hum só das classes Mandatarias, que á seu salvo não commettesse atrocidades, e não julgasse crime a sua publicação: mas eis que apparece a Liberdade Política, e com ella a Liberdade da Imprensa!.. ¿ Como he possível estancar a erupção deste formidavel Volcão de males, de injustiças, e de prepotencias? ¿ Como embarçar, que cada huma das victimas publique os sacrificios, á que as obrigarão? ¿ Como tolher que o receio da reindendencia patenteie os abismos de que nos salvámos? Por força que o nosso estado, quebradas as cadeas, que nos tolhião os braços, a lingua, e até o pensamento havia ser como o daquelle homem, que desembarea de huma longa viagem em hum Paiz famoso e abundante em prodigios do Genio e das Artes: elle quizera, se possível fosse, velo dentro de huma hora, pergunta, visita, confronta, e admira; mas causa por fim, e repousa.

Como esta Liberdade pôde arrancar as mascaras, que disfarçãõ o vicio: como ella pôde mostrar no seu verdadeiro ponto de vista, aquillo que até agora era eucarado pelo microscopio das paixões e dos prejuizos, eis que appa-

recem Athletas á combater a Liberdade da Imprensa , pela Liberdade dos Impressos. Parece-nos frisante neste caso , o que lémos em certa Comedia , onde se fingio hum Pae de Familias doente de Metromania : brevemente a Mulher , logo os Filhos , depois os Familiares , os Amigos , e quantos acudirão ou a visita lo , ou á admirar o phenomeno , voltárão iscados da mesma mania ; chamou-se o Medico , recitou em Decimas , e concorrendo o Paroco á exorcisar a casa , começou a recitar em verso as Proces do Ritual. Somos em igual caso ; os que combatem esta Liberdade da Imprensa , não só usão della , mas tambem abusão , commettem o mesmo crime , que exprobrão (se he crime em hum Paiz livre , pensar o que se quer , e escrever o que se pensa , base em que Tacito faz assentar a maior felicidade politica.)

Hum Sabio , não menos que o Abbade Siyès diz : que até o Povo se exprime mal quando pede Leis , que lhe concedão ou authorisem a Liberdade de Imprensa : que não he em virtude de huma Lei que o Cidadão pôde pensar , fallar , escrever , e publicar os seus pensamentos , he em virtude dos seus direitos naturaes ; direitos que os homens trouxerão á Sociedade , e para cuja defeza elles estabelecêrão as Leis.

A Imprensa só podia nascer , he verdade , no estado Social ; mas se o estado Social facilitando aos homens a invenção de instrumentos uteis . estende o uso de sua Liberdade , não pode este uso ser considerado como hum dom da Lei , porque a Liberdade por si mesma abraça tudo , o que não he dos outros. A Lei portanto he só para vedar que ella exórbite , e não para suspender a acção de huma causa tao ponderosamente util , ou ao menos da mais absoluta necessidade , qual a de fazer justiça á todo o mundo.

¿ E será por ventura exórbitar ou abusar da Liberdade da Imprensa denunciar ao Publico os vicios escandalosos , que reduzirão a Nação ao estado de nullidade politica , em que se achava , sem credito , sem commercio , sem navegão , e em que pôde recuhir . se o Publico não for advertido á acantelar se das insidias dos Lobos cobertos com pelles de Cordeiros ? ¿ Será hum abuso da Imprensa o esforço por cortar a marcha da authoridade manhosa , que lentamente e com disfarce vai estendendo , ora hum passo , ora outro , além dos terminos , que a circunscrevem , lau-

gando nos os ferros cobertos com festões de flores? ; Será hum abuso da Imprensa accusar o disfarçado inimigo da Constituição, o infractor das suas Bases, o violador dos nossos Direitos Sociaes? ; Será hum abuso denunciar no Tribunal da Publica Opinião, o peculato, a malversação, o egoismo, ou o manejo insidioso de quantos tentão insipiar sandades pelo antigo governo, e fazer retrogradar os destinos da Nação? Certamente que não; e para não sermos nós só quem o asseveremos, ouça-se o que diz hum Autor de celebre nomeada = a censura alheia compõe os costumes proprios, e o que a Lei não consegue reprimir e reformar, reforma e reprime muitas vezes a murmuração; com bastante criterio se constituiu a honra na opinião alheia, porque dependendo as nossas acções do juizo, e censura dos outros, busquemos satisfazer á todos obrando o bem. ; Que não commetteria o poder senão tivesse pela próa a murmuração? he este o argumento incoñtrastavel da Liberdade de hum Paiz, por isso que he severamente prohibido nos governos despoticos; a murmuração he o melhor dos Conselheiros, pois nasce da experiencia dos damnos passados, e do temor dos futuros. =

A responsabilidade dos publicos empregados he a base da nossa Constituição: todo o homem tem desejo congénito de sobrestar á Lei; ora senão for a liberdade da Imprensa, qual será o freio actual, que contenha os depositarios da Authority? ; Quanto poderíamos dizer á este respeito! ; quantos abusos, quantas infracções das juradas Bases poderíamos apontar, só porque ainda não ha a necessaria Liberdade, e o freio preciso, que dóme os Mandatarios! ..

A Liberdade da Imprensa he a sentinella da Liberdade Politica, ella afugenta a multidão dos obstaculos, que a ignorancia, o interesse pessoal, e a má fé. se esforço por elevar na nossa marcha. Ao archote da Opinião Publica os inimigos da Nação e da Liberdade acobardão-se, e occultão os seus vergonhosos intentos. Por esta Liberdade o pensamento do homem de Genio, que descobre hama verdade util, ou o brado de hum Patrieta, que accusa hum crime occulto, reproduz-se em todos os lugares; bate, por assim dizer ao ouvido de todos os Cidadãos; mistura-se, confunde-se, identifica-se com os sentimentos geraes, e põe alerta a Nação toda. Se ella he necessaria quando a mesma Nação já está organizada, e acalmado

(63)

o fogo dos partidos, e que diremos quando ella está em caracter organisante, quando o interesse particular de immensos contrasta e encontra o interesse geral? ; É no momento em que huma nova fonte de perfeições rebenta na nossa Terra, promettendo-nos mudanças protentosas; no momento em que surge no meio de nós hum Agente tão poderoso, que á hum mesmo tempo trabalha sobre tantos milhares de almas, quereremos com váos receios abafá-lo, soffoca-lo, e destrui-lo? ; No momento, em que se nos franqueia hum instrumento, que pôe em simultaneidade de idéas o genero humano, que o móve e o anima de hum mesmo e unico sentimento, e o une pelos laços de huma Constituição verdadeiramente Social, deixaremos de abraçar, e até de ampliar, para engrandecer infinitamente o dominio da razão e da virtude, e dar hum dia á propria natureza os meios mais segeiros de obter o seu verdadeiro fim, isto he, a Liberdade, e Prosperidade de todos os homens? ; E, ou por malignidade, ou por chimericos receios cortaremos em flôr o germen mimoso de tão sublimes dons? Em toda a especie de trabalho, diz o célebre Condorcet, he a liberdade de executar e de exhibir, que sustenta, e multiplica a produção; portanto, prender fóra de proposito a Liberdade da Imprensa, seria atacar os fructos do Genio no seu mesmo germen, os raios da verdade na sua aurora, e seria (o que he peor) deixar livre o campo ao despotismo para levantar sobre os destrôços da Liberdade os patibulos da escravidão.

Supponhamos, porém, por hum instante, que esta Liberdade de Impressos, filha do ardor, com que se gósa qualquer novo bem, he com effeito reprehensivel; não he coisa estimulantes applicados no periodo da febre, que ella se ha de corrigir; porque não he no apse da Liberdade, quereamos dizer, não he no momento, em que se concede á hum Povo o desafogar-se pela Imprensa, das suas habituaes oppressões, que elle attende á reflexiva sabedoria, e á tranquilla razão. Nós sabemos o que Virgilio diz, que quando hum Povo armado de tições, e de pedras, e de tudo quanto lhe ministra a occasião, encára com hum Ancião venerando e beuemerito, que lhe falla, deixa das mãos cahir as armas, e do peito a raiva: mas sabemos tambem, que são estes antes os brincos de huma imaginação risouba, do que os constantes effeitos da experiencia. Apesar de que os Portuguezes honrão os seus Anciãos,

deixarão todavia de dar attenção á hum dos mais veneraveis, que possuem, e cujas cans alvejão por entre os loiros dos serviços, dos talentos, e das virtudes, o qual no Conciliador buscava atemperar os espiritos inquietos. ¿E nasceria este procedimento de hum desprezo da bem publica sabedoria daquelle honrado Patriota? Não; nasceo da necessidade de seguir o forte impulso, que se lhe déra. ¿E será com censuras acres, e conselhos embebidos no mesmo fel, que se exprobra, que se conciliará o amor da Ordem? ¿Será com o mesmo estragador systema, que se infundirá o gosto do verdadeiramente bem? O que pretende encontrar a Opinião Publica deve produzir argumentos mais fortes, do que aquelles, em que ella retriba; porque do contrario vem logo á lembrança o rifão = quem não quer ser lobo, não lhe veste a pelle =; esperamos pelo momento da remissão, e entretanto deixemos ao Povo este desafogo dos males sem conto, que soffrêrão, e talvez ainda soffrein. Será melhor, em vez de fazerem carantonhas ao espelho, que sempre reverbera em desprezo de hum falso zelo, que cada hum corrija pela sua parte os costumes proprios, porque he este o melhor meio de fazer cessar os Impressos, e calar os Escriitores.



Havendo nós promettido, em o nosso N.^o antecedente, transcrever o Discurso, que na sessão do dia 25 de Junho ultimo das Côrtes de Hespanha, fizeram os Deputados da America, por isso que elle nos pareceo muito interessante, applicavel as circumstancias do Brasil, e proprio para nelle se prevenirem os males, que ha onze annos opprimem as Americas Hespanholas, damos-nos pressa em cumprir o promettido com Extractos daquelle bello Discurso, esperando fazer nisto hum serviço grato aos nossos Leitores.

Os Deputados das Provincias do Ultramar virão com a maior dôr desvanecerem-se as lisongeiras esperanças, que sobre a futura sorte das Provincias, que representão, lhes havia feito conceber a indicação do Sñr. Conde de

Toreno, que as Côrtes honverão por bem approvar. Da informação, que hontem se lêo da Commissão especial para esse fim organizada, conclue-se unicamente, que he vindo o momento de se tomarem medidas, que sahindo da ordem regular, curem os males gravissimos, que agora se soffrem, e acantelem outros ainda maiores, que ameação. Bem persuadidos desta verdade, os Deputados do Ultramar julgarião faltar á confiança, que nelles depositarão os seus Constituintes, e ás obrigações sagradas, que lhes impoem a sua honra, e a sua consciencia, se deixassem passar os poucos dias, que restão da presente Legislatura, sem instruir o Congresso do estado das Provincias, que tem a honra de representar, e propor-lhe as unicas medidas capazes de restabelecer a tranquillidade, e de assegurar a conservação e bem estar daquella grande e interessante parte da Monarquia, mantendo a sua integridade.

Não renovaremos com tudo a memoria das causas, nem o principit e o progresso de huma guerra, que ha onze annos á esta parte devasta aquellas formosissimas Regiões; diremos sim que depois de tantos e tão custosos esforços do Governo para mante-las na dependencia; depois de tanto sangue e dessolação, nada se tem conseguido. Buenos Ayres, Chili, Santa Fé, huma grande parte de Venezuela estão de facto emancipadas; o Perú invadido; Quito em commoção; e huma nova Revolução, e de hum caracter muito mais terrivel, do que a anterior, rebentou já no Mexico.

He pois certo, que não só os meios violentos, até hoje usados, não tem produzido o desejado effeito, como tambem, que ainda quando fosse possivel continua-los, nunca por elles se obteria a pacificação absoluta de todo o vasto Continente Americano. He mister extinguir os motivos de descontentamento, senão elle apparecerá sempre que se offereça occasião; huma conspiração succederá á outra; nunca haverá verdadeira tranquillidade; e os thesoiros da Nação empregarse-hão todos em manter exercitos numerosos, unica garantia dessa paz forçada, e ephemera. Longe pois de nos a idéa immoral, e irreligiosa de deixar consumir os nossos Irmãos com suas discordias, de as fomentar, e de esperar que se submettão á força de ruinas. A Nação inteira está obrigada á conservação e felicidade da sua maioria: protege-la, e realiza-la he a sua primeira obrigação;

he a do Congresso, que a representa; e he a do Governo, que a rege. A' nos sómente tóca, como testemunhas dos successos, apresentar ao seu exame os obstaculos que se oppoem ao seu gôso.

Nenhum estorvo parece que devia encontrar o regimen Constitucional, tão gloriosamente restabelecido na Hespanha; elle assegurava a felicidade da Peninsula, e do Ultramar: os desejos deste ficavão satisfeitos; e todavia, o resultado prôva, que não só não se tem pacificado as que estavão com as armas nas mãos, mas que tambem se armárão as que já se suppunhão tranquillias. Que desejo pois os Americanos? Nós o diremos: desejão essa mesma Constituição, que deve torna-los felizes, porém que no estado actual das cousas considêrão como huma bellissima theoria, só praticavel na Peninsula. Os Americanos são homens livres, são Hespanhoes, tem os mesmos Direitos, que tem os Peninsulares: conhecem bem esses Direitos, e tem bastante virtude, esforço, e recursos para suste-los. ; Como pois se poderá esperar que prescindão delles, e que em paz permanêção sem a sua absoluta fruição? ; Como exigir, que arranquem do seu coração as sementes que alli semeárão com tanta gloria seus Paes e seus Irmãos, e que prospêrão com a mais poderosa de todas as culturas, que he o exemplo? Proporcionar aos Americanos os mesmos bens, que se concedem aos Peninsulares, he o unico arbitrio que ha, ou para terminar, ou para impedir a guerra civil. ; E pode isto fazer-se pelos meios, que se estão praticando? Nós acreditamos, que não, Cumpre confessar que a Constituição não pôde praticar-se naquelles Paizes, á não tomarem-se novas e efficazes medidas, para que os tres poderes possam obrar em sua esfera, com a energia e prontidão, que exigem a necessidade e conveniencia do Estado. He evidente, que huma das principaes partes da harmonia e artificio deste Codigo, consiste na immediata responsabilidade dos Empregados pelos abusos, que commetterem no exercicio da sua authoridade, porque he indisputavel que tendo o homem huma tendencia poderosissima para se constituir acima das Leis, necessita por isto mesmo de hum freio contínuo, que o retenha na orbita, que ellas lhe trácão. Inutil foi, em todos os tempos e em todos os Paizes, dar Leys philanthropicas, quando se não providencêa a sua observancia por hum poder energico, que véle sobre os seus Executores; todos um

Codigos estão mais ou menos cheios de Leis protectoras da humanidade, e em todas as partes se tem visto sempre os mais horrorosos abusos do poder. Assim, em quanto hum Empregado de qualquer classe que seja não temer huma immediata responsabilidade desviando-se da estrada da Lei, nada se terá feito á beneficio dos Povos. Que vasto assumpto nos offerece este particular?... Convencidos por huma triste experiencia do que temos visto nas Provincias da America, recordariamos ás Côrtes as repetidas queixas, que se lhes tem enviado contra Chefes, que tanto cazo fazem da Constituição, quanto fazião da Lei das Indias, porque zombão com o maior descaramento dos seus principaes artigos. Chamariamos a sua attenção sobre o desprezo com que elles tem visto a divisão dos poderes, a liberdade politica da Imprensa; o exclusivo direito da Representação Nacional para a imposição de tributos: o respeito Religioso, com que cumpre conservar o sagrado direito da Liberdade individual, e todas as consequencias, que dimanão destes principios. Estas não são relações de viajantes superficiaes, nem declamações de Politicos exaltados; são os clamores de 15 milhões de Americanos, que fallão ao Corpo Legislativo das Hespanhas, donde esperão o remedio de seus males: porque em fim cumpre dizer com franqueza e verdade, a America geme debaixo do enórme peso do despotismo, não menos agora, que no antigo regimen; com esta differença, que então sabião os Povos, que com dormir tranquillamente debaixo da mortifera arvore da arbitrariedade, que com suporem se rebauho de ovelhas, pertencentes á hum ou muitos proprietarios, ou como escravos, que devião obedecer cegamente á seu Senhor, em tudo quanto os mandasse, estavam seguros dos ataques da força, e do poder: porém agora, que se lhe annunciou pomposamente que são livres, que com elles se insta para que publiquem as suas idéas com franqueza, e sem susto, que se lhes assegura, que não serão molestados com tanto que não obrem contra as Leis expressas, deixão-se levar destas formosas apparencias, dão ao seu genio huma parte do vôo de que he susceptivel, e no mesmo instante cabe sobre elles a espada da força e poder. Que recursos ficão a estas desgraçadas victimas da sua credulidade? Correr para a Metrópoli a 200, ou 300 legoas distante para queixar se contra os Déspotas... triste, sobre vão recurso. O Systema de eleições estabele-

cido pela Constituição, a remessa biennal de Deputados da America para a Metrópoli, he outro inconveniente, que não podemos deixar de manifestar. Duzentos Deputados deverão sahir dos varios pontos da America de dois em dois annos para formar o Congresso em Madrid: Ocioso he agora entrar na analyse desta penosissima peregrinação; tão impraticavel he ella á primeira vista, que he inutil manifesta-lo. Também não fallaremos dos enormes gastos que cumpre fazer para verifica-la: não podemos porém deixar de offercer ao Congresso algumas reflexões interessantes.

Examinemos em primeiro lugar, a que vem estes Deputados? Esta questão he mais interessante do que parece: vem concorrer com os da Hespanha Europeá para formar hum Corpo Legislativo, que dê leis a Povos distantes entre si 4 ou 5 legoas. Aggravariamos a notoria illustração do Congresso, se nos pozessemos agora a demonstrar, que as mesmas Leis que são boas para a Península, não o serão talvez para cada huma das Americas. Não haveria coiza mais facil, que o legislar, se se podesse dar a mesma Lei para todos os Paizes: porém desgraçadamente assim não pôde ser: e sabemos que as Leis de Solon, Minos, Licurgo e Pen erão entre si tão dessemelhantes como os costumes e localidades dos povos a quem se ellas derão. ¿Far se-hão Leis diferentes para estas tão distantes partes da Monarchia? eis aqui hum outro inconveniente. ¿Como podem os Deputados da nova Hespanha, por exemplo, dar Leis a Provincias, que não conhecem, nem virão, e de cujos costumes nada sabem? cujos usos, preoccupações, situação, relações que tem, ou podem ter, lhes são totalmente desconhecidos; bem como o caracter de seus habitantes? ¿Querer-se ha que os Deputados das Americas formem os Projectos de Leis das suas respectivas Provincias? Neste caso, ou o resto do Congresso seguirá cegamente os planos que se lhe propuzer ou não: se os adopta, então para que he faze-los vir de tao longe, separa-los da sua patria, isola-los de seus Concediãos, dos quaes deverião receber os Conhecimentos mais interessantes? senão adopta, a proposta dos Projectos he verdadeiramente illusoria.

(59)

NOTÍCIAS ESTRANGEIRAS.

EXTRACTO DO MORNING CHRONICLE.

Entretanto que a França, Inglaterra, e Austria nutrem no seu seio Jornalistas, a tal ponto prostituidos, que advogão a escravidão da raça humana: Apologistas ardentes do poder absoluto, e até mesmo do atroz despotismo da Turquia, alliciados para dar ao mundo huma falsa, e calumniosa idéa dos Povos, que ultimamente intentarão a reforma de seus antigos Governos, para os fundar nos principios de equidade, e de reciproco interesse entre os Reis, e as Nações, não podemos nós guardar hum silencio, que nos pôde ser prejudicial. Entre os papeis Inglezes o — Curier — he hum dos que contém maior numero de artigos injuriosos, insultantes e calumniadores contra a Hespanha, e Portugal. Seus Editores esquecerão se que a Hespanha e Portugal forão os Baluartes, que defendêrão a Inglaterra; que o valor, e constancia destas duas Nações, coadjuvadas pelas Tropas Inglezas, salvárão a Gran Bretanha da horrorosa tempestade, que a ameaçava, e que ella tanto temia: este esquecimento indica criminosa ingratição. Quando Buonaparte mandava toda a Costa desde o Neva até á Grecia, a Inglaterra correria imminente perigo, senão fôra o Character Hespanhol, e ella tanto conheceo esta verdade, que nenhum esforço deixou de fazer na Causa de Portugal, e Hespanha, que era a sua propria Causa. O — Curier — e os seus iguaes devem lembrar-se, que a gloria ganhada pela Inglaterra restriba no Heroismo da Nação Hespanhola e Portugueza; e atacar Povos, a quem o seu Paiz deve a sua segurança, e gloria, he flagrante próva da mais negra ingratição. Se os Portuguezes, e os Hespanhoes, se tivessem esquecido da sua Honra, da sua Dignidade, e da sua Lealdade á Dyastia de Bourbon, e Bragança, e á exemplo dos outros povos da Europa, tivessem mostrado huma covarde submissão ás vontades de Buonaparte, o — Curier — não teria agora occasião de ostentar o seu rancor contra a Peninsula, nem tão pouco estaria na situação de accusa-la de Revolucionaria e Democratica. Não se queixou ella de tal Democracia, nem de taes revolucionarios nos annos de 1810 a 1814, quando a Constituição de Hespanha, e os intrépidos Hespanhoes formárão os Postos avançados de Inglaterra. Os hoje re-

volucionarios, erão então chamados os Protectores da Liberdade da Europa contra Buonaparte. Mudarão os tempos; mas os Hespanhoes são ainda os mesmos. O — Curier — já não crê que elles lhe possam ainda ser de utilidade; todavia seria bom não esquecer-se dos Benefícios, que delles receberão; nem seria máo ter sempre em lembrança, que, se seis mil Soldados Francezes, pudéram effectuar hum desembarque na Irlanda, poderião cem mil ter feito outro tanto na Inglaterra, se não fossem os Democraticos, e os Revolucionarios Hespanhoes, e Portuguezes, que amão a sua Honra, e Dignidade, assim como amão os seus Reis.

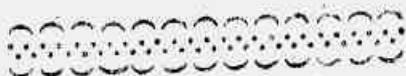
Tambem a França tem dado nascimento á hum enxame, ou bando de papeis chamados Ministeriaes, que maifestão, da mais indigna forma, a inveja, a pérfida, ingratição, e o mais infimo desejo de calunniar, unido á mania de ajuisar sobre os Negocios dos outros, quando os seus tão altamente clamão por huma reforma. A Gazeta de França, o Monitor, o Pavilhão Branco, e outros Redactores, copião das Gazetas Inglezas, o que elles contêm contra Hespanha, e Portugal, e nada do que nestas ha em favor destas duas briosas Nações, elles de concerto com outros Jornalistas prostituidos ao poder absoluto, e dedicados á adulação de algumas authoridades, rivalsão entre si. qual melhor afeará a situação destes bellos Paizes. Qualquer noticia desagradavel, por mais insignificante que seja, he logo por estes inimigos da verdade, e da sua bemfeitora a Hespanha, gnindada, encarecida, e desfigurada da maneira a mais baixa e offensiva; parece que o seu unico empenho he degradar e calunniar a Hespanha e Portugal, fazendo crêr á Europa que estas duas Nações estão em estado de anarquia, idéa esta que he só resultado das suas extravagantes imaginações, ou melhor, das suas malvadas intenções. Despresando os seus proprios Negocios, intromettem-se á regular os de seus vizinhos; tem bastante facilidade para verem o argueiro nos olhos dos outros, sem verem a trave nos seus.

(CONTINUAR-SE-HÁ.)

AVISO.

A' pedido do liberal Juiz de Fóra de Villa Rica, Cassiano Esperidião de Mello e Mattos, adverte-se ao Respeitavel Publico que, na sua Resposta ao Redactor da Gazeta do Rio de Janeiro. por erro do copista, se leo no fim do paraf. 6. que o Nosso actual Governo era — Aristocratico Monarquico — devendo ser — Monarquico Representativo. —

RIO DE JANEIRO. NA OFFICINA DE LOPREIRA, E GARCEZ.



REVERBERO
CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.

1.º DE DEZEMBRO DE 1821.

Redire sit nefas.

HORAT. Liv. V. OD. II.

EXTRACTOS DO DISCURSO DOS DEPUTADOS AMERICANOS
NAS CORTES DE MADRID, CONTINUADOS DA PA-
GINA 58 DO NOSSO N.º V.

Para se evidenciar o que dizemos, cumpre lembrarmos-nos da marcha destas duas ultimas Legislaturas. ¿ Que projecto de Lei se tem podido fazer extensivo á aquelles Paizes ? — Mandarão que se aggregassem alguns Americanos, para que estes subministrassem as noticias necessarias, a fim de que as Leis fossem analogas aos costumes, e circumstancias do Novo Mundo. ¿ Mas que dirão as Cortes se demonstrarmos, que estes mesmos Deputados não podem convenientemente legislar para as suas Provincias ? Prova-se esta verdade, até sem muitas reflexões. Quando se propõe algum projecto de Lei, segundo a Constituição, devem verificar-se tres Leituras antes da sua discussão ;

neste intervallo as Provincias fazem pelos papeis publicos as observações, que julgão opportunas, e se apressão á dar clarza á materia muitos Escritores, que por isto mesmo facilitão aos Sabios Deputados todas as proporções para deliberarem com acerto; de maneira, que se pôde sem erro dizer, que as Leis feitas pelas Cortes, são expressões da vontade geral pronunciada pelos Representantes do Povo. Foi assim, que se virão chegar de todos os Corpos e Divisões Militares muitas observações, que se tiverão presentes para a discussão da Lei constitutiva do Exercito: foi assim que se repartirão pelos Deputados varios Impressos, para que melhor se aprofundasse a questão dos Senhórios, constituída em diversos pontos de vista, segundo as idéas e opiniões dos diversos Escritores; assim finalmente não ha projecto algum de Lei apresentado ás Cortes, sobre o qual se não publiquem mais ou menos reflexões. Acresce: que todas as Provincias da Peninsula tem completa a sua Representação; de quatro em quatro dias podem os Deputados receber noticias e instruções dos seus outorgantes, tirarem-se de quaesquer duvidas; e ao tempo da decisão, fallar e promover as questões, com aquelles dados, que são necessarios para o acerto; elles tambem tem á mão os Archivos e Officinas, para se proverem dos documentos e noticias, de que podem necessitar, ao mesmo tempo que os Ultramarinos vivem isolados, e á milhar de legoas dos seus committentes, e no propôr, ou votar sobre huma Lei procedem com a dura incerteza de se farão hum mal, em vez de hum bem ás suas Provincias. =

Além de todos estes inconvenientes, ha outros não menos graves, que se apresentam para a execução de varios artigos Constitucionaes; nós só indicaremos alguns dos mais recommendaveis. O Artigo 308 da Constituição previne, que quando a segurança do Estado o exija, poderão as Cortes suspender as formalidades prescriptas para a prisão dos delinquentes, formalidades que são a salvaguarda da segurança pessoal. Supponhamos que chega este caso na America, como effectivamente chegou, em hum perigo imminente de romper huma nova Revolução; e reeorder-se-ha ás Cortes para que usem desta delicadissima faculdade? e deixar-se-hão correr as cousas como vão, ou usar-se-ha este recurso por alguma authority das da America, que faça as vezes das Cortes em hum assumpto

to de tanta consequencia ? Não ha meio entre estes tres caminhos , nem he facil discernir qual he o menos ruinoso. Recorrer ás Cortes , he inutil , he o mesmo que deixar vir todo o mal destruir o estado , sendo o remedio , em tal caso , momentaneo ; e de que serve , que no fim de dous annos outorguem as Cortes a necessaria suspensão ; se já talvez seja fóra de tempo , havendo já principiado a Revolução ? Se em circumstancias tão perigosas não se tomão taes providencias , destróe se de facto huma das armas mais poderosas , de que póde valer-se o Governo nos ultimos recursos , e constituem-se os Povos na triste necessidade de ver o golpe destruidor , sem o poder evitar. Deixar que as tomem , como de facto tem tomado , os Chefes Politicos , he entregar os Cidadãos ao mais atroz despotismo , he priva-los de todas as vantagens do Systema Constitucional , he , finalmente , estabelecer hum systema mais proprio para destruir , em pouco tempo , todas as Authoridades constituídas , todos os Cidadãos principaes , n'humas palavras , he pôr tudo em anarquia e desconcerto.

Com bastante dôr estamos vendo a America privada de hum dos maiores beneficios do Systema adoptado , que he o estabelecimento dos Governos de cada Provincia ; tal vez porque se acreditasse , que esta especie de isolação , sem huma Authoridade Suprema immediata , que unifórme a marcha das Authoridades , que pela Constituição devem ser iguaes entre si , causaria necessariamente divergencia em suas resoluções , prejudicando a harmonia , e união tão necessarias em qualquer estado. Seria fatigar demasiadamente a attenção do Congresso o refirir excessos , que se commettem por esta falta ; — No exercicio do Poder Judicial apparecem não menores difficuldades ; bastará expor á consideração das Cortes a necessidade , que á cada passo occorre de se resolverem duvidas da Lei na decisão das Causas Civeis e Criminaes , que sempre exigem hum pronto despacho. e Quem ha de resolver estas duvidas na America , quem ha de interpretar estas Leis ? e Deve confiar-se esta faculdade dos Chefes superiores , ou dos Tribunaes ? Ambas estas cousas são absurdas , ou pelo menos destruidoras do Systema estabelecido. Com effeito , o Magistrado , que commetter a mais escandalosa infracção da Lei , pela Lei não póde ser removido , senão depois de dois annos , isto he , depois de muitas e repetidas queixas ás Cortes na Europa , depois de muitos difficultosos passos dos habi-

tautes do Ultramar , que por força devem soffrer inauditos attentados , em quanto requererem hum tardio remedio.

Sobre todas estas reflexões , que manifestão o grande embaraço , ou para melhor dizer , a impossibilidade em que se achão os Poderes para obrarem na America , como convém ao Estado , ha outras considerações , que em nosso parecer , devem variar a marcha , que levamos. Nas presentes circumstancias , as partes da Monarchia tendem á huma mutua separação ; as Americas no pé , em que estão , não podem subsistir em paz , caminhão portanto velozmente para a sua ruina , apesar das luzes do Seculo. — Ellas nem retrocederão , nem renunciarão os seus nobres desejos de sacudir hum despotismo ignominioso , e ainda que conhecem o eminente perigo de se aniquilarem , ou de cahirem nas mãos de hum Despota Nacional , ou Estrangeiro. — Por outra parte os Hespanhoes Peninsulares , que não ignorão os seus verdadeiros interesses , percebem nas Americas hum escólho , em que naufraga a sua felicidade ; hum manancial abundante de prejuizos em todos os sentidos ; e finalmente hum carga pesadissima , que segundo a marcha principiada e seguida , terminará por debilitar o corpo politico , ou quando menos entorpecerá todos os seus progressos.

Supponhamos , por hum momento , posto em pratica o plano de huma Representação nas Americas , que por todas as razões expendidas julgamos necessario ; ¿ podem os Americanos appetecer hum plano de Governo mais liberal , melhor constituido , mais economico , e mais analogo ás idéas do nosso Seculo ? Parece que não. Regulada a nova Hespanha , pelo Plano , que apontamos , póde então desenvolver todos os seus recursos , sem o menor embaraço ; caminhando ao alto grão de prosperidade de que he susceptivel , não fica exposta ás convulsões diarias de huma República ; e prevenida , por todos os meios imaginaveis , dos bens de hum Poder Executivo , que tendo sobre si a censura do Rey , e em caso preciso , tambem a das Côrtes , não pode durar , senão em quanto for bom. Por todas estas razões devemos crer que os Americanos se interessarão em conservar este Governo ; não he huma simples theoria , porque á vista do Congresso está o exemplo do Canada , que podendo ligar-se com os Estados Unidos , não o fez , julgando melhor o Governo de que agora tratamos. E não he evidente , que mudando-se a marcha , e acce-

dendo-se aos desejos dos Americanos, tambem se mudão os interesses dos Peninsulares. Estes em tal caso receberão das Americas todos os bens, que dellas devem esperar, verão alli segunda Patria, interessar-se-hão na sua liga, do que resultará, que ambas as partes da Monarchia propenderão naturalmente para sua eterna união. Em nossas mãos está lançar os fundamentos desta grande obra. ; E não tememos a exprobração da posteridade se omittirmos ou recusarmos as medidas, que dictão a razão universal, a verdadeira politica, a justiça, e a decencia publica? ; Não somos nós responsaveis ás gerações futuras e presentes pelo sangue dos nossos Irmãos, pela separação dos Povos, pela secção da Monarquia? ... Certamente que nos não lembra hum melhor modo de desempenharmos cargos tão graves.

Nós os Deputados do Ultramar estamos persuadidos, de que para as nossas petições, devemos unicamente consultar as imperiosas necessidades dos Povos, e attender á prosperidade da Associação politica; isto he, ao primeiro objecto, que se deve propôr todo o Governo, para ser justo, permanente, e respeitavel, e para obtelo devem ceder quaesquer embaraços, ou inconvenientes. Felizmente passarão-se já esses tempos, em que as Nações erão conduzidas á ser victimas de principios isolados, ou méras theorias; já não se escutão sem horror as opiniões daquelles, que querem salvar estes principios, ainda que perega o Estado; e no seu lugar substituiu-se com verdadeira Sabedoria o axioma liberal e philantropico, de que as Leis se formão para a felicidade dos Povos, e não os Povos para serem sacrificados ás instituições. Não he todavia a nossa situação tão terrivel, que nos ponha neste ultimo caso que soffreriamos com resignação, senão poderemos harmoniar os meios de salvar a Patria com as Bases de huma Constituição, cujos principios estão commosco identificados. He verdade que ás medidas que propomos, não estão nella marcadas: ; mas como se poderia ao tempo em que este inextimavel Codigo se formou prevenirem-se todos os casos e circumstancias em que podia achar-se a Nação? Nem he dado aos homens profetisar, nem he possivel presumir que a intenção dos Legisladores seja despojar a Nação do direito imprescriptivel que tem á sua conservação, nem da Soberana authoridade, que lhe compete para dar a esse fim todas as providencias, quaesquer que sejam, nos casos urgentes, peremptorios, e extraordinarios. A ques-

tão portanto só consiste, e deve reduzir-se á resolução deste problema. = O bem do Estado pede com urgencia que se tomem medidas grandes e extraordinarias? Creemos que sim, e temos já exposto alguns fundamentos da nossa opinião omitindo muitos outros para não cançar a attenção do Congresso, a cujas vistas não he occulta que a maioria da Nação se está despedaçando, e que os nossos Irmãos afflictos levantão os seus olhos e as suas mãos para nós implorando da maneira a mais terna o remedio de seus males.

REFLEXÕES.

Quando nós traduziamos e extractavamos este Discurso, no qual se tocão muitas das nossas circumstancias, e que por isso mesmo o julgamos digno dos nossos Leitores, persuadidos que os homens são sempre sufficientemente maduros para ouvirem os seus verdadeiros interesses, com tanto que lhes sejam apresentados com clareza, e de huma maneira, que não faça nascer suspeitas de egoismo, veio-nos ás mãos o Semanario Civico da Bahia N.º 35, em que o seu Redactor, mais por condescendencia para com Portugal, do que por amor ao Brasil, ou ao verdadeiro bem da Nação toda, pretende que as Cortes devem celebrar-se em Lisboa. A intenção do Redactor he atacar a grandeza do Brasil; mas em vez de progredir em ordem, elle o faz com tal população de ideas (seja-nos permittida a expressão) que cahem humas sobre outras. Negando a congruencia e identidade de circumstancias entre o Brasil e a America Hespanhola (identidade que existe, com a differença, como já dizemos, que aqui he preciso prevenir males, e alli remediar-los parece fazer de Alexandre, cortando com o golpe = não são as mesmas = o nó Gordio, que não soube desdar; e evade-se sem mostrar-nos a desigualdade, que encontra. Depois passa á fazer hum contraste de Portugal e Brasil (e comparações sempre forão odiosas) para dar áquelle toda a superioridade. Ver homens, que tomão a penna, não para mostrarem os direitos do Paiz, em que vivem, mas para provarem que este Paiz não tem direitos, he

certamente huma descoberta muito nova ; se confrontamos porém o peso das suas razões , com as dos Sabios Deputados Americanos , e se nos recordamos do que escrevêra o Campeão Portuguez (que trasladámos no nosso N.º IV.) suppondo o Throno com assento no Brasil , todos os seus argumentos tornão-se de nenhuma preponderancia.

A guarida para onde se refugião todos os detractores do Brasil , he a sua immensa superficie de 600000 legoas quadradas , com huma população de homens livres menor (como elles dizem) de 3:000000 , e vangloriosos exclamão : que Portugal tem 3:000000 de homens livres em huma superficie de 3000 legoas quadradas. Mas não se recórdão que Portugal tem chegado á sua madureza , e já não pôde crescer ; que o Brasil situado na mais feliz posição , enriquecido de todos os dons da Natureza , começa agora a desenvolver-se ; e quem sabe á que ponto de grandeza chegará ? Quizeramos com tudo perguntar , se nesse estado de superioridade de Portugal , em luzes , forças , população , e industria poderia elle reconquistar o Brasil dissidente , se este mesmo não preparar a sua ruina , pela sua divisão , e pelo ciume indiscreto das suas differentes partes ? O outro argumento contra o Brasil he todo fundado nos abusos do antigo governo , e para elle subsistir cumpre que o novo Systema labóre nos mesmos principios desorganizantes , quero dizer , que não reúna as suas partes , não estreite suas relações , não fórme hum systema de harmonia entre todas ellas ; e pelo contrario fomete o espirito de isolamento , que até agora existia. E não devemos nós esperar algum beneficio das novas Instituições ? Argumentar com os defeitos antigos , he dizer que elles devem continuar com o actual esperançoso systema. Leis fixas e permanentes , liberdade de imprensa , liberdade politica , segurança pessoal , igualdade da Lei , não influirão nada para o augmento da População do Brasil , que aliás offerece grandes proporções para grandes estabelecimentos , que já Portugal não offerece ? Tambem não he menos notavel a razão , de que havendo na Europa huma Dieta , para onde se mandão continuamente Deputados , cumpre que as Cortes alli se celebrem , para estarem mais á ponto de observarem os resultados della ; he isto o mesmo que dizer = mettamos-nos no Volcão , para observarmos o Volcão = porém a sorte de Plinio deveria ter intimidado o Redactor. Qualquer outro julgaria ser

mais conveniente , que ellas estivessem fóra do alcance das suggestões dos Barbaros , que procuráo abafar os Systemas Liberaes. Exercitos não são passaros , que venhão pelo ar : nem se segue que estabelecidas as Cortes no Brasil , fique Portugal sem defeza , pelo contrario , quando o Throno aqui esteve os Portuguezes alli se defendêrão da mais terrivel invasão , fazendo prodigios de valor , que os eternisão na historia ; nem os Agentes Portuguezes ficão privados de communicar ao Governo de Portugal as causas de receio , e as necessidades de cautela. O motivo que dá o Redactor das instancias , que a Inglaterra fazia para que o nosso Rei se mudasse para a Europa , crêmos , e crêm todos , que he mais engenhoso , que verdadeiro. A Politica Ingleza tem hum modo differente de ver os objectos : ella estende as suas vistas mais longe , do que á hum limitado presente. Diz o mesmo Redactor , que não possui o dom de Prophecia para ver o que succederá , passados 40 , ou 50 annos : com tudo , qualquer que dos feitos presentes alonga as suas vistas ao futuro , ainda sem grande cabedal de Politica , reconhece as tristes consequencias , que se vão lorigando da falta de união das Provincias do Brasil entre si : falta que aquelle Escritor não quer perceber , talvez para não ser obrigado á descer da sua opinião tão desfavoravel aos habitantes deste vasto Continente. Quando o Escritor em huma causa tal , quer regular-se por outra maneira , que não seja huma verdade , ou hum principio evidente , está certo de perder-se : não se pôde conservar a união necessaria em todas as partes do argumento , para dar-se-lhe huma sahida incontrastavel , senão tendo-se sempre esta Bussola sob os olhos ; nem memoria , nem invenção a podem supprir : a primeira falta-lhe , a segunda trahe-o , e então dizem-se destas : = a Revolução da Bahia seria considerada como a de Pernambuco em 1817 , se El-Rei a não approvasse. = Eis aqui destruidos os principios estabelecidos pelas Cortes ; aniquilados os Direitos dos Povos , feita a satyra solemne das mesmas Cortes , que approvárão os procedimentos da Bahia , antes de saberem da approvação do Rei , e não menos censurada a conducta geral de Portugal , só benemerita , segundo os principios do Redactor , depois da approvação do mesmo Rei !!

He para o bem geral da Nação , e não para o engrandecimento das partes della , que os Governos se devem estabelecer , e systematisar. Nós não devemos tratar no

Congresso do interesse de hum dia , de hum anno , nem ainda de hum seculo : devemos tratar da Posteridade : o homem não pôde fazer nascer circumstancias convenientes aos seus designios ; mas tem o poder de tirar partido das que se lhe apresentão : este he o momento em que deve cimentar-se a boa fé , a sólida união , e a verdadeira honra. Para julgarmos desta questão , a mais interessante tal vez que se tem offerecido em Politica , he necessario abstrahir-nos de todos os prejuizos , de todas as pertençaes , e armar-nos do rigor e exacção geometrica. Já nós tinhamos ouvido o Governo da Bahia chamar officialmente = hum monstro em Politica = os dous centros de huma mesma Monarquia. Esta proposição assim descarnada parece merecer algum crédito : ; mas não será licito perguntarmos , se os dous centros (quando legalmente estabelecidos , e com as suas devidas relações) não são mais analogos á dous Reinos , que a mão do omnipotente separára com tantas legoas de permeio ? ; He menos monstruoso por ventura desunir as partes de hum centro natural , para as ligar á hum centro immensamente remoto ? Além de que , não existem em toda a Natureza centros subordinados , ordenando-se os grandes systemas de outros mais pequenos , e estes de outros mais simples , até apparecer hum perfeito e bem regulado todo ? A Bahia acesitava á hum outro alvo . mas enganou-se na expressão : temia , como nós tambem tememos , a independencia e desunião do Brasil , mas expendeu o seu receio de huma maneira , que pareceo por aquella vaga asserção cohonestar hum ciume da Metropoli , e atacando o principio de hum centro (em qualquer parte que seja) no Brasil , subordinado ao centro absoluto em Portugal , recommendava o célebre systema da Harmonia prestabilita , que só pôde existir nas idéas de hum Philosopho engenhoso.

Como pôde hum Reino tão extenso , e tão separado crescer em respeito , em força , e em gloria , sem reunir-se primeiro em si mesmo , para reunir-se melhor com a Mãe Patria ? ; Como dar estabilidade e força á esta união , deslocando todas as partes , e accendendo ciumes entre ellas ? ; Que males não vemos nós já resultar deste systema de desmembração ? A rasão , e a ordem universal das cousas , o exemplo de todas as idades nos dão sobeja massa de argumentos para concluirmos , que este Continente não pôde já mais estar em huma dependencia absoluta do outro Con-

tiante; e a grandeza da Nação exige, para conservar-se e crescer, que, ou a Sede do Governo seja no Brasil, gosando Portugal das vantagens, que mencionámos no nosso Num. IV. ou que o Brasil tenha hum Governo central seu subordinado e sancionado por aquelle, e apertado com todos os laços do Commercio, uniformidade de Rito e de Lingua, e com todas as prisões de parentesco; não haverá castigos, que não mereça o homem, que abandonar huma occasião tão util e preciosa para estabelecer a nossa união debaixo destes principios, e de maneira que ella dure eternamente, e que nossos filhos gosem em paz os bens, que lhes deixamos. Estamos bem longe de querer offender a ninguem, não somos de partido algum, mas não podemos deixar de dizer, que todos aquelles, que abraçam o systema da dependencia absoluta do Brasil, devem ser classificados ou como homens interessados, que não merecem confiança, ou como homens fracos, que não sabem ver, ou como homens de prejuizos, que não querem ver; ou finalmente como egoistas, que não se lhes importão com os males futuros do seu Paiz, e que portanto não lhes faz peso a semente de huma guerra civil, e a ingerencia maliciosa, que nella podem ter Potencias inimigas da Civilisação, prosperidade e grandeza deste rico Continente. Se esta opinião, filha da franqueza, que hoje se nos permite, e authorizada por milhões de circumstancias, que se fazem bem patentes, for taxada de perniciosa á Causa Constitucional, que defendemos com todas as nossas forças e potencias, com mais rasão taxaremos de perniciosa aquella, que exclue hum centro no Brasil, porque he impossivel, que da desunião das partes de hum todo, não resulte a sua total desunião, e porque todos sabem a maxima de Machiavel, ou do Despotismo = dividir para reinar. =

A Constituição do Estado deve ser huma só: eis a cadeia principal, eis a grande força, que deve attrahir, e ligar os dous centros; porém fazerem-se as Leis economicas do Brasil em Portugal; hirmos buscar o remedio dos males, que soffremos, á 2 ou 3000 legoas de viagem; esperarmos seis mezes para termos huma providencia, que quando chega, experimenta ainda obstaculos, parece-nos que isto dentro de poucos annos será considerado como hum jogo infantil. Dar-se-nos huma Constituição, cuja Base principal he a responsabilidade dos Funcionarios publicos, e estar em huma distancia immensa a força oppoente á

exorbitação destes Funcionarios, parece-nos hum systema engenhoso sim, mas pouco praticavel. O Poder Executivo, quando muito distante do Legislativo, abusa sempre da força, porque he de sua natureza reagir sempre contra o freio das Leis: e se pela extensão do Brasil, suppondo-se nelle hum Poder Legislativo, os recursos nunca serão, como devem ser, prontos e obvios, quanto mais tendo nós de os procurar em Portugal. Queirão os Ceos, que os nossos Deputados no Soberano Congresso tenham encetado os seus trabalhos, fazendo os possiveis esforços para se apertarem todos os vinculos de humã necessaria, mas Liberal Coufraternidade, para que tendendo todos ao grande fim do nosso Pacto Social, mutuamente nos ajudemos, como as peças de hum grande Maquina, sem nellas deixarmos escabrosidade que tólha o seu movimento, e desorganise o seu mecanismo.

Desgraçadamente ainda no Brasil não colhemos todos os fructos da nossa feliz Regeneração, que parecem estar ao nosso alcance, por isso que está muito longe de nós quem pôde fiscalisar a infracção das Bases, que todos os dias se commettem. Aproveitemos o presente para nos servir de guia no futuro: não despresemos a philosophia da experiencia. O prazer com que os Povos se arearão vendo quebrar os seus antigos e vergonhosos ferros, vai pelo tempo dando lugar á meditação dos bens, que já podião gozar; as diversas Authoridades que os chamarão á jurar a Constituição e suas Bases, quasi todas conservão erguida a mesma vâra, que os ferio terrivelmente. Não he possivel, que arripiem a carreira os que virão soltos os seus passos; mas cada obstaculo, que encontrão na marcha da sua preciosa Liberdade he hum dispertador da sua justa desconfiança; qual quer erro, que agora commettermos, será como as letras abertas na casca de hum joven carvalho, que crescem com elle, e a posteridade as lê em grossos eharacteres; evitemos incendios, que o futuro parece que deixa entrever. He indubitavel, que no Brasil, assim como em toda a Europa, e em todo o Mundo, existèm partidos oppostos; he indubitavel que quando elles se debatem, apparece sempre hum terceira facção, que aproveitando se da necessaria debilidade dos primeiros combatentes, leva quasi sempre a palma. Fugamos de que appareça hum Breno, que pondo a espada na balança grite = *Væ victis esse!* = A união faz a força do Brasil: os nos-

nos conhecimentos crescerão; a nossa população avultará; e os nossos recursos avigorar-se-hão. Rogamos por tanto aos Nossos Deputados, que reflirão sobre esta passagem extractada de hum sabio Escritor: = O saber do homem de Estado consiste em fixar o verdadeiro ponto da felicidade e Liberdade: merecerão as recompensas de todas as idades os homens, que acharem o modo de hum Governo proprio, para produzir a maior somma de felicidade individual com o menor grão de sacrificios. =

SOBRE AS RECENTES NOTICIAS DE MOÇAMBIQUE.

Quando o Sñr. Biltancourt disse no Soberano Congresso de Lisboa, fallando sobre os males da sua Patria causados pelo General Stokler, que era tempo de se acabar com os Capitães Generaes, nós dissemos: que elle fallava a linguagem de todos os Povos da Monarquia Portugueza. Seguiu-se á leitura do seu eloquente discurso a do Sñr. Parenti na presença de El-Rey, dando conta dos motivos, que obrigarão a Provincia do Pará a eleger hum Governo Provisorio; e nós acrescentamos, que quasi todos Governadores do Ultramar, seguindo aquella mesma antiga carreira, erão inimigos natos da Constituição; mas que seriam opprimidos pela opinião geral tão altamente declarada contra elles.

A' Lista dos Regos, Rubins, Castros, Tavares, São Paos &c. &c. devemos acrescentar o nome, para sempre odioso, de hum Britto Sanches, que na longinqua Provincia de Moçambique fazia mais pesada a vâra da sua Vermina oppressão, ou porque era difficiloso o recurso daquelles Povos, ou porque erão tão enormes os seus attentados, que se não acreditavão. E ignorava o antigo Ministerio que elle unido á Guedes (Ouyidor) e a Lacé (Secretario do Governo) destruião em vez de edificar, opprimindo Cidadãos benemeritos contra todas as Leis da Monarquia? Não chegarão ao conhecimento do Governo, até por nós mesmos apresentadas, as bem fundadas queixas do Doutor Lima Leitão, a quem elle perseguio, contra todas as ordens, e só fez passar ao seu emprego de Physico Mór de Gôa, quando muito bem lhe pareceo? — Mas cahio o perverso; o Povo exasperado installou hum novo Governo, debaixo da Presidencia do Bispo, para que deste modo se adoçassem os males daquella Provincia.

RIO DE JANEIRO. NA TYP. DE MOREIRA, E GARCEZ.

N.º VII.



REVERBERO

CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.



15 DE DEZEMBRO DE 1821.



Redire sit nefas.

HORAT. LIV. V. OD. II.



CORRESPONDENCIA.

(Sabará 22 de Outubro de 1821.)

Na Gazeta do Rio de Janeiro, N.º 94, declara-se :
 que a Installação do Governo Provisional da Provincia de
 Minas Geraes, sem que se esperassem os Nomeados para
 opinarem sobre ella, accelerada pelo ajuntamento da Tropa,
 fôra hum Acto desnecessario, promevido por principios
 subversivos, e effeitudo menos pelo zelo do Bem Publico,
 que por hum espirito de — Ochlocracia. —

CONTRARIA-SE.

..... docebo
 quid deceat, quid non, quo virtus, quo ferat error.
 HORAT.

A Installação dos Governos Provisionaes, authorisada
 pelas Cortes no Decreto de 18 de Abril, era, depois de

jurada a Constituição e suas Bases, hum Acto necessario, como de accessão, e de identificação ás idéas geraes, e á Reforma Constitucional do Governo da Nação. Se o consenso individual fórma o todo do corpo collectivo da Nação, que, para mover-se, exige, como mais forte, o da maior parte, todo o Cidadão honrado e benemerito deve addir o seu voto á boa Causa, e huma Provincia inteira, se todos os seus habitantes forem honrados e benemeritos, devendo ser huma, e individual a Pessoa Moral da Nação.

A conservação do Governo antigo na Provincia de Minas, e em todas do Imperio Portuguez, era diametralmente opposta á referida Reforma, e só ao — Corcundismo — poderia agradar, por não ver baquear de todas as partes o vacillante edificio do Despotismo, o qual sendo mais activo nas Provincias e Lugares remotos, tambem nestes já expirante faz convulso os maiores esforços, para reviver, e satrapear ainda.

Tendo os Portuguezes Europeos nossos Paes e nossos Terras estabelecido a santa Constituição, que juramos adoptar, manter, e guardar com affincio inabalavel, e poderiamos permanecer no servilismo e na indignidade, á que com oppressões e injustiças incriveis nos tinham reduzido? Poderiamos os Mineiros, o Povo da Montanha, não adherir aos generosos sentimentos da Nação toda, e continuar á ver indifferentemente cortarem as nossas arvores, para colherem os fructos? Se a dissolução de hum Governo não he má, senão quando ou o novo he peor que o antigo, ou a transição de hum para outro he época de calamidades, não evadimos nós de pessimo para optimo em essencia, e com a maior tranquillidade? Como o Governador, Representante do Rey, podia ter mais authoridade, do que quem lha outorgára?

Sim, está depositado nas mãos do Rey (do Nosso Adoravel Rey) o Poder Executivo, circumscripito em limites inpreteriveis pelo Legislativo. E em que mãos está este? Nas da Nação, representada nas Cortes actuaes. Logo a Provincia de Minas assumio legalmente a porção de Poder, que as Cortes lhe devolvêrão, para installar o seu Governo Provisional, subordinado ás mesmas Cortes.

O Governo Provisional deve ter responsabilidade immediata, e unicamente ás Cortes; pois do contrario se redu-

ziria a Provincia á — Status in Statu — ; não igualaria em direitos a Nação libertada do Feudalismo ; e portanto não se constituiria membro e parte integrante, e homogenea da Familia Nacional, o que a aviltaria para sempre — contempta fama, virtutes contemnantur — diz Tacito : Que desgraçada herança á nossa Posteridade !

He verdade, que se erigiu o Governo, sem concorrerem todos os Nomeados pelas Camaras, os quaes tem depois subscripto de bom grado, para votarem na sua Installação, porque a Tropa em armas convocada, sollicitada, e deprecada por Cidadãos Benemeritos, que vião a Anarquia imminente, e o tecido de intrigas, e subôrnos, (que são de notoriedade publica) tendendo ao mais terrivel dos Despotismos na soltura de hum dique, cuja alluviação, huma vez roto, não ha força, que reprima: a Tropa em armas, digo, instou, requereo, e obrigou, á que se installasse de subito, antes do destinado dia 1.º de Outubro, prevenindo-se, e obviando em tão adequado ensejo aos tramas, e maquinações premeditadas, e á explosão preparada com autimanha para o mencionado dia. Os Eleitores das Comarcas, que representavão o Povo, o qual he admiravel, para escolher aquelles, á quem deve confiar alguma parte da sua authoridade, acharão se presentes, e livremente suffragarão, vindo assim o Governo á ser installado, determinado, e prescripto á votos do Povo, em geral, nos de seus dignos Representantes, estremada, e apuradamente nomeados em reiteradas e successivas eleições. Eis o consenso unanime dos Governados, condição essencial á legitimidade do Governo.

A Profissão das Armas, a Gloria Militar he o principal Agente para hum Povo, que deseja recuperar os seus Direitos, e sahir da degradação. Os exemplos mais terriveis, que nos transmite a Historia, de Revoluções Militares são as muitas do Imperio Romano pelos Pretorianos; e com tudo o movimento começava, e atermava-se no mesmo dia.

A Tropa foi o Baluarte da tranquillidade publica; tudo cedeo á força irresistivel; e aquella sem algára, e sem parcialidade por facção alguma, deixou em liberdade plena as Eleições, que só forão insinuadas pela Rasão e Merecimento reconhecido dos Eleitores (graças á Providencia !)

Não foi portanto a Installação do Governo da Pro-

víncia de Minas huma innovação tumultuosa, e desnecessaria; foi feita pacificamente, produzida pela necessidade, inspirada por huma cõrte de grito publico, ou de accõrdo ao menos com o voto geral, ou da maior e melhor parte.

Quem e porque faz arguições contra hum Governo instalado debaixo do Palladio da Constituição, e occupado por Pessoas da mais relevante Probidade? — Latet anguis in herba. —

Senhores Governadores da Provincia de Minas, álerta... A vigilancia e firmeza, posto que feroz, do primeiro Consul foi a pedra fundamental nos alicerces da grandeza de Roma. Estabelecei harmonia nas idéas Politicas, fazei unisonos os sentimentos fraternaes da Nação. Exterminai, e proscrivei todo o espirito anti-Constitucional. Apertai os poderosos laços de Benevolencia reciproca entre nós, e os nossos Irmãos Europeos. A Rasão, a Justiça, e a Moderação sejão os vinculos, que nos unão. Consolidai a cohesão, e infrangivel unidade do Grande Imperio em ambos os Hemispherios. O Grande Architecto do Universo derrame sobre vós torrentes de verdadeira luz, para que com o compasso da Rasão e da Justiça possaes medir e calcular a nossa utilidade commum.

Alijai, e deportai para longe os satellites do Corcundismo, e os Genios malfazejos de perturbação e desordem. Retirem se, corraõ, võem, desapareção. . . .

Sois responsaveis ás Cortes, da nossa tranquillidade; dispersai, antes que se agglomerem, pequenas nuvens, logo que appareção no Horizonte.

- „ Fluctus uti primo coepit cum albescere vento
 „ Paulatim se se tollit more, et altius undas
 „ Erigit, inde imo consurgit ad oethera fundo.

VIRG.

Mineiros, não nos deixemos illudir por Seductores e Refractarios. Fechemos os olhos, tapemos os ouvidos, e sejamos insensiveis ás subtis e sophisticas insinuações do Corcundismo. Unidos pela identidade e simpatia de idéas, formaremos hum corpo impenetravel; desunidos pela diversidade e antipathia, por nós mesmos nos dissolveremos em átomos invisiveis. Ainda que a Constituição emane do Povo, o nosso apanagio he obedecer; importando acima de tudo a Dignidade, e Estabilidade dos Governos o respeito

popular ás Authoridades Constituidas. Unamo-nos com adhe-
são indefectivel aos nossos Governadores, e ás Cortes;
amalgamemos a nossa com a sua opinião; reconhecamos
que se desvelão pelos nossos interesses. Estamos no tempo,
em que a verdade (como até aqui foi o erro) será domi-
nante. Tudo se abatia e desanimava debaixo da vara do
Despotismo; tudo se excitara e viviñcará debaixo dos aus-
pícios da Liberdade. Poderemos dizer, o que até aqui não
podíamos: cultivarei o meu campo, desenvolverei a minha
industria, e ninguém terá direito de me tirar o producto
do meu trabalho; pagarei ao Estado a protecção, que delle
preciso, e minha propriedade será tão sagrada como a mi-
nha Pessoa; em quanto eu não perturbar a Sociedade ella
me defenderá de todo o incommodo.

Ah! se na transformação de hum Governo se regene-
rassem tambem os homens, que elle abrange; se se recti-
ficassem os costumes, quando se purificão as Leis, como
se produzirão facilmente felices revoluções, e se estabele-
ceria a harmonia em todos os membros da Sociedade! Mas
communmente só se alterão os regulamentos, ficando os
homens sempre os mesmos. Em huma Epoca de Regene-
ração he recommendavel e prescriptivel, que cada indivi-
duo trace hum plano de vida, sabiamente combinado, e
constantemente seguido, para reformar, e melhorar a Mo-
ral Publica, cada hum em si; com o que além da ignal-
dade de direitos, se estabelecerá, com a maior aproxima-
ção possível, a individual; e com o que se formará col-
lectivamente a Nação de Cidadãos virtuosos, no que ex-
clusiva, e definitivamente consiste a fórma, duração, e
felicidade imperturbavel dos Estados.

A Liberdade (dizia aos Polacos o Cidadão de Gene-
bra) he como os alimentos fortes, que só se digerem por
estomagos vigorosos. A Liberdade sem virtude, degenera
em licencia, e cedo ou tarde, em Anarquia, peor que o
despotismo.

Senhores, Mineiros. Constituição, e Virtude. Despre-
sai, como a Lua, os latidos dos cães, sophismas, contra
os quaes reflecte a imputação de subversivos e ruinosos.

Et peragit cursum surda Dianna suum.
ALCIAT.

EXTRACTOS DO MORNING CHRONICLE.

(CONTINUADOS DA PAGINA 60 DO NOSSO N.º V.)

A complacencia com que alguns Redactores Francezes copião dos outros, falsos e vulgares insultos contra os Portuguezes, e Hespanhoes; as reflexões, que muitos delles fazem no estilo mais vehemente e mais insultante; o modo com que torcem os factos e successos, que occorrem na Hespanha e Portugal; as sinistras intenções, que exhibem nas suas invectivas e sarcasmos contra estes Povos, são circumstancias que patentêão a perfidia de taes Escriitores, que tanto mais relevante e extraordinaria se apresenta, quando se considêra que alli ha huma censura previa, e nenhuma Liberdade de Imprensa. A conducta destas pennas venaes dá amplo lugar para suspeitas de huma natureza bem desagradavel, e que não deverião certamente existir entre duas Nações, que devem manter relações de paz e de harmonia.

Deixemos que nos advirtão sobre os meios de consolidarmos as nossas Instituições, e de proseguirmos na marcha necessaria para assegurarmos a nossa felicidade; mas não consentamos, que introduzão sismas entre nós, nem tão pouco que mal encaminhem a Opinião da Europa, insultando-nos de huma maneira a mais indecorosa, apresentando-nos ao mundo debaixo de hum aspecto bem diverso daquelle, que verdadeiramente nos compete. Mas sobre tudo, (e nunca assás o repetiremos) cumpre lembrar-lhes: que Buonaparte foi para Santa Elena, porque os Hespanhoes, e Portuguezes não quizerão ser escravos; que Luiz XVIII. foi reintegrado no seu Throno, porque os Portuguezes e Hespanhoes forão zelosos da sua independencia, e ensinarão o segredo de cortar o progresso ao Conquistador das Nações; que se a França obteve a sua Monarquia moderada, foi porque os Hespanhoes estabelecerão a sua; que se o Povo Francez está no gozo pacifico das suas actuaes prosperidades, he isto só devido á Lealdade dos Hespanhoes, e Portuguezes para com o seu Rey, a sua bravura, perseverança, e nobre determinação em não dar o pescôco ao jugo do Oppressor, a cujos pes todas as outras Nações do Continente tremendo se submettão, e cujas mãos beijavão porfiçosos quasi todos os

Soberanos da Europa: que, finalmente, se os taes desgraçados Journalistas pôdem contar se á si mesmos no número de homens livres, he unicamente porque a Hespanha, e Portugal não se quizerão contar no numero de escravos.

O Observador Austriaco, á sombra de hum grande Protector, ou talvez de mais alguns, escreve em hum Paiz, onde a Liberdade da Imprensa he ouvida com horror, e he com tudo empregada sob o escudo de huma obscuridade Methaphysica, á envilecer os naturaes fructos do Paiz, e á propagar huma linguagem formada por certos Diplomaticos, que julgão das cousas, não como ellas realmente são, mas sim como se amoldão ás circumstancias, que os favorecem. Este Redactor Austriaco, que já chamou á Constituição de Hespanha estabelecida em Napoles = Codigo da Anarquia = he do numero dos que só amão a ignorancia, e a escravidão. A Liberdade dos Povos sôa em seus ouvidos como o trovão; a palavra Constituição, o faz teritar de medo; a de Representação Nacional, o horrorisa sobremaneira. Não ha termos, que mais suavemente afflagnem as suas orelhas, senão = poder absoluto = governo arbitrario = legitimidade fundada no capricho de hum só = justiça e ordem procedentes da vontade daquelles, que ganhão ascendencia sobre o espirito dos Principes, á fim de empunharem elles mesmos o Sceptro = n'huma palavra, todas as velhas, decrepitas, e deusadas idéas oppostas ás luzes do seculo; ao progresso do entendimento humano; á civilisação da Europa, e á aquellas reformas, que tem introduzido nos Governos as idéas liberaes, idéas, que só inspirão terror á homens, que se não podem persuadir que he chegado o tempo de se governarem os Povos por huma maneira differente, daquella. porque forão governados ha cem annos.

Todavia, não se pôde combinar o como e porque o Courier, o Observador Austriaco, e as Gazetas de França hajão formado esta liga contra a rasão, a justiça, o senso commum, fingindo ignorar, que os principios, que agora invectivão, forão os que salvárão a Europa do jugo de Buonaparte, o maior inimigo das idéas liberaes, e que accusava os Soberanos da Europa de se haverem deixado occupar dellas. Concluiremos com lembrar ao Observador esses tempos, em que a chegada de hum Correio Hespanhol era olhada na Austria como a de hum semi-Deos,

recebido e tratado como hum Mensageiro Celeste, enviado em soccorro do Genero Humano, recordar-lhe-hemos esse periodo, em que o por elle chamado = Codigo de Anarquia = restabeleceu em toda a sua dignidade o Imperio Austriaco, que a não serem os Hespanhoes, e os Portuguezes, Revolucionarios e Anarquicos, estaria ainda no estado de degradação, á que o levou Buonaparte, senhor de todo o Continente, menos da Hespanha, e Portugal.

NOTA DOS REDACTORES.

He certamente para admirar que haja algumas Nações (e principalmente a Austria) que tanto fallem nos seus Direitos emanados de Deos, na legitimidade dos antigos Governos, e em todo esse vocabulario, odioso parto do feudalismo e da escravidão, em que desgraçadamente gemiamos. As Nações que abominão esta linguagem incompativel com as idéas do Seculo presente, são aborrecidas e anathematisadas. He por isto que Portugal e Hespanha são considerados pedras de escandalo, sobre cujos Povos terião já descarregado os mesmos açoites, que soffrem os infelizes Napolitanos, e Piemontezes, se as circumstancias dos seus locaes lhes proporeionassem a mesma barbaia vingança. Recordaremos ao Sñ. Redactor Austriaco hum facto historico, de que elle parece esquecer-se, e que assás favorece a nossa causa. André II. no anno de 1204 publicou a favor dos Hungaros hum Decreto, no qual se declarou o seguinte: = Se eu, ou qualquer dos meus Successores, quizer em alguma tempo annular os vossos privilegios, servos ha permitido á vós, e á vossos descendentes, por esta minha declaração, defender-vos com armas, sem que sejais por isto tratados de rebeldes. — Maria Thereza, em tempos mais proximos de nos, ractificou esta declaração; assim o manifestão os Annaes da Hungria, e Allemanha; assim está escrito na vida de José II. impressa em Madrid, no Reinado de Carlos IV., Tomo I. pag. 20. — Nem André, nem Maria Theresa recebêrão do Ceo os direitos, com que reináráo, porque se assim fosse, não terião tão solemnemente pronunçado o direito de resistencia dos Povos, para conservação dos seus foros. Desengane-se o Re-

dactor Austriaco : só os Povos tem o direito de escolher o Systema , e as Leis porque devem ser regidos.



(EXTRAHIDO DA GAZETA DE FRANÇA.)

Sois Grego , ou sois Turco ? Teremos paz , ou teremos guerra ? Eis as perguntas , que se fazem neste momento desde Petersburgo até Lisboa. Estas questões innocentes nas Sallas , nos Passeios , nos Cafés , e nos Theatros , tomão com tudo hum character muito mais grave quando são feitas nos Jornaes. Em alguns o injustissimo odio pela propaganda Revolucionaria , e a recente recordação dos Carbonarios de Napolés e do Piemonte , prevalecem , e fazem esquecer os Themistocles , os Melciades , e os Perides. Em outros , huma vocação innata para toda a especie de insurreição , e mais do que tudo , a esperança de desunir os Soberanos , que as reprimem , fez que se inflammassem de hum zelo espontaneo pela Cruz de Christo os mesmos homens , que constantemente tem blasonado de não serem em Deos. Em fim a vista de Athenas , que se lhes tem offerecido em espectaculo , vão anima-los , e servir sua causa ainda melhor do que as Proclamações de Ipsilanti.

Em hum Paiz visinho esta discussão tomou o character da alta Politica. Apenas o Christão havia derramado algumas lagrimas pela deploravel sorte dos seus Irmãos immolados pelos Moiros , e já o Mercador da Cidade (citei) de Londres , e o Corrector do = Royal exchange = fizeram valer seus direitos. Os Publicistas forão buscar tambem os seus argumentos e as suas rasões aos Escriptorios do Commercio , e custa-lhes menos o verem a Cidade de Minerva entregue á hum Eunuco preto , do que pensar que hum grande Imperador Christão poderia reinar na Cidade de Constantino. Os Estados do Sultão (exclamão elles atemorizados) são os antemuræes do Imperio das Indias.

Até aqui tudo se concebe. Porém , ¿ poder-se-ha por ventura conceber igualmente , como estes Gazeteiros Britanicos se esfórção todas as manhãs para provar-nos , nas longas columnas dos seus jornaes , que a França deve fazer causa commum com elles ? ¿ E que tem de commum a

França com os Logistas do — Strand — ou com os Fabricantes de — Manchester — ? ; Que a Cruz substitua a meia Lua sobre as margens do Bosphoro , ou mesmo sobre as do mar vermelho ; acaso as planices de Caen e da Picardia , acaso as vinhas de Burgonha e da Guiana deixarão de nos prodigalizar seus thesouros annualmente ? Estes dons Celestes são mais sólidos que a venda do Paninho , até mesmo do que os tributos dos Nababos . ; Acaso he em nosso proveito que o Indostão he cultivado por huma Companhia de Negociantes ? ; Somos nós por ventura que temos que temer , que exercitos marchem contra aquelles remotos Paizes ? Quando o Inglez grita ao Francez = sede meu Campeão = he preciso que pelo menos o Francez lhe possa replicar = Inglez qual he a tua disputa ? ; que nova Cruzada me propões = ? ; A Fé Christá , a civilisação es-tão por acaso ameaçadas ? ; A velha Europa deve acaso levantar-se para hir combater hum novo — Gengis-kan — ? Algumas vozes indiscretas se elevárão já das margens do Tamisa , e anticipárão nossa interposição ; porém nós diremos : = nossos Paes combaterão os inimigos da Fé : he a favor delles que deveríamos hoje marchar . Os Cavalheiros da Corte de Luiz XIV. corrêrão a Hungria para defender contra o Turco a civilisação ameaçada ; ; seria agora preciso que nós corressemos a Thracia para alli defendermos a Barbaria vacillante ?

Porém , que fallamos defender ? ; Acaso sabemos nós o que se quer proteger , ou a quem se pertende derribar ? Hontem os Gazeteiros de Londres não querião que se fizesse o prejuizo de huma geira de terra á sublime Porta : hoje querem arrancar-lhe o Egypto , e algumas Ilhas do Archipelago da Grecia . ; Neste plano trata-se por ventura da França ? Sim , já o dissemos : o que se queria he que ella fornecesse seus Soldados , seus navios , seu oiro , e que derramasse seu sangue . E que indemnisações se lhe promettem ? Nada , e sempre nada ? ; Só ella ha 30 annos não tem visto crescer suas possessões ; que digo ? Bem pelo contrario ella he a unica , que tem visto diminuir seu territorio . E quando hum nobre reponso , quando huma prodigiosa industria indemnisa suas perdas , hirá ella para responder ás appellações insidiosas precipitar se em novos perigos por alheios interesses ?

A espada de Bayard , e a de Turenne ainda existem em França , será preciso desembainha-las porque os Mercadores de Londres tem medo ? . . .

(EXTRAHIDO DO MORNING CHRONICLE.)

O poder marítimo dos Gregos, que tem ultimamente admirado a Europa he quasi todo propriedade exclusiva das ricas casas de commercio nas tres pequenas Ilhas de Hydra, Spezia, e Psara, onde presentemente está concentrado o espirito emprehendedor dos Negociantes Gregos desenvolvido debaixo da protecção da liberdade, e preservado com grandes difficuldades, e com muita prudencia. A casa de Konturioti em Hydra, cujo chefe possui a propriedade de 20 milhões de cruzados, e tem trinta Navios armados na Esquadra Grega he a mais distincta pelas suas riquezas, e pela grandeza de seus planos. Outras casas em proporção com os seus meios tem fornecido a 10, 5, e a 2 Navios, e as que não podem por si só, e pela pequenez de seus recursos, reúnem-se para assim fornecerem hum, ou mais Navios. A Esquadra Atheniense, que de tempos immemoriaes foi sempre formada pelas casas ricas, apresentando agora o mesmo espectaculo dá huma decisiva prova da tenacidade com que os Gregos adherem a seus antigos costumes. A força desta Esquadra assim fornecida não pôde ao certo ser avaliada, todavia elles tem perto de 150 Navios, que montão de 15 a 30 peças; outros tantos que montão de 5 a 15 peças; e tem além destes 500 outros que montão poucas peças. Os 150 Navios grandes com hum correspondente numero de pequenos estão distribuidos em 4 divisões ignaes: a 1. está postada diante dos Dardanellos, a 2. nas Cidades, e bloquêa Tessalonia; a 3. protege as Ilhas que são a chave daquelles mares, e observa os movimentos dos Navios Barbarescos, a 4. he empregada no mar Jonio contra os restos da Esquadra Turca na Etolia, e no Epiro, e bloquêa os portos maritimos da Turquia. Pequenas divisões fórmão hum cordão que prende entre si toda esta poderosa frota, de maneira que em casos de urgencia estas quatro Esquadras se podem reunir contra o inimigo commum. Parece porém extraordinario que se não falle do Almirante destas forças: mas a razão he a seguinte: Como o seu singular fornecimento he feito em commum, o seu commando varia segundo o poder com que cada huma casa concorre: todos os seus Chefes são capazes de commandar, e o fazem alternadamente; e assim como em Maratonia onde havia dez Generaes, tambem

em Myliene, e ultimamente em Tenedos, foi o Chefe do ataque aquelle em cujo dia do commando se deu a batalha.

AO PUBLICO.

Os Redactores deste Periodico offerecendo o Prospecto para a nova Subscrição do anno de 1822, protestão, que seguirão sempre o que promettêrão pela sua Epigrafe, e pelas reflexões á Proclamação do Campeão Portuguez com que abrirão a sua carreira; e animados pela benigna accitação dos seus Concidadãos protestão tambem nem se apartarem do fim, a que se propuserão em prol da Constituição, nem se acobardarem com os rumores e intrigas daquelles, que parecendo occultar a malicia e volubilidade de seus corações, pertendem taxar de maliciosos e volúveis os que diffundem as luzes necessarias no nosso actual Systema, ou proprias, ou alheas. O homem sabio sabe colhêr dos escriptos as idéas de seus Authores; o homem prudente despreza os rumores que se assoalhão sem provas; o Cidadão honrado não desanima com os feros dos que se dizem Constitucionaes para coonestarem os seus furros coreundicos, ou mais alguma cousa. Nós trabalhamos para reunir a Opinião Publica, sem separarmos os interesses da Patria dos interesses da Nação em geral. Se formos victimas da intriga de exasperados Coreundas, diremos sempre, e até com as nossas ultimas palavras: = Viva a Constituição, sem Constituição nenhum Povo será feliz.



REVERBERO

CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.



1.º DE JANEIRO DE 1822.



Redire sit nefas.

HORAT. LIV. V. OD. II.



REFLEXÕES.

Se os males causados pela Imprensa , pela mesma Imprensa se curão , como acertadamente escreve hum dos nossos bons Constitucionaes ; e se a liberdade de pensar , fallar , escrever , e imprimir , he o mais firme baluarte do nosso Liberal Systema , como já não se duvida , ninguem se deve escandalisar de que os verdadeiros Patriotas publiquem o que sentem na presente época , sem expor-se á suspeiça de querer ser despota , regulando pelas suas particulares e injustas opiniões , a opinião de quasi todos os habitantes desta Provincia , e póde ser de todo o Reino do Brasil. Os Escriptores , que aqui de pouco tempo manifestão ao Publico as suas reflexões , ainda se não desliãtão da marcha á que se proposerão ; reunindo a Opinião em seus escriptos julgão fazer hum serviço á Nação em geral , e aos nossos Deputados em particular : á aquella porque lhe facilitão o conhecimento do que se sente , sen-

do, por assim dizer, cygãos dos que pensão e fallão com liberdade e patriotismo, mas sem imprimirem as suas fallas e pensamentos; á estes, porque lhes offerecem seguros dados para as suas indicações no Soberano Congresso, estímulos poderosos, e indispensaveis para pavirem pelos interesses dos seus Constituintes, já bastantemente desgostosos pelo seu quasi silencio em materias de tanta ponderação. Este procedimento que seguimos, porque leváras amamos a Causa da nossa Política Regeneração, desejando ver contentes e fraternalmente abraçados os Portuguezes de ambos os mundos, nem he desconhecido em Lisboa, nem mais franco aqui do que lá; basta hum ligeiro golpe de vista sobre o — Astro da Lusitania — (cujo liberalissimo Redactor tão generosamente defende a causa do Brazil) para convencer ao menos cordato dos Leitores, que nós ainda somos muito áquem do que poderíamos dizer, sem o menor compromettimento, antes com verdadeira utilidade do nosso actual Systema.

Mas desgraçadamente quando pelo sacrificio dos nossos bem limitados talentos procuramos o bem geral da Nação, declarando que elle só pôde resultar da perfeita e bem consolidada reunião dos dous Hemispherios Portuguezes, em santa confraternidade, em reciprocidade de verdadeiros interesses, que não prejudiquem os Cidadãos de hum e de outro Mundo; então surge a intriga estimulada pela malicia de alguns falsos devotos da Constituição, que fingindo de combater com rasões, o que só com rasões deve ser ou destruido, ou consolidado, envenenando as palavras mais innocentes, afeiando acções até dignas de louvor, fazem apparecer a palidez da desconfiança no rosto de Cidadãos timoratos, e accendem hum rancor gratuito no peito dos perversos, sempre dispostos a acreditar o peor, com tanto que seja em descredito dos seus Irmãos. ; E temeremos dizer por isto, como já disse hum Senhor Deputado em Cortes, que hoje o termo — independencia — substitue o de — jacobinismo — ha bem pouco usado em Portugal para denegrir a honra de Cidadãos benemeritos, talvez para vinganças particulares, e quasi sempre sem o menor fundamento para tão horridas calumnias? ; Temeremos dizer, que a falta dos nossos escriptos Constitucionaes na presente época, em que o Soberano Congresso queboru as prisões ao nosso pensamento e á nossa lingua, foi sem duvida que deu motivo ao Sñr. Deputado Miranda para

dizer na Sessão de 23 de Agosto, que = duvida que ainda o mais erudito no Brasil soubesse o que era Constituição, quanto mais o seu Systema? ; Temeremos dizer que as paginas da moderna historia da França, manchadas com todos os horrores da Anarquia e de hum Despotismo ainda mais cruel, do que aquelle, de que se dizião livres, assusta e desengana os que poderião ter idéas de huma independencia Republicana? ; Temeremos dizer, que reunidos em Nação com a Mãe Patria, mas sempre com as ultimas vantagens da nossa jurada Liberal Constituição, sempre com o decóro da Cathegoria á que fomos elevados; sempre com todos os direitos que devem ter os filhos na herança de seu Pae; sempre, que direi mais? com aquella mesma representação que tínhamos, e que Portugal nunca perdêra, até achando-se no meio de nós o Throno e o Rey, temeremos dizer, que se somos grandes, seremos maiores? ; se somos ricos seremos mais ricos? ; Que outra Independencia podemos nós desejar do que aquella, que nos affiança huma sábia e bem proporcionada Constituição? Ella se exára (dirão os seus falsos devotos); mas os seus artigos ainda se discentem (diremos nós) e porisso mesmo ainda he tempo de representarmos e publicarmos o que nos convém, porque o direito de petição he livre ao Cidadão, e foi hum dos primeiros proclamados no Soberano Congresso.

; E seremos criminados quando lembrarmos a nossa justiça para as vantagens, que possuímos, e não devemos perder? ; Seremos criminados escrevendo até depois do Sñr. Oliva, esse Politico sagaz e desapaixonado que soube encerrar os interesses da Nação toda, persuadindo que o assento da Monarquia devera ser no Brasil, que hoje parece desprezar-se? ; Não são as nossas idéas favorecidas pela Politica do grande D. Luiz da Cunha, quando disse, escrevendo com acerto á Sñr. Marco Antonio Secretario do Senhor D. João V. = que era mais commodo e mais seguro estar o Throno onde se tem o que sobeja, do que onde se espera o de que se carece? = ; Não são tambem favorecidas pela Politica do grande Pombal, que apesar do seu despotismo Ministerial, ainda não teve quem o imitasse na sabedoria e sagacidade, como bem dissé hum Sñr. Deputado? ; Não olhava elle o Brasil como hum seguro refugio para os Sñrs. Reis Portuguezes (o que vimos no anno de 1807) porque Portugal na phrase dos grandes Po-

liticos da Europa ou antigos, ou modernos, corre grande risco, havendo na Hespanha hum Ministerio emprehendedor? Nós somos na certeza de que aquelles que semeão o scisma no Brasil não são amigos da Liberdade; os que se esforçoão com indiscretas calumnias, com inúteis ferros, e com mentiras até indignas de quem pensa (quanto mais dos que se dizem Constitucionaes) á assustar e acobardar os que por amor da Nação defendem os interesses da Patria, são verdadeiros Despotas, que só querem obstar o nosso geral melhoramento privando-nos de publicar os nossos desejos fundados na justiça e na razão, talvez porque não cheguem aos nossos Deputados, e ao Nosso Augusto Soberano Congresso. A Liberdade que a Nação proclamou anima o amor da Patria, o amor da Patria não pode separar-se do amor da Nação; o que dizemos em favor do Brasil, redundo em beneficio de Portugal; somos livres, abraçamos a Causa que se identificou com o nosso mesmo sangue; mas porque a abraçamos, e com tanto enthusiasmo, deveremos ser menos do que eramos? daremos caladados tudo o que possuíamos até no systema da nossa extincta escravidão, só porque se nos ensinou á ser livres? e aonde está a proclamada confraternidade?

Podessem estas nossas vozes chegar aos nossos Representantes, ainda com mais presteza, do que chegarão á nós as vozes dos primeiros Libertadores de Portugal! Sñrs. Deputados do Brasil, e vós com especialidade os do Rio de Janeiro, as gerações presentes criminao o vosso inesperado silencio, e as gerações futuras deixarão de dar bençãos á vossa memoria, senão punireis pelos nossos verdadeiros interesses, senão fizereis todos os esforços para que se apertem os laços da nossa União sem detrimento das nossas vantagens e do nosso decóro.

CONSIDERAÇÕES

SÔBRE O MANIFESTO DE PORTUGAL AOS SOBERANOS E PO-
VOS DA EUROPA, NA PARTE RELATIVA AO REINO DO
BRASIL; OFFERECIDAS AOS DEPUTADOS DESTES
REINO EM CORTES.

Se pôde a rasão atar hum dia as mãos da força, e reunir os votos de quasi tres milhões de habitantes — se Portugal, derrubando hum Governo estabelecido, firma nova ordem de cousas, sem padecer obstaculo na marcha da sua Regeneração Política — se o Brasil de accôrdo com os seus projectos, quando os povos reassumião a sua primitiva soberania, concorreo para coarctar a vontade absoluta do Monarcha que constitua despotico o Governo — se o Brasil, finalmente, além dos antigos sacrificios, ainda por ultimo annuo aos desejos de Portugal chegando a ceder-lhe a posse do seu Rei: pede a justiça e a igualdade paternal que este Reino renuncie, como he de esperar, ás pertenções que até aos extraordinarios acontecimentos de 1807 sempre conservou sobre nós; e que o Soberano Congresso, dando a este objecto toda a attenção de que se faz digno. concilie, quanto possivel for, o bem geral da Nação com o particular de cada huma das partes que a compoem; e maiormente com o do Brasil que por sua população, pela grandeza do seu territorio, pela espantosa abundancia das suas producções, pela riqueza das suas minas, pela capacidade de seus portos, por infinitas outras circumstancias, he, sem contradicção alguma, a mais importante dellas. As consequencias de hum systema de Governo para o Brasil, que não assentasse em Bases de hum puro liberalismo, em vez de contentar, talvez fossem desagradavelmente sentidas pelo resto da Nação. Quem desconhece que, á medida que este vasto Imperio fer crescendo em população, em agricultura, e em industria, ser-lhe-ha mais facil manter Portugal a abrigo de qualquer invasão estrangeira; ao mesmo tempo que, não podendo este Reino aspirar se não á sua conservação, e impedindo por outro lado o aumento do Brasil, com a menor falta de equilibrio que haja na balança politica da

Europa, ficará hum e outro exposto ás empresas da primeira Nação poderosa, que tente domina-los? Além disto a adopção de hum tal systema será talvez o unico meio de fundar em Bases duradoiras a tão suspirada Reunião Politica dos dois Hemisferios Portuguezes.

Com effeito, quando o Brasil desde a foz do Amazonas até á do Rio da Prata não tiver porto ou surgidoiro, por pequeno que seja onde não esteja levantada huma Cidade — quando desde as suas costas aos pontos mais remotos das Provincias limitrofes, não houver lugar que não esteja povoado — quando os rios tornados pela arte navegaveis, e a vencida aspereza das serras, facilitar de maneira incrivel a communicação com as Provincias interiores do Reino — quando, sem detrimento da agricultura e industria, principios estes fundamentaes da prosperidade dos Estados, parte da população poder ser empregada em huma Marinha respeitavel — quando ao abrigo das nossas Armadas, espalhadas pelos mares todos, nos senhorearmos da melhor parte do commercio do Mundo — quando, não digo só Portugal e o Brasil; porém as mesmas Provincias deste ultimo Reino se acharem unidas por laços indissoluveis, fundados em relações commerciaes mutuamente proveitosas, abstendo-se humas das especulações agricolas que constituem a principal riqueza das outras, e cedendo todas o ramo da industria áquellas, a quem a Natureza menos liberal negou taes recursos: Portugal occupará então o distincto lugar que o espera, e tornar-se-ha o árbitro dos destinos da Europa.

Se a Inglaterra não pôde gloriar-se de ser a primeira que concebera tão gigantesco projecto, parece com tudo fóra quem melhor conhecêra toda a utilidade dos seus resultados. A mudança do Throno Portuguez para o Brasil foi a primeira pedra que se lançou a tão magestoso edificio: a nova face porém que tomou a Europa com a ligada das Nações contra o seu commum oppressor, dando á Inglaterra esperanças de restabelecer o seu commercio, deixou esta de influir na execução daquelle Plano, que por via de estreitas relações commosco a devia salvar, quando Bonaparte ficasse pacífico senhor da Europa; e que em outras circumstancias lhe teria sido fatal. Por outra parte o estado em que se achava o Soberano, perplexo entre o amor ao berço do seu nascimento, a saudade dos seus Povos da Europa, e as grandes cousas de que era sus-

ceptível o novo assento da Monarchia ; e talvez erradamente persuadido de que a prosperidade do Brasil seria a ruina de Portugal ; fez com que todas as providencias fossem mesquinhas — que , sendo por sua natureza prejudiciaes a Portugal , não fizessem medrar o Brasil , como devião — e que por ultimo aquelle Reino ficasse reduzido a tanto abatimento , sem que este possa dar-lhe os soccorros , que reclama a sua penosa situação.

O Plano de que em poucas linhas acabo de dar huma idéa geral , por isso mesmo que he grande , que he de reconhecido proveito para a Nação , que he capaz de mudar com utilidade nossa a maior parte das relações existentes entre as principaes Potencias do Mundo , terá grandes obstaculos que combater da parte da politica estrangeira , disfarçados debaixo de diferentes pretextos : porém a firmeza , a constancia , a energia , principios distinctivos do Character Portuguez , tudo vencerá ; com tanto que as diferentes partes da Nação , por meio de huma confiança inteira , de huma boa fé jámais suspeitosa entre ellas , de relações reciprocamente uteis , concorrão unanimes para a felicidade geral , apesar de alguns sacrificios de cada huma em particular.

O Brasileiro , não obstante achar-se completamente identificado com estas idéas , já por amor e adhesão ao tronco seu primogenitor , já pelos desejos que tem de ser feliz ; com tudo , lendo o Manifesto aos Soberanos e Povos da Europa , não deixará de conceber receios , talvez mal fundados , de que a nova ordem de coisas faça retroceder o Brasil na marcha da sua primeira Regeneração ; no impulso que os extraordinarios acontecimentos de 1807 lhe communicarão ; impulso que deve ser melhor dirigido , mas não sustado. Eis-aqui os artigos daquelle Manifesto , que respeitão ao Brasil , e as reflexões a que dão lugar : ao Soberano Congresso fica reservado o novo ramo talvez mais glorioso da sua coroa , qual he juntar á Regeneração Politica da Monarchia a conciliação dos interesses dos dois Hemisferios Portuguezes.

“ Portugal separado do seu Soberano pela vasta extensão dos mares , privado de todos os recursos das suas possessões ultramarinas , e de todos os beneficios do commercio , parecia haver tocado o ultimo termo da sua existencia politica , e não dever mais entrar na lista das Nações independentes. ”

A ausencia do Soberano pôde ser reputada como hum das causas da decadencia de Portugal, já porque, em consequencia da grande distancia que medeava entre o Rei e aquella parte da Nação, era-lhe forçoso ver as coisas por olhos estranhos que lhas reproduzião não com as cores da verdade, porém com as de interesses particulares; já porque cessou de cruzar pelas ruas de Lisboa a multidão de pertendentes que para ali levava, e ali consummia não pequenos capitaes dos outros Estados do Reino; já ultimamente porque, em vez de receber, suppria a sustentação de seus pertendentes na Corte do Brasil. Porém semelhantes argumentos militão com igual força a favor deste Reino; e posto que elle cedesse a Portugal a posse do seu Soberano, com tudo não poderá renunciar ás acertadas e extensas providencias, que devem po lo a abrigo dos males de que Portugal naquella artigo do seu Manifesto se queixa.

Quanto á privação dos recursos que Portugal tinha nas suas possessões ultramarinas, e dos beneficios do commercio; em outro lugar desenvolveremos esta materia.

“ O commercio e a industria . . . tinham sido não só
 ,, despresados e abandonados, mas até parece que de to-
 ,, do destruidos pela illimitada franqueza concedida aos va-
 ,, sos estrangeiros em todos os Portos do Brasil; pelo de-
 ,, sastroso Tratado de 1810; pela consequente decadencia
 ,, das fabricas e manufacturas nacionaes; pela quasi total
 ,, extincção da marinha mercante e militar; e por hum
 ,, falta absoluta de todo o genero de providencias que pro-
 ,, tegessem e animassem estes dois importantissimos ramos
 ,, da prosperidade pública. ,,

A illimitada franqueza concedida aos vasos estrangeiros em todos os portos do Brasil, foi o maior golpe que Portugal recebeu; porém; como não seriam elles franqueados, se Portugal soffria naquella occasião hum apertado bloqueio, como o dito Manifesto confessa, e por consequente hia cessar de repente todo o commercio do Brasil? Levantado o bloqueio, conviria fechar novamente os portos deste Reino? O Manifesto, posto que expressamente o não declare, ao menos assim o indica: examinemos porém se he compativel com a felicidade do Brasil que se restabeleça a antiga rotina do seu commercio.

O commercio he a permutação dos generos que sobejão em hum paiz por outros que lhe faltão. Não obstante serem

aquelles generos muitas vezes da primeira necessidade para as Nações que os exportão; com tudo, como ao mesmo tempo os ha em outros paizes, sómente a commodidade do preço relativa á qualidade da fazenda he quem lhes pôde obter a preferencia. Fazendo pois applicação destes principios geraes, e estabelecendo além disto, como he inegavel, que havemos mister das fazendas estrangeiras, acharemos que, mandando, por exemplo, café para Lisboa, suppondo ainda este genero aqui e lá isento de Direitos, sobrecarregado, como fica, com despesas de carretos, alugueres de armazens, fretes, commissões de correspondentes, premios de seguro, cambio da moeda, empate dos capitaes (que assim se pôde considerar a demora na vida e retorno delles) he impossivel poder aquelle genero concorrer com o dos paizes onde o commercio he feito immediatamente entre o vendedor e comprador. Supponha se ainda o caso sempre negado de que convém aos estrangeiros exportarem de Lisboa o café, apesar do aumento do seu valor ¿ não perde o fazendeiro, ou capitalista que para lá o manda, a importancia de todas aquellas operações ?

Quanto acabo de ponderar sobre a exportação dos generos do Brasil, considerado Portugal como entreposto do commercio d'elle com os estrangeiros, por identicas razões se applica aos artigos de importação; ficando desta sorte o Brasil duas vezes lesado, ao mesmo tempo que Portugal interessa quanto as suas circumstancias lhe permitem.

A prova mais palpavel que se pôde dar em favor da preferencia que merece ao Brasil a nova marcha do seu commercio, he a extensão que este com ella tem adquirido, o que facilmente se collige do estado comparado do rendimento das suas alfandegas antes e depois da franqueza dos portos. Se aquella marcha pelo contrario lhe fosse de prejuizo, ha muito que per si mesma se teria extinguido.

A providencia tacitamente indicada pelo Manifesto, sendo de reconhecido e grave prejuizo para o Brasil, de pouca utilidade serve para Portugal. Com effeito ¿ que grandes coisas tem obrado, em que tem prosperado Portugal com o commercio exclusivo do Brasil, durante mais de dois seculos e meio? tem-se conservado. O Brasil porém, com a adopção de hum systema liberal, que lhe dê todo o desenvolvimento de que he susceptivel, não só proverá por outros muitos meios á conservação de Portugal,

mas dar-lhe ha a preponderancia politica de que gósaó as principaes Potencias da Europa.

Attribuir, como no Manifesto se lê, a decadencia das fabricas e manufacturas de Portugal (assim se deve entender a palavra nacionaes, porquanto a Corte de Lisboa jámais consentio que nós as tivéssemos) á franqueza dos portos do Brasil, he hum erro. Se a industria daquelle Reino estivesse mais adiantada, se podessem as suas manufacturas concorrer no mercado com as dos estrangeiros, terião segura a preferencia, por mais illimitada que fosse a franqueza dos portos. Ora, se as manufacturas estrangeiras, de que o Brasil necessita, deverem ser prohibidas para terem extracção as de Portugal? que esperanças podem conceber os Brasileiros de hum dia estabelecerem as suas?

“ A sua povoação (de Portugal) já exausta . . .
 ,, continuou a ser depauperada pela forçada remessa para
 ,, o Brasil de alguns milhares de homens, que depois de
 ,, terem exposto as suas vidas pela Patria e pelo Throno,
 ,, e havrem merecido descansar em tranquillia paz no seio
 ,, de suas familias, ou gosarem no seio do seu paiz natal
 ,, o premio do seu zelo e valor, forão còntinnar na Ame-
 ,, rica do Sul os pesados trabalhos da guerra, de huma
 ,, guerra, que fazendo-se a tamanha distancia de Portugal,
 ,, parece que sórente sobre este Reino tem descarregado
 ,, seus pesados golpes, atacando por muitos modos as fon-
 ,, tes essenciaes do seu vigor, e expondo-o ao mesmo tem-
 ,, po ás empresas de huma Nação visinha e poderosa,
 ,, sempre rival, e agora estimulada, e até (em sua opiniáo)
 ,, offendida, e aggravada. ,,

Ninguém ignora, e materia por muitas vezes tratada tem esta sido, que a occupação de Monte Video foi para impedir as incursões que os Insurgentes faziam em nosso territorio: supponhamos porém que outros projectos dirigirão depois o Gabinete do Brasil; ha de Portugal temer tanto a Hespanha, e esta nada recear de Portugal estimulado, offendido, e aggravado pela injusta occupação da sua Olivença? O Gabinete de Madrid tem-nos praticamente ensinado que qualquer Praça huma vez occupada, nunca mais se evacua.

A acquisição de Monte Video, já por muitas vezes abandonada á sorte das armas, he por dois motivos importantissima ao Brasil: 1.º porque ganha este Reino huma

Praça que he das principaes chaves do seu territorio: 2.º porque, abandonado Monte Video, fica exposto á cubiça da primeira Nação emprehendedora que ali quizer estabelecer-se, e o Brasil portanto com hum estranho nas suas raias, que pôde vir a ser lhe formidavel.

A' vista das utilidades que ao Brasil resultão da aquisição de Monte Video, decidão as pessoas sensatas se he politico o encarecimento que faz o dito Manifesto, dos meios com que Portugal tem concorrido para ella; encarecimento que pôde induzir a suspeitar quanto são oppostos os interesses dos dois Hemisferios Portuguezes. Se o Brasil fosse menos delicado teria factos sobejos com que responder a Portugal; e apesar de ver aquella guerra roubar-lhe braços indispensaveis á agricultura, dilacerar-lhe o seu Banco a avultada consignação mensal que para a sustentação della tem prestado; os incommodos que tem padecido as Provincias do Sul, e as dependentes do seu commercio, não tem feito huma só queixa. Porém deixando o mais que sobre este artigo se pôde expender, bastará lembrar que o Brasil veria com grande descontentamento desmembrar-se do seu territorio a Provincia Cis-Platina, se as Cortes assim o ordenassem, no momento mesmo em que os seus habitantes, reconhecendo que nem lhes convém, nem podem já ser senão Portuguezes, até pelos numerosissimos enlaces de familias comnosco, tomando parte em nossa Regeneração Politica, tem devidamente nomeado os Deputados que hão de representa-los nas Côrtes Portuguezas.

“ Em meio de tantas desgraças ainda de vez
 „ em quando se avivava nos corações (dos Portuguezes)
 „ algum lume de esperança de que El-Rei viria ao meio
 „ delles ouvir as suas queixas, e dar o possivel remedio
 „ a males tão pesados e oppressivos „

Tal era ao menos a fagueira esperança que vigorava o soffrimento de Portugal: achando-se porém estabelecido ser aquelle Reino o centro da Monarchia, o assento do Throno, a residencia do Poder, já não he permittido ao Brasil nem ao menos recrear-se naquellas idéas. O Soberano Congresso sabe por experiencia propria quanto he penosa tal situação: e tanto basta para que não deixe o Brasil em huma semelhante.

Novas considerações que não são applicaveis a Portugal, reclamão a necessidade de providencias áquelle respeito. Os Deputados do Brasil em Lisboa não podem exao-

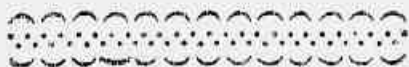
tamente informar o Soberano Congresso sobre o remedio de que nossos males carecem , e sobre medidas que promovão a nossa felicidade. Por mais ajuizado , sabio , e penetrante que hum homem seja , forma de algumas coisas juisos falsos ; e muitas outras ignora , alhéas da sua profissão. Ora quantas vezes os Illustres Deputados de Portugal , á vista de Memorias a elles dirigidas , não terão reformado juisos errados que fizessem ? Se he provavel que isto assim tenha acontecido , não obstante ser Portugal de mui limitada extensão , e ter homens instruidos em todas as classes de Sociedade , tornando-se por isso facil a communicacão e acquisição de idéas dos seus verdadeiros interesses , e que se deve esperar dos nossos , destituidos destes soccorros , que quando ainda alguem lhos quizesse administrar , poucas vezes ou nunca chegarão a tempo opportuno ?

“ Aquella esperanza foi-se pouco a pouco desvanecendo , e o Ministerio do Rio de Janeiro que talvez desviava do animo d' El-Rei o pensamento de realisa-la , até soffria de máo grado que alguma cidadão amigo da sua Patria ousasse expor ao publico as suas opiniões sobre este importante objecto , e mostrasse as vantagens de se restituir a Portugal a Sede da Monarchia. „

Se Portugal tão justamente se resente de que o Ministerio do Rio de Janeiro mal soffresse que algum cidadão amante da sua Patria advogasse os interesses della ; por huma rasão identica não levará a mal as observações que qualquer pessoa amante do Brasil , seja por ter nelle recebido a sua existencia , seja por causa de relações nelle contrahidas , expozer ao publico , mórmente tendo por fim a conciliação dos interesses de ambos aquelles Reinos.

Se todo quanto até aqui fica dito prova a divergencia de interesses entre Portugal e o Brasil , e a necessidade que ha de os conciliar ; aquella divergencia tornar-se-ha mais palpavel com a analyse do seguinte artigo do Manifesto.

CONTINUAR-SE-HA.



REVERBERO

CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.

TERÇA FEIRA 8 DE JANEIRO DE 1822.

Redire sit nefas.

HORAT. Liv. v. Od. II.

CONTINUAÇÃO DAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MANIFESTO
DE PORTUGAL

“ A idéa do estado de Colonia a que Portugal em
„ realidade se achava redusido affligia sobremaneira todos os
„ Cidadãos, que ainda conservavão, e presavão o senti-
„ mento da dignidade Nacional. „

Sendo odioso a Portugal o estado de Colonia ; pôde
por ventura ser agradável ao Brasil? O Brasileiro na
esfera de intelligencia em que se acha, conhece os seus
direitos, e não ignora as razões que os sustentão nem se
deixaria illudir (no caso sempre negado que Portugal o
tentasse) com hum nome vão, com hum voz sem sen-
tido, com o titulo de Reino dado ao paiz que habita,
quando este se visse realmente redusido ao estado de
Colonia.

“ A justiça era administrada desde o Brasil a povos
 ,, feis da Europa , isto he desde a distancia de duas mil
 ,, leguas , com excessivas despesas e delongas , e quando
 ,, a paciencia dos Vassallos estava já fatigada e exausta
 ,, de fastidiosas e talvez iniquas formalidades. ,,

Achando-se estabelecido que Portugal he o centro da Monarchia , a residencia do Poder ; acaso será a justiça administrada ao Brasil desde mais curta distancia ? Se Portugal com todos os Tribunaes em exercicio , com huma Regencia de amplissimos poderes , tão amargamente se queixa ; quanto maior rasão não tem de lastimar-se , não digo já os habitantes das Provincias maritimas do Brasil , porém os infelizes que vivem nas extremas deste Reino , separados centos de legoas dos portos de mar , e por obstaculos de toda a natureza , iguaes ou talvez maiores que o mesmo Oceano ?

„ Muitas vezes se desviavão dos olhos e attenção
 ,, d' El-Rey , ao arbitrio dos Ministros , e validos , as re-
 ,, presentações , que se dirigião ao Throno , e que não
 ,, podiam ser ao menos acompanhadas das importunações
 ,, e lagrimas dos pertendentes. ,,

Quero suppor a Constituição Portugueza não obra de homens , porém de intelligencias angelicas : em quanto a sua execução for commettida aos primeiros , apparecerá sempre a distribuição da justiça com as nodos da nossa fraqueza. A malicia , espreitando as paixões dos Ministros , saberá lisongear o desleixo de huns , e dar pasto ás vinganças , á venalidade , e á concupiscencia de outros : os validos , fingindo-se por huns lado identificados com a nova ordem de coisas , continuarão por outro lado a exercer sua pernicioso influencia : e o Brasil , as victimas destas surdas manobras da maleficencia ; tão longe das Authoridades que hão de ouvir , julgar , e remediar seus males ! . . .

“ Todos em fim concebão a impossibilidade absolu-
 ,, ta de pôr em marcha regular os negocios publicos e
 ,, particulares de huma Monarchia , achando-se a tamanha
 ,, distancia o centro de seus movimentos , e sendo estes
 ,, muitas vezes impedidos ou retardados pela malignidade
 ,, dos homens , pela violencia das paixões , e até pela
 ,, força dos elementos. ,,

Para que os mesmos argumentos não tivessem vigor a respeito do Brasil , fora preciso aproximar o centro de

seus movimentos, despir os homens de suas paixões, e mudar a natureza dos elementos: desia sorte nada estorvaria a exactidão e brevidade das providencias que podessem concorrer para a felicidade daquelle Reino.

“ Que deveria pois fazer o Povo Portuguez, huma Nação inteira em tão apurada situação? . . . Elles não são felizes, e quizerão ser-o. Pôde disputar-se a alguma Nação este direito inalienavel para sujeitar-se irrevogavelmente ao arbitrio de algum ou de alguns homens, para obedecer cegamente a huma vontade que pode ser injusta . . . e desregrada? Para deixar-se levar ao abysmo da desgraça sem dar hum passo que o desvie do précipicio, sem fazer hum esforço generoso para salvar-se? ”

Certamente ninguem pode disputar a qualquer Nação o direito que tem a querer ser feliz, nem reprehender-lhe os meios licitos de conseguil-o. A Europa, e o Brasil faz a Portugal a devida justiça; negar-nos-ha elle porém os seus desvelos, o concurso das suas luzes e soccorros para o mesmo fim?

Não se achando o Brasil no estado de prosperidade de que he susceptivel, vindo com magoa sua o retrocesso de que está ameaçado na carreira do seu adiantamento, não são os falsos principios de hum filosofismo absurdo e desorganizador das Sociedades — não he o amor de huma liberdade illimitada, e inconciliavel com a verdadeira felicidade dos homens quem o vai conduzindo em seus patrioticos movimentos — he o sentimento profundo da desgraça eminente, e o desejo de remedial-a — he a necessidade inevitavel de ser feliz, e o poder que a natureza depositou em suas mãos de empregar os recursos proprios para o conseguir. = ; Deixará Portugal de condescender com tão justos desejos?

O Brasil igualmente com Portugal reconhece que = a natureza fez o homem social para lhe facilitar os meios de prover á sua felicidade, que he o fim commum de todos os seres racionais — que as Sociedades não podem existir sem governo; que a natureza pois aconselha a existencia desse governo, e authorisa o poder que elle deve exercitar; mas hum poder subordinado ao fim, hum poder limitado pelo seu proprio destino. = Ora, quando Portugal publica principios tão luminosos e liberaes, não he de esperar que o Soberano Congresso desmintia da pra-

tica d'elles — que deixe de conciliar os interesses dos dois Reinos — que se descaide de promover a felicidade do Brasil — que o sacrifique ao proveito momentaneo de Portugal; pois desta sorte = exorbitando dos naturaes limites do poder concedido ao governo, perderia este nome para tomar o odioso nome de tyrannia. = A estas considerações convem ajuntar que sendo o clima, as produções, alimentos, as mesmas qualidades phisicas e moraes dos habitantes do Brasil, differentes das de Portugal, precisa aquelle Reino de huma legislação tambem differente, de huma legislação que apenas poderá ser bem desempenhada por pessoas que tenham d'elle pleno conhecimento.

Os inalienaveis direitos que Portugal reclamou para revalidar a sua Regeneração Politica = a necessidade inevitavel de ser feliz = são os mesmos pelos quaes o Brasil para fim semelhante reclama a attenção do Soberano Congresso. He para este grande fim que os Deputados do antigo e novo Mundo se estão reunindo: e eu me julgaria feliz, se as poucas considerações que acabo de confiar ao papel, podessem de algum modo concorrer para a felicidade da Nação — confundir os espiritos de partido, que manejando as armas da intriga, tem-nos feito conceber justos receios da nossa futura sorte — e finalmente provar-lhes que por huma reunião de interesses e de vontades = jámais deixa de ser livre o povo que o quer ser. =

POR A. J. P. G. A.



CORRESPONDENCIA

O SACRISTÃO DE TAMBI AO ESTUDANTE CONSTITUCIONAL DO RIO, SALUTEM DICIT.

Meu amigo. Li com muito prazer a tua carta, porque nella defendes o nosso encantador Paiz contra as calumnias dos Compadres de Lisboa, e sarcasmos dos ignorantes de lá, e de cá: deixa meu amigo, deixa que rosnem,

falem , e vociferem , sem ousarem responder por escrito , ou porque não são capazes , ou porque não achão argumentos para derribarem a nossa tão publica justiça , e negarem a necessaria igualdade Constitucional tão solememente declarada no Dia 26 de Fevereiro , e 5 de Junho do anno passado. As invectivas com que poucos desafogão os seus perversos corações na presença de pessoas timoratas e singelas , nem são argumentos que reduzão a silencio os verdadeiros Patriotas , nem são acções que acreditem os que se chamão Constitucionaes , só porque trazem hum tope de azul e branco no chapéo. Esta guerra , meu amigo , he mais de penna , que de lingua , ou de espada , como elles fazem , ou promettem fazer no frenesi das suas encontradas opiniões. Talvez seja todo o seu intento , fallando pelos cotovelos , dizendo cobras e lagartos , amontoando fabulas , que por si mesmas se destroem , e inventando calumnias , ou espalhando mentiras , que nem podem provar , nem tem principios de que derivassem , obrigarem nos a ser mudos sobre os ferros , que pertendem lançar-nos , sem repararem com tudo , que o Soberano Congresso soltando a Liberdade de Imprensa , quer por esse mesmo acto franquesa , e manifestação dos nossos sentimentos , os quaes sómente podem illustrar sobre a Opinião Publica , sobre as nossas actuaes circumstancias , e sobre as nossas verdadeiras necessidades. O que hoje com tanta acrimonia se vitupera no Rio de Janeiro por certas pessoas , e talvez com mal disfarçados interesses , vio-se sempre em todos os Paizes livres , e de poucos tempos em Lisboa (como testemunha o Astro da Lusitania) sem ser criminado senão ou por ignorantes , ou por perversos , que não soffrem , que escrevão os que podem , e devem fallar em beneficio da Causa da Nação , e que audaz , e indiscretamente asseverão que devemos esperar pelos ferros , por que estando representados no Congresso nada mais nos resta que a paciencia , e a resignação , como se hum outorgante se despeja de todos os seus direitos , e perde o de reclamação quando se vê trahido pelos Procuradores.

Os despresos , que nos estavam eminentes da parte dos nossos Irmãos da Europa , começárão a apparecer nas expressões insultantes do Compadre de Lisboa , ás quaes respondeo com muita politica , e comedimento o Filho do Compadre do Rio de Janeiro. Digo com muito comedimento , porque se elle transcrevesse o que contra Portugal se tem escrito , e se lê nos Livros estrangeiros , então veriamos

meninos orfãos acavallo: mas bom foi que nem nessa occasião, nem agora fossem os Brasileiros os que principiassem a contenda; mas que rechaçando-a dessem o exemplo da urbanidade com que taes questões se devem tratar: praza aos Ceos que reine a mais perfeita harmonia entre Americanos, e Europeos aqui estabelecidos, para não vermos entre nós as desgraças dos nossos vizinhos; e de véras sinto que esse bem pequeno numero, que parece levantar alguma poeira na presente época sejam verdadeiros discipulos de Luiz do Rego, que em Pernambuco accendeo essa discordia para seus fins, e por ultimo levou com sigo a Imprensa daquella Provincia, cuidando assim sepultar no esquecimento as suas mazellas, já bem conhecidas no Brasil, e em toda a Europa.

Convém portanto, amigo, que cada hum de nós escreva e publique os seus pensamentos sobre as novidades do dia, porque o Amor da Patria he o mesmo Amor da Nação, e da Constituição: se esta proclamou Liberdade, Igualdade, e Confraternidade ninguém se deve recolher a silencio, porque elle he sem duvida hum crime, quando convém expender nossos direitos, que não são nem podem ser menores de que os que forão expendidos pelos briosos Regeneradores do Porto, e Lisboa quando sacudirão os ferros do nosso antigo despotismo; se elles temêrão o systema colonial, como disserão em seu Manifesto, e se desse temor tirarão o argumento da sua Revolução, nós tambem o tememos, e com mais razão, porque o haviamos soffrido, e por huma longa e dolorosa experiencia o conheciamos: e se he huma e a mesma a materia de nossos corações, ninguém sem injustiça nos exprobrará o querer-mos ser tão livres como elles; o evitar os males, de que elles fugirão: o sacudir o jugo, que elles não tolerarão abraçando-nos com a mesma Liberdade, que proclamárão; mas que de nenhum modo deve custar o sacrificio da nossa Representação, e o retrogradamento da nossa já tão adiantada prosperidade. Tenha a maldição da Patria, e da Nação todo aquelle, que podendo advogar a Causa se conserva na estupidez da indifferença, ou na expectação do trabalho alheio: zangãos do Estado que delle recebem os beneficios, e que por elle nada fazem! quanto a mim desejava ter huma voz de ferro, e hum peito de bronze para clamar em todo o districto da nossa Provincia, para assim desenganar os que ainda pensão que somos cegos,

on insensíveis para aquillo que mais devemos desejar e apreciar. Os dados que nos offerecem as ultimas noticias vindas no Correio, ferem como agudos punhaes os cegações de todos os Brasileiros: elles se doem, pelo que observe, que adherindo tão voluntariamente á Causa da nossa feliz Regeneração se queira por isso mesmo reabisma-los no systema de colonisação, que tão claramente vai transuzindo; isolando cada huma das suas Provincias, destruindo a sua natural centralisação, afracando a sua força pelo fomento da sua desunião, diminuindo a sua prosperidade, os seus commodos, e até a nobreza daquella existencia politica a que subirão á face das Nações; e dando-lhe como titulo de honra, favor, e de merito a cathegoria de Provincias de Portugal.

Hum Medico Inglez, que aqui veio á conferencia do Sñr. F.... que Deos haja, e que he homem de muito bom senso, e muito amante do Brasil (porque desgraçadamente nós he que o desapreciamos, e damos tratos á imaginação para achar sofismas com que provemos a sua nullidade á vista de Portugal) disse, conversando com o nosso Reverendo Vigario, que escreve Malthus, hoje hum dos primeiros Economistas da Europa, que o motivo principal das revoluções era a falta de empregos para muitos sujeitos dignos delles. Não quiz a principio acreditar esta opinião singular, e quando me disse o Padre Coadjutor, que he homem muito lido, que o Soberano Congresso prohibio a accumulacão de Officios, em hum só sujeito, acreditei que elle pertendia acautelar grandes males na Nação, seguindo a doutrina de Malthus para ter maior numero de contentes. Mas eis que este meu conceito, de repente se desvanece, quando me dizem que agora se extinguem os Tribunaes do Rio de Janeiro, retirando-se o Principe com toda a sua Familia, e por isso mesmo retirando-se a nossa representacão Brasilica. Se a falta de empregos, disse com os meus botões, para muitos dignos delles, move as revoluções, como escreve o Economista Inglez, tantos serão os Empregados que se apearem, tantos os individuos de suas familias, quantos os descontentes, e porisso mesmo inimigos da boa ordem tão sinceramente esperada pelos que jurámos a Constituição.

Eu tinha ouvido dizer, que a Igualdade era a Base do Systema Constitucional: e que a Liberdade era franca, e generosa; que respeitava os direitos alheios; que não ti-

nha ambição de commandar; e que só anhelava repartir com todas as Nações os bens de que ella he dispensadora: mas em tremo quando oiço que a Liberdade de Portugal tem outro modo de encarar os objectos; e que os seus desejos são, quando muito, que tenhamos huma representação ou huma liberdade méramente virtual, porque a não ser esse o seu fim, não nos quereria enredar nos males de que se arranca. No começo da sua Regeneração, entre receosos, e esperançados, dizião os Portuguezes " que não contavão com o Brasil porque era notorio que elle queria ser Nação independente ., e agora em paga do desmentido solemne que demos a essa opinião, e do esforço, generosidade, e enthusiasmo com que adherimos á sua Causa, e jurámos a sua futura Constituição nos querem reduzir á mesquinha sorte de Provincias de Portugal, desligadas entre si, privando-nos de bens, que possuimos com o Governo, que abandonámos? & E não se lembrão, que a desordem, e a anarchia reinão sempre nos paizes onde o ponto central he destruido, onde não existe unidade de acção, nem concentração de poder, e de vontades? Só se lembrão que quando a moral organização de hum Estado he destruida no centro daquelles limites que lhe forão traçados pela natureza, não subsiste por longo tempo nesse Estado nem Liberdade, nem Independencia!! Contarão demasiado com a nossa alardeada ignorancia; e não antevirão o que o amor da Liberdade pôde em corações que amão a sua Patria, e que conhecem os seus recursos.

Hum velho calenlista que temos na nossa Freguezia, disse ha poucos mezes " que não duvidava apostar que os Sñrs. de Portugal pilhando lá El Rey mudarião de fraze a nosso respeito, e tirarião todo o partido da mudança do Throno para melhorarem de sorte á nossa custa, e com o nosso descahimento. ., A Prophecia ainda não está de todo verificada. porque segundo o geito que o recado leva, elles devem attender ás nossas representações: mas se as não fazemos ella se ha de realisar; e porisso que = quem calla consente = he preciso fallar, e fallar muito, e com muita energia. Graças, que hoje ha mais de hum que esereva pelos nossos direitos, que são os direitos da Nação toda: apparecerão outros e outros em beneficio da nossa Causa, que por ora parece hir á revelia. Desenganem-se os falsos zelosos de Portugal, o crescimento do

Brasil fará a Grandeza e a Felicidade de Portugal; e a sua escravidão não lhe produzirá vantagem alguma real: sirva-lhes de prova os 300 annos passados: o Brasil era avarentamente guardado, e Portugal nunca deixou de ser considerado na Europa como Potencia de segunda Classe: extrahio das suas minas por hum calculo aproximado do anno de 1700 a 1821, 45U288 arrobas de Ouro além dos Diamantes, e do monopolio do Pão Brasil, e Portugal foi sempre pobre. Tristissima idéa! Política erradissima! Querer engrandecer-se huma parte da Nação á custa da decadencia da parte maior della!! Quizera com tudo argumentar com alguns Sñrs. que julgão tudo bom o que se diz em Lisboa, e perguntar-lhes (com toda a moderação e respeito) porque he indecoroso estar S. A. R. no Brasil? Pois nunca o foi estando aqui toda a Corte, quando os Sñrs. de Portugal fizeram a sua Egira, e agora o será quando já temos Principes Brasileiros? Indecoroso he fomentar a isolação das Provincias do Brasil com o Principe, que deverá ser nelle o centro de suas relações, para communicar-se melhor com o centro commum: indecoroso he o dizer-se delle, do jurado herdeiro presumptivo da Monarchia “ que póde aprender as lingoas nas quatro primeiras estalagens que frequêntar, viajando talvez contra a sua vontade? Se os Senhores Deputados não são responsáveis pelo que dizem no Soberano Congresso, tambem não devem levar a mal, que manifestemos os nossos sentimentos sobre as suas expressões, quando ellas offendem os interesses geraes da Nação: os Redactores de Lisboa nos dão exemplo, e nós aprendendo delles a ser livres, e Cidadãos diremos “ que não parece muito decoroso o conceito que dos Brasileiros (além de outras muitas expressões igualmente affrontosas) formára o Senhor Miranda na sua Falla de 23 de Agosto, em que avança = que duvida que no Brasil o mais erudito saiba o que he Constituição quanto mais o seu Systema. = Não nos parece igualmente muito lisonjeiro, o que pelo mesmo motivo disse o Senhor Borges Carneiro = que a Tropa fizera tudo no Brasil para o Juramento da Constituição, e que era necessario Tropa para a sua conservação. = O Illustre Deputado fallou sem duvida contra o que sentia, porque quem tanto cabedal de Política tem mostrado em seus discursos, de certo conhece, que em taes casos a força moral resultante da opinião prevalece sempre á força pñsica, ainda quando

esta triunfa por alguns momentos. Não temo fallar deste modo, nem tão pouco que os inimigos da minha Patria me acusem de — Republicano —; sou Portuguez, amo a união fraternal do Brasil com Portugal, e odeio a Democracia; o que eu não quero he a degradação, a vileza, a escravidão do meu Paiz: o que eu não quero he que se lhe tolha a carreira da sua prosperidade: he natural o desejo do crescimento e da felicidade; e he violenta a retrogradação na marcha della. Nem estes meus reparos são novos, nem devem escandalisar aos Sñrs. idólatras de tudo o que em Portugal se diz: não são novos porque no mesmo dia 23 de Abril, em consequencia do que disserão aquelles sabios Deputados, exclamou o Sñm. Castello Branco = Queira Deos que os nossos tachigrafos por huma casualidade não copiassem o discurso sobre huma opinião tal como a que o Illustre Preopinante acaba de pronunciar; e se por huma fatalidade o escreverão appareça a par delle a contrariedade que merece: não deve escandalisar, porque todos, e cada hum de nós tem obrigação de desafrontar a Patria e os seus Concidadãos de quaesquer asserções, que encontrem ou a sua honra, ou a sua favoravel, justa, e bem necessaria Opinião.

Não parece tambem muito decoroso o procedimento que se tivera para com os presos de Pernambuco, victimas da barbaridade de hum homem, que nunca devera passar de Commandante de Brigada... Hum Stockler, que fez correr o sangue de seus Irmãos: que se oppoz com mão armada as Leys do Soberano Congresso; a quem desafiou e afrontou, teve hum cárcere decente, teve licença para medicar-se nas Caldas, apenas guardado por hum politico Alferes; e as 42 victimas de L. do R. são promiscuamente recolhidas no Castello de S. Jorge; são privadas, no primeiro dia da sua reclusão, d'agoa e das suas proprias camas: são escoltadas das praias, em que desembarcarão, por 80 homens de pé, e de cavallo... á toque de caixa... como facinerosos!... Isto he não ter em vistas o homem e o crime, mas sim exterioridades, respeitos, &c. &c. E será deste modo recebido o Author de seus malles, esse Tigre agalado, contra quem elama vingança o sangue e o fumo das queimadas victimas, mulheres e crianças, que se refugiarão em hum Templo, que elle fez incendiar; e que para poder soltar infrene os diques ao seu despotismo, maculou com o ferrete de huma

por elle sonhada, ou desafiada = Independencia = os que só querião a Constituição e os seus fructos? Não de certo: antes já teve defensores, que o inculcassem = Governador benemerito, por isso mesmo que fora bravo soldado. = Ah meu amigo, quando ouvi ler ao meu Reverendo Vigario no Astro da Lusitania, que o desembarque daquellas 42 victimas do despotismo gubernatorio militar fora no dia 19 de Outubro, isto he no seguinte, ao em que se havia pomposamente solemnizado o anniversario da morte de Gomes Freire, e outros infelices Martires da bem conhecida Octobrisada, exclamei na minha patriótica indignação " que horroroso contraste!.. E não haverá quem marque na posteridade este dia memoravel, para ser tambem digno do luto e das lagrimas do honrado Brasileiro, que ama a Constituição? ", Não haverá, (respondeo-me hum Amigo que estava presente) mas houve sim quem tornasse á hum dos Sñrs. Deputados de Pernambuco, que pedia se tratasse da sorte daquelles infelices = não he caso urgente!!! =

Tambem tenho ouvido a quantos vem da Cidade que os Nossos Deputados estão feitos quasi mudos expectadores das deliberações do Congresso á nosso respeito. Não me admiro dos trez, que ha tantos annos se achavão daqui ausentes, ignorando o espirito publico e as circumstancias do Brasil nestes ultimos tempos; mas o que sem indignação não tenho podido ouvir, é que he Deputado por = excellencia = de quem se esperavão maravilhas alli persiste mudo e quedo!.. Que forte motivo terá elle para hum tão profundo e extrauhavel silencio? = dicant Paduani! = A lição de Bonin, Sidney, Bentham, e outros, exige mais applicação, do que a dos Praxistas in-folio, que atulhão as estantes dos nossos Advogados. Mas deveremos nós tambem ver mudos e quédos lavrarem-se os actos da nossa nunca pensada degradação!.. Para quando guardaremos as nossas representações?... Para quando talvez já esteja desenrolado o pavilhão da discordia?... Para quando huma guerra civil, rolando o seu carro sanguinoso, tornar inimigos aquelles, que a Providencia, e a Natureza ajunta para constituirem huma só familia?... Para quando excitado hum ciúme, não só imprudente, mas até mesmo execravel de Provincia, á Provincia, de Povo a Povo e de Europeo a Brasileiro, tivermos perdido união, força, amizades, parentesco, repre-

sentação, e braços?.. Oh! scena de horror? oh! quadro lastimoso! e como não assustes aos indifferentes na nossa crise actual!...

Já se me figura escutar-te á dizer, que me não devo metter a Politico, falando em cousas, que não são alfaias da Igreja de que sou sacristão; perdoa, meu Amigo; o bem da Patria, que deve sempre ligar-se ao bem da Nação, he materia sujeita ás discussões de todo o Cidadão honrado; no perigo em que somos, he hum crime o silencio; só o malvado egoista he que vé, a olhos enxutos, os malles da sua Patria, ou os daquelle Paiz que lhe tem dado estimação, riquezas, e horas. Sofrer e callar he philosophia de fracos, em que o despotismo assentou sempre o seu imperio. Callar!... e como!... Nós vimos o Throno estabelecer-se entre nós; fizemos sacrificios inauditos, adoçados pela espectação de hum futuro grande, e digno do nosso Paiz; nunca appellámos = gente do Cirio = aquelles que acompanhárão o Monarca, quando pela sua retirada de Portugal salvou o decóro da sua Pessoa, do seu Throno, do seu Reino, e talvez o decóro de algumas Nações da Europa; em 1821 consentimos na separação do Rey, porque tinhamos no Principe hum centro necessario, assim como Portugal nelle queria ter, se El-Rey não cedesse ás suggestões, dos que tanto se empenhárão na mudança do Throno, por interesses particulares; e agora querem privar-nos deste penhor da nossa sempre desejada tranquillidade; deste vinculo da nossa tão preciosa quanto necessaria reunião com Portugal? e para mais agravarem a nossa dor em perde-la, dizem, que não he decorosa a estada do Principe nos braços daquelles, que o virão crescer, adiantar a linha dos nossos Monarcas, augmentando a nossa gloria, por haver elevado o Rio de Janeiro á ser Patria de Principes?. E se o indecoroso consiste em estar o Principe ex-Encarregado do Governo desta Corte ou Cidade, pela impiamente fomentada desmembração das nossas Provincias, e porque rasão em vez de o arrancarem do nosso seio, não reorganisão a necessaria reunião dellas, e não estabelecem nelle a necessaria centralisação? e Não fôra isto mais obvio, mais rusoavel, mais philantropo e liberal, do que esse Governo, com que debaixo do titulo de Provisorio, substituem os já = provisoriamente = estabelecidos, talvez com menos incoherencias, menos sementes de discordias, e

de certo menor arbitrariedade em hum Militar Capitão General, ou Governador das Armas, que he questão de nome? E será decente á hum Povo livre chorar callado, sem queixar-se da injustiça dos seus Irmãos, sem procurar na sua afflicção hum remedio, que mitigue a sua dôr? Já não he tempo de condescendermos cegamente com aquelles, que meuos sensiveis, só nos persnadem o esperar bens de tão funestas disposições: o Cidadão, que lê no presente os acontecimentos do futuro, deve estar certo, que authorisa os seus argumentos com a justiça a mais decidida; e se o seu patriotismo não rompe por todos os embaraços, para acautelar grandes males, abrindo os olhos dos seus Concidadãos sobre os seus direitos, e sobre os interesses geraes da Nação, eu não sei que elle possa ter hum melhor ensejo para ser digno da Patria, porque prevenir desgraças com meios decorosos, he melhor sem duvida, do que remedia-las, ainda com grandes, e difficultosos sacrificios. Dissipemos, em quanto he tempo, a pequena nuvem que se levanta em os nossos Horisoates; ouçamos o grande, e Antigo Arcebispo de Malines, para que os nossos receios não se taxem de visões futcis.

“ Que os negocios da America se tratem na America, e os da Europa na Europa, e tudo hirá bem. „

“ Não ha duvida que o Brasil se despeçaria de Portugal, se o Portugal não viesse reunir-se ao Brasil. „

“ O Rei abriu todos os Portos aos Pavilhões de todas as Nações; que deverá resultar? A independencia absoluta deste Paiz, a sua separação de Portugal pela impossibilidade de o fazer retrogradar do Commercio de todo o mundo, para o tornar ao exclusivo de Portugal. Tambem se o Soberano estabelecido no Brasil reverter para a Europa, deixará apoz de si a independencia estabelecida nos Escriptorios do Rio de Janeiro. „

“ A Europa assignando o Tratado, que deu a Liberdade á America, assignou a Grande Carta da emancipação de todas as Colonias. „

“ Todos os esforços das Metropoles para contrariar esta marcha, são perdidos; a sua arte deve consistir em ob-servar o desenvolvimento das suas Colonias, seguir os seus progressos, regular-se por elles, para evitar de travar-se com ellas por extemporaneas restricções, ou per-tenções; ceder quanto he razoavel; conceder mesmo antes que requeira; substituir os laços da amizade, e

„ os do reconhecimento ás leis imperiosas da authoridade ;
 „ que o tempo tem enfraquecido. O esquecimento destes
 „ principios custou á Inglaterra a feliz perda dos Estados
 „ Unidos ; custa neste momento á Hespanha a de suas
 „ Colonias ; que ella ainda procura reter , sem saber por-
 „ que , nem como. „

Nem he sómente este célebre Publicista quem assim se exprime quando maduramente consulta as circumstancias actuaes da Europa , e das Colonias : citaremos as expressões de hum dos mais illustrados Membros do Soberano Congresso Lusitano , que até parece exceder os nossos desejos e requintar sobre a nossa opinião. He o Senhor Moura , que nas suas reflexões sobre o Pacto Social a fol. 81 diz = o Brasil deve ser independente , e só ligado a Portugal por vinculos de amizade , e por tratados de alliança , e Commercio , igualmente vantajosos aos dois Estados. =

¿ E não fazem hum serviço á Nação , todos aquelles , que vendo aproximar-se o momento do = alarima = (pela retirada do Principe) clamão que se dirijão ao Soberano Congresso ardentes supplicas , e fervorosas preces ? Existem partidos . he verdade , mas tambem he verdade que elles engrossão , aproveitando as circumstancias , que se lhes apresentam favoraveis , para se tornarem mais ou menos preponderantes. Desunirão-se as Provincias , sim , mas ainda o respeito para com o Herdeiro do Throno Portuguez , não tem quebrado todas as relações , que talvez desapareção na sua retirada. Se encontrados interesses separão alguns individuos da opinião mais geral de Brasil , sendo , como he , huma só e a mesma a causa de todos , os individuos se reunirão , conservando-se o necessario centro neste grande Reino , debaixo da nossa Liberal Constituição , com todas as circumstancias , que competem á sua Cathegoria , que conservem a grande Carta , que se está exarando , que eternamente liguem os dous Emispherios Portuguezes. Este centro , no estado actual dos negocios , nem pôde , nem deve ser outro que o Augusto Principe , deixado para nos reger , e que tem de Reinar succedendo á seu Pae. ninguem melhor promoverá os interesses do Brasil , do que aquelle em quem a Nação toda reconhece hum futuro Monarcha ; ninguem estreitará com mais amor , e energia as relações dos trez Reinos de que se compõe a nossa Gloriosa Monarquia , do que aquelle que ha de ser o seu Rey , e que deseja a gloria da Sua Augusta Dynastia.

Mas se he proprio de hum filho respeitoso obedecer aos Decretos de seu Pae , tambem he proprio de huma Povo livre e generoso , de hum Povo , que se quer pôr á salvo de futuros males , representar com energia , pedir com decencia , protestar com vistas no bem de todos , que S. A. R. demôre a execução do Decreto para a sua retirada em quanto com toda a possivel brevidade se representa ao Soberano Congresso a nossa justiça e o nosso perigo , e se declara a nossa voutade , e o nosso quasi esquecido interesse ; porque sendo tudo isto em benefício da rennião dos dous Mundos , seremos attendidos de certo. O zelo pelo bem Nacional , combinado prudentemente com o bem da Pátria , nunca será hum crime ; nem he crível que o Soberano Congresso conte em menos o Povo do Brasil , do que o Povo de Portugal.

Não he por tanto com tumultos populares , que se fazem estas representações ; não he com sarcasmos , e menos com armas , que se deve manifestar a nossa justiça ; a justiça por si mesma se recomenda. O benemerito soldado , que só he soldado ou na fronteira ou na brecha ; he Cidadão benemerito no seio da Patria , e he Liberal com os Liberaes ; só a força Moral deve ser empregada em taes occasiões ; o direito de petição he livre : são livres as assembleias presididas por hum Magistrado. Dirijão-se por huma semelhante forma os nossos requerimentos ao Principe . protestando-se-lhe os nossos sentimentos Constitucionaes , e a nossa veneração ao Congresso Soberano. Nem os Liberaes da Europa , nem os do Brasil crimirão este passo aconselhado pela Prudencia , nem o Augusto Congresso deixará de annuir ao que lhe representar-mos em prol commum deste Reino e de toda a Nação.

Estas sentimentos de hum pobre Sachristão de Tambi , que apenas traduz = Cornelius Nepos = , são os de todos os bons Portuguezes , que ardentemente dezejão ver consolidada , e para sempre feliz a Nossa Gloriosa Monarchia. Os que parecem oppositos , de certo tem interesse nas perturbações , que se podem originar da retirada de S. A. R. Fugamos destes homens , como de furiosos , que ameação , e não argumentão ; como se a Liberdade Constitucional devesse ser recomendada á pontas de baionetas ; e com procedimentos , que só inculcão despotismo. Os amantes da Patria , do bom senso , e da Nação , só que-rem hum centro neste grande Reino , sem se desatarem

as relações, que o prendem aos dous da Europa, mas sempre com equilibrio de interesses, e de honra.

A Deos amigo basta de politicar; peço-te por ultimo que não despreses as reflexões do

Teu Amigo Sachristão.

(EXTRAHIDO DO DIARIO DÁS CORTES N.º 160.)

O Sñr. Abbade Medrões. Se nós soubessemos com certeza, que havia lá hum partido, muito bem; mas como o não sabemos, motivo porque eu assim me explico. Logo que elles souberem que El-Rey jurou a Constituição, e que o Principe Real volte para — o seu Reino —, ficará tudo em socego e tranquillidade. Se houvesse huma necessidade evidente, eu estaria porisso, mas como a não ha, porisso o não julgo de absoluta necessidade. Além destas rasões nós estamos a clamar que não ha huma camisa, nem hums gapatos para se dar aos Soldados; e havemos agora ir gastar tantos contos de réis com a expedição? A cousa, Senhores não he para brincar.

O Senhor Borges Carneiro. As consequencias que movêrão o Congresso a dar providencias para irem tropas, são as mesmas hoje. Não ha duvida nenhuma que as tropas que estão no Rio de Janeiro devem regressar, pois que assim se lhes prometteo por hum Decreto, que se lhes deve promptamente cumprir. Eu estou informado que estes Soldados tem muito dinheiro: porque alguns delles ha, que além do seu soldo, ganhão 40000 réis por dia pelo seu trabalho, e já se vê que vindo estes homens, era dinheiro que vinha para Portugal!!! Esta tropa não vai com o aspecto de restauradora; não Senhor; não he assim; mas vai como huma guarnição ordinaria, que se manda para aquella Cidade, como para outras muitas: vai como huma guarnição encarregada de manter, a boa ordem, e de fazer respeitar a Junta, que se vai formar. Supponhamos que a vontade geral da Nação he a Constituição; mas por ser assim; segue-se que todos querem a Constituição? Não: porque, de querer huma coisa, não se segue que estejam já conformes com as ordeus, e factos, que dahi se seguirem.

RIO DE JANEIRO. NA TYP. DE MOREIRA, E GARCEZ. 1822.

N.º X.



REVERBERO

CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.



TERÇA FEIRA 15 DE JANEIRO DE 1822.



Redire sit nefas.

HORAT. Liv. v. OD. II.



CORRESPONDENCIA.

Sñrs. Redactores.

..... Crescunt divitiae, tamen
Cur nescio quid semper abest rei.

HORAT.

A divida do Thesouro Publico, tanto em Lisboa, como no Rio de Janeiro, tem excitado bastante attenção; eu alli, ou nesta Cidade, se hão adoptado systemas, e dado ordens, que fazem rir a uns, chorar a outros, e admirar a muitos. Nada he mais futil que o medo, que occupa, já não digo a populaça, mas a homens de huma certa ordem (onde se deve presumir senso commum) de que a tal divida nos esmague, ou empêça a marcha e o progresso da felicidade destes Paizes. Não ha Nação na

Europa, que não tenha huma divida publica, nem he pequena a do unico Governo, que ora a America tem; e todavia este avança a passos de Gigante a equiparar-se com as maiores Potencias. Mas os nossos Administradores, ou surdos á voz da experiencia, ou tímidos de orgulho, não querem ver o como alli se administra e maneja este negocio; talvez meditação, ou amadurecem grandes planos, mas o que vai sahindo á luz não faz muita honra ao seu saber. Com effeito, se em qualquer dos Paizes, que tem huma divida Publica se dissesse: que para amortisa-la se deixava de pagar, aos que comem do Thesouro, metade do que se lhes prometteo, e de justiça se lhes deve para se lhes pagar quando o Thesouro se desempenhasse, parece-me que os Financeiros daquelles Paizes justamente admirados exclamarião = onde he que se escondeo até agora este segredo de matar a fome a huns, para que outros tenham mais alguma cousa? Em que chareo se occultavão estes Cisnes em Administração? = Com que piedade não lerão elles que ha hum Governo, em cujos cascos se metteu, que a boa Administração depende da mesquinharia e máo pagamento dos Ordenados? Quem acreditará, que se quer fazer lasarar de fome a huma Viuva e quatro Filhos (a quem seu Pae só deixára annos de serviços) dando-se-lhe duzentos, dos quatrocentos mil réis, que se lhe devem, e que ainda por inteiros, apenas chegavão para hum grosscero alimento? O certo he, que estes Planos tem ressaibo de egoismo monstruoso, que talvez fórma o character dos Financeiros Portuguezes, e partem de pessoas, que estão a coberto da férrea necessidade, e que de ferro tem o coração, para se não affigirem com o quadro de tanta miseria; entretanto que vivem nos braços da abundancia, preconisão aos outros a economia, ou antes a desgraça!; que soberba moral!!!

Ainda porém que se tenham dado ordens, e feito discurtos, que indicão haver huma divida Nacional Portugueza, com tudo, ninguem ainda designou terminantemente a sua somma. Eu, que nunca foliei os livros sagrados, que occultão este ridiculo mysterio, digo, que a divida Nacional Portugueza montará ad plurimum a 100 milhões de cruzados. Ora quando eu sei que as rendas desta Nação sobem a 40 milhões e que a Propriedade Portugueza excede a 6000 milhões, não posso deixar de lastimar-me que estando esta divida na razão de 6 por cento para com

a Propriedade ; e de quasi 40 , a renda annual para com ella , hajão Financeiros desconfiados , que recebem a nossa perdição , se nos não abstemos de pagar a quem devemos por inteiro , e não acudimos á amortisar toda a divida.

Não ha hum só Caixeiro , que não concidere a seu Amo rico , e com razão , quando sabe que elle tem 100 , deve 6 e vende por anno dous e hum terço ; por que (diz elle) Para que meu Amo pague os 6 basta que se resolva a não gastar os 2 e terço nas despezas annuaes ; com o economisado pagará , sem de novo surtir a Loge , os 6 que deve , em muito pouco tempo , e ficará rico em toda a extensão da palavra. Ora , quando o Caxeiro assim se explica , não conta que o Amo o matará de fome , pelo contrario está seguro , que nem lhe diminuirá a mesa , nem lhe encurtará o salario : conta sim que não dará funções , não jogará , nem terá por algum tempo certos outros desvios. Redusamos isto á linguagem de Financeiros : não dando o Thesouro Nacional mais pensões ; não augmentando o numero dos Empregados ; determinando aquelle , que he necessario em todas as Repartições , para nunca mais preencher os conciderados superfluos , que vagarem , deixando á Natureza os pensionados existentes , que boa conta dará delles ; animando assim a industria , melhorando a arrecadação , fulminando os malversadores , castigando o peculato , reformando os abusos , cortando o desnecessario , punindo os vicios , e premiando a virtude , não se passarão dez annos , sem que se veja com fundos em demasia ; e em circumstancias de dispor delles , como bem lhe parecer.

Na Inglaterra a renda annual monta á 60 milhões de Libras esterlinas , as quaes usando de conta redonda são iguaes á 600 milhões de Crusados : a sua divida Nacional somma 600 milhões esterlinos , desprezadas algumas dezenas , os quaes equivalem a seis mil milhões da nossa moeda ; avalião a sua propriedade em 500 mil milhões de crusados : isto he , a renda annual está para com a divida na rasão de dez por cem ; e a divida para com a propriedade na rasão de oito e hum terço. Ora , á excepção de algum desorientado radical , nenhum Inglez deixa de comer o seu Roast Beef e de beber a sua cerveja com satisfação , e em perfeito esquecimento da tal divida : nunca á Inglaterra faltou quem á porfia lhe ministrasse emprestimos , quando os precisa , nem o seu Governo teve

jámais a idéa de ruina Nacional por causa da dívida nem deixa, quando lhe convém, de dizer á Europa inquieta = ou socega, ou teme =

Não fallarei das dividas dos outros Povos, por que para exemplificar a materia basta a citação de hum só. Se aquella Nação dorme descansada, tendo huma divida maior que a nossa em proporção da sua renda, e da sua propriedade, ; porque andaremos nós a fazer escarcéos por tão pouca cousa, amedrontando a huns, desconsolando a outros, e causando lastima a certos, porque lhes peja ver manejaudo as cousas quem as não estuda, quem não se applica á conhecer os fundamentos, e os recursos do objecto, de que estão encarregados, e que só cuidão de ostentar hum estúpido orgulho, dar respostas evasivas, ou lembrar systemas, que desdoirão a Nação, desacreditão os Authores, e nos aliuhão com os barbados habitadores de Bizancio?

Ainda está por acontecer, que desde que ha Governos, finde o dia 31 de Dezembro, ficando saldadas as contas, sem debito o balanço publico annual; sempre a Fazenda deveo, e sempre o Mundo Politico existio com estas dividas. He verdade porém que desde que ha Governos, ainda não honve hum, onde os seus Palmaros se empregassem em fazer do Estado da Nação huma pintura tão deploravel, que pouco falta para crê-la no sepulcro, e isto para que o mundo, que os ouve os repunte necessarios. Desgraçadamente só entre nós he que se ouve á hum dizer = o Erario não tem fundos, crédito, nem ordem; = outro = o Banco (seu principal esteio) vai diminuindo o seu crédito de dia em dia, este estabelecimento se acha em huma confusão de contas indesatavel. = Este grita = não ha dinheiro, he impossivel supprirem-se as despesas = e para fazerem verdadeiro o seu systema, fórmão complicados imaginarios calculos de despesas. Aquelle assenta que o unico recurso he prolongar o despacho das partes, recorrendo á todos os subterfugios dos trampolineiros, escondendo, detendo, e negando aos Requerentes os seus papeis. Se todo o individuo, ou corporação, que faz transacções diarias precisa de credito; se este he filho de persuasão, em que se está, de que qualquer individuo tem propriedade, tem ordem nas suas contas, e recursos na sua imaginação, como ha de haver confiança em quem se apregôa pobre, atrapalhado, sem recursos, e sem meios? = risum teneatis amici? =

Ainda não vimos estes Financeiros tão louços , e radiantes das honras do Estado , dar hum Plano para alliviar-lo do peso , que o vérga. Ainda não vimos estes Simonds do Rio de Janeiro apresentar hum projecto de melhoramento da Renda Publica ; ainda os não vimos prestarmos o fio para entrarmos no Dedalo mysterioso da Administração ; demonstrar os abusos , os peculatos , e os escandalos della ; ainda não se dignarão de examinar os recursos da Nação , e apresentar o quadro das vantagens , que delles se pôdem tirar , amelhorando , ou desentupindo os canaes obstruidos da riqueza Publica , ainda não souberão distinguir o necessario e o util do superfluo e oneroso ; ainda não investigarão o methodo de tirar dos mesmos dados resultados mais vantajosos , tudo fazem sem methodo , sem systema , e só aproveitão o pensamento do dia ; o Publico grita , o Publico aponta os erros , os abusos , e os males ; mas elles enlodados na servil rotina só sabem declamar , e amaldiçoar de vez em quando esse Publico que os conhece , e que os desmascára.

Deixando porem de falar da divida da Nação em geral , que agora se acha em mãos entendedoras , circunscrevamos-nos sómente ao que se passa sob as nossas vistas. He publico que o Thesouro do Rio de Janeiro pagará só a metade das pensões de certa ordem , (e já se rosna em diminuir ordenados) com o fim de pagar huma divida , que tem , isto he , para embolsar Capitalistas ricos , quer constituir-se devedor á pobres. Taes se podem considerar os Pensionados : e para que os primeiros se não queixem da falta de pagamento medita modos de fazer mais magros , os que o Governo emprega. Mas infelizmente até neste miseravel calculo errarão os resultados : porque se esta poupança he interina , segue-se que o débito que della resulta , substitue o débito , que se amortisa , e fica a divida no mesmo balanço , tendo por unico resultado o mudar de Crédores , e excitar a desesperação dos infelices

Neste mundo todos temos obrigação de pagar o que devemos , e ao mesmo tempo a de vivermos decentemente ; ninguem deve deixar de comer hum dia para pagar huma pataca que deve , porque a primeira Lei he a de não commetter suicidio. A economia e a ordem na distribuição do jornal diario adquirido , são obrigações , que todo o homem tem na ordem social : com estas duas virtudes mata-se a divida , que a necessidade forçou a contrahir , e

sustenta-se a existencia , que o Creador benignamente nos deo , com a positiva obrigação de a não destruímos. Ora , se o Thesouro deve , he preciso que pague ; mas he igualmente necessario que faça as suas despesas diarias : estas ultimas são os ordenados , as pensões , &c. &c. Não deve pois deixar de pagar estas , para amortisar aquellas , ao menos que não queira incorrer no crime de matador , como incorria no de suicida aquelle , que para pagar a pataca deixasse de comer. O Corpo Politico sustenta-se com a distribuição justa das rendas publicas ; não pôde portanto o Governo abster-se de fazer esta distribuição sem se expor á promover a dissolução do mesmo corpo. Sim , tirar metade a huns para inteirar a outros ; os primeiros necessitados , e os segundos abundantes (sem entrarmos na natureza da divida !!!) he querer , senão matar , pelo menos pôr em febres o Corpo Politico.

Sabe-se muito bem que o Thesouro do Rio de Janeiro deve ; mas ou elle faz mysterio da quantia da divida , ou elle mesmo a ignora. Se em lugar de se entreter em darnos orçamentos (que talvez são bons para o seu conhecimento , mas que para nós são asneiras) , nos dêsse o exacto estado do seu debito , usasse de franqueza e clareza , acabasse o costume de mysterios , que envolve despotismo , e abraçasse o da publicidade que he a alma das Constituições , saberíamos bem o que he a tal divida ; mas já que elle o não diz , ousemos advinha-lo. O Thesouro do Rio de Janeiro deve 16 milhões de crusados ; o que elle terá de rendimento nos annos futuros , he por agora só presumível ; com tudo , quem o arbitrar em 10 milhões não hirá muito errado , acreditando-se mesmo a separação total das relações do Governo , entre esta e as outras Provincias. Deve pois o Thesouro nos annos futuros pagar as suas despesas diarias , e amortisar a divida passada ; como aquelles porém absorverão quasi os 10 milhões , segue-se claramente que pouco restará para a amortisação , desta e portanto haverá sempre a mesma perseguição de Credores , e o mesmo desasocego do Thesouro. Quando os Inglezes principiááo a ter huma divida Nacional , as snas circumstancias erão infinitamente peiores , porque segundo os Discursos Parlamentares de Guilherme III. já se tinham gasto na guerra , que acabou pela Paz de Wtreck os rendimentos dos annos seguintes ; tinham pois não só divida do passado , mas tambem huma futura. ; Que fizerão então aquell-

les homens? Tomarão o partido de reduzir a dívida á Apolices, e de as declarar vencendo juros. Feito isto não faltou quem emprestasse dinheiro sempre que o Governo o precisou, e este ficou descansado.

Até aqui se o Governo Portuguez quizesse fazer huma tal operação, provavelmente nada obteria; porque a arbitrariedade do Despotismo, e o systema de Dependencia no Erario, era tal que ninguem recebia dinheiro, á não ter padrinho, ainda que fosse algum dos miudos Continuos, que alli ha; não havia confiança, porque huma folha de papel com o nome de — Aviso — transformava quanto havia de mais respeitável e venerando; por consequencia nenhum Patriotismo, nenhum amor pela causa Publica, que só podem derivar da bem entendida liberdade. Mas hoje não deve ser assim: a Nação não fica sem hum Governo Representativo: o mysterio deve cessar; a Imprensa fulminará os transgressores, e Opinião Publica denunciará os malvados; agora — Patria — não deve ser hum vão simulacro, nem chimera o espirito Nacional.

Reduza pois o Governo no Rio de Janeiro a sua dívida á Apolices. isto he, tudo quanto devia no para sempre aziago dia 26 de Abril de 1821; diga nellas, que vencem 8 por cento de juros, pagos inviolavelmente de 6 em 6 mezes, ver-se-ha livre de huma perseguição no Thesouro. Os donos das Apolices, sendo ricos, ficarão descansados, porque o seu capital está em gyro lucroso, que he o que elles querem; e sendo pobres, acharão compradores ás suas, ou ao par, ou por muito pouco prejudicial constructo. Ainda hoje ha bastantes Capitalistas assizados, que estão convencidos, de que não he possivel receber 12 por cento do seu dinheiro, com alguma segurança; e por tanto naturalmente preferirão ganhar os 8 do Governo, por que he infalivel.

Provavelmente antes de 4 annos ver-se-ha o Governo na mesma situação, em que se viu Pitt Paé, quando se apresentou aos Capitalistas da dívida, e lhes dice: que ou recebessem o seu dinheiro, ou se contentassem com o juro de 3 por cento, ao que todos annuirão, como he publico.

Resta dizer donde ha de vir o dinheiro para os juros; mas isto está saltando tanto aos olhos, que he quasi desnecessario dizer. Vejamos os ociosos balanços mensaes do Thesouro, (hum em termos em cada semestre,

forão bastante) e nelles se conhecerá que as sommas das em pagamento aos Crédores, excedem a 256 Contos de réis, somma em que importa o juro do semestre; ajuntam-se estas quantias aos soldos, pensões, e empregos inuteis, que devem vagar; ao resultado, que deve porvir de huma bem entendida economia na despesa, e fiscalizado apuro na receita e administração das rendas, &c. &c. e no fim de quatro, ou seis annos, ver-se-ha o Governo com fundos (já pagos os juros) para amortisar as Apolices, ou para dar Leis aos seus Crédores, porque pôde então, concordando elles, diminuir os juros.

Dirá talvez alguém que melhor será hir logo aniquilando a divida, como se usa, do que gastar, pagando juros, e ficar com a divida por inteiro. Esta reflexão não tem peso algum. Hum Crédor de 100000 réis que não venceem juros, manda todos os dias á casa do devedor buscar o seu dinheiro; e se este lhe manda 4, ou 6000 réis de quando em quando, desespera, maldiz do homem, e tem rasão, porque o seu dinheiro nada lhe rende, e por que a não ter grande giro, nem pôde fazer que os 4, ou 6000 réis ganhem, nem pôde contar com aquelle capital em epoca nenhuma, e para nada. Este mesmo Crédor, se tem hum credito de igual quantia sobre outro, vencendo jvros, espera que o tempo se finde, e no emtanto vive descansado, porque o seu dinheiro está em giro activo; e se precisa fazer algum pagamento, e o devedor he bom, paga com o crédito; não perde o seu tempo em procurar diariamente a paga, porque em praso certo ha de recebe-la; o devedor não sendo amofinado com tal perseguição medita modos de adquirir para pagar no tempo convencionado; ambos lucrão o uso do tempo, que muito vale, e finalmente o giro assim tem estabilidade. Applique-se este exemplo ás dividas do Thesouro, porque o caso he identico.

Neste mimoso pedaço do Globo, com que a Divina Providencia nos presenteou, o criar huma divida Publica permanente, fôra por agora (a meu modo de ver) hum erro. A medida, portanto, que lembro, he só temporaria. O Brasil ainda está inculto, os seus productos são muitos, e todos excellentes e necessarios ao resto do Globo, e por isso, muito, e prontamente vendaveis; logo o melhor emprego, que se pôde fazer de capitaes, he na Agricultura. Daqui infere-se, que considerando-se Nacionalmente as cou-

(121)

sas , não será bom offerecer hum meio de empregar capitaes , o qual por ser muito seguro , ha de por força atrahi-los. Cultivada a terra e coberta de todos os edificios que são necessarios á hum Povo , então sim , he que será tempo da criação de huma divida Nacional permanente , não só para pôr em giro capitaes ociosos , como para augmentar o numero dos interessados na conservação da ordem das coisas existentes , e alongar a época das revoluções Politicas.

As idéas , que vão neste discurso , occorrerão de certo aos nossos Financeiros , se até certo tempo não fosse na casa do Thesouro a paixão dominante , repetir versos alheios , bons , ou máos. Era hum pasmo ao entrar qualquer , vêr como até mesmo a collecção de pequerruchos Continuos transitava pelos corredores salmeando huns certos versos da pedantesca periphrase feita ao sublime Pope ; outros repetindo tiradas de prosa das notas da mesma Obra ; este recitando Sonetos dedicados aos annos do Presidente , ou de Madama Presidenta ; aquelle arrotando Epigrammas escandalosos ; era em fim , tal a mania de poetisar , que até se passeavão as ruas , com ar de quem buscava entre as pedrinhas tão bons versos como este :

Nicteroy de possui-lo apavonado

ou assestando a luneta aos Aztros , para que lhe inspirassem outro igual ao seguinte :

Dia de benção , de Targini o dia

depois de certa época andão todos amarellos e embasbacados ; passarão se de versos para Jeremiadas , e só profereim : = a divida deixada por El-Rey , he enorme ; não ha dinheiro , tudo está em desordem , tudo em convulsão. =

Senhores Redactores , torno a repetir aqui , o que já lhe disse outra vez : eu não presumo de grande sabedor , e só lembro estas cousas a ver se assim , ou com alguma modificação servem para o Bem Publico , de que tão pouco cuidão os que de o promoverem estão encarregados. Estimarei ver hum Plano de Admniustração para os annos seguintes , que nos desassombre , e nos livre de ver , huns com medo de que o Ordenado lhes não chegue ; outro que se lhe não tire este unico recurso da vida ; este lamentando

o sacrificio forçado de metade das suas pensões; aquelle receando que as suas dividas fiquem longo tempo por pagar, todos enraivados por verem os seus capitaes estagnados e inuteis. finalmente receosos e tristes, quando pela parte das Finanças a Nação Portugueza pôde estar mais do que qualquer outra descansada.

23 de Novemdro de 1821.

J. S. R.

MEMORIAL

QUE OS MEMEROS DO CLUB PATRIOTICO DE VALHADOLID
APRESENTARÃO A FERNANDO VII.

(EXTRAHIDO DO MORNING CHRONICLE.)

SENHOR.

Os abaixo assignados julgão ser este o momento em que o sagrado dever de vigiar não só na segurança do Estado, como na de V. M. os authorisa a falar a V. M. humma linguagem, que case o respeito devido com o patriotismo; e a honra com a mais cordial affecção á Pessoa de V. M. Particulares requerimentos contra o abuso do Poder, tem copiosamente chovido sobre o Palacio de V. M. mas elles ou tem sido abstrahidos dos olhos de V. M. ou representados com sinistras interpretações, não tem produzido senão resultados contrarios á expectação.

A imprevista quécda do General Riego, poderá talvez ser considerada como o motivo desta representação: he porém nosso dever asseverar a V. M. que ella nem he o principal, nem o unico motivo que nos deliberou: a sua sorte todavia, qualquer que seja não pôde ser indifferente ao Hespanhol que amar o seu paiz: ella está, assim podemos dizer, identificada com o Systema Constitucional, e a Nação inteira tem os olhos fitos sobre a sua prospera, ou adversa fortuna. A publicidade, Senhor, he a alma dos Systemas Representativos: mas ainda quando isto assim não fosse, nem a Justiça, nem a Politca aconselhão que se cubrao com o véo do mysterio as medidas violentas do Governo; o qual começa sempre por accommetter hum só Individuo, mas com o decurso do tempo vai accommettendo

como realmente accomette a publica tranquillidade. Publicam-se pois Senhor os crimes deste homem: se elle com effeito desorientadamente intentou contra o seu Paiz, caia a espada das Leis sobre a sua cabeça, e apresentemos ás Nações vizinhas hum acto de Justiça, que fará de huma vez honra ao nome Hespanhol, e ao Sagrado Codigo das nossas Liberdades. Mas se como esperamos, e he de esperar, porque não he a primeira vez elle apparece innocente, que illações quer V. M. que se tirem da sua dimissão, a qual posto que esteja dentro dos limites do Poder de V. M., não deve todavia ser hum resultado do seu bel-prazer, ou do seu capricho? A unica inferencia será que isto foi manobra da mesma facção, de quem procedem tambem os injustos ataques que todos os dias commettem os que tem as rédeas do Governo: que isto coincide com a particular tendencia, e sinistros fins com que se tem dado, e dão todos os dias os empregos principaes ás pessoas menos proprias para elles, e as mais desaffeiçãoadas á presente ordem de coisas: que se fazem palpaveis esforços contra o espirito destas instituições liberaes, porque somos governados, para a sombra dellas se perpetuarem os males. Que outra interpretação poderemos nós dar á conduncta do Conselho de Estado, que havendo as Cortes suspendido aos Empregados na administração da Justiça para os readmittir quando por hum exame justifficassem ser dignos de occupar tão importantes empregos, os tem elle indiscriminadamente reempossado de seus lugares sem consideração a tantos e tão repetidos Decretos sobre hum tal assumpto? Isto, Senhor, se V. M. nos permite a expressão, he dar huma hofetada na face do Congresso Nacional, e pôr-se V. M. em divergencia das suas deliberações em ordem a paralisar a magestosa, e tranquillã progressão dos melhoramentos, que esperavamos obter sem convulsões. Outrotanto podemos dizer dessas idéas de facção Republicana, as quaes tantas vezes, e tanto em vão tem sido assoalhadas, e cuja asserção outro fim não tem que o enganar os simplices, intimidar os fracos, e atizar o fogo da Discórdia, que nos consumira.

Todos estes, Sñr, são directos tramas contra a Constituição: tramas e machinações concebidas primariamente nos despreziveis clubs da politica estrangeira, e favorecidas depois por quantos tem adquirido ascendencia sobre o benigno e docil Coração de V. M. Os seus fautores são

homens que forcejão por afugentar do Solo Hespanhol a Constituição: mas ella está enraizada no Coração de mais de 20000000 de homens resolutos, e decididos; e só pôde ser desarraigada da Hespanha, arrancando della esta potente porção de seus briosos filhos. Taes medidas, Senhor, he que nos conduzirão directamente a huma revolução, que ainda não existe, mas que será terrivel quando rebentar, que será o epilogo ds todas as calamidades da vida humana: que será horrivel, e ensanguentada, porque os Liberaes de 1821, não são os de 1814. E quaes setão as consequencias? Trememos, Senhor, quando as contemplamos. As revoluções, bem como as tempestades descarregão a sua principal furia sobre os pontos mais elevados. Que será então, Senhor, da sagrada Pessoa de V. M.? Quem responderá então por ella? Ella he sagrada, he inviolavel; mas esta inviolabilidade só pôde ser mantida pela Ley, e pela Ordem. Em huma revolução todas as cousas se baralhão. Nós devemos fallar claramente a V. M. huma vez que he esta a unica occasião de o fazer. A Pessoa de V. M. he sagrada, e inviolavel; mas em quanto não estiver consolidada a Magna Carta, que assegna a V. M. esta prerogativa; em quanto houver na Hespanha hum inimigo da Constituição, deve V. M. conduzir-se como se tal inviolabilidade não existisse. Adoptando outra Linha de conducta, V. M. será a cada passo sorprendido, e exposto a precipicios, e o que ainda he peor, a ignorancia, e a malevolencia attribuirão a V. M. os tramas estrangeiros. Longe, Senhor, longe de nós a idea de que V. M. he o movel de taes machinações. Mas V. M. deve lembrar-se que não faltará homens ignorantes que a V. M. imputem as faltas dos Conselheiros, e dos Padres, como millhares tem attribuido á Religião Santa que professamos os Crimes de que estes erão authores. Conserve Senhor a sua preciosa vida: preserve a Não do Estado do parcel em que está a ponto de naufragar. Seja Rey ponha-se em harmonia com a Nação, que amando a V. M. com a maior affeição, merece em recompensa a paz, e a felicidade, que appetitece.

CONTINUAR-SE-HA.



REVERBERO
CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.

TERÇA FEIRA 22 DE JANEIRO DE 1822.

Redire sit nefas.

HORAT. Liv. v. Od. II.

AOS POVOS DA EUROPA.

Quando lançamos os olhos pela Europa, por este antigo berço das Sciencias, e das Artes, e consideramos o jugo de ferro, que opprime ainda huma grande parte de seus habitantes: quando vemos ainda enthronizado o Despotismo, ahiando cutélos, accendendo fogueiras, e alçando patibulos, arrancar adorações, ou punir aquelles que ousão chamar a exame os titulos do seu poder; entramos na duvida se he á Ignorancia, se á desunião que he devida esta degradante humiliação de sentimentos, e esta ignominiosa escravidão, que lhes rouba a luz para não ver seus ferros, e embota-lhes a alma para não sentir-lhe a vergonha. Mas quando vemos, que os escriptos luminosos os pensamentos do homem livre, e do Cidadão virtuoso, á maneira do fluido electrico, superando todos os obstaculos que o Despotismo, e a Superstição poderão in-

ventar, tem penetrado os Estados que vergão sob o peso da arbitraria Tirania, quando vemos os direitos do homem, mais que nunca discentidos, aclarados, ensinados, e prodigiosamente divulgados pela imprensa; quando vemos que o exemplo de Inglaterra, Hespanha, Estados Unidos, e Portugal deixa sem duvida a incompatibilidade do Despotismo com a felicidade dos Povos não hesitamos em affirmar, que não he a ignorancia, he sim a falta de União, de liga, e de patriotismo quem os conservava no miseravel torpor que lhes debilita a energia, e enerva o coração. A causa dos Povos he huma, unica: O que se diz na Tribuna de Londres he applicavel aos habitantes de todo o Mundo; ali, em Lisboa, Madrid, Wasington, se tem dito que o Despotismo he a Medusa que petrifica té o pensamento humano: que elle he o terror do nãndo; que o despota injusto, e arbitrario possui titulos fraudulentos, que o temor sómente obriga a reconhecer; e todavia os Povos ainda não tomarão a resolução heroica dos Hespanhoes e Portuguezes. Se lhes perguntarmos porém qual he o maximum dos seus desejos, respondem a huma voz = Ser felizes, e para conseguilo nada pouparemos = Esta resposta suppoem que todos os homens concordando no desejo da felicidade, e andando esta enlaçada com a felicidade geral da Sociedade, elles se unirão facilmente a fim de conseguir este alvo de seus desejos. Mas não he assim: esquecem se de que a sua força está na sua União; e em vez de estreita-la; até muitas vezes relaxão os mesmos vinculos naturaes que a Natureza lhes deixára. Entre tanto os Tirannos que se crêm ser os Deoses dos homens, porque não sabem ser os seus amigos, e Protectores, aproveitando-se da sua desunião, procurando fumenta-la com quantas traças podem, reinão, triunfão, ligando-se entre si para conservar com vergonha da humanidade a sua decantada delegação do Eterno.

Cidadãos de huma Nação livre, que acaba de offercer nas aras da Liberdade os ferros que arrastára: naturaes de huma Patria Generosa, que não tornará jámais ao estado de opprobrio, degradação, e aviltamento de que se arrancára, e do que acaba de dar hum não equivoco testemunho, não podemos ver sem magoa que a Europa toda não gose os mesmos bens que gosamos, e que promettem fazer a nossa grandeza, e a nossa felicidade. Não desconhecendo tambem que só disfrutaremos em paz a res-

taurada Liberdade, quando hum só canto da Europa não houver que offereça o quadro do servilismo, e com elle tente a novos esforços os Despotas mal soffridos de hum systema que coarcta a sua authoridade. não duvidamos elevar a nossa debil voz, e proclamar á face do Universo a necessidade do estabelecimento geral do Systema Representativo.

Povos! que vos detêm? Até quando sereis os instrumentos da vossa propria infamia? até quando vereis o espectáculo da Patria gemendo debaixo do despotismo elevado sobre a ruina das Leys, e da Justiça? Temeis acaso a somma prodigiosa de vossos males? Os Hespanhoes, e os Portuguezes os padecião da mais execranda natureza: mas elles unirão-se: hum só sentimento foi a bussola que os guiou: então a Liberdade, cujo nome só naquellas terras inquisitoriaes arripiava a juba do Fanatismo, e da Tyrannia, adejou do Norte da America, e os veio abraçar: tremeo o Despotismo, regenerou-se a Nação. Adoptai este heroico exemplo, trocai o vosso governo de oppressão, e miseria, por hum novo governo de justiça, e prosperidade: Sede livres, sêde felices; e os vossos Soberanos que até agora só sabião arrancar lagrimas começarão a aprender quanto he doce attrahir as bênçãos de hum Povo agradecido e venturoso.

O Monarcha que se julga devedor da sua Coroa a Causas sobrenaturaes, cuida mui pouco de titulos que tem por si a Razão e a equidade. E porque desgraça deveis oh Povos! ser forçados a soffrer como legitima a oppressão, a crueldade, a miseria, e a prestar huma obediencia machinal ás vontades de Senhores injustos? Quaes são os obstaculos que se oppoem á vossa emancipação? Esperais talvez que sejam esses mesmos governos que vos offereção de proprio motu a Liberdade? Temeis ser criminosos de revolucionarios? Respeitais as classes privilegiadas, ou receais a opposição dos Governos regenerados? Analyasai com nosco estes principios para podermos concluir se elles vos devem embaraçar na grande obra da vossa regeneração.

He muito coerente, que hum regimen absoluto, que a seu bel-prazer dispõe da vossa vida, da vossa liberdade, e da vossa propriedade; cujo capricho he a expressão da Lei, nunca dê o — Praz me — voluntario para o estabelecimento de huma Constituição que o despoja da Soberania,

e a restitue ao Povo a quem fôra usurpada: que ouvindo a vontade geral, a desenvolve em Leis fixas, improrogaveis, que tanto obrigão o Throno como a choupana, e que marcando huma Linha que divide, e circunscreve os poderes, parece gritar-lhe = ai se os excedes. = Porém perguntaremos nós, ha de o governo ser á vontade dos governantes, ou dos governados? De quem são os interesses confiados a estes administradores? Da Nação: logo á Nação compete muda-los, reforma-los, corrigi-los quando se julga mal servida, porque o contrario fôra estabelecer esta errada doutrina = O outorgado tem mais poder que o outorgante = Hum governo só he legitimo, quando legitimamente administra; isto he, quando o governante rege segundo o pacto e as leis existentes; quando a Nação satisfeita, vê desempenhado o fim de todos os Systemas de Legislação, isto he, = Liberdade, e Propriedade = Mas será tambem legitimo, quando aberrado de todos os seus deveres hum homem só, e os seus favoritos devorão toda a substancia do Estado.

A guarida para onde se refugiavão, e ainda refugio dos Despotas, quando a rasão armada com o scalpello da analyse, anatomisa os seus direitos, e poem patentes as suas usurpações, he a palavra — Revolução. — Este termo tem-lhes rendido muito mais do que as Indulgencias, e o Purgatorio aos Frades nos seculos da Ignorancia. Desenganai-vos porém oh Povos; persuadi-vos que para haver revolução he mister que huma parte da Nação, em quem unicamente reside o poder, e a força dissida da outra, e que assim sobrevenha huma dissolução no Corpo Social. Mas isso a que os voseos Tyrannos chamão Revolução he a luta da Justiça contra a Violencia; da Rasão, contra a Prepotencia: he a defeza do Aggredido contra o Aggressor. Os Povos, diz ham moderno, só estão ligados a seus Reis pela Cadêa do = Bem estar =

CONTINUAR-SE-HÁ.

REFLEXÕES.

Não Cançaremos os nossos Leitores com a repetição ociosa do memoravel suscesso do dia 9 de Janeiro. Elles a virão, elles forão testemunhas da alegria geral; e quan-

do amem recorda-lo acharão na sua propria consciencia hum quadro muito mais patetico do que todos os que lhe poderiamos apresentar. Quanto he magestoso o espectaculo de hum Povo que sacode o jugo dos prejuizos , e proclama a sua verdadeira Liberdade! o Brasil vio com horror forjarem-se-lhe no mesmo Templo da Justica , e da Rasão os ferros doirados , que lhe querião lançar: acordando do lethargo em que jazia por huma confiança sem limites , medio o perigo , e salvou de hum passo o abismo que lhe estava preparado. E houverão homens que se persuadissem que o Brasil , esse paiz abençoado , dividido peios dois Gigantes dos Rios , que em seu curso immenso e fecundo percorrem vastos Continentes , em cujos Climas a Natureza semeou tantos Colossos , e em cujo solo estabeleceo a Patria do Ouro e dos Diamantes: hum paiz onde não erão preponderantes: esses corpos privilegiados , que ignaes ás grandes montanhas que ou canção a terra por seu peso , ou a esterelisação por sua sombra impedem sempre o vôo remontado e pleno da Liberdade , estendesse outra vez os braços aos grilhões que largara! Quanto pôde o amor proprio allucinar os homens ainda os mais entendidos! O certo he que contradictorios entre suas expressões , e suas obras , divergindo entres seus principios , e a sua pratica , elles procurávão abismar-nos nos mesmos males , de que tomarão argumento para a sua emancipação: e erigindo-se de Representantes do Soberano em Soberanos intentáráo com hum =Praz-nos= fazer a separação machiavelica das nossas Provincias , semear a discordia , e a desconfiança entre nossos coterraneos , roubar-nos o nosso centro de União para deixar-nos entregues á desordem e á luta de oppostas forças!

Não he facil adivinhar qual era a base , ou principio Capital , que elles estabelecerão para tirar os Corollarios de colonisação , e dependencia em que nos querião lançar. A Revolução de Portugal , se he que assim se deve chamar a luta da Justica contra o Despotismo , offerecia duas combinações diferentes , mas que ambas davão por final resultado o estabelecimento do Systema representativo diz o Apostolo da America. Ou o Rey se conservava no Brasil , ou voltava para Portugal. Se ficava preferindo hum Mundo na America a huma Provincia na Europa , era impossivel que o Brasil situado no centro das Constituições Americanas , communicando diariamente com povos constitui-

dos, e contratando com homens Constitucionaes, tendo por estrella polar os Estados Unidos, que muito alto collocarão o farol para escapar ás vistas dos Povos visinhos, se pudesse subtrahir a este vortice de influencias. Se voltava era incompativel que na mesma Monarchia existisse a Luz e a Treva, a Justiça, e a arbitrariedade: ou se o atordoamento que huma tão impolitica medida produziria no momento da execução, deixa-se por algum tempo estabelecer-se este monstruoso systema, a sua duração seria efemera, a vista de huma partilha tão desigual entre filhos do mesmo Paes. Todavia o Congresso Lusitano não pensou deste modo; e ou desorientados pelo praser de possuirem o Rey, que mal aconselhado deixara a America, ou pela ambição de quererem conservar privativo o seu antigo cofre forte do Brasil contarão com elle como propriedade sua, entretanto que proclamavão, que a Nação Portugueza não era propriedade de niuguem: imaginarão que o Brasil esperaria mudo e quèdo (como os nossos Deputados do Rio de Janeiro) pelo anno de 2440, que Mercier vira em sonho; e que entretanto hum tão formidavel continente se conservaria em hum estado equivoco, e consumiria o tempo em solicitar audiencia, e pedir humildemente que se verificassem seus titulos, e seus direitos. Que cega crença! No estado actual das Coisas, em que o espirito de Constituição faz hoje quasi que parte da nossa existencia commum; e em que a reforma Social está quasi formada huma nova Religião, quem podia impedir que o Brasil altamente declarasse que elle não reconheceria quem o não reconhecesse, nem abriria seu seio diamantino senão á aquelles que da sua parte abrissem os seus archivos para nelles receberem ostitulos indisputaveis que elle tem de ligitimidade social entre as Nações? O que não quiz reconhecer o Congresso composto dos Sabios Portuguezes, reconheceo hum Joven Principe, que elles qucrião mandar instruir em quatro estalagens!! Foi elle que vendo a queda de Portugal, e a desmembração da Grande Familia pelo incurial Decreto que estabelece os quatir formes governos do Brasil; e que conhecendo os direitos, e a força deste grande Estado, aproveitou o momento em que elle respeitoso, e humilde se prostra a seus Pés, e lhe representa a indignidade com que o tratão, e lhe diz = Conheço a tua Justiça: Eu fico contigo = só te recomendo União e Tranquillidade = Estas expressões Sublimes serão o Conductor da geral as-

sociação Brasilica , e fazem o verdadeiro retracto do Character do Principe , que as proferira.

Ha porém pessoas ou nimiamente receosas , ou muito pouco relexivas , que temem ou que não progrida a Constituição , que tanto desejamos , ou que o Brasil abraçando-se com o Augusto Principe para o reter no seu Coração , attrahirá tempestade de males , que elles já devisão no seu horisonte. Examinemos porém o fundamento destes receios.

O espirito de Ordem Constitucional , he hoje o mobil , ou o objecto da acção principal do Mundo. Que extensão prodigiosa não tem ganhado nestes dois ultimos annos o Systema Representativo ? Tornado como que huma nova potencia aggregada ás potencias da alma , vê-se o Mundo em huma dessas epochas de fermentação em que elle por vezes se tem visto , e de que tem rebentado consideraveis mudanças na ordem moral , e politica. Com tudo , se attentamente lançarmos os olhos pelo Mundo , veremos que a America apresentou hum desenvolvimento muito mais rápido , e entrou em huma esfera de actividade muito mais energica que a Europa : mas o Brazil requintou sobre a America. Mais veloz , que o fluido electrico o Calor de Liberdade atravessou o espaço immenso do Amasona ao Prata ; e as differenças de côres , e de condições oppoz-lhe menores obstaculos , do que a Superstição , e o Despotismo , em todos os estabelecimentos Europeos sociaes , e religiosos. Já agora a Zona Constitucional da America abrange 25 milhões de homens livres : qual será o reagente formidavel que ha de sustentar o grande impulso dado a esta massa poderosa ? Qual o Gigante que atrever-se-ha a pôr diques á impetuosa torrente da opinião ? Quem onsará suster o desenvolvimento desta terceira força do Universo ? Será possivel abafar este espirito na America do Sul em parte da Europa , e na Séde da Philosophia e da Felicidade , quero dizer , nos Estados Unidos ? pois se o não he , como se pôde temer pelo Brasil ? O Brasil está cansado de arbitrariedades , e de illegalidades ; tem sede de liberdade regular , está embebido no espirito Constitucional. Napoleão foi o exemplo immortal da luta do Despotismo contra a Opinião. O Brasil adoptando o Principe , adoptou o partido mais seguro : vai gosar dos bens da Liberdade sem as commoções da Democracia , e sem as violencias da Arbitrariedade.

Não he menos futil o temor das desgraças nos assun-
 tão. Não nos podemos persuadir que o Congresso das Cor-
 tes se deixe fascinar pelo fumo de caprichosos prejuizos,
 e de iliberaes preferencias, té o ponto de querer rednsir-
 nos á triste necessidade de huma defeza armada para sus-
 tentar nossos irrefragaveis direitos, julgando attentado o
 por ellas mesmo proferido jus de petição, e de representa-
 ção que he neste caso mais do que nossa, verdadeira
 utilidade sua. O Brasil nunca será o aggressor, porque he
 esta a condição do verdadeiro valor. O Brasil ama e deseja
 a paz com todo o Universo, porque só á sombra della pôde
 florescer a sua agricultura, mauancial inexhaurivel de suas
 riquezas, e de sua prosperidade. Mas supponhamos por hum
 momento, que o Portugal tentava desafiar o Brasil e
 erguia o pendão da discordia.... Está elle nas circuns-
 tancias de emprehender huma guerra tão desastrosa como
 essa deve ser? Lea-mos as suas discussões publicas = En-
 tre outros diz o Abbade de Melrões = Quando não temos
 huns capatos para dar. &c. E he neste estado de debili-
 dade que o Portugal tomaria a arriscada empresa de recon-
 quistar o Brasil? He verdade que muito lhe renderia o
 espirito publico de seus habitantes; mas dêve tambem ter
 em conta o dos Brasileiros defendendo-se de injustas per-
 tenções. Com que Esquadras bloqueará 1200 legoas de
 Costa? Com que Exercitos guarnecerá hum tão immenso
 territorio? Mas se ainda assim ha Portuguezes tão ultra-
 Europeos, que tudo creão possivel a aquella parte da Eu-
 ropa, porque huma vez venceu o Adamastor, e a ferro
 e fogo destruiu no Brasil povos innocentes que o hospeda-
 ra, respondão, qual será o fructo dessa guerra? Que
 lucrará em acabar de inanir-se de homens, e dinheiro, e
 industria, e commercio? Leão a Historia dos Estados
 Unidos; consultem os fastos da America do Sul, e desen-
 ganar-se-hão de tão quimericos projectos. Esperará talvez
 que a Inglaterra lhe preste os auxilios com que expuzou
 o inimigo da Inglaterra? Não he prudente irritar os espí-
 ritos; não he de rasão tratar o exercito Americano de
 Corporação composta de cinco pretos, tres mulatos, e hum
 branco... commandado por Generaes valetudinarios... A
 Causa do Brasil será a Causa da Europa, e da Humani-
 dade, e o combate será necessariamente desigual entre hum
 Paiz que tudo pôde dar, e outro que nada pôde ter. E
 quem negará bençãos ao Brasil, que defendendo a sua li-

berdade , defende simultaneamente a herança melhor do Príncipe , com que se abraçou , defende a sua honra e o decóro de Sua Pessoa !

Dirão talvez que damos a denominação generica de Brasil ás unicas Provincias do Rio de Janeiro , Minas , S. Paulo , e Rio Grande , que só por ora estão ligadas. Nos fariamos huma injustiça a todo o resto da Familia Brasiliense se o acreditassemos dissidentes do partido da Honra , e da Gloria Nacional. Qual he o Brasileiro , que quererá novamente reassumir os ferros que quebrára ? qual he a Provincia do Brasil que amará despegar-se do seu centro commum , romper as relações natruaes , e preferir o titulo de Provincia de Portugal ? A Matrona do Brasil a gloriosa Bahia , o Berço da Liberdade , a indomavel Olinda , o rico Maranhão , o Corpolento Pará cederão a palma da Gloria ao Sul do Brasil ? Não nós veremos , e talvez não tarde , huma contenda de honra para formar com nosco a Cadêa invencivel de que o nosso Príncipe será o primeiro , e o ultimo anel.

E ha Cidadãos que protestão contra este tão nobre , e tão leal procedimento ! Filhos allucinados de huma Patria , que desejais servir , não exciteis rivalidades , nem sobreis mortiferos odios ! Quereis ver rios de sangue inundando as Minas de que até agora tirastes as riquezas ? ou que continuemos na attitude do opprobrio a receber vossas leys , e adorar vossos preceitos ? Aensais os Cidadãos animosos que ousarão com puresa de intenções elevar a voz para sustentar a integridade da Nação ? Quereis que se julgue criminoso e perturbador do socego publico ou o Militar denodado , que offereceo o seu sangue ao Príncipe e á Patria para sustentar os verdadeiros interesses de seu Rey , e da Monarchia ; ou o Cidadão que tem a coragem de não lisonjear os Representantes da Nação , e que lhes faz sentir a necessidade de algumas mudanças para a sua felicidade ? Quereis punidos Cidadãos , que tem direito ao reconhecimento dos seus Concidadãos ? Lembrai-vos , que quando a Verdade he pnaida , as Leis estão a ponto de ser sómente uteis á aquelles a quem os abusos , o erro , e os vicios fazem arbitros soberanos de seus Concidadãos. Abandonai as fórmias usadas pelo Despotismo , e então vos julgaremos Constitucionaes , dignos do nosso amor , e da nossa veneração A vós tambem se dirigem as suaves expressões do nosso Príncipe = União e Tranquillidade ! =

Cidadãos! o Genio da Discordia ainda tropeja en-
furecido: mas não vos assusteis com os seus feros. Arai-
va impotente desafoga-se com imprecações, e a desespera-
ção evapora-se em injurias. Fexai os ouvidos á Intriga
e abri-os sómente ás voses da Razão; que os vossos de-
veres ensinar. Não vos deslizeis, Cidadãos, do amor á
Constituição, e á Liberdade, e deixai o Tempo desmas-
carar a Hipocrisia, e desenvolver melhor o caracter dos
Impostores, que fingindo mel nas vozes occultão o vene-
no dentro d' alma. Grande Deos! Como soão mal em
bocas impuras os doces nomes Honra! Virtude! Embora
porém a Dissimulação com longo aranzel de estudadas,
crespas frases inverta os factos, e revista o proprio inte-
resse com as vestes do Decoro das Cortes, e de apoio da
Sagrada Causa.... a verdade refulgirá, e ver-se-ha então
no seu verdadeiro ponto de Luz o retrato do Protheo mo-
derno: embora se arripie de sedição horror por ver, que
se pertende sacrificar ao = Idolo terrivel do Despotis-
mo... = a Fama dirá por todas as suas cem bocas quan-
tas veses vio esse = Sustentaculo da Liberdade do Genero
Humano = incensando, e bejando os Pes do Numen!
Quantas lhe arrebatou das mãos a vara de ferro para a
fazer cahir sobre o Povo, que agora lamenta!! Cidadãos
Sejamos firmes; façamos de nossos peitos, e de nossos bra-
ços hum muro em thorno do Altar da Constituição: qual
he no Brasil o homem que deseja ser escravo? A. nossa
devisa seja = Honra = O nosso timbre = União frater-
nal = a nossa gloria = Constituição = o nosso protector
= o Principe. =

CONSIDERAÇÕES GERAES

SOBRE A FRIVOLIDADE DE HUM ARTIGO RELATIVO A'
MONTE VIDEO, INSERTO EM O N.º 24 DO ARGOS
PERIODICO DE BUENOS AYRES.

On repondit, comme doit faire un homme du monde, en se
moquant du pedant.

VOLTAIRE. Avis. de l' Introd. à la Filosof. de l' Hist.

Quando a occupação da Margem Oriental do Rio da
Prata era obra da politica particular de S. M. El-Rey do
Reino-Unido de Portugal Brasil e Algarves, ou de algum

de seus Ministros e Conselheiros: quando succedesse que a incorporação desta Provincia á Nação Portugueza fuisse feita no tempo do antecedente systema, não pertencia a nenhum Portuguez sensato refutar asserções, que apparecem em alguns Periodicos, cujos Redactores por não terem talvez outra cousa com que melhor encher papel, e contentar o Publico com a promettida edição, ou guardando para mais digno emprego os seus avultados cabedães litterarios, escrevem a torto e a direito expressões, que trazem consigo o indelevel cunho da irreflexão. Porém constituida a Nação Portugueza, e pendente da decisão das Côrtes quanto seja relativo a esta Provincia, já pertence a todo o Cidadão o direito de impugnar o que possa detrahir a gloria, ou ainda simplesmente o honroso Nome da — Mãe Patria. —

O Governo de Monte Video tem até agora, ou por dignidade, ou por outro motivo facil de imaginar, olhado com abandono para quanto se tem dito, e visto impresso, mas o Governo de Monte Video obrando assim quando os ataques são dirigidos ao antigo Ministerio, não deve servir de norma nas actuaes circumstancias; a causa he já Nacional, e em consequencia compete a todos. Consideremos portanto o mencionado Artigo do Argos.

NOTICIAS.

“ Ya que ni los pasajeros de Monte Video ni sus habitantes nos comunican nada de importante respecto de los — protectores — convertidos en — amos — les diremos lo que pasa entre nos otros acerca de los mismos. En la sesion de anoche, el ministerio se vio en el caso de informar à los nuevos representantes, que el gobierno de Buenos-Ayres habia invitado a todos los gobiernos de las provincias, à convenirse por compromisos solemnes, en sostener la integridad del territorio conocido por el — estado de las provincias unidas en Sud America. — Agregó que tres gobiernos habian — contestado — ya de conformidad: y es natural que en los mismos terminos — contesten — los restantes. Esta noticia no es oportuna para el — Baron de la Laguna. — Lo será la que se le comunique despues que los gobiernos hayan — contestado. —

O empenho, que se descobre no tom com que nos annuncia o convite feito a todos os governos das Provincias

para sustentar a integridade do territorio por — estado das Provincias unidas no Sul da America, — e a resposta de conformidade, que derão trez dos ditos governos, com a esperanza de que os outros responderão nos mesmos termos, que intelligencia deverá ter? Será isto assustar-nos com huma declaração de guerra? Pertenderão por meio de Operações Militares reoccupar, e reannir esta Provincia ás outras supra mencionadas? Ou será isto só por dar a entender que para além do Prata não devem estender-se os nossos desejos de possuir? Parece vir a proposito seguir o exemplo do piedoso Cura, que mui religiosamente baptisava os proprios filhos; quero dizer respondamos ás mesmas perguntas que fizemos.

CONTINUAR-SE-HA.

CONTINUAÇÃO DO MEMORIAL DOS MEMBROS DO CLUB PATRIOTICO DE VALHADOLID.

Por não gozar desta ventura, he que seus membros estremeecem, e ameação dissolver-se: por não have-la gosado no anno de 1814, he que V. M. appareceo como hum horrivel monstro de ingratição: por não have-lo gosado nos ultimos seis annos, he que V. M. foi objecto de irrisão no Estrangeiro, e de piedade na parte sãa da Nação: finalmente por não gosa-la, he que V. M. representa a violencia, e coação, quando forma o acto maior, mais espontaneo, mais digno do seu Coração: Seja Rey, Senhor, nós o repetimos: e não queira o Maior e Melhor dos Homens representar a mais pequena parte na historia dos Reys desgraçados. Condescenda com os desejos dos fieis subditos que lhe rogaõ.

×○×○×

Os Redactores deste Periodico propoem-se a dar nelle (sem prejuizo de todas as outras materias) a traducção da nova e interessantissima Obra — A Europa, e a America — por Mr. De Pradt: Elles esperão que este testemunho do ardor com que procurão generalisar a instrucção publica será grata aos seus Conciudadãos. Outro tanto farão com a outra obra do mesmo Author, intitulada, — Das Colonias. —

RIO DE JANEIRO. NA TYP. DE MOREIRA, E GARCEZ. 1822.



REVERBERO

CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.

TERÇA FEIRA 29 DE JANEIRO DE 1822.

Redire sit nefas.

HORAT. LIV. V. OD. II.

CONSIDERAÇÕES GERAES, CONTINUADAS DA PAG. 136. DO
NOSSO PERIODICO.

Buenos-Ayres não pôde dar por motivo de declarar-nos a guerra o estarmos occupando a Banda Oriental; pois sem fazer miuda averiguação de successos anteriores he bem sabida a airosa retirada, que fizeram desta Praça as Tropas de Buenos-Ayres; a tenaz, e vigorosissima resistencia ao numerozo, agueirido, e regular exercito dos Orientaes, quando na mente profunda, e liberal de Artigas, rebentou a idéa de ser a seu modo o Regenerador desta Provincia: em consequencia, aos Orientaes, e não aos Portuguezes tome contas do que se pode chamar primitiva, e impensada origem da actual posição de negocios. As outras perguntas, e que naturalmente decorrem da primeira, tem igual resposta, e mais que a occasião não parece mui favoravel a Buenos-Ayres para empenhar-se

em guerra por este lado ; e pois que não emprehendo , ou não lhe foi possível submeter os Orientaes quando ainda não tinha attennadas as forças nem se achava lacerado de tantos partidos , nem victima de caracteres tão sãos como os que tem apparecido na sua revolução , he de crer que o não tente com quem venceo os seus vencedores. Em quanto á ultima das perguntas , não receie que os Portuguezes (á excepção de algum ambicioso , que em toda a parte os ha) tenham os menores desejos de dilatar taes possessões : além disto , he outro o Astro , que ao presente assoma no Luso horisonté.

Custa a crer que o Sñr Argos não esteja com muitos dos seus olhos adormecidos pela somnifera flauta de algum Mercurio , pois não vê que os Portuguezes de hoje são politicamente considerados , homens mui diversos , do que serão ; e que os Cidadãos de huma Nação constituida nunca podem ser — amos — de outros Povos , mas só ligar-se a elles por laços de fraternidade. Ora Sñr. Argos , não tome tanto a peito a nossa existencia nestes sitios ; espere mais algum tempo ; e confie nas deliberações do nosso Soberano Congresso ; e creia que se não for de Justiça , e não conber na honra Nacional que tremúle a bandeira Portugueza , aonde já tremularão os beneficos estandartes — bicolor , e tricolor — o Barão da Laguna , que soube conduzir aqui o exercito do seu commando , hade saber tambem mal o para o lugar , que eutão se lhe prescrever.

Concluirei confessando a minha invencivel incomprehensão da falta de oportunidade das taes noticias do Artigo para o Barão da Laguna. Parece que o tal Sñr. Argos toma este General como causa , e effeito ao mesmo tempo de quanto aqui tem succedido ... ! Era bom (pois quiz ser animalsinho de tantos olhos) que visse no Barão da Laguna hum General , que assim como todos os ouros dignos deste nome , tem cumprido fielmente com as ordens do seu Rey , sem lhe importar averiguar a natureza dessas ordens ; e que hade agora , ainda melhor , a ser possível , executar as da Nação , áqual (porque não pareça apologia) contento-me em dizer que não deslustra.

Conheça o Sñr Argos que este objecto foi tratado de passagem : assumptos de maior importancia , ou melhor enunciados , faria a diligencia por depural os methodicamente no cadinho da verdade. Mas os que forem da especie , que se encontra n' hum tal Redactor Serafico Quixote (es-

critos. que dão lastima, por não dizer nôjo) pertencem , como propriedade exclusiva , a quem poder entreter-se com contos da carochinha.

Proficua Liberdade da Imprensa , que illustração , e que escriptores tens dado a conhecer ! E , — qui potest capere , capiat. —

ADVERTENCIA.

Transcreve-se o referido Artigo para melhor intelligencia do leitor , que não possa haver á mão o mencionado Periodico.

As presentes Considerações forão escriptas em Monte-Video no dia 2 de Outubro de 1821 , dia em que o seu author leo no Argos o Artigo que deixamos copiado ; e buscando fazer ali mesmo a impressão , encontrou obstaculos , que não he facil conceber , mas de que elle conserva documentos justificativos , e que se produzirão sendo necessario ; obstaculos que tanto menos se esperavão , quanto era recente a lembrança da — vertigem festival , — que houve naquella Cidade em applauso ao primeiro Anniversario da Regeneração Politica da Nação Portugueza , da qual he a — Liberdade da Imprensa — huma das Leys fundamentaes , porém esta Ley não tem observancia ; esta — Liberdade da Imprensa — não existe em Monte-Video. Reis , e Legisladores , -attentem neste pequeno successo ! Incontrastavel experiencia não tem falhado em provar que assim se excentão as Leys todas nos lugares remotos , e mui distantes da Suprema , e primeira Authority de huma Nação

HUM PORTUGUEZ EM MONTE-VIDEO.



CORRESPONDENCIA.

RESPOSTA A' CARTA PUBLICADA NO ESPELHO N.º 13.

Sãr. André Raposo.

Luceo , non uro.

Apparecen em fim o novo meteóro fulminante na orbita do Espelho !!! A falta das Folhas Francezas , ou a

sua lamentada esterilidade tem obrigado o seu Redactor a por em contribuição os infectos chilradores, e agora os Andrés. Seria porém melhor, que elle, já que tão desgraçado na escolha de partos alheios, se deixasse de transcrever frioleiras, continuando a suprir a falta de proprio cabedal com as compilações do Diario do Governo, e remediando a tortura, em que o poem as Gazetas Francezas com duplicadas Listas de preços correntes, de carregamento, ou Tripulação das Embarcações que entram, e sahem. A Lição que lhe deu o Alfaiate devia torna-lo mais cauteloso: mas diz o Ditado "quem torto nasce nunca se endireita", e em ventas estragadas podem muito fumaças de Lisonja. Fallava-se de = Zoilos = que atacarão o = Chefe de obra = da memoranda Xilradella; e o novo Erostrato de correspondencias Epistolares não pôde suffocar a vangloria de fazer publico o sedição louvor = em fraze estrangeiral = Teve juiso (contra o seu costume) o Sñr. André; porque se lhe não dá com este mel pela boca do asno, duvido que a tal diatribe fosse impressa sem custar-lhe dinheiro para os lugares em que tem uso o papel pardo. São expressões do Chêfe de Obra, Deixemos porém o Espelho no seu quasi Eclipse total, e ao seu Author a lutar com a negação natural, que tem para semelhantes tarefas, e vamos ao Sñr. André.

Quanto podem os máos habitos! O Sñr. André bem mostra que está avesado ao aranzel das contrariedades, réplicas, e tréplicas (invento da chicana para enredar a Justiça) querendo por força emmaranhar me nesse labirinto com o seu Letrado (gentinha que tanto diz pró como contra) sem attender, que eu com muita rasão não quiz refutar a doutrina do tal enjacio, fundado neste reconhecido principio de critica "Que cousas por si mesmo refutadas não carecem de nova refutação.",

Sentido Sñr. André! Sentido no proverbio "Mais depressa se apanha hum mentiroso que hum côxo", Se vm. quiz só instruir os palradores, e indiscertos, e não adular a alguém, para que forão os Exemplares tirados em papel de Hollanda, e offerecidos a pessoas de alta Jerarchia? Estarão tambem ellas contempladas no numero, dos que vm. quer instruir?

Que borbotão, Sñr. André! Aristoteles, Horacio, Despreaux; Tragedias, Comedias, Fabulas, Apologos... Se lhe lembrão Contos, e Entremezes, vinhão decisivamente á

hailha. Grande cousa he o saber de hum André ! Direi todavia huma palavrinha sobre o motivo , porque v. m. fez uso de tanto farelorio. Os Comicos , os Epicos , e os Tragicos , sempre fazem dizer os personagens , que apresentam aquillo que elles deverião dizer em casos semelhantes , e não o mesmo que elles dirião ; porque só assim fica salva a decencia , e decoro , que o fogo das paixões , ou a rudez não deixa guardar ; do contrario ouviriamos muita Andrezada , tal , qual a do mão cheiro , producto daquelle tiro . . . bem me entende. Admiro porém como o homem , que só comia carne seca e farinha “ de tosco trato , de expressões grosseiras ,, saiba agora nomes Gregos , e Latinos , conheça Classicos , desenvolva a origem da Poesia , e Eloquencia ! Grande cousa he ser André !

A defeza das asneiras torna-se peor que a mesma asneira. A paridade dos Pulpitos , e dos Theatros não frisa no caso para que he arrastrada. O Prégador , e o Poeta , ou frotejando os vicios em geral , ou apresentando o quadro dos grandes crimes , ou dos ridiculos particulares da vida commum , não particularisa factos recentemente acontecidos no meio do Povo a quem fallamos , e em os quaes figurou esse mesmo Povo. Portanto v. m. não só insultou o Povo desta Corte , porém até requintando em impudencia , e desaforo pertende fazer meritorio o seu atrevimento. E para em tudo desempenhar o nome , e caracter de André , safa-se muito lampeiro com perguntar-me , porque me não bati com o Semanario Civico da Bahia , que diz “ que não ha , quem saiba nesta Cidade os principios de Direito Publico , e que El-Rey levou com sigo os Dinheiros publicos , e particulares. ,, Primeiramente todos conhecem quem he o Semanarista Civico da Bahia : e portanto = a palavras loucas orelhas moncas = ; mas v. m. mesmo Sñr. André , que André como he , talvez seja empregado publico (da roça) , o que eu não sou , porque não sabio como lhe cumpria de dever a rechazar tão insolentes accusações contra a Pessoa do seu Rey ?

Oh vergonha das vergonhas ! Como toma fogo o Sñr. André contra hum conselho liberal , honrado , patriotico , e generico , que eu lhe dei !!! Como revestindo a qualidade de Executor de alta Justiça , passa a ler o pregão de infancia de alguns infelizes Portuguezes ! Hum Portuguez !!! Hum Portuguez , que se irrita por dizer-se que “ os Portuguezes desconhecião , o que elle André chamava

crime de Lesa Magestade, — ou pelo menos, de Lesa Nação! Com que avidéz vai folhear a Historia, para apresentar o Cathalogo dos culpados! Que mais faz o Algoz, que sóbe ao Patibulo, e por dura obrigação lê as Sentenças, que muitas vezes lavrão outros Andrés de igual calibre! Nem se recordou do “ Parce sepultis „ preccito de humanidade bebido no seio da Natureza! Ah, Sñr. André! Se nós não soubessemos a facilidade com que os Andrés seus semelhantes julgavão os crimes de Lesa Magestade! Se ainda modernamente não fossemos testemunhas das Sentenças da infeliz Septembrisaida, e do desgraçado Gomes!!! Entretanto que aos Ladrões de Estrada se dão as Sentenças, de que o Diario de Cortes faz menção na Sessão 201 de 9 de Outubro, que horror!! A’ força porém de querer fazer citações, e mostrar sabença de Historia envolveu alhos com bagalhos. Forão por ventura os Portuguezes, quem intrigarão D. Affonso Henriques com sua Mãe? Ouça, o que diz o nosso illustrado Bento Pereira de Figueiredo “ Como por morte do Conde D. Henrique passou a Rainha D. Thereza a segundas Nupcias com o Conde Trava, e Tristamara D. Fernando Peres que era naquelle tempo o maior homem de Espanha, que Rey não fesse, causou se daqui ter o Principe D. Affonso grandes desgostos com sua Mãe. Ora diga-me Sñr. André onde está aqui o crime de Lesa Magestade. Diz mais o citado Eseripror “ El-Rey D. Sancho vivia n’uma idade, em que o accusarem os vassallos o seu Rey, ou de tyranno, ou de negligente perante hum Juiz Estrangeiro, não se reputava traição, mas piedade „, D. Sancho foi privado da Administração do Reino por Sentença do Papa Innocencio IV. que não era Portuguez.

O que v. m. dá por causa certa da morte de D. João II. nunca passou de presumpção, nem tão pouco se pôde descobrir onde está o crime de Lesa Magestade na morte de D. Ignez de Castro; aliás crime de Lesa humanidade.

Deixemos porém a analyse dos factos Europeos, que v. m. aponta bem, ou mal; com justiça, ou sem ella; e passemos aos do Brasil. A Revolução dos Mulatos da Bahia!!! Tanta pobreza de critica, e tanta vontade de achar crimes! A’ vista dos Successos actuaes ousa memorar o Padre Romano, e o infeliz Martins, quando no Supremo Congresso acaba de se caracterisar a Provincia de Pernambuco pela primeira que soltou o grito da Liber-

dade! Concluo daqui, que com epithetos (tão piedosos como os que dá ao mal fadado Tira dentes) brindaria aos Heroes da nossa Regeneração, se o successo não coroasse a empresa. Ainda ha muita gente de são criterio, e de verdadeira Religião, que duvida da realidade dos motivos, porque o Tira dentes foi morto, e proscriptos muitos outros; mas ninguem duvida da barbaridade de hum André de Sain, que obrigou a desventurada Mãe, e a desconsolada Irmã desse infeliz a deitarem luminarias na noite do infausto dia, em que pelas ruas de Villa Rica se asteirão os membros do seu extincto Irmão, e Filho!!! Que falta de Politica, de accordo, e de probidade; memorar as desgraças de hum homem, a quem a sua Patria acaba de lavar a injusta nódoa, e derribar por terra o monumento de horror, que a attestava. Com que direito tambem se erige v. m. em Juiz de Felisberto? Eu o odeio se elle foi hum traidor; morra se faltou á Patria: mas está acaso elle processado, e julgado, para ser altamente accusado por criminoso de Lesa Magestade? Se o Sñr. André tivesse força armada ás suas Ordens, no = Sete de Março = quanta gente embarcaria! He suspeito, declare se culpado. Bonito! Deos me livze de v. m. a dar Sentenças!

Poucas excepções nunca destruirão a verdade de huma proposição generica: por pequenas nuvens espalhadas na atmosphera, não se póde dizer, que estavam os Ceos turbados; mas pelo seu esforço em apurar crimes póde dizer-se, que he malvado o Coração de tal André: e que era bem capaz (se lhe coubesse) de seguir o trilho dos Julgadores de Gomes; em Lisboa, e o de hum outro que premiado por provar, que o poder dos Reis vinha de Deos, queria ver se sacrificando humanas victimas a este poder terrivel avançava em Dignidades. bem que maculadas com eterna infamia. Deos o remedeie Sñr. André por este caminho não faz fortuna.

São admiraveis os rodeios, que v. m. procura para alardear Sciencia de nomes; por exemplo, procurando a sua Sella, a sua Albarda &c. para sahir-se com a novidade, de que não ha ideias innatas, e fallar em Loke. Isto he, que he saber conciliar as cousas! Quizera eu que me dissesse, se he necessario ter Sciencia infusa, ou saber fazer albardas, para conhecer se ellas assentão bem nos Andrés deste tempo?

Não ousou contestar a sua notoriidade: só me lembro

dizer-lhe, que se ella he tal como a luz, e a doutrina, que se propôs a dar pela sua vangloriosa epigraphe = Luceo, et doceo = limpe a mão a parede.

Diz v. m., que eu talvez não saiba a definição de Direito, e remata a enfiada de parvoíces com dizer que v. m. sabe melhor, do que eu, o que he Constituição. Estão-me estas frases parecendo com as que esentei a certo André, que disse “ Duvido que o mais erudito no Rio de Janeiro, saiba o que he Constituição; quanto mais o seu Systema ,, v. m. serão Irmãos; ou os Andrés terá occulta sympathia ?

Meu amigo outro officio: vá fazendo Padre Nosso, Credos, e outras quinquilharias semelhantes, a ver se pesca os vintens dos papalvos, e deixe-se de bicos d' obra e para responder ás protervas expressões, que rematão a sua papeleta, e os louvores que dá a memoravel Cartinha. contar-lhe-hei huma anedocta, e que tem o cunho de verdade: “ Certo Empressario tinha hum preto por nome André, que campava de espertalhão, e entendedor: o Empressario consultava o tal capadocio sobre as Pessas que poria em Scena, e mais concurso atrahirião: o André dava o seu voto, e o Empressario o observava á risca: mas eis que á noite ninguem concorria ao theatro!! Dizia então mui triste o Empressario voltando-se para o Conselheiro = Vem cá André; tu já viste algum André, que não diga asneiras? = ,,

Sñrs. Redactores rogo-lhes o favor de inserir esta minha Carta no seu periodico, protestando lhe eu, que será a ultima vez que os incommodo com semelhantes pedidos, por que tenho determinado nada mais responder aos Andrés, podendo elles agora afoitamente dizerem, o que quizerem, persuadido, que estas questões em nada interessão ao bem publico, e principalmente nesta occasião, em que a Patria exige dos Escriptores trabalho de outra natureza.

Rogo-lhes igualmente, que alguns erros mais salientes que acharem os fação apparecer na tabela das Erratas com a devida emenda, a exemplo de certa = Memoria = por memoria = Constitucional = onde os erros do Author, e as fizes do Carcondismo, apparecem promiscuos com os erros da impressão.

— Huan Constitueional de Facto, e Direito. —

CONTINUADO DE N.º XI. PAG. 128 DO NOSSO PERIODICO.

O que he Nação? He a reunião dos Povos, que obedecem á huma mesma Ley, e á hum mesmo systema de governo. As classes privilegiadas, que gosão fóro, e excepções da Ley, não constituem Nação, são pequenas fracções da grande Massa, em quem só reside a força, o poder, e a Soberania. Se os Povos, portanto, fórmão huma centralisação de vontades, e de sentimentos não ha Revolução, porque não ha força oppoente. Ora, se os vinculos da Sociedade não se dissolvem, nem se quebrão em huma refórma, que reorganisa a ordem, e destróe os abusos, e que sobre a ruina da arbitrariedade restabelece o imperio das Leys e da Justiça, ¿ como se póde chamar Revolução a hum acto indispensavel para o bem do Todo, naquelles Paizes em que não ha huma Representação Nacional, que intervenha, vigie, zéle, e sustente o cumprimento do Pacto Social? Nós detestamos as agitações Populares; mas quem são as que as promovem? Não são, por certo, nem os Publicistas, nem os Philosophos, que dissipando as trévas do erro, patentêão as fontes da verdade; são sim os abusos do poder, que cávão os abyssmos da miseria Publica. O Corpo Politico, bem como o Corpo Physico, padece enfermidades: he necessario separar os membros gangrenados para salvar a vida da Sociedade. Só a Verdade he invariavel e eterna: todas as Instituições humanas são susceptíveis de melhoramento, e este deve ser graduado pelo Thermometro das Luzes do seculo. Se a experiencia mostra, que são viciosas taes, ou taes fórmãs preexistentes, ¿ porque rasão continuaremos á tributar-lhes eéga idolatria? O Governo he no Moral o que no Physico he hum Relogio: cumpre atrasa-lo, ou adianta-lo; e o Povo he o Relogieiro; a quem compete compassa lo pelo Chronometro da vontade geral. ¿ Haverá por desgraça hum homem, que faça uso da sua rasão, e acredite que tudo se deva arriscar para salvar o Despotismo? ¿ E quem he aquelle, que á vista dos Successos dos Seculos XVIII. e XIX. espéra bons resultados do uso de petição aos Governos absolutos? ¿ Que Povo poderá ver sem tremer armarem-se os Reys, ligarem-se em santa ou diabolica alliança, multiplicarem-se os Congressos Imperiaes, Reaes, e Militares, e sahirem destes Fandemonios os Açoutes, os Patibulos, e as Proscripções da Italia? ¿ Não são todas

estas cousas poderosos avisos aos Povos para que igualmente se confederem , unão-se , entendão se , para assegurarem os seus Direitos ? Se he licito aos Administradores das Nações , sem a acquiescencia delias , ou sem ao menos darem-lhes a rasão , remirem-se , e confederarem se mysteriosamente , ; porque ha de ser defeso ás Nações pôr-se igualmente em observação , mas estreitamente unidas , mas decisivamente convencionadas ? ; porque se hão de prohibir as reuniões Populares , que tem por objecto o bem geral da Sociedade , a conservação dos Direitos do homem , e por ventura o estabelecimento de hum systema geral de Governo , que reúna e fraternise as Nações , generalise os conhecimentos , e desterre a ambição das Conquistas ? ; Por acaso são estes objectos menos interessantes , do que o imperio da arbitrariedade , do capricho , e do mysterio ? ; Não he tempo de acabar essa triste e malvada época de tratar os Povos como rebanhos ? Ligai-vos ó Povos , e vereis quam pouco valem os esforços dos Déspotas ; obrigai-os huma vez á reunirem-se para o fim verdadeiramente grande , e verdadeiramente heroico de cimentar para sempre a felicidade das Nações , dando o golpe mortal no seu nefando Despotismo.

He criminosa a indifferença ou atonia de algumas Nações , que por se verem livres tem o egoismo de não auxiliar os esforços das que procurão libertar-se ; ellas lamentarão , cedo , ou tarde , a sua tão indigna tibieza em auxiliar os esforços generosos daquelles , que trabalham pela sua emancipação. Devião lembrar-se que a existencia da sua Liberdade anda restrictamente ligada á Liberdade da Europa inteira ; e que a não contentarem-se com mesquinho e ephemero proveito , devião no calculo de seus grandes e verdadeiros interesses contar como quantidade principal o estabelecimento das Representações Nacionaes em toda a Europa. Aquella Nação , que extender a mão protectora ás suas vizinhas e alliadas , alcançará o mais solido grão de fama e gloria , á que póde aspirar a Philantropia de huma Nação. Mas não vos acobarde , ó Povos , a apathia da Inglaterra , e dos Estados Unidos ; lembrai-vos sómente do axiõma eterno , reconhecido pelo maior dos Déspotas = o Povo que quer ser livre , ha de ser livre. = Poderá talvez , por algum tempo , ver abafados os seus esforços , mas os ferros cahirão ao pinciro bem dado grito da Patria , e de toda a parte reventarão defen-

(147)

sores, porque a Natureza sempre sacunda, ainda não exaurio a massa dos = Franklins = Não temais as cóhortes assoladoras do Despotismo: tende em vistas o exemplo da Grecia, levantando a cabeça laureada, que o mais execrando opprobrio envilecia, com eterna vergonha da illustrada Europa.

São grandes, deyo confessar, os riscos que tereis de correr: mas como póde a Liberdade alcançar-se sem perigo em Nações onde o Despotismo tem abafada a cohição, e suffocadas as virtudes? Onde em vez de Cidadãos Amigos, trata-se de formar homens hypocritas, fanaticos, perfidos, e insidiosos? Se os homens deixassem de confiar-se aos ventos e aos mares pelos perigos da Navegação, teriamos a caso devassado o berço do Sol, ou o seu tumulto? E não he a Liberdade mais preciosa mil vezes do que todos os productos do Universo? Consentiremos que a Tiranya nos extermine e aos nossos filhos, com medo de expormos huma vida chea de pezares? = moriendum potius, quam tirani vultus aspiciendus = diz o Orador de Roma.

He este, ó Póvos da Europa, he este o momento: o Systema Constitucional he hoje a Religião Universal dos Póvos cultos; o Mundo está em huma fermentação, que só o estabelecimento geral da Constituição póde accomodar. Hum dos mais atilados satellites do Despotismo, o Principe de Meternick (como refere De Pradt), não duvidou confessar a vaidade dos esforços contra esta ordem actual do mundo, quando respondendo confidencialmente ao Ministro de huma Potencia Allemã, disse: = O tempo avança por entre tempestades; querer suster a sua impetuosidade seria louca tentativa. = Não deixeis portanto, ó Póvos, escapar o momento favoravel e seguro. Sede livres; envergonhai-vos de ver a America preceder á Europa: em toda a America, sim, estão estabelecidas as Constituições; porém fugi dos extremos, imitai o Brasil.. O' Brasileiros, recebei os nossos votos pela felicidade de que sois dignos! Dêstes hum grande passo, abafastes a hydra da Discórdia, que ameaçava devorar-vos, e fixastes para sempre o goso da Paz na Monarquia Constitucional: Perdoai, ó Póvos a digressão á que nos moveo a Patria. Quando depois de huma luta generosa, virdes baldados os vossos esforços; quando conhecerdes que a Europa continua á afugentar de si a Liberdade, as Sciencias, e os Prazeres, que fizerão

outr' hora as suas delicias , conservar o Despotismo e a Arbitrariade , abandonai a , o Póvos , vinde para o Brasil , que com os braços abertos vos offerece huma Primavera sempre nova , hum Solo abundante e rico , e Filhos generosos , que protéstão = antes morrer , que ser escravos =

REFLEXÕES.

PARODIA DOS PRIMEIROS CAPITULOS DA CATILINARIA
DE CICERO ,
Accommodada ao Manifesto da Praia Grande.

Até quando , ó Avillez , abusarás da paciencia do Nosso Governo ? Até quando a raiva da tua deposição nos imputará crimes , que só manchão o teu coração ? A que fim encarrilhas essa enfreme procição de jactancias ? Não temes hum Povo , que o amor da Liberdade exalta ? ¿ Não recéas o concurso de tantos bons , reunidos pela justiça da nossa Causa ? ¿ Não respeitas a nobre indignação , que viste pintada no semblante de todos ? ¿ Que demencia te allucina á ponto de não veres , que se patentearão os teus intentos ? ¿ Que vórtice te arrastra de abysmo em abysmo para não conheceres , que o teu Plano he mais do que conhecido de todos ? ¿ Qual de nós julgas tu que ignora o que fizeste naquella fatal noite ; os Quartéis que visitaste ; os homens que concitaste ; e os planos formados , que punhas em execução ? O' tempos ! O' costumes de hourados Lusitanos ! Chamava se outr' hora Rebelião á hum tal procedimento ; e agora ousas proclama lo como huma justa reclamação da Tropa , como hum servigo á Nação ! E ainda hés tolerado ! Hés ; e até enviaste a cumprimentar o Principe ; a quem desobedeceste , no dia dos annos da Sua Augusta Esposa ; hés , e conservas hum Posto , que já te não pertence ; hés , e fazes-te a alma de hum partido rebelde , nótás , e márcas ao dedo os que se atreverão á desmascarar-te ! Nós porém revestidos de prudencia verdadeiramente Constitucional , contentamos-nos com te ver afastado de nós , apagados nas tuas mesmas mãos os raios , que indiscretamente accendeste para serem fulminados sobre os pacíficos Cidadãos , que tão generosamente te havião hospedado.

CONTINUAR-SE-HA.

RIO DE JANEIRO. NA TYP. DE MOREIRA , E GARCEZ. 1822.



REVERBERO

CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.

TERÇA FEIRA 5 DE FEVEREIRO DE 1822.

Redire sit nefas.

HORAT. Liv. v. OD. II.

A EUROPA, E AMERICA,

DEPOIS DA PAZ DE AIX-LA-CHAPELLE. (POR MR. DE PRADT.)

CAPITULO I.

PLANO DA OBRA. CONSIDERAÇÕES GERAES.

O Genero humano está em marcha;
nada o fará retrogradar.

São estas as palavras, de que ha annos, e por muitas vezes me tenho servido: acolhidas á principio por facções diversas; huns affectados por esta marcha progressiva e irresistivel, outros ou interessados em distrahir a attenção deste grande movimento, e de suas consequencias, ou muito fóra da esféra de capacidade necessaria para a contemplação de hum igual espectáculo, ao qual tão pou-

co convém a frivolidade como a distração, desde então cada dia, e quasi que á cada hora, tem-lhes dado hum emminente grão de confirmação, por hum serie sempre augmentativa de acontecimentos, que rapidamente renovão a face do mundo, e que na sua continuada progressão reduzem qualquer genero de opposição a = inutilidade ou ridiculo. = Já hoje não se cuida de rir, mas de acceder á hum ordem de cousas, que se arraiga, á máo grado dos Democritos, que nem sempre rirão, porque do 1.º de Janeiro de 1820, ao 1.º de Setembro do mesmo anno, como breve mostrarei, ganhou-se mais caminho, do que nos ultimos 800 annos. De que serve, ou irritarmonos, ou não querermos ver o que existe? como se o negar a existencia fosse aniquila-la; como se o desviar os olhos do espectáculo, que nos contraria, fizesse desaparecer o theatro, e os actores, a scena, e as maquinas que a fazem mover! Em casos taes, a distração ou a cólera parece jogo de crianças. Ora tal he hoje o estado do mundo: longe de procurar esta palavra, ella vem metter se-me no bico da penna; nem posso roubar me ao seu uso, nem ao seu encontro; porque he o mundo mesmo que nesta grande effervescencia se apresenta á todo o instante, e todo inteiro, occupado de hum mesmo e unico objecto, e resentindo no seu todo a vibração de cada hum dos movimentos que affecta cada hum das suas partes. Era verdade em 1789, não deixou de o ser até agora, ainda hoje o he, e com maior evidencia = que não ha mais que hum negocio no mundo, o da Revolução. = Não de outra sorte o Christianismo occupou o mundo por muitos seculos, e a Refórma por muitos lustros. Na nossa idade já não ha movimentos, nem actos parciaes, não ha interesses isolados, tudo se refere á harmonia geral do grande movimento, que se opéra; a tendencia he declive e uniforme; o fim he commum; todos são co-obrigados — ia solidum — por todos; e em quanto apparencias enganadoras representão a familia humana mais do que nunca dividida, as realidades creadas pelo estado do mundo, mostrão que ella nunca estivera em melhor nem mais íntima intelligencia.

A propriedade destes grandes movimentos affecta o corpo das Sociedades; delles por longo tempo dáta a humanidade; fórmão épocas, que são como os márcos, pelos quaes a especie humana reconhece as suas diferentes idades, e os seus diversos modos de existencia.

Nós somos evidentemente no centro de hum desses formidaveis e extraordinarios successos, que abração vastissima extensão do tempo, do espaço, e de interesses, e que imprimem nova direcção á huma consideravel porção da humanidade: he huma das maiores épocas da Historia do mundo. Vede, lêde, e marcai algum outro, que seja comparavel ao movimento actual, que abraça a Europa e Americá, que apenas até aqui existira para o resto do mundo, e que vale mais que todo elle; que comprehenda a ordem Religiosa, Politica, Colonial, e Commercial do Universo; equilibrai esta com a mudança, que fizerão os Imperios de Alexandre, e Roma: apenas somos na aurora deste renovamento; porém marcai, se podeis, o espaço, que elle abraça.

Só esboços existem ainda nos mesmos lugares, que já elle enche e cõbre de seus effeitos: o estado definitivo, será o producto da parada e fixação geral, proveniente da semelhança de estado em todos, e da necessaria e mutua coordenação, como acontece ás aguas, quando ganhão o nivel. Esta semelhança resultará da imitação, e do attrito, que hão de produzir os comparações, que se estabelecerem entre os diversos Estados; assim procederão no seu estabelecimento o Christianismo, e a reforma: o modo commum da existencia, como a sua estabilidade, seguem muito de longe a origem, e quasi que no momento, em que cessa a torrente da conquista, a Europa está no mesmo estado: ainda não he senão = huma Europa Provisoria =, a Europa definitiva pertencerá á outros tempos. Bem simples he na verdade aquelle que se persuadir, que ha de ficar como está.

Nós mudamos, já temos mudado bastante, e mudaremos ainda mais; fazem dó os viajantes preguiçosos, ou timidos, e eu não quero affligir nem desanimar algum; mas elles não são os unicos, que se metterão á estrada; nós todos estamos em marcha, proseguindo em commum, huma viagem semelhante á aquellas que se fazem por Paizes cobertos de altissimos sêrros, onde além de huma escarpada eminencia, apparece huma segunda, que a domina; e que predominada ella mesma por muitas outras, só promette reponso, e a comprehensão de toda a perspectiva em huma ultima sumidade, que mal lobrigão os olhos por entre esquadroes de nuvens.

Europeos, homens de todos os Paizes, he para vós

indistinctamente que eu escrevo; todos somos passageiros no mesmo Navio; o mundo tornou-se a Patria de quantos existimos; e a commnidade de interesses nos fez igualmente verdadeiros Cosmopolitas. Cessarão os interesses parciais, e isolados; he huma e a mesma a cadêa, que nos prende, e reúne a hum centro commum. Ha vinte annos que vós fallas destes interesses; revelei-vos o que a minha fraca vista pôde lobrigar do vosso futuro; agora eil-o ahí todo inteiro diante de vós. nem mais he preciso proeural-o, nem he possivel evital-o. Chegarão as cousas ao pontoextremo, que tudo esclarece, e que aniquilando mesmo apossibilidade da duvida, deixa a luz e a evidencia por compensação da dor, que poderá causar a extincção de interesses fulminados de inevitavel morte.

CONTINUAR SE-HA.

PROPOSTAS

QUE FIZERÃO OS DEPUTADOS DA AMERICA HESPANHOLA, NA SESSÃO DE 25 DE JUNHO DO ANNO PASSADO DAS CORTES GERAES DE HESPANHA, QUE JA FORÃO APPROVADAS.

- I. Serão 3 as Secções das Cortes na America.
- II. As 3 Secções das Cortes na America serão, huma na Septentrional, e duas na Meridional. A I comprehenderá a Nova Hespanha, as Provincias do Interior, e Guatimala. A II a Nova Granada, e as Provincias de Terra firme. A III O Perú, Buenos Ayres, e Chili.
- III. As Capitaes, aonde por hora se deveráo fazer as Secções, serão as seguintes: o Mexico, para a Nova Hespanha; Santa Fé, para o Reino de Granada e Terra firme; Lima para o Perú, Chili, e Buenos Ayres. Se para o futuro couvier mudar de local, poder-se-ha fazer, com approvação do Executivo.
- IV. Haverá em cada huma das tres Secções hum Delegado, que exercerá em nome de El Rey o poder executivo.
- V. Estes Delegados serão da livre escolha de Sua Magestade, e tirados das Pessoas mais distinctas pelas suas relevantes qualidades, fóra, ou dentro da Familia Real.

(153)

— Esta Pessoa será igualmente amovível , á vontade de Sua Magestade. Será inviolavel á respeito das Secções das Cortes daquelles Paizes , e só responsavel da sua conducta a Sua Magestade.

VI. Heverão 4 Ministros — do Interior ou Governança ; — da Fazenda ; — da Graça e Justiça ; — da Guerra e Marinha. Poderão reunir-se alguns destes em hum , precedendo Ley.

VII. Haverão 3 Secções do Tribunal Supremo de Justiça.

X O X O X

ENCORPORAÇÃO DO ESTADO CIS-ARGENTEO AO REINO UNIDO DE PORTUGAL , BRASIL , E ALGARVES.

Na Cidade e Capital de Monte-Video, aos 18 dias do mez de Julho de 1821, achando-se reunido o Honrado Congresso na Sala das suas Sessões, appareceu, e foi apresentado hum Officio do Sñr. Barão da Laguna, o qual fica inserto na acia deste dia; depois da sua leitura propoz o Sñr. Presidente como ponto principal para que fôra reunido o Congresso = se attendendo ao actual estado das circumstancias do Paiz, convinha a sua incorporação á Monarquia Portugueza, (e então sobre que bases, e condições;) ou se evacuado o territorio pelas Tropas de S. M. F. seria preferivel e vantajoso constituir-se independente, ou unir se a qualquer outro Governo. = E sendo a referida proposição posta em discussão, tomou o Sñr. Bianchi a palavra, e disse: = He mister que a Provincia Oriental se constitua Nação Independente, ou se incorpore á outra já Constituida. He esta a unica alternativa, que lhe permittem as circumstancias; vejamos portanto se Monte-Video e a sua Campanha pôde constituir-se Nação, e sustentar a sua Independencia; ou senão pôde, qual he aquella com quem deve encorporar se correndo o menor perigo possível, e colhendo as maiores vantagens.

Fazer desta Provincia hum Estado, he cousa, que em Politica parece impossivel; para ser Nação, não basta querer se lo, cumpre ter meios de sustentar a Independencia. O paiz não tem população, não tem recursos, nem elementos para governar-se com ordem e tranquillidade; para evitar os desastres de huma guerra civil, para defender o

territorio contra qualquer força inimiga, que o inváda, e fazer-se respeitar das outras Nações. Huma Soberania neste estado de debilidade, não pôde infundir confiança; seguir-se-hia a emigração dos Capitalistas; volveria á ser, qual foi, o theatro da anarquia, e a presa de hum ambicioso atrevido, sem outra lei que a satisfação das suas paixões. Haverá algum homem, que deseje ver a sua Patria em tão misera situação? Logo he evidente que a Banda Oriental não pôde deixar de constituir-se parte de outro Estado capaz de sustentá-lo em paz e segurança. Buenos Ayres no meio das suas guerras civis não pôde preencher estes necessarios empenhos; muito menos o territorio d'Entre-Rios; nem melhor a Hespanha, cuja dominação tem contra si o voto dos Povos, e até mesmo porque no seu estado actual, nem pôde socorrer-nos, nem evitar que esta Provincia seja o theatro sanguinoso de quantas outras tem já proclamado a sua Independencia. Não resta pois outro recurso senão a incorporação na Monarquia Portugueza de baixo de huma Constituição Liberal. Desta arte livra-se a Provincia da mais funesta das escravidões, que he a anarquia; viviremos em ordem sob hum Poder respeitavel; proseguirá o nosso commercio suscido pelos progressos e incremento das nossas pastoragens e criações; os Afazendados recolherão o fructo dos trabalhos empregados em suas herdades, para repararem-se dos passados prejuizos; e os homens turbulentos, que se preparão á aproveitar-se da desordem para satisfazer seus odios no sangue dos seus Compatriotas, applicar-se-hão ao trabalho, ou terão que soffrer o rigor das Leys; e em qualquer crise, que lhe proveeha do tempo, ou da torrente irresistivel dos successos, achar-se-ha a Provincia rica, povoada, em estado de sustentar a ordem, que he a base da felicidade Publica. =

O Sâr. Alagão apoiou o Preopinante, e dice: = Estes são os sentimentos de todo o Povo, que represento, que assim, e muito especialmente mo recommendou. =

O Sâr —Llambi— Na alternativa, que se nos propõem, tomar huma resolução, ou pouco circumspecta, ou meditada em abstracto das circumstancias Politicas da Provincia, deve submergir-nos em hum cahos de desgraças, e envolver-nos nas pericunções de cada huma das facções, de que se compoem o Paiz. no mesmo instante, em que as Tropas Portuguezas evacuaem este Territorio, teremos sobre nos as Forças d' Entre Rios para dominar-nos, e

tirar de nós as vantagens, que este Paiz lhes proporciona guerra, que traz pendente com Buenos-Ayres. Se quizessemos observar huma estriccia neutralidade e attender aos nossos proprios interesses, ainda supondo-nos todos reunidos em vontade e sentimentos, ; como resistiriamos as forças, que o Chefe daquelle Povo tem as suas ordens? Se tanta virtude affiançamos de nós, se cremos possível que pelo bem geral se desprenda cada hum dos ressentimentos pessoaes, que occasionarão a Revolução, e dos differentes motivos, que devem compellir nos segundo as nossas ideas e comportamento nos tempos anteriores, não poderemos todavia evitar de virmos á ser victimas das pretenções de Entre Rios sobre Buenos-Ayres: e naquella suposição, evidentemente falsa, he indisputavel que os nossos desejos serião tão estereis, como todos os de hum Povo indefenso.

Se temos visto que as Provincias do Interior, a pesar da sua Independencia, tem sido atacadas, e obrigadas a tomar o partido daquelle, que pela força chega a dominar-as, que motivo poderá haver para duvidar desta probabilidade á nosso respeito?

Abandonados á nos mesmo, vamos fomentar o ciúme das Provincias limitrofes; cada huma dellas se porá á mira do partido, que a braçarmos; e qualquer que seja a nossa moderação, quaesquer os principios, que adoptarmos nem estaremos livres da sua desconfiança, nem seguros, de que não aspirem a fazer-nos tomar hum partido bem pronunciado por huma ou por outra. Neste caso, ; quaes são as vantagens, que deveremos procurar? Se a guerra he o maior mal de hum Paiz, e que desgraçadamente havemos experimentado; se vemos aniquilada mais de metade da nossa população, extripadas as nossas riquezas, destruidas as nossas fazendas, e até carecendo já daquelle alimento, que era o mais abundante da Provincia, necessitaremos por ventura analysar os seus effeitos, para comprehender os males, que nos devem secceder?

(CONTINUAR SE-HA.)

REFLEXÕES.

Apresentamos neste numero dous Documentos bastante-mente interessantes: he hum delles o Acto, pelo qual os

Deputados de Monte-Video, e Povos adjacentes accordarão que devia aquella Provincia encorporar-se á Monarquia Constitucional de Portugal, Brasil, e Algarves, debaixo do titulo de = Provincia Cis-Platina Possuindo ha muito este documento, só agora o transmittimos aos nossos Leitores, por que nos consta que fora a Proposta a gradavelmente, accita pelo Soberano Congresso Portuguez. O segundo são as proposições que fizera nas Cortes de Hespanha, depois de hum eloquente discurso (já por nós transcripto em outro N.º) no dia 25 de Junho do anno passado, o Sñr. D. Miguel José Ramires, hum dos Deputados da America Hespanhola; cujas proposições forão já admittidas, como lêmos nas Gazetas de Hespanha.

Alguns Escriptores tem tratado, ou com nimia ligeireza, ou com transcendente odio, ou com reconhecida emulação este importante negocio de Monte-Video, chamando até incurial e ruinosa a occupação daquella Praça, que punha á coberto de invasões a nossa fronteira. Hum Senhor Deputado em Cortes chegou mesmo a balançar Monte-Video com Olivença: mas elle se desculpa confessando n'outra occasião, que só conhece o Brasil na Carta Geographica; (oh! e se a tivessesmos exacta!) Nós porém que somos Brasileiros, não podemos deixar de sentir verdadeiro jubilo, quando vemos com esta acquisição, filha de espontanea e legal escolha, fexado o nosso Continente pelas suas naturaes balizas, por esses dous corpulentos Rios, que estendem os seus braços por hum territorio immenso, fértil, rico, invéja de todo o mundo. Se os Póvos não são propriedade de ninguem, nem herança de Pessoa alguma; se cada huma das Provincias póde mudar de Governo, ou emancipando-se, quando se considerão com forças, ou encorporando-se entre si, e com outras que melhor lhes apraz logo que se muda a primeira fórma governativa em que vivião, como escreve o sabio Wattel, e outros, que bem estudarão a natureza das cousas, he indubstavel que os Povos do Rio da Prata tinhão o direito de escolher o Governo á que querião obedecer, e á Nação com quem desejavão encorporar-se.

O futuro esconde-se no seio da Divindade: não nos he dado portanto penetra-lo; mas faltão por ventura modernos Prometheos, que arrancão o fogo dos Ceos? Sim deixando vagar o nosso pensamento sobre as azas da phantasia, que horisonte não descobrem aquelles mesmos olhos?

que, ou prejuizos, ou interesses tristemente vendavão? Quem ha hoje que possa arrancar o gigantesco Carvalho, que teve tempo de varar com as suas raizes o Inferno; e de topetar pela sua côma com as estrellas? Quem ha que possa obstar á elevação do Brasil, quando a Liberdade Constitucional fazendo chegar a vida ás grandes arterias deste Respeitavel Imperio, desenvolve nelle as faculdades que o Despotismo tolhia, destruindo antigos perniciosos vicios, e remediando os defeitos da sua passada educação Colonial? Rico das producções as mais preciosas do Universo, situado na mais vantajosa posição do Globo, abrangendo pela sua vastissima extensão as duas mais fertes Zonas; abundante das materias primas de todas as Artes... só lhe faltava a Liberdade, e a Liberdade veio coroar os seus vo'os — adquirio este novo thesouro, accedendo á Causa Constitucional, e sobre tudo conservando no seu seio o Principe adorado, necessario centro da sua reunião, principio da sua tranquillidade, que o livrará das commoções da Democracia, e dos vortices horrorosos da Anarquia, pondo freio no mesmo tempo ao astuto machiavellismo, que parecia desuni-lo, intriga-lo, e enfraquece-lo. “ Portugal! a grandeza do Brasil fará sempre a tua verdadeira grandexa, e a liberdade do seu commercio, enriquecerá os teus Portos, e promoverá a tua Industria. „

Entre os ponderosos motivos, que os Deputados de Monte Video consultarão, examinarão, e allegarão, he hum muito attendivel a distancia, em que fica a antiga Metropole Hespanhola, para lhes poder prestar soccorro em occasião necessaria. Com effeito he bem proprio de huma imaginação fibricitante o pertender que se procurem remedios a duas e tres mil legoas; remedios que quando chegão, apenas servem para testemunharem a morte do enfermo que deverião curar, ou para assistirem ao anniversario do seu enterramento. Segue se daqui que na incorporação daquelle territorio á Monarquia Portugueza, elles tiverão mais em vista a cooperação do Reino do Brasil, do que a de Portugal e Algarves, pois que estes dois Reinos lhes offerecem as mesmas impossibilidades de Madrid; e eis-aqui mais hum motivo, alem de outros muitos, que authorisa, e faz necessario o grande passo, que deo o Brasil, para evitar a sua impiamente fomentada desmembração, e procurar no Principe a conservação da sua unidade, a precisa relação de todos os seus movimentos, e a

sustentação dos indisputáveis direitos, que tem a legitimi-
dade social entre as Nações do Mundo.

O segundo Documento acabará de convencer aos Ultra-Europeos, que não he hum absurdo em Politica ha-
verem dous ou mais centros parciaes, subordinados ao cen-
tro absoluto ou geral. Esta proposição arriscada inconside-
radamente pelo Governo da Bahia, encontrou, pelo seu
enunciado, muitos apologistas, que julgavão que o Brasil
devia ser considerado sempre como propriedade Europea.
Houve muitos, que para apoiarem aquella proposição per-
guntavão enfaticamente = ha por ventura dous centros em
hum circulo? = Mas nem aquelles nem estes se lembra-
vão, que o Globo tem dous pólos, e que o Universo
tem duas forças contrarias, das quaes resulta o movimen-
to regular das Espheras; e que cada hum dos Planetas
he centro particular do seu systema, e nem por isso de-
sorganisa a harmonia geral. “Bahianos, honrados Primo-
genitos do Brasil, se nos precedestes na gloria de abraçar
hum systema congenito com os Brasileiros, acompanhai-
nos na tarefa de ser fieis á nossa verdadeira Liberdade,
ella não deve medir-se pelo que fomos, mas sim pelo que
podemos ser, unamos-nos em laço fraternal para que em
maior familia possamos entrar com respeito no todo da Na-
ção Portugueza; unamos-nos, sim, porque separados, nem
formaremos hum Reino que a Natureza e a Politica dis-
puserão, nem sustentaremos com decóro os nossos direitos
nessa Assembléa Nacional, em que devemos figurar como
parte muito preponderante; os que julgão da nossa fra-
queza pela nossa apparente desunião, de certo ignorão até
onde lavra o fogo da Liberdade soprado pela convicção
dos nossos direitos; se he huma e a mesma a massa dos
nossos corações, deve ser hum e o mesmo o nosso inte-
resse; reunidos seremos grandes e respeitados; divididos,
nem seremos Portuguezes, nem Brasileiros Constitucionaes.
A Monarquia proclamou liberdade e igualdade; e o Brasil
como parte consideravel da Monarquia, proclama estes
mesmos principios, mas quer reunião, para que mais se
estreitem as relações de Portuguez a Portuguez, de Reino
a Reino, de Provincia a Provincia, e de Hemispherio a
Hemispherio.

Mordão-se muito embora de raiva todos esses Ultras,
que não querem ver na marcha do Brasil as indicações
da Justiça, e do verdadeiro interesse Nacional, que lem-

pre tivemos em vistas , como verdadeiros Constitucionaes ; bramem desesperados , quando lerem as expressões energicas , e patrioticas das Provincias do Meio Dia do Brasil , adheridas á causa da nossa associação , que he a mesma da Monarquia. Mas nem por isso desandarã o movimento principiado no dia 9 de Janeiro ; esses dèspotas , que depois de jurarem a Constituição , ainda se afoitão , a chamar o Povo = Canalha ; = que pertenderão fazer a Liberdade synonymo de terrorismo militar , encravando-nos este nome tão amavel com artilheria assestada sobre hum Povo desarmado , e com bayonetas sobre corações , que sempre os acolherão como amigos , e como irmãos ; esses dèspotas , que blasonando de nos fazerem livres (quando só apelião as nossas ventades) quizerão restringir a Liberdade da Imprensa aos seus caprichos , e talvez aos seus interesses , pedindo a prisão e processo dos que estranhavão os seus rebeldes procedimentos ; a Divisão assustadora , ou revoltadora , em vão procurará doirar a sua rebeldia burlhando os factos e as épocas ; a maldição de hum Povo , que insultarão os acompanhará como a sombra ; hum Povo justamente indignado he huma muralha inexpugnavel ; a Liberdade Constitucional castigarã sem duvida os rebeldes , quem não obedece á Lei a quem obedecerã ? quem arrega poderes , que lhe não competem , como pôde desempenhar o juramento que prestara ? querer annullar com bayonetas o direito de petição , proclamado pelas Cortes , não he ser contra as Cortes ? querer ingerir se em negocios Politicos , quando só cumpria obedecer ; ou mais , querer obrigar com insultos a hum Povo , a desistir da supplica que fizera , convencido de que era precisa á gloria da Nação , não he Despotismo , não he a maior das rebellões ? Decida o mundo imparcial , e os Portuguezes Constitucionaes.

Os Sabios Deputados Hespanhoes não julgarão impossibilidade Mathematica a existencia de trez centros diversos , e independentes , subordinados ao grande centro Europeo. Serão menos atilados os nossos Mestres de Hespanha , do que os seus Dicipulos de Portugal ? Não ; he que a Hespanha , reconhecendo pela attitude ameçadora da America a necessidade de acquiescer as Proposições , que lhe fizerão , e o Portugal julgou pela nossa pressurosa ambição em nos rennirmos á sua Causa , que podia sobre a nossa boa fé estabelecer a sua colonial preponderancia. Agora de certo mudarão de opinião e de sentimen-

tos, porque o caprixo não abafa o grito da razão, e os dictames da igualdade Constitucional.

É merecemos nós menos do que mereceo a America Hespanhola? Não de certo; reunidos pela Constituição, e pelos vinculos liberaes de huma perfeita igualdade com a Mãe Patria, não conheceremos preferencia, que são a origem das commoções. A Constituição he o Norte do nosso Ministerio; ella vedará, que recedamos nesse estado de desorganisação, em que morriamos sem esperança de soccorro, em que bradavamos sem ser escutados. O celebre Montesquieu escreve com o seu costumado criterio = que nada nos assemelha tanto aos brutos, como ver os outros homens livres, e conhecermos que o não somos. = Sendo isto assim, que diria aquelle Publicista sobre os Brasileiros, que tendo sido huma vez livres, tendo gozado as doçuras do Governo Representativo, recalissem nas garras do Despotismo, de que nos salvára o nosso Joven Principe?

He mister por tanto, que o nosso Ministerio, que hoje tanto arrebatá o nosso culto, e o das Provincias já reunidas, não se affaste da linha de conducta, que lhe presereve a prudencia Constitucional; he mister que a Ley seja geral para todos, acabando-se o infernal systema das excepções, e voltando aos abismos do mal, de que sahi-ra essa fatal e moderna invenção de suspender a Ley por hum Aviso. Cumpre que o premio e o castigo andem sempre emparelhados, e que os habitantes das Provincias do Reino do Brasil vendo a Justiça administrada sem respeito e sem patrocinios concorrão gostosos a expor as suas queixas, para receberem as congoiações, de que seriam privados por tamanha distancia. Cumpre . . . Mas que me canço! e não temos nós hum Ministerio a contento dos Brasileiros? Não forão os nossos Actuaes Ministros precedidos pela Opinião Publica, que não erra na sua escolha, assim como não perdoa os erros daquelles, a quem exalta! Possa este rasgo da bem acertada Politica de hum Principe amante da Constituição e da Nação obrigar á reunião de vontades, todos os Brasileiros existentes nas nossas Provincias; possa o Patriotismo dos hoarados Paulistas, Mineiros, e Povos do Rio Grande do Sul, ser insitado pelos Liberaes Pernambueanos, Bahianos, Paraenses, e de mais habitadores ao Norte do Cabo de Santo Agostinho.

RIO DE JANEIRO, NA TYP. DE MOREIRA, E GARCEZ. 1822.

N.º XIV.



REVERBERO

CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.



TERÇA FEIRA 12 DE FEVEREIRO DE 1822.

Redire sit nefas.

HORAT. Liv. v. OD. II.

APONTAMENTOS DE HUM PATRIOTA CONSTITUCIONAL. PARA SE ACUDIR PRONTAMENTE AO THEZOURO PUBLICO, NAS CRITICAS ACTUAES CIRCUNSTANCIAS.

Sãrs. Redactores.

Lendo no seu Periodico — Reverbero Constitucional, N.º 10 — o Discurso, que lhe foi dirigido, sobre a dívida do Thesouro Publico, com que tanto nos assustão os nossos Financeiros, enchi-me de satisfação por este primeiro ensaio dos nossos Litteratos, sobre objecto de tão grande importancia, qual he o bem ser do Thesouro Publico: graças mil vezes sejam dadas ao Ente Supremo pelos dias 24 de Agosto, e 15 de Setembro de 1820, em que se desenvolveo o espirito Nacional, e se preparou a abertura do Soberano Congresso, para a Regeneração Politica do Reino Unido de Portugal, Brasil, e Algarves; já somos livres: já podemos e devemos ter hum verdadei-

ro Espirito Nacional: já gosamos do inapreciavel bem da Liberdade da Imprensa: já nos he licito apontar os males, que nos affligem, e os remedios, que se lhes devem applicar: já finalmente he, e deve ser hum crime Nacional, o vil egoismo, e a occultação dos pensamentos uteis e proficuos á Causa Publica.

Para não incorrer neste crime, eu vou expor algumas idéas, que me parecem uteis nas criticas circumstancias, em que nós achamos por falta de meios do Thesouro Publico, em quanto os Financeiros nelle empregados se occupão unicamente em desacredita lo, como bem ponderou o Author da luminosa carta publicada no seu N.º 10.

As actuaes Rendas Publicas desta Provincia não chegam para as suas despesas, apesar das diminuições, que tem havido. em que tão incansavelmente tem trabalhado o Nosso Adoravel Principe Regente, sendo o primeiro em reformar suas despesas, e em sustentar sómente o que lhe parece necessario á nossa Regeneração Política sobre as bases e trabalhos do Augusto Congresso de Lisboa para a Constituição do Reino Unido com a devida Representação Nacional: he superfluo o dizer as causas da diminuição das Rendas do Thesouro, por ser por todos conhecida; bem como apontar a rasão porque se não podem, nem devem cortar as despesas, para igualisar com as Rendas da Provincia, como propoem, os que não tem conhecimentos sólidos de materia tão importante ao bem ser de huma Nação.

Se o embaraço do Thesouro fosse sómente o da sua divida fluctuante, nada mais obvio do que funda-la, havendo huma sufficiente quantia para applicar-se ao pagamento do juro, como propõe, e suppõe o Author da Carta: mas este não he o caso, pois que não ha sobras, antes hum — deficit — annual, que maior seria, havendo de tirar-se da Renda actual a quantia destinada ao pagamento do juro da divida fundada: tal he a obscuridade, com que até agora se tem publicado as cousas do Thesouro, que o mais atilado Financeiro não poderá comprehender, e bem reconhecer o seu estado! Mas ainda dado o caso de haver sobras, o methodo proposto não seria, quanto a mim, o que se devesse seguir, para a fundação da divida fluctuante.

O embaraço do Thesouro, consiste em não ter huma Renda annual, com que possa fazer todas as suas despe-

(163)

sas annuaes ordinarias , e indispensaveis : e as extraordinarias , tambem indispensaveis , com que sempre se deve contar ; este embaraço ainda se torna maior por causa da sua divida , cujo pagamento he diariamente sollicitado , e com toda a rasão , pelos seus Crédores. Não se podendo augmentar a Renda Publica com novas imposições : não bastando para se equilibrar a Receita com a Despesa a mais bem entendida economia , que nunca deve atacar a existencia de cada hum , nem offender o direito adquirido , reduzindo-se por consequencia esta economia á suspensão de obras e projectos , que podem admittir demora na sua execução : em se não augmentar a folha dos Ordenados , Pensões , e Tengas , esperando-se sómente a sua diminuição pela mão da morte , que infelizmente não reponha : não bastando de certo o accrescimo , que se deve esperar de huma melhor Administração das mesmas Rendas , e da maior vigilancia sobre as despesas , objectos , que devem ser de toda a publicidade , para que se reconheção , e apontem os erros e os desleixos das Administrações , hem como os roubos , que haver possão nas compras para fornecimento dos Armazens publicos , e o extravio dos mesmos generos depois de comprados , não se podendo colher de pronto , destas economias , e da melhor administração e fiscaliação das Rendas e Despesas Publicas , hum tal accrescimo , que nos livre do embaraço , em que nos achamos , e nos habilita para fazer face ás despesas ordinarias e extraordinarias , que infallivelmente temos , só nos resta lançar mão de alguma operação de credito e circulação , com que nos possamos tirar do embaraço , ao menos por hum anno , esperando se que no fim d'elle já possamos ter collido alguns fructos da nossa Regeneração Politica , e da nossa Liberal Constituição.

Estou persuadido , de que o Thesouro Publico poderia bem caminhar , se além da sua actual Renda mensal , ou com insignificante diminuição della , pudesse dispor em cada hum mez de mais duzentos contos de réis : ou de seis milhões de crusados no decurso de hum anno : para isto se conseguir lançaria mão de Bilhetes do Thesouro , e de Letras de Cambio até á sobredita quantia na seguinte proporção.

Cento e quarenta contos de réis por mez em Bilhetes do Thesouro de diversos valores ; 10 , 20 , 30 , 40 , 50 , 60 , 70 , 80 , 90 , 100 mil réis com huma consignaçoão fixa

de 12 por cento, para pagamento annual do seu premio de 6 por cento por anno, sendo o resto applicado para amortisação successiva dos mesmos Bilhetes, que se deverá fazer no fim de cada anno, e no acto do pagamento do premio, substituindo-se os Bilhetes então apresentados por outros novos.

Sessenta contos de réis em Letras de Cambio, com os prazos de 15, 18, 21, e 24 mezes precisos, sendo em cada mez 15 contos a 15 mezes, 15 a 18 mezes, 15 a 21 mezes, e 15 a 24 mezes.

Com estes 200 contos de réis, assim havidos, por humma operação de credito em cada mez, e no decurso de hum anno ficará o Thesouro Publico em estado de satisfazer as suas mais urgentes despesas, tendo, além desta grande somma, disponível toda a sua actual Renda mensal, sómente com a diminuição insignificante de 32 contos de réis, que são necessarios, para se preparar o fundo, com que se deve fazer o pagamento dos Bilhetes do Thesouro, e das Letras de Cambio, devendo por consequencia contar-se com hum liquido acrescimo de 168 contos de réis por mez, para coadjuvar as actuaes Rendas publicas, em tão critica situação, qual he a presente, em que muito convém trazer contentes os Empregados Publicos, e os Créditores do Thesouro.

Para que a todos, e ainda os mais ignorantes, seja patente a facilidade e solidez desta operação de credito, offereço a seguinte Tabella, bem desnecessaria para qualquer Caixaero de medianos conhecimentos, e que sómente servirá para poupar o trabalho de fazer os calculos: tomarei, por exemplo, o mez de Janeiro do corrente anno de 1822, e continuarei até inteiro pagamento de 720 contos de réis em que importão as Letras de Cambio, seguindo-se dahi por diante a consignação necessaria para inteiro pagamento dos Bilhetes do Thesouro, e que não passa de 16 contos e oitocentos mil réis por mez, com que deve ser amortizada a importancia total de 1680 contos de réis dos sobreditos Bilhetes do Thesouro; he facil de comprehender, que os resultados devem ser os mesmos ainda que diverso seja o mez, em que principiar esta operação, se for adoptada.

TABELLA.

1822.	EMISSÃO		Consignação para o Cofre destinado ao pagamento dos Bilhetes e Letras.	PAGAMENTO		Existencia no Cofre, no dia em que se fa- zem os paga- mentos, que he no 1.º de cada mez.
	De Bilhetes.	De Letras.		De Bilhetes.	De Letras.	
Janeiro	140.000U000	60.000U000	32.000U000	?	?	?
Fevereiro	140.000U000	60.000U000	32.000U000	?	?	?
Março	140.000U000	60.000U000	32.000U000	?	?	?
Abril	140.000U000	60.000U000	32.000U000	?	?	?
Maior	140.000U000	60.000U000	32.000U000	?	?	?
Junho	140.000U000	60.000U000	32.000U000	?	?	?
Julho	140.000U000	60.000U000	32.000U000	?	?	?
Agosto	140.000U000	60.000U000	32.000U000	?	?	?
Setembro	140.000U000	60.000U000	32.000U000	?	?	?
Outubro	140.000U000	60.000U000	32.000U000	?	?	?
Novembro	140.000U000	60.000U000	32.000U000	?	?	?
Dezembro	140.000U000	60.000U000	32.000U000	?	?	?
	1.680.000U000	720.000U000	334.000U000	?	?	?
1823.						
Janeiro			32.000U000	16.800U000		387.200U000
Fevereiro			32. . . U . .	16.8 . U . .		382.4 . U . .
Março			32. . . U . .	16.8 . U . .		397.6 . U . .
Abril			32. . . U . .	16.8 . U . .	15.000U000	397.8 . U . .
Maior			32. . . U . .	16.8 . U . .	15. . . U . .	398. . . U . .
Junho			32. . . U . .	16.8 . U . .	15. . . U . .	398.2 . U . .
Julho			32. . . U . .	16.8 . U . .	30. . . U . .	383.4 . U . .
Agosto			32. . . U . .	16.8 . U . .	30. . . U . .	368.6 . U . .
Setembro			32. . . U . .	16.8 . U . .	30. . . U . .	353.8 . U . .
Outubro			32. . . U . .	16.8 . U . .	45. . . U . .	324. . . U . .
Novembro			32. . . U . .	16.8 . U . .	45. . . U . .	294. . . U . .
Dezembro			22. . . U . .	16.8 . U . .	45. . . U . .	264.4 . U . .
1824.						
Janeiro			32.000U000	16.800U000	60.000U000	219.600U000
Fevereiro			32. . . U . .	16.8 . U . .	60. . . U . .	174.8 . U . .
Março			32. . . U . .	16.8 . U . .	60. . . U . .	130. . . U . .
Abril			32. . . U . .	16.8 . U . .	45. . . U . .	100.2 . U . .
Maior			32. . . U . .	16.8 . U . .	45. . . U . .	70.4 . U . .
Junho			32. . . U . .	16.8 . U . .	45. . . U . .	40.6 . U . .
Julho			32. . . U . .	16.8 . U . .	30. . . U . .	25.8 . U . .
Agosto			32. . . U . .	16.8 . U . .	30. . . U . .	11. . . U . .
Setembro			35.8 . U . .	16.8 . U . .	30. . . U . .	U
Outubro			31.8 . U . .	16.8 . U . .	15. . . U . .	U
Novembro			31.8 . U . .	16.8 . U . .	15. . . U . .	U
Dezembro			31.8 . U . .	16.8 . U . .	15. . . U . .	U
					720.000U000	
1825.						
Janeiro			16.800U000	16.800U000		U
Fevereiro &c.						

(167)

Pela simples inspecção da Tabella se conhecerá que huma tal operação de crédito e circulação, com a qual se pôdem effectuar no decurso de hum anno avaliados pagamentos no Thesouro Publico, até á quantia de 2000000U de réis, além dos que com as actuaes Rendas do Thesouro se podem fazer, tem sólido fundamento, e he de facil execução, com grandissima vantagem dos Crédores do mesmo Thesouro, huma vez que os Bilhetes, e Letras propostas tenham todo o crédito, para que possam girar com facilidade, no caso de assim convir a seus donos, ou ser guardadas por elles, até á época de seus vencimentos.

Como porém se poderá esperar, que se tenha confiança em operações de semelhante natureza, feitas pelo Thesouro Publico, á vista do que se diz dos seus Empregados na precitada Carta, e á vista do Ponto, que se fez a 23 de Janeiro do corrente anno de 1822, quanto ao pagamento dos Crédores do Thesouro, anteriores á Regencia de S. A. R. até que se saiba, quaes são as Rendas, quaes as Despesas correntes, o que se deve e ha de haver, como se fez publico na Gazeta do Rio, de 26 de Janeiro?

Não he possível tal crédito conseguir-se: portanto seria baldado o meu trabalho, senão apontasse o meio de o pôr em pratica.

Sejão os Bilhetes do Thesouro assignados pelo seu Escrivão e Thesoureiro Mór, e firmados pelo Thesoureiro do Banco do Brazil, com declaração de que o pagamento do seu respectivo premio de 6 por cento ao anno, e da quota destinada para a sua amortisação gradual, será feito pelo Thesoureiro do dito Banco.

Sejão as Letras de Cambio sacadas pelo Thesoureiro Mór sobre o Thesouro do Banco, acceitas por este, para serem pagas no preciso dia de seus vencimentos.

Estes Bilhetes e Letras mensaes até á quantia de 2000000U de réis nas proporções marcadas na Tabella, depois de firmadas e acceitas pelo Thesoureiro do Banco, voltem ao Thesouro Publico, para com ellas se fazerem os pagamentos aos Crédores em huma devida e imparcial distribuição, pondo-se de parte toda a arbitrariedade e nepotismo, e fazendo-se publicas nas contas mensaes do Thesouro a totalidade e antiguidade da divida de cada Crédores, a quantia, que recebeu por conta de ella, e as especies com que se realisou o pagamento, declarando-se quanto em moeda corrente, quanto em Notas do Banco, quanto em

Bilhetes do Thesouro, e quanto em Letras de Cambio com os seus respectivos prazos para o vencimento, a fim de que o Publico seja inteirado do bom, ou máo uso, que se fizer deste recurso extraordinario.

Firmado assim o credito dos Bilhetes, e Letras pela certeza dos seus pagamentos nos devidos tempos, receberão os Crédores do Thesouro Publico hum balanço consolador de absoluta necessidade nas suas apuradas e criticas circumstancias, á vista da Portaria de 23 de Janeiro: terão, na falta de moeda metallica, hum titulo negociavel de seus capitaes, que se achavão paralisados no Thesouro, com que possam sustentar seu credito, e continuar suas especulações, e transações, no caso de lhes não convir a conservação dos Bilhetes do Thesouro com o vencimento de 6 por cento ao anno, e com huma tão forte consignação annual para a sua amortisação, circumstancias, que os farão appetecidos pelos Capitalistas, bem como a conservação das Letras de Cambio, para impreterivelmente receberem as suas importancias nos dias de seus vencimentos sem soffrem desconto algum.

O Banco do Brasil, que tantas provas tem dado de seus desejos de coadjuvar, como effectivamente tem coadjuvado o Thesouro Publico, não pôde deixar de se prestar de boa vontade a garantir e affiançar o exacto pagamento destes 6 milhões de cruzados, na fórma, que tenho proposto, recebendo desde logo e pelo Rendimento da Alfândega desta Corte a consignação mensal apontada na Tabeila em cada hum mez; a fim de se preparar para fazer os pagamentos nos devidos tempos, sem o menor desembolço do Cofre do Banco.

Tenho satisfeito á obrigação de hum Patriota Constitucional, apresentando as idéas, que me parecem uteis ao Thesouro Publico para poder fazer seus pagamentos, de que tanto necessitam os seus Crédores: appareção contas circumstanciadas do verdadeiro estado do Thesouro: sem duvida apparecerão logo os mritos, que temos entendidos em Economia Politica, e na difficil sciencia da Administração e do Crédito Publico, apontando os resultados de suas combinações, feitas no sevego de seus Gabinetes, que preferem ao esplendor dos Lugares Publicos, para que delles se haja de escolher e adoptar, o que parecer mais conveniente.

Rio de Janeiro 31 de Janeiro de 1822.

REFLEXÕES.

Ha crimes, que encadeando-se de hum modo extraordinario, offercem huma perspectiva formidavel, não só pelo horror da sua mesma natureza, como pelas consequencias, que delles resultão. A insubordinação da Divisão chamada Auxiliadora, que em todos os seculos, no Brasil e na Europa, será contemplada como hum factio original, adquirio ainda hum novo grão de horror, por ser a causa primaria da morte de S. A. Serenissima, O Senhor D. João, Principe da Beira. ; Qual será o Brasileiro, que não annuncie a sua indignação, lembrandose que foi necessario salvar das baionetas ameaçadoras a preciosa vida do futuro Herdeiro da Monarquia, e que á pesar de todas as cautelas, este Principe foi victima das mesmas providencias que se tomarão para a conservação dos seus preciosos dias? ; Como se poderão conter os excessos do nosso furor, todas as vezes que troxermos a idéa o momento fatal, em que se vio sahir dos Porticos Reaes, a Augusta Filha dos Cesares, levando em seus braços o Penhor da sua Conjugal União, e das nossas bem nascidas esperanças, ameaçado então por aquelles mesmos que se jactão de haver arrancado das mãos inimigas o Throno dos Nossos Augustos Soberanos? .. O lugar que se considerava menos exposto as violencias dos canibaes, era o Palacio de Santa Cruz; ; mas quantos incommodos se offercião para chegar sem perigo á esse azillo de segurança? Huma carreira de 12 legoas; hum dia de Sol o mais ardente; os balanços da sege, que devia apressar a sua marcha; os lugares difficultosos e desiguales em superficie, que se devião passar, todas estas causas reunidas devião fazer a mais sensivel impressão sobre S. A. Serenissima, attenta a sua idade de 11 mezes, e o seu estado de forças. Com tudo as circumstancias postergavão todas estas prudentes reflexões; crescião os insultos de huma Tropa desatinada pelos seus Chefes; emprehendeo-se a viagem, mas o Principe da Beira succumbio; quando seu Augusto Pae, com huma moderação incrivel se empenhava em poupar a vida dos rebeldes na guerra civil, que injustamente provocão e accendião. ...

Os Hungaros firmes no seu systema contra os direitos da Casa de Austria, abaterão as armas, respeitando o Augusto Filho dos seus Soberanos, que a Imperatriz

reza lhes mostrava nos braços, circulado as fleiras revoltadas, e dispostas ao combate. A Europa applaude, com ignaes demonstrações de louvor, a firmeza heroica da Imperatriz, e a pronta submissão dos soldados Hungaros, que gritavão em altas vozes = moriamur pro Rege nostro Maria Theresia. = Mas os bravos da Divisão Auxiliadora, virão o Augusto Netto dessa mesma Imperatriz, fugindo dos seus insultos, e conservarão-se a pé firme em suas disposições hostis, levantando vozes ainda mais atrevidas; vozes indignas de Portuguezes, e de Portuguezes, que se devem interessar pela harmonia dos dous hemispheros, resultado da decisão de S. A. R. no dia 9 de Janeiro, que tanto os escandalizou, porque nada entendem de Politica, e em tudo se querem metter.

Em tempos mais antigos, vio-se desde Brindes até Roma, a irresistivel influencia, que inspirou a vista da Esposa de Germanico apparecendo com seus Filhos no meio das facções, que agitavão a Corte; os Soldados Romanos lembrarão-se, que nas veias de Agripina corria o sangue de Augusto; e a cabeça de Pison, assassino de seu Esposo, foi a primeira homenagem, que se offereceu á infeliz Princesa. E o nosso Pison, verdadeiro assassino do tenro Principe da Beira ha de ser respeitado no Brasil? E os Soldados, que não mudarão de idéas, á vista da Augusta Esposa do nosso adorado Germanico, hão de sahir d'entre nós, basofando, de que se lhes concedera tudo o que querião? Sim, elles só pertendem doirar os seus crimes, levando ao derradeiro apuro a nossa justa indignação; sim, elles já conhecem o mal que fizeram, e o castigo, que os espera; mas exasperão a nossa prudencia, para justifiarem as calumnias e mentirosas asserções, que onsarão imprimir no seu Manifesto; sim, Brasileiros honrados, prudentes, e subordinados (e neste numero comprehendendo todos os Nossos verdadeiros Irmãos da Europa, que testemunhão a nossa justiça, e que nos ajudão na sustentação da nossa honra, para honra, e para união de toda a Monarquia Portugueza); sim, a incomparavel doçura de S. A. R. e a bem conhecida sabedoria, do nosso actual Ministerio, segurão as vidas de tantos rebeldes; ingratos! que deverião melhor respeitar hum Povo, portantos motivos Acredor da sua estima, e do seu reconhecimento! A Magnanimidade do Nosso Regente he o seu escudo; esta virtude distingue altamente na grande Familia dos Principes,

Aquelle , que entre os Portuguezes he já maior do que fôra entre os Romanos Tito , e Marco Aurelio ; esta consideração deve enfrear a nossa euergia , o nosso Patriotico enthusiasmo , para não sermos como os rebeldes ; marcharemos ao campo da honra , seremos coroados de louro , vingando a morte do Serenissimo Principe da Beira , nosso Patricio , nossa esperança , futuro Rei da Monarquia Portugueza , ceifado em flor , e victima innocente da mais escaandalosa rebellião ; mas só convidados pelo nosso Sabio Governo ; só conduzidos por aquelles , a quem accende o mesmo Patriotismo , e a mesma indignação , que nos anima .

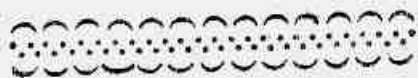
Lembraí vos , Brasileiros , que este Principe nasceu no meio das convulsões , que nesta Cidade excitára a Divisão Auxiliadora ; devêra por isto mesmo ser hum Iris de Paz , e Tranquillidade Constitucional ; mas a borrasca continuou , elle foi crescendo entre indisciplinados fêros , e grosseiros insultos , de huma soldadesca insubordinada pelos seus Chefes . O Ceo parece que não quiz que tanta innocencia persistisse por mais tempo em huma Cidade assombrada pelo terrorismo militar ; morreo no meio de commoções terriveis da Divisão Auxiliadora ; desceo á sepultura , no memoravel dia anniversario , em que o seu Augusto Avô , o Senhor D. João VI. eingio o Diadema dos Affongos , e dos Joões nesta mesma Corte , em que dando hum novo espectaculo da Grandesa dos Nossos Reis , teve novos e bem publicos testemunhos da nossa lealdade , e do nosso brio verdadeiramente Portuguez .

Lembraí-vos , Brasileiros , que o futuro Principe herdeiro que esperamos , como tão necessario á tranquillidade dos nossos dous Hemispherios , talvez vendo a luz seja a segunda victima dessa desastrosa insubordinação ; porque he impossivel que a extrema sensibilidade da Sua Augusta e virtuosa Mãe , não padeça em huma crise tão fatal , e com golpes tão penetrantes e tão repetidos Risquemos , risquemos do numero dos Benemeritos da Patria aquelles que derão causa a tantos males ; não são Portuguezes de certos que se saboreão com estas desgraças tão prejudiciaes á causa da Nação ; não pertencem á ordem social sobre tudo aquelles que ainda no meio de nos (posto que em desprezivel numero) se afoitão a ser indifferentes ; pois que em taes circumstancias , o não ser pela Patria he quasi o mesmo que ser inimigo della , e mórmente quando Sua

Alteza Serenissima , Penhor da nossa Esperança , e firme
Objecto do nosso Amor , morreo victima innocente das de-
sordens da Divisão Auxiliadora.

X O X O X

N.º XV.



REVERBERO
CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.

TERÇA FEIRA 19 DE FEVEREIRO DE 1822.

Redire sit nefas.

HORAT. LIV. V. OD. II.

BREVE ANALYSE DA SESSÃO DE CORTES DE 18 DE OUTUBRO DE 1821.

Havendo nós promettido, no nosso Prospecto, transcrever os Discursos mais interessantes dos nossos Deputados, não podemos deixar de transmittir o que na Sessão de 16 de Outubro, depois de prestar o seu juramento e tomar assento em Cortes, recitou o nosso honrado Patrio o Senhor Vilela, sobre a remessa de Tropas Europeas para o Brasil, e temores de Independencia, até porque elle tem tão intima relação com as nossos actuaes successos. = Apesar (diz elle) de que pedia a modestia, que no primeiro dia, em que tẽho a honra de tomar assento neste Soberano Congresso, guardasse silencio, em sinal do respeito, que lhe he devido: com tudo, ouvindo fallar de desgraçados, que pertencem ao Paiz, a que tambem tenho a honra de pertencer, não posso deixar de orar em seu favor. Varios juizos se tem formado ácerca do estado actual do

Brasil, particularmente de Pernambuco, e pela maior parte contrarios aos honrados sentimentos daquelles Povos. Desconfia-se da sua união com Portugal, e as Tropas decretadas para o Rio de Janeiro (permitta-se-me que falle com aquella liberdade e franquesa, que me compete neste lugar) e decretadas sem maior necessidade, e a independencia dos Generaes das Armas para com as Juntas dos Governos daquellas Provincias, dão lugar a suppor isto, que digo. Pois he hum engano, Senhores. Os Povos do Brasil não tem elles dado provas bastantes de que desejão, e querem a união com Portugal, já pedindo a Constituição Portuguesa, já mandando os seus Representantes a este Soberano Congresso? Ligados por antigos habitos e costumes, e mais que tudo, pelos vinculos de sangue, e sangue de que muito se présão, só desejão ser regidos por Leis justas e humanas. E se concedendo a seus Irmãos Europeos a gloria de Primogenitos se contentão com a de filhos segundos, não devem, nem soffrem portanto ser tidos como enteados. Removão-se d'entre elles esses Bachás, esses Verres, esses Regos fintos no sangue dos seus Compatriotas, e descance-se na fidelidade Brasilica. Se Luiz do Rego foi hum bravo General tem sido muito máo Governador, e o Militar, que não tem outras virtudes mais do que a bravura, eu o considero como hum desses instrumentos hellicos, que não tendo uso senão em occasiões de guerra, deve estar guardado durante o tempo da paz: se he bravo, se he Leão, ate-se a huma corrente de ferro, e solte-se quando apparecer o inimigo; mas não se conserve entre Povos pacificos, degolando-os como ovelhas. Quaes são os crimes desses desgraçados, que nos remette presos em hum Navio, á maneira da escravatura da Costa da Mina, accusando-os de que pertendião a Independencia? Independencia!.. Calumniadores!.. A' palavra de — Rebellião —, que em 1817 levantou forças em Pernambuco, e abriu masmorras na Bahia, substituem agora os malvados a de — Independencia — para cobrirem seus crimes, para levarem adiante os seus odios e vinganças, e para consummarem as atrocidades e desgraças, a que a nova ordem de cousas poséra termo. Procurão pretextos para conservarem a antiga dominação. Recção que os accusados nas Devassas de Pernambuco soltos, e livres, se tornem seus accusadores, e lhe pção contas perante este justiceiro Congresso, e eis a causa destas novas prisões. Mas quero conceder, que na-

quella Provincia alguns opprimidos levantassem na sua desesperação o grito da — Independencia —: acaso as suas representações, as suas queixas, as suas supplicas, forão já ouvidas e satisfeitas? Acaso já se lhes arrancou o jugo de ferro? Não certamente. Luiz do Rego ainda lá existe. A Liberdade comprimida reáge em todos os sentidos, e estoura; e todos os caminhos, que encontra para se restituir ao seu devido estado, são justos, e quando menos, desculpaveis. Removão se, Senhores, removão-se do Brasil os Despotas, e Oppressores, e então a voz da — Independencia — a menor voz será crime, e crime atrocissimo, como ingratição para com Portugal, a quem devem o ser, e hora, o maior de todos os bens, a Liberdade. =

Este discurso, que como bem se deixa ver, he consequencia das discussões sobre vir, ou não vir Tropas para o Brasil, foi seguido de muitos outros igualmente fortes, e patheticos recitados pelos Deputados de Pernambuco na Sessão de 18 do mesmo Outubro. Não podemos deixar de exclamar, quando vemos a renitencia do Soberano Congresso a este respeito: “ que ha hum motivo particular por que os Senhores Deputados Europeos tanto insistem em marchetar os nossos quartéis com os seus soldados. „ Esta medida, e esta persuasão, em que elles estão de que o Systema Constitucional não se arreigatá no Brasil sem que seja escoltado de baionetas Europeas, não pôde deixar de produzir males de huma natureza assustadora. Quando a America Ingleza, depois das suas primordiaes contestações com a Metrópole, jurou á face do Ceo, e da Terra adhesão á sua Causa, os primeiros choques, que produzirão a desunião, forão nascidos da introduccão das Tropas Inglezas, que immediatamente derão a conhecer os intentos de apoiar as pertencções tyrannicas da Mãe Patria. Então sobre os Manes sagrados das victimas sacrificadas pelos Inglezes, elles jurarão não depender, que de si mesmos, e de só á sua vontade confiarem os seus futuros destinos. Todavia he necessario que se faça mui pouco conceito da bravura, valor, e patriotismo dos Brasileiros; ou de outro modo como interpretar o procedimento do Congresso, quando se persuade que com 600 baionetas poderia conter, se ella o não quizesse, a Provincia de Pernambuco, ou com 1000 a do Rio de Janeiro?

Não ha porém maior sem rasão, do que este temor de Independencia, que como sensatamente tem dito algum

dos Senhores Deputados, supprio as palavras — Jacobinismo; Rebelião; — e o mais he, que cá, e lá más fadas ha. O Brasil, he verdade, que começou a sentir a precisão da Liberdade quando a alluvião Europea cahindo do xófre sobre elle o inundou de crimes, carregou-o de oppressões, e quasi que o esmagou com o peso enorme do Despotismo e da Arbitrariedade. Então Pernambuco foi a primeira Provincia do Brasil, que alçou o grito terrivel, suffocado pelos patibulos, e pelos arcabuzes. Porém como disse o Senhor Muniz Tavares — a voz da Independencia desapareceu no Brasil, logo que raioa no Horisonte de Portugal o novo Astro, que tudo illuminou. = E na verdade, que desejavão os mais accerrimos Democratas do Brasil? Liberdade. ; Como havião de assegura-la? Por huma Constituição. ; E que Constituição mais livre, mais cheia mesmo de fórmãs Republicanas do que a Constituição de Portugal? Escreve o celebrado Benjamim Constant: — que quando os poderes publicos se dividem, e estão a ponto de se fazerem mal, he necessaria huma Authoridade neutra, que faça a seu respeito, e que o Poder Judicial a respeito dos individuos; que esta Authoridade na Monarquia Constitucional, he o Poder Real. Se a acção dos Ministros he irregular, o Rey os admite; se a acção do Corpo Legislativo vai se tornando funesta, o Rey o dissolve. = Ao Rey, continúa elle, pertence o Direito de dissolver a Assembléa Representativa, e de preservar assim a Nação das aberrações e desvios dos seus Mandatarios, chamando a a novas nomeações. = Ora, na Constituição Lusitana, os Orgãos da Lei, e os Funccionarios são propostos pelo Conselho de Estado, e o Rey nem póde dissolver, nem congregar as Cortes, e até nem suspender as Leis, que fizerem; logo he claro, que nada mais podia desejar o Brasil, e que os Brasileiros são agora verdadeiramente livres; logo he livre o Brasil, ainda mesmo debaixo da Dynastia de Bragança, porisso que tem direito a huma Constituição, que no seu Projecto mesmo rivalise com a custosa Obra dos Franklins, e Wasinghtons, como em Cortes disse o precitado Senhor Tavares.

Em nenhuma parte se descobre esse espirito Democratico, de que não cessão de fallar, diz o Arcebispo de Malines: e se o não achamos no Meio Dia da Europa, onde o descobriremos? Se porém chama-se — Independencia — á opposição honrosa, justa, e necessaria a clandes-

tinios intentos de — Dependencia, — então faremos com Paine huma pergunta: = o poder zeloso da nossa prosperidade he proprio para nos governar? = Com elle mesmo responderemos: = não. = Será hum — Independente — (acrescentaremos de nosso proprio cabedal) todo aquelle, que disser = sim; = he hum malvado egoista, que o Brasil deve expellir do seu seio. Mas para que estas theorias? O Brasil provou o contrario com factos; quero dizer, erguendo muro de corações em torno do Principe, para que delle não sahisse. Não he precisa muita perspicacia para conhecer-se, que o Brasil he hum objecto secundario no Systema de Politica das Cortes de Portugal, e que só o seu proprio interesse o induz a diminuir a nossa prosperidade; eis a rasão porque = o Rey até se julga ter abdicado a Coroa se sahir de Portugal. = Não merece o Brasil ser visto e viajado pelos seus Reys; he pouco, huma viagem a elle he reputada hum crime de Lesa Nação, que se pune com o perdimento da Coroa. Eis a rasão porque nos querião divididos, sem união, sem relações entre nós, sem mutua coadjuvação, e até mesmo zelosos huns de outros, e sempre a ponto de nos despedaçarmos mutuamente por intestinas discordias. Eis a rasão porque disse o Senhor Borges Carneiro = que não está tudo em querer a Constituição, e que são necessarias sempre as Tropas de Portugal para nos obrigarem a querermos as ordens e os factos, que se seguem da Constituição. Isto quer dizer em Dialecto claro e intelligivel: que se nos queria dar huma sorte de Governo de tutela, que seria sempre vacillante, sempre inquietador. He do interesse do Brasil o ser povoado por homens de todas as Nações do Mundo; e quaes seriam em tal estado de cousas, os que quizessem nelle estabelecer-se? Pelo contrario, pedia a prudencia, que os Estrangeiros aqui existentes fossem tomando medidas para aproveitarem o primeiro instante de retirar os seus fundos, e as suas pessoas.

Não he menos para notar, que em todas as Sessões em que se tratou da questão = vir ou não vir Tropas para o Brasil = sempre se disse: que ellas não vinhão como Conquistadoras; que não trazião fins Politicos; que erão destinadas para o Serviço da Praça; que vinhão (disse o Senhor Miranda) para apoiar as Juntas, e para evitar desordens, e para suffocar intrigas; e o mesmo Senhor Borges Carneiro pronuncia que era muito necessario man-

dar 600 homens para Pernambuco , não para subjugar , mas para estar ás ordens da Junta Provisoria , eleita pelo Povo , e toda da sua confiança. = Mas todas estas expressões suaves e conciliadoras esquecerão-se , quando se lavrou o Decreto dos Governos do Brasil , fazendo-se inesperadamente apparecer essas mesmas forças á disposição de hum Governo Militar Europeo , a quem fizerão independente das Juntas. Não podemos comprehender a relação daquellas theorias com esta prática ; todavia , exclama o Senhor Fernandes Thomaz nestas emphaticas palavras : = que temos nós feito depois que os Povos do Brasil declararão a sua união ? Não temos dado provas bastantes de que os queremos unidos a Nós ? (quanto favor !!) Nos concedemos aos Povos do Brasil , que elejão elles os que os hão de governar (e nomea-se logo hum Governador que lhes não presta obediencia !!) concedemos-lhes quantas attribuições podem ter , á excepção de legislar ; (que generosidade !!) que mais querem os Brasileiros ? (o que acabão de fazer .) Vai para lá hum Governador Europeo , ora que coisa esta ? (bagatella , bagatella !!) Nós cá não temos tambem Authoridades concedidas a Brasileiros ? (e que tal a paridade !!) = Ora reflectão os nossos Leitores nestas proposições , e tirem dellas os corollarios , que são obvios .

Pareceo fallar profeticamente o Senhor Deputado Lira , quando disse : = a minha opinião he que toda a tropa , que entrar no Brasil , he prejudicial , vai formar partidos , e talvez de Portugal se estejam excitando os Brasileiros para a Independencia. = O Batalhão do Algarve deo a provar aos Pernambucanos quantos males podem produzir a audacia , e a insubordinação de Tropas forasteiras , cheias do encanecido prejuizo de que o Brasil fôra conquista sua ou dos seus maiores ; nós mesmos acabamos de ver humma Divisão guiada e dirigida por dous Chefes revoltosos , pertender alçar as mãos rebeldes contra o Filho do seu Rey , e inundar de sangue humma Cidade , onde forão acolhidos com generosa franqueza , e onde receberão todas as demonstrações da mais desvelada amizade. Bateo apressado o coração nos nossos peitos , quando vimos tomadas as alturas da nossa Cidade , e impendente sobre nós a guerra civil. E para que precisamos nós de Soldados Europeos ? Para manter a Liberdade Constitucional ? O sentimento da Liberdade he congenito connosco. Para abafar as desordens ? Mas excitirão entre nós partidos e fomentirão em Pernam-

(179)

huco as proscricções. Para firmar a nossa união com Portugal? a Religião, as Leis, a Linguagem, o Sangue, em fim a publica opinião, não são mais seguros fiadores, do que as baionetas e os canhões? Para defender-nos de inimigas irrupções? que injuria ao nosso Patriotismo! que afronta á nossa coragem! que desmentido á nossa Historia! Será finalmente porque as Tropas em Lisboa tem segurado a Causa Constitucional (elles o dizem) e Tropas se tem mandado para Braga, Porto, &c.? Pois entre nós a Causa Constitucional está enraizada em nossos corações; nem conhecemos a mais pequena aberração deste systema em todo o Brasil; e se forem necessarias Tropas, temos, e com muito brio as de S. Paulo, as de Minas, e as do Rio Grande. Será porque a Bahia as pediu? porque o Maranhão as recebeo? Queirão os Ceos que elles se não arrependão, e que o sangue que alli talvez se derrame, não se ajunte ao fumo das queimadas victimas de Pernambuco, e não peção ambas vingança no Throno do Altissimo.

REFLEXÕES

SOBRE OS ULTIMOS ACONTECIMENTOS DO RIO DE JANEIRO.

O Escritor, que pertendesse acompanhar a marcha dos acontecimentos Politicos, que desde principios de Dezembro rapidamente se reproduzirão nesta Corte, decidindo os timidos, desesperando os empenhados na nossa ruina, e confirmando os vaticinios dos Patriotas, que os lobrigarão de mais longe, teria de lutar sem suvida, não com a confusão de encontradas idéas (que brevemente se desembaraçaráo, pondo-se quasi todas ao nivel dos nossos verdadeiros interesses) mas com a affluencia de pasmosas circumstancias, que sem variar a marcha principiada, opprime a mente de quem as considéra, para recommenda-las em seus escritos. A Opinião Publica vacillava ainda entre o escrupulo de desagradar ao Soberano Congresso, fazendo a S. A. R. huma Petição por tantos motivos necessaria e justa, e o nobre desejo de ser livre na expansão dos seus sentimentos, no gozo daquelles direitos que indisputavelmente pertencem aos Povos, e no desvio dos terriveis males, que ameaçavão de perto o Brasil, se se organisasse o inorganico Governo, que nos decretarão, e se ausentasse o Augusto Regente, penhor da nossa paz, centro da nossa força, e

principal elo da nossa união. Não faltou nesta crise, quem visse a occasião mais propria de assentar os seus occultos systemas, com prejuizo do brilhante vôo, que o Brasil deve tomar, favorecido pela Liberdade Constitucional, unico bem, que a Europa nos doára depois de 300 annos de tormentosa existencia; dizemos unico bem, porque o Theouro que possuímos no Principe, o devemos á Providencia, e não á generosidade dos nossos Irmãos de Portugal. Tambem não faltou quem pertendesse tomar a Opinião Publica pela mão, acreditando-a cega na sua marcha (miseraveis!), errada nas suas já bem concertadas deliberações, e dirigi-la a fins sinistros, promettendo prosperidades no abismo, em que a despenhavão, encantando-a com os doces nomes de — Liberdade, e Constituição — nomes, que merecendo a adoração de todos os Brasileiros, não podião todavia ser ouvidos, sem indignação, da boca de perversos seductores.

A Liberdade aborrece as Armas, quando as Armas são pelos Despotas. Erão armados de ferro os novos e falsos Campeões do Liberalismo nesta Cidade; e já por muitas vezes havião desacreditado a sua doutrina com as suas acções: recorrião por fim á ultima rasão do mais forte... Mas illudirão se, trabalhando na sua mesma ruina, e desenganando cada vez mais a hum Povo livre, amante da sua Patria, zeloso da sua honra, idolatra da sua tranquillidade, applicado todo ao seu engrandecimento, e que desde o Dia Nove de Janeiro (Dia eternamente memoravel!) teve milhares de provas para se convencer, de que todos os que se oppunhão á sua heroica e Constitucional Representação, ou que procuravão obstar o Sabio, Politico, e Necessario consentimento do Principe, erão os verdadeiros promotores da desunião dos dous Mundos; erão os Sycophantas dessa, por elles tão decantada Independencia; erão os inimigos da Constituição, do Povo, e da Nação, que lançarão a lava na area da estacada... A Posteridade no Tribunal da Historia lerá o desenvolvimento das idéas, que nos offerecem os successos dos dias 11, e 12 de Janeiro. A indignação Patriótica, que de nós se apodéra, com a lembrança de huma guerra malvadamente provocada por aquelles, que a seu cargo tinham manter a paz, pôde conduzir-nos a ser taxados de exaggeração, se escrevermos mindamente o que vimos, e o que sabemos... Vomite muito embora o subplantado Despotismo as suas grosseiras

(181)

ca'umnias; seus crimes não deslumbrarão o fulgurante Patriotismo deste Paiz, que em cada Cidadão vio hum defensor, em cada filho hum soldado destemido, que corria a sacrificar-se no Altar da Patria, e da verdadeira Liberdade para quebrar as Armas nas mãos dos seus indiguos oppressores. Quanto pôde hum Povo, quando a Justiça, e a Razão o conduzem pelos caminhos da Honra; quando a Liberdade, esse logo sagrado, prende em todos os corações, formando huma só chamma para reduzir a nada o Despotismo atroador, para os abrasar em verdadeiro amor para com hum Principe, hum Joven Heróe, que arrebatou o nosso culto, e a nossa justa admiração!

Não he porém com vagas exclamações, ó Patria, ó Brasil, que nós pertendemos recommendar ao teu respeito, e ao teu reconhecimento, a Prudencia, o Valor, e a Inérgia do Nosso Regente, que vem de cingir a sua testa com a Coroa da victoria, sem ser salpicada com o sangue dos vencidos: he com factos ainda recentes, que o apresentão preferindo o commodo dos seus Povos, aos seus proprios commodos; he com testemunhos multiplicados de huma actividade e de huma energia superior ás nossas expressões; he com bençãos, e com sinceros elogios dos mais cordatos Estrangeiros, pela acertada escolha de hum Ministerio, justamente conceituado na Opinião Publica; he por ultimo com a reunião de tres grandes Provincias, que n' Elle, e connosco, reconhecem hum centro necessario para gloria e tranquillidade deste Reino; que se accenderão de huma nobre indignação, pelos insultos aqui projectados contra o seu Decoro e nossos Direitos; e que mandarão apressadamente os seus Bravos, para repellir pela força o que já se conseguira pela prudencia. Em quanto viverem na lembrança dos Brasileiros todas estas provas da grandeza d'Alma, da elevação de Character, e do Amor do Principe para connosco, não seremos crimiados de lisongeiros; a justiça dirige a nossa penza; a publicidade authorisa as nossas expressões; e a ingratição só pôde agradar aos que pouco se interessão pela gloria do Brasil. Nós escrevemos para os verdadeiros Amantes do Nosso Paiz, e da Nossa Heroica Nação; com os outros nem podemos contar, nem devemos temer.

Mas se dos recentes acontecimentos nós colhemos a certeza, do quanto pôde a Força Moral desenvolvida nos Povos pelo conhecimento dos seus Direitos, e da sua Jus-

tiça ; se esta Força sempre respeitavel , mórmente nos Governos Constitucionaes , he a mais veridica expressão das vontades reunidas para o bem de todos , de balde , de balde se esforçará o Despotismo para levantar-se da sua queda , ainda fingindo adherir á Nossa santa Causa , talvez para pregar-nos incantos ao somno da nossa tão desejada tranquillidade. O Monstro já não tem Armas , com que de novo nos combata , nem laços com que estade enredar-nos. E serão para perderem-se em hum só momento os sustos , as vigílias , os incommodos , e o nobre enthusiasmo de quasi hum mez , em que todos os briosos Habitantes desta Provincia , todos os Bravos da primeira , segunda , e terceira Linha , possuidos de hum mesmo zelo , e de hum mesmo Patriotismo , se mostrarão prontos a encarar antes a morte do que a escravidão ? Campre ler no passado o que nos deve succeder no futuro ; a pratica aproveita muito mais que a theoria ; ou antes esta deve emanar daquelle . para não ser fallivel ; contra factos não valem argumentos , e se estes axiomas fossem mais attendidos no Soberano Congresso , os Habitantes de Pernambuco não se terião voltado ás Armas para de novo libertarem se do Despotismo Militar. Sigamos portanto os dictames da Prudencia , mas sem reavarmos do caminho da necessaria subordinação ; o nosso exemplo chamará de certo a nossa reunião , á grande associação Brasileira , os demais Brasileiros , que talvez tenham sobre nós fitos os seus olhos e as suas esperanças , para se decidirem em huma Causa toda Constitucional , e toda proveitosa á Nação.

Seja nos permitido ainda acrescentar mais algumas palavras , que o zelo da Patria nos arranca , e que a nossa feliz liberdade de escrever escudará da maldicencia , quando esta intente venenar o nosso Patriotismo. A Opinião Publica , que tão difficilmente se adquire , perde se com facilidade , e ás vezes em poucos momentos , quando se lhe não applica aquella nutricao que a deve conservar em beneficio da Causa commum. O Enthusiasmo he huma exaltação dos espiritos , que prontamente se abate , faltando-lhe o estimulo , que o produzira ; he muito natural depois de nocturnas borrascas , o repouso dos que luctarão com ellas ; mas este repouso será vergonhoso e até prejudicial , se por elle nos deixarmos a perder incantos , o que haviamos ganhado com snores , e com fadigas. Não se julgue que com estas expressões me dirijo unicamente ao Governo para que

(183)

sustente a confiança adquirida por tantos desvelos: tambem nós temos obrigações restrictas a este respeito: se elle trabalha por nós, como não podemos duvidar, nós devemos trabalhar por elle; porque desta correspondencia nasce a perfeita harmonia, a perfeita união, e o melhor bem de todos. Os sacrificios que se fazem pela Patria nunca se perdem, quando Pilotos adestrados conduzere a Nação do Estado; o que se applica á perfeição de hum todo, reparte-se pela perfeição de todas as suas partes: ajudemos o Governo nas presentes criticas circumstancias, e elle attendendo as nossas representações liberais, e até aos nossos conselhos se forem justos e prudentes, fará verdadeira a sua bem conceituada vigilancia, a sua necessaria energia, e a nossa gloria.

CORRESPONDENCIA.

Sñrs. Redactores.

Todos nós prezamos trazer diante dos olhos o que amamos, ou pelo menos o seu emblema. Portugal já decretou, e levantou duravel Monumento á sua Regeneração, e o Brasil nelle não falta! Este fogo sagrado devora nossos peitos; e não fazemos delle hum deposito commum, sobre cuja pira vamos todos os annos esquecer a mão com que prestamos o santo Juramento de manter, propagar, e defender até o ultimo suspiro a nossa honesta Liberdade! Hum altar venerando, a cujo terrivel aspecto desaccãohe o Despoia, e se reunime o Leal Patriota! Humo peiza notavel e desusada, em cujas lisas faces se eternise a memoria sempre memoravel da nossa transformação! Ah! Quea senão os publicos Escriitores, estes interpretes do unanime voto porá em movimento esta penúla, que só espera a mão motriz? E não será para v. v. m. m. glorio-sissimo, que da sua penza desfeixe este nobre impulso?

Parece que cada Provincia deve, e quer marcar a Época em que accorreu: mas parece tambem que todo o Brasil deve e quererá naquelle ponto central, que se destinar para a coadunção dos seus representantes, e permanentemente solio da sua Regencia accender hum fogo vestal onde todas as Provincias mutuamente enlaçadas achem luz, calor, e perfeitamente igual benflicencia, e conforto.

Que falta pois Sñrs. Redactores? Hum Cidadão leal que sacrifique a este troféo os preciosos momentos da sua existencia? A! porfia elles correrão, se v. v. m. m. os desafiarem. Curtas despesas serão precisas: hum Povo Constitucional sabe ser nobremente economico. Quem dará o mais simples e nobre plano deste Monumento? O seu nome será tão duravel como a mesma penha. Está batendo o Dia 26 de Fevereiro, e o Rio dorme? E os seus Escritores silenciosos!!!

Rogo-lhe queirão levar ao seu Reverbero este pequeno despertador, que fará de certo que nossos Compatricios desenvolvão seus tão liberaes sentimentos.

Sou seu venerador.

X O X O X

Serão precisas mais expressões, será mister maior esforço para accender o fogo patriotico da honra, e da virtude nos corações dos Brasileiros! Scipião, accusado no foro de Roma, sóbe á Tribuna, e diz aos Romanos: = Hoje faz hum anno que vos livre de Carthago: vamos dar Graças aos Numes. = O Povo o acompanha no maior ardor da alegria!...

Brasileiros! o Dia normal da vossa felicidade está a ponto de reaparecer, e vós... ficareis estupidos observadores? Brasileiros! Brasileiros!

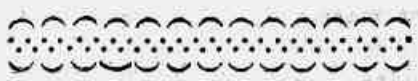
=====

No nosso Numero fatno transcreveremos a outra Carta que acompanhou a acima transcrita, e faremos as nossas observações. Somos Patriotas: amamos a verdade, e não tememos a intriga.

Em alguns Exemplares deste Numero ha os seguintes erros:

PAG.	LIN.	ERROS.	EMEND.
174	5	me que	que me
.....	15	muito	que muito
178	37	Bate	Bateo

N.º XVI.



REVERBERO

CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.



TERÇA FEIRA 26 DE FEVEREIRO DE 1822.



Redire sit nefas.

HORAT. Liv. V. OD. II.



EXTRACTOS DO CORREIO BRASILIENSE.



CONFUSÃO DE PODERES.

Decretário as Cortes, que o Principe voltasse do Brasil para Portugal. Isto não he das attribuições do Poder Legislativo: porque se o Principe se considera como hum simples individuo particular, as Cortes, como Poder Legislativo, não tem direito de mandar, que nenhum individuo resida nesta, ou naquella parte do Reino Unido, ou fóra d'elle, se isso melhor lhe convier. Se o Principe se considera como huma personagem publica, como exercitando certo emprego nacional, então ao Executivo he que pertence o determinar em que, quando, e onde tal homem

publico deve ser empregado. Caso os Ministros não empregassem esse homem publico no lugar mais conveniente aos interesses da Nação, então as Cortes fação efficaz a responsabilidade do Ministro, mas não lhe compeje ordenar o como o individuo deve ser empregado.

CONSTITUIÇÃO.

Já tivemos occasião de notar, que a Revolução (Portugueza) hia tomando mais Democratica tendencia do que ao principio se annunciára. A frase que se usa he de Systema Constitucional: esta expressão he impropria, porque Constitucional pôde ser qualquer Governo que se regula por huma Constituição. Dizemos que o proprio nome, que se deve dar ao Governo, que em Portugal se vai estabelecendo pela pratica, e se indica formar na Constituição, he o de huma Monarchia Democratica, e esta segundo o invento moderno, por via de Representação. Como esta parece ser a tendencia da Revolução, ou por outras palavras, os desejos dos homens, que mais influem nella, as questões principaes sobre a Constituição se reduzem naturalmente a examinar nessa mixtura de Monarchia, e Democracia, que parte de poderes politicos se ha de conceder a hum ou outro ramo. Huma vez adoptada qualquer forma de Governo, he preciso, para elle se manter que toda a Legislação conspire na mesma tendencia, e tanto mais precisa he essa harmonia nos Governos mixtos, aonde já essa mixtura he hum principio de desunião. O Governo que se está formando em Portugal he huma Monarchia Democratica Representativa, posto que lá se contentem de chamar-lhe pelo termo vago de Governo Constitucional. Dizemos pois que se quizerem fazer esse governo permanente, devem as Cortes adaptar toda a sua legislação a esse principio. Parece-nos que a parte que o Monarcha tem na Constituição, se lhe limita na pratica, e se annulla de todo na theoria, quanto á parte legislativa.

Na Sessão 222, 223, 227 se examinou o importante ponto do Veto de El-Rey, e se reduzio a decisão das Cortes a que El-Rey seja obrigado a dar a sua Sanção ás Leis, e se a não der publicar-se-hão as Leis, e serão válidas sem ella. Dizemos que se na formação das Bases da Constituição, (que indicarão hum Governo Monarchico Democratico, se achou conveniente fazer as Leis dependen-

(187)

tes da Sancção do Monarcha , isso só podia ser para pôr hum freio á precipitação do Poder Legislativo : determinar agora que o Monarcha seja obrigado a dar essa Sancção , he destruir todo o beneficio , que dessa Sancção podia resultar . Se porém na distribuição dos poderes , se assenta , que as Cortes só de per si devem fazer as Leis , sem dependencia alguma do Monarcha , o decretar essa Sancção forçada he huma formalidade peor que desnecessaria ; porque deixa no Estado huma sombra de poder que não existe na realidade ; e não pôde servir de outra cousa mais , do que suscitar discordias , huma vez que haja diversidade de partidos no Ministerio , e nas Cortes . Não entramos na questão qual dos dois expedientes he o melhor ; mas dizemos que se devem adoptar medidas coherentes : se as Cortes devem ter exclusivamente o Poder Legislativo e sem coacção alguma , não se dê o — Veto — a El-Rey . Se porém El-Rey tem de sancionar as Leis , faça-se efficaz essa Sancção , o que só pôde ser , dando-lhe o direito de deliberar sobre o que faz , e por consequencia , de negar essa Sancção . Se a Sancção do Rei , he huma formalidade , fica inutil ; e tudo quanto he formalidade inutil na Constituição he pernicioso , porque nella não deve haver nada indifferente . Dizemos pois , que não he este o meio de conservar a fórma Monarchico Democratica , quando se abre a porta para a parte Democratica absorver todo o poder politico ; e se o que se deseja he estabelecer huma Constituição Democratico-Representativa , então o poder Real , ainda tal , qual se acha , he incoherente com essa fórma de Governo ; porque só pôde servir de empecer-lhe a marcha , e não de a promover . Em huma palavra , quando as Cortes fizerem tudo , a fórma de governo he puramente Democratico-Representativa , e então o Rey será hum elemento desnecessario na Constituição .

LIBERDADE DA IMPRENSA.

A Lei da Liberdade da Imprensa he hum dos maiores embargos , que as Cortes podião pôr á liberdade individual : e com effeito tal he a qualidade das pessoas que tem sido eleitas para Jurados , que se diz em Portugal , que nenhum Escritor . que lhe cahir nas mãos , tem a menor probabilidade de escapar , e como delles depende a classificação do crime , está vista a arbitrariedade que se lhes concede .

CORRESPONDENCIA.

Sñrs. Redactores.

*Etiam si fractus dilabatur orbis
Impavidum ferient ruinae.*

No presente tempo em que todos devem contribuir com os seus cabedaes para a reforma do nosso arrasado Templo, que muito he que taubem eu como a velha do Evangelho entre com o meu seutil Pequenino em si mesmo, este só poderá utilizar no grande aggregado de alguma Caixa sumpuaria, e por concomitancia, ajudar a encher.

Com o Dia vinte e seis de Fevereiro de 1821 levantou do tumulo a trémula cabeça a nossa definhada Liberdade; a 9 de Janeiro deste, começaram a soltar palavras, que até então só dizia assustada, e balbuciente. Mas como são innumeraveis os males que a opprimem, ella só accusa os que no momento, ou na mesma variação da convalescença mais a mortificáo. Assim vimos, e ouvimos, que de 9 a 12 gemeo, chorou as sizuras, que a seu corpo ameaçara o Soberano Tribunal das Cortes pelos Decretos de revocação do Principe Real, e organização de hum novo desorganizador Governo: e de 12 em diante altamente temclamado contra as convulsivas angustias, que em seu proprio estomago causáráo certas víboras, ou bichas, que tendo chupado o seu melhor chylo, gordinhas, e anafadas, começáráo a picar-lhe o seu proprio coração. Felizmente hum drastico forte as arrojou ao baixo ventre, e outro as expurgará. Eu não preciso descrever a v. v. m. m. o triste, e deploravel estado a que está reduzido este misero cadáver; nenhum membro deixa de soffrer mais ou menos podridáo: huns carecem ferro, fogo outros, e outros com a nossa quina da terra se hiráo carando. Ei como nada disto lhes seja novo, Sñrs. Redactores, e eu os creio bons filhos da nossa Patria, da nossa resuscitada Liberdade, rogo-lhes encarecidamente, que já que por si mesmos não podem suspender, nem erradicar males tão dolorosos, queirão dignamente seguir a carreira, que emprehendêráo, manifestando-os. O publico he bom Medico de taes enfermidades. A lingua da Patria he a prensa. Entremos em materia, sejamos leaes.

Saberão os Srs. Redactores, que este seu criado he hum Eleitor de Parochia, que (permittão confessar-lhe a verdade) algum tanto com isso se empaveza, e talvez com rasão: mas isto cá para nós, porque estes amigos nem todos ainda soffrem; que a luz lhes bata frexeira aos olhos. Assim iumbuido, faço com os botões da minha camiza o seguinte raciocinio: corre de plano, com o devido respeito aos Srs. Corcundas, que a Soberania reside na Nação, Povo, ou totalidade dos Individuos sociaes. Os Eleitores são os seus filhos primogenitos, que segundo a Lei, devem gerar, e aerisolar os Deputados, e demais Membros activos da Sociedade. Logo, estando estes Eleitores em Commissão, e exercicio legal, jámais devem impunemente ser menoscabados, para nada mais dizer.

Acontece porém que em dias de Dezembro discorre por toda esta Provincia hum Officio do Ill. Vice Ouvidor da Comarca, chamando todos os Eleitores a esta Capital. Muitos com medo da Hygiene tomão vomitorios, e purgantes; mas a maior parte obedientes á voz da Patria, a quem devem sacrificar fortuna, e sangue, concorrem diligentes. Decorridos porém alguns dias, são despedidos atrás da porta, e dizem que o Ill. Magistrado, para os não incommodar, incumbira alguns que o forão bajular: = Digão aos seus Collegas, que se voltem, porque não são precisos. = Ora digão-me, agrada-lhes esta marrá? ; Não lhes parece ainda hum osso do Despotismo, que nos dão a roer? ; Huma falta de polidez, gravidade, delicadeza, e respeitosa attenção com que as authoridades devem tratar os particulares, para estes aprenderem a trata-las como devem? ; Não achão que esta corda para alinar com aquelle almiré, que dá euphonia ás bases do nosso concerto, deve subir mais alguns pontos? Eu, e os mais não viemos aqui como particulares, mas como Vice gerentes dos nossos Constituintes, em huma Commissão publica, e de muito peso; porque aliás não abusaria o Magistrado da nossa paciencia. Dizem que já romperá o dia, e nós seguimos ainda cobertos de trévas! . . Digão-me, Srs. Redactores, alguma cousa a este respeito, para eu me poder desculpar lá com os meus Constituintes da Roca, que v. v. m. m. bem sabem que he gente desconfiada, e de más ventas: e o tempo não corre bom para nutrir desconfianças. Quem uma a outra não faz desconfiar os seus Collegas.

Se he por desprezo que assim nos tratirão, muito me

sensibilisa : se por descuido , . . . bravo , que Ministro ! Se eu for novamente convocado , e cá não vier com os de mais ; merecerei castigo á luz de huma Ley Constitucional ? Fallem , Sñrs. Redactores , senão denuncia-los-hei por indignos de manejarem a lingua da Nação : Se têm medo , larguem o posto , e não occupem as Imprensas com materias , que muito boas em si , não frisão com o tempo , e lugar. Nós precisamos de Escriitores vigorosos , destemidos , leaes , e Constitucionaes até ás unhas. O perfeito Liberal guia o espirito publico á subordinação , á união , e á tranquillidade ; mas tambem não deve poupar abusos. A materia que lhes offereço , não he minha , he da Nação ; e v. v. m. m. tem nella tanto como eu , visto que tambem são Eleitores.

Mais : no dia 9 de Janeiro dá a Camara desta Capital o mais acertado passo , que a cobrirá de eterna gloria : mas esta Camara , com os Homens bons , e Eleitores da sua jurisdicção fallou pelo seu Povo , e só interpretativamente pelo total da Provincia. ; E não achão v. v. m. m. indecoroso consultar interpretes , e desprezar os authores originarios ? Estamos nós ainda naquelle tempo em que as glosas , e commentarios valião mais do que a Ley expressa ? A 9 fallou a Camara ; a 25 juntarão-se os Eleitores. ; Se he que elles são alguma cousa , e nelles , e não nas Camaras reconhecem as Cortes a unidade , vontade , e Soberania dos Povos , pa a a escolha de quem os deve reger , e governar , porque rasão os não convocarão para que em Auto solemne ratificassem o procedimento da Camara ? Aqui ha mysterio : se ha mysterio politico , e tenebroso , ha iniquidade , porque só esta foge da luz.

Eu me reputava sem poderes para crear o novo Governo , ordenado pelas Cortes ; por quanto só julgando-o como o melhor bon meu , e dos meus Constituintes , por huma Epicheia , nisso poderia entrar , se he que podia. Mas para reclamar a persistencia do Principe Regente neste Reino , e contra o abysmo de males , a que nos levava a installação do decretado desorganizador Governo , authoridade , e poderes tinha , filhos da propria natureza e Ley do meu bem ser , da negativa de poderes para o avesso , e da publica opiniao sempre soberana , quando maiormente se casa com a intrinseca combivação dos objectos tratados. Impossivel he que tal escapasse á penetração dos nossos Videntes : mais impossivel que (dado mesmo algum recceo Filho da prudencia) elles ignorassem esta opiniao publica ,

tão balanceada já a nosso favor pelas faiscas de luz, que da Prensa tinham saltado. Digão-me, Sñrs. Redactores, v. v. m. m. que são cá da Cidade, e haverá por ali ainda alguma roda velha, que empaque a boa ordem da nossa harmonica Machina Social? V. v. m. m. bem vêm que eu, como novato, tóco estas feridas muito pela entis, para que v. v. m. m., como veteranos, enterrem a sua tenta. Rogo portanto a v. v. m. m., que mandem inserir esta no seu Reverbero, onde espero ver satisfeitos comigo todos os nossos Collegas. O seu Impressor he o meu Confessor politico, a quem desembro o meu nome, para jámais apparecer, sem a necessidade imposta pela Ley.

REFLEXÕES.

A Sessão do Soberano Congresso, de 18 de Outubro, de que já tratámos no nosso N.º XV. continúa a offerecer-nos materia interessante para as nossas Reflexões. No calor dos argumentos que alli se discutirão, são notaveis as seguintes palavras do Senhor Moura = Em todas as alterações, que tem os Povos tido, nos tempos antigos, e modernos, en não considéro senão individuos de huma parte, e a massa geral da Nação da outra; vontade de hum, ou de poucos, vontade de todos, ou da maior parte. Logo que a massa geral da Nação, ou de hum Povo associado no mesmo Imperio, quer huma alteração, debalde he que os individuos tentão oppor-se a esta vontade. Neste caso haja muito embora persuasão, porém nada de força. Eis-aqui a liberalidade dos meus principias. Se me constasse que a Provincia de Pernambuco queria independencia, quero dizer, que todos os seus habitantes querião hum governo separado, eu era o primeiro que havia de applaudir, e que havia pugnar no Congresso, que era impolitico, que se mandasse tropa, em rasão de obstar, ou prevenir a sua vontade " o contrario seria querermos ser liberaes só quando conviesse aos nossos interesses. ,, Nesse caso, talvez que eu até votasse que merecião ser apoiados: porque a vontade geral he a que deve prevalecer ás vontades particulares, e não são as vontades particulares, que devem prevalecer á vontade publica e geral de huma aggregação de individuos com vontades iguaes. = Estas verdades luminosas, que formão as bases sobre que assenta a defeza da Revolução de Portugal, tem a mais frisante applicação ás

circunstancias actuaes do Brasil. Agora se offerece ao Senhor Moura a mais feliz opportunidade de sustentar a these que estabeleceo. Já não he huma Provincia . são quatro das mais interessantes do Brasil (e brevemente serão todas aquellas , que tiverem sentimento d'honra Nacional) que reunidas clamão contra as instituições illiberaes do Congresso , contra os Decretos de recolonisação , de gradamento , e escravidão que lhes fulminara : apenas se encontrarão ainda nelas poucos dissidentes , porque em fim até no Cco acharão-se espiritos rebeldes , a quem não pôde conter , nem satisfazer a visão beatifica do Eterno. Mas quanto desconfiamos nós de que a pratica abérre das theorizs , e que ao chegar das noticias do Rio de Janeiro não exclamem alguns dos Corifeos do Congresso , inimigos do Brasil , como exclamou na Sessão de 6 de Dezembro do anno passado o Senhor Castello Branco , chegando de Pernambuco a noticia do embarque de Luiz do Rego , e do memoravel Batalhão dos Algarves , cujos passos quiz nesta Corte imitar Jorge de Avilez , e a Divisão de nefanda memoria. Este homem tão recommendavel no Congresso pela liberalidade , e força de seus discursos , prorompeo nessa occasião nas seguintes palavras : = Que era chegado o tempo de se conhecer quaes tem sido as intenções de Luiz do Rego , que bem se vê agora que elle foi sempre Constitucional , e que tem defendido constantemente a Causa de Portugal ; que Pernambuco a estas horas terá talvez proclamado a sua independencia , e que a não ser o bem da patria , deveria aquella desgraçada Provincia abandonar-se a si propria. Que em taes circunstancias não ha remedio senão oppôr-se ao partido que loucamente abraçaráo aquelles Povos com a força que estava a embarcar segunda , ou terça feira , e que deve ir munida de todas as instruções para assim praticar. =

Ha certas occasiões em que a verdade escapa aos estudados esforços que fazemos por occultala : esta lingoagem do Senhor Castello Branco , totalmente dissonante da que transcrevemos do Senhor Moura , está bem em harmonia com os procedimentos anteriores do Congresso , queremos dizer , com a declaração de que ouviu com especial agrado a falla de cumprimento , e congratulação que lhe dirigio na Sessão 222 o Commandante Naval , que hia para Pernambuco , na Sessão 224 o Brigadeiro Moura , e finalmente na Sessão 242 a Officialidade do Batalhão N.º 4 , destinado para esta Corte , cujas arengas acabavão sempre

com o protêsto de empregar — a força — se for preciso para manter-se o Systema Constitucional. Muito erradamente obrão as Cortes quando admittem em Militares outras funcções que não sejam prompta obediencia : ellas devião lembrar-se quanto lhes pôde ser fatal sancionarem hum poder delibêrativo nas Tropas , capaz de transtornar toda a disciplina Militar. Porque diz o nosso patricio , author do Correio Brasiliense : “ Se admittem , que elles podem hir congratular as Cortes , isto he , approvar os seus procedimentos , segna-se que amanhã podem ir outros ás Cortes desapprovar o que ellas fizerem , porque o direito de approvar , encerra o de desapprovar. Ora , aonde iria parar a authoridade das Cortes , se lá fosse hum Corpo de Officiaes representar contra o Systema das Cortes , e suas medidas ? ,,

O Brasil ainda não exprimio hum só voto , huma só expressão , que significasse = desunião de Portugal. = Supponhamos porém , por hum momento , que elle reflectindo , e calculando as suas circumstancias dizia : “ Eu tenho huma joven , e numerosa Familia , que sou obrigado a sustentar , e cujo cuidado me deve mais interessar , que o de hum poder remoto . de quem nunca recebi senão oppressões , e que ultimamente me queria rebarbarisar destruindo a minha Cathegoria . annullando os meus foraes , e roubando-me o thesouro precioso que eu possuia ! A Natureza separou-me d'elle por localidade , clima , caracter de habitantes , produções de solo ... Eu devo formar Nação independente. ,, Perguntamos nós , que direito tinha Portugal de obriga-lo á força a acceder ao seu Systema ? de mandar cohortes Pretorianas , commandadas por Proconsules atrevidos , e independentes semear a sizania , a discordia , e a guerra ? Será pelo Juramento que dêra de acceder á sua Constituição ? Mas a isto responde victoriosamente o author da Carta aos Redactores do Reverbero a fol. 12 , quasi no fim. Além de que , he hum principio de direito publico , estabelecido por Vattel , e proclamado pelas Cortes = quando se desorganisação inteiramente as antigas formas , qualquer Povo , ou Provincia pôde mudar de governo . ou emancipando-se , ou incorporando-se entre si , ou com outras. = E de que modo , a não ser isto assim , se poderia estabelecer o outro principio “ de que as Nações não são propriedade de ninguém ? ,, O' Liberdade ! ó sentimento das almas nobres ! tu és o maior bem que recebemos das Mãos do Eterno ; mas tu mesma és odiosa quando offere-

cida nas pontas das baionetas. Louvor á aquelle, que tão bem soube exprimir os nossos votos na Portaria de 17 de Fevereiro! PRINCIPE ! mais hum título á gratidão do Brasil !

Nós dissemos no nosso N.º XV., que se no meio dia da Europa se não achava a Democracia, não sabiamos onde acha-la. Dissemos mais, que a Constituição Lusitana estava chéa de fórmulas Democraticas. Muito folgamos de encontrar estes sentimentos no Correio Brasiliense, e por isso os transcrevemos, persuadidos de que elles agradaráo aos nossos sensatos leitores. Dizia Necker aos Membros da Assembléa Constituinte de França = Não ides bem: a posição do Rei he intoleravel; e o Estado he que há de soffrer ainda mais, que o seu Chefe. = Todos os grandes Escritores de Politica Constitucional confessão, ensinão, e clamão = que o poder Real deve ser sempre o moderador, e arbitro, o fiscal dos outros poderes: só assim pôde a machina conservar o seu justo equilibrio: Hum Rei que se não contentasse com o poder concedido ao Rei de Inglaterra, não seria digno de reinar; mas hum Rei despojado do poder neutro que deve moderar os outros poderes, não pôde por muito tempo reinar. = Ou trata-se de Monarchia Representativa, ou de Democracia: cumpre que nos entendamos; e toca ao Congresso desenganar-nos: porque nós amamos a liberdade, mas aquella liberdade que reúne as vantagens da virtude, das luzes philanthropicas, dos sentimentos religiosos, e da Dignidade Real.

Publicou-se nesta Corte o Decreto de S. A. R. de 13 de Fevereiro, para a creação dos Conselheiros de Estado, pelos Eleitores das Parochias: este Decreto obriga-nos a fazer algumas reflexões, que n'outros tempos quizemos publicar, e porque longe de encontrar o acerto desta necessaria medida, em que tanto se manifesta o desejo ardente que tem o nosso Augusto Principe de acertar com a felicidade dos Povos, que se lhe confiárão, ellas podem augmentar a nossa representação, ou pelo menos restabelecer a nossa Provincia no grão de população de que fôra descida, quando se nomeárão os nossos Deputados para as Cortes. Segundo o que se ordena no Parraf. I. as Provin-

cias que dão quatro Deputados devem dar hum Conselheiro de Estado; de quatro a oito, devem dar dous; e de oito para cima tres. Ora, quando lemos as Instrucções para as Cortes, impressas em Lisboa, não podemos deixar de perceber que fôra alli muito particular intento supplantar os votos do Brasil com os da Europa, porque ordenando-se a nomeação dos Eleitores por hum senso anterior á guerra, e ainda assim mesmo determinando-se que nunca fossem menos de cem, ficava claro o desejo de maioria assegurada com todas estas cautellas. No Brasil nem havia, nem ha hum senso exacto; poderíamos perguntar, não será justo arrogarmo-nos o mesmo Direito para apresentarmos, pelo menos cem Deputados em Cortes como os da Europa apresentão? Houve quem lembrasse a questão: todos temerão fallar, porque ainda o motim da Praça do Commercio assustava os Eleitores congregados na Salla do Theatro; e he certo que podendo a Provincia do Rio de Janeiro enviar mais Deputados só apresentou cinco, e dous Substitutos, com escandalo dos que sabião que era maior a sua população. Parece que huma mão occulta traçou de proposito o plano do senso, de que então se usou. Rnas houve em que se não tomou o nome de huma só pessoa, outras, em que se passavão casas e casas, outras em que até de hum negro á porta da Rua se tomavão as precisas informações, que elles davão, como podem dar estúpidos escravos: Capellas Curadas, ou novas Freguezias não fizeram Compromissarios, nem concorrerão á Igreja Mãe, como por exemplo a do Rio Preto em cima da Serra, e tudo isto em prejuizo da nossa Causa, e em desdouro da nossa Provincia. Agora porém que já o Povo sabe, que quando se toma a rol não he para reclutas, como em outro tempo, agora que temos de escolher os nossos Conselheiros de Estado, segundo a ordem do Nosso Regente, parece-nos que em quanto nas outras Provincias se fazem estas nomeações, aperfeiçoemos nós o nosso senso por hum modo facil, e o mais proximo da exactidão, para darmos tres Conselheiros em vez de dois, que para tanto chega a nossa actual População.

Não podemos por esta occasião deixar de dizer duas palavras aos nossos Eleitores. Meditem na escolha que vão fazer: verdadeiro amor ao nosso Paiz, e á nossa Causa; probidade e firmeza de character, talentos, e coragem de sacrificá-los pela Patria, eis as qualidades que devemos pro-

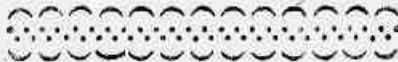
enar, e revestir os nossos Conselheiros. Não nos arrependamos duas vezes das nossas eleições!!



Passaremos agora a dizer alguma coisa sobre a Carta, que se nos remetteo, e levamos transcrita neste nosso Numero. Lamentamos com o seu Author os males que tem soffrido este paiz, e aos quaes, como que por milagre tem resistido. Novo Tantalos no meio de riquezas immensas, elle está sobrecarregado de huma divida consideravel: Estado maritimo por sua situação, elle não tem embarcações que defendão seu Commercio, nem fação respeitar seu nome: Paiz agricola pela fertilidade de seu solo, e variedade de suas producções, elle geme pela desigual partilha de suas terras, e pela rotina, e avareza de seus possuidores. Abusos de todo o genero vicião, minão, e corrompem as fontes de sua prosperidade: A Moral, tão necessaria nos olhos da Philosophia, e da Razão, e cujo objecto he a conservação, e a felicidade da especie humana, cujas leis são feitas para reger as accões dos Soberanos, e dos Povos, desconhecida, e até odiada por entes frivolos, e corrompidos. Todavia alegra-se o horror deste quadro quando vemos o Decreto de 13 de Fevereiro, eriendo o Conselho de Estado, que deve examinar os grandes Planos de reforma, e de melhoramento. Se aos Escriitores compete denunciar ao Publico os erros, os abusos, os males que estorvão o andamento da Machina Social, ao Publico toca ter confiança no Governo, quando o vê assodado, e inensavel em concertar as differentes peças dessa mesma Machina. Nós ainda nos não desviamos da carreira que emprendemos, e protestamos á Patria, não nos desviarmos: os Conselhos aproveitão mais que os sarcasmos: não temos o dom de advinhar: transmittão-nos as suas queixas, e nós as apresentaremos pela Prensua ao conhecimento geral do Governo, e do Mundo.

(CONTINUAR-SE-HA.)

N.º XVII.

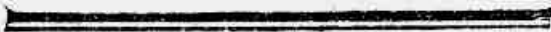


REVERBERO

CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.



TERÇA FEIRA 5 DE MARCO DE 1822.



Redire sit nefas.

HORAT. Liv. V. OD. II.



SOBRE O COMMERCIO EXCLUSIVO ENTRE AS METROPOLIS,
E AS COLONIAS.

(EXTRACTOS DE MR. DE PRADT.)

Todas as Metropolis tornarão-se Monopolistas das suas Colonias. Ser cada huma dellas a unica em lhes vender, a unica em lhes comprar, a unica fornecedora, e a unica vendedora dos seus Productos, tal era o systema imagiado pela Europa, e seguido por todas as Metropolis, para se assegurarem das vantagens e possessões das suas Colonias.

Este pensamento escapou aos antigos, pois nunca vimos Tyro, ou Athenas obrigar por Lei a Carthago, a Betica, a Siracusa, as Costas da grande Grecia, ou da Asia menor a vestirem-se unicamente das suas Fabricas, e a depositarem todos os seus Productos naquelles seus armazens. Qualquer das antigas Colonias seguia francamente,

em suas relações, a estrada dos seus interesses, e disto nunca resultou o menor prejuizo ás Metropolis e ás Colonias. A Historia não nos ensina que o commercio de Carthago, e de Marselha empobrecesse a Phinicia e a Grecia: ella pelo contrario nos mostra todos esses Paizes prosperando por todos os bens, que a Liberdade do Commercio necessariamente produz. A authoridade dos exemplos antigos pôde-se oppor á dos modernos, e se a questão houver de ser decidida pela authoridade, a de Povos tão illuminados pesará muito mais que a dos ignorantes em principios de Commercio, como erão os Europeos na época da descoberta, e fundação das suas Colonias. Descendentes dos Barbaros; por 900 annos, saquearão a Europa; regidos pelas leis destes vagabundos, que só conhecião o ferro e a pilhagem, os habitantes da Europa vivião na mais profunda ignorancia dos elementos da Sociedade, mórmente relativos ao Commercio: Nos fins do Seculo XV. a Europa era barbara em suas Leis Civis, Administrativas, e sobre tudo em suas Leis de Finanças: não ha muitos tempos, que amacheceo o dia nessas Provincias do Mundo, e quasi que muitas outras ainda estão no escuro da noite. Os Europeos acharao-se repentinamente na posse de immensas prosperidades, cujo uso e constituição ignoravão; surpreheendo-os, por assim dizer, a extensão das suas novas riquezas; e como o tornar-se mais rico, não faz ter melhor vista, elles só se applicavão a tirar todo o proveito das suas Colonias, assim como tiravão da Europa. Porque aqui tudo erão fronteiras, separação entre visinhos, falta de communicações, odio, e guerra perpetua, transportarão ás suas Colonias o mesmo regimen da Europa, fizerão-se para com ellas exclusivos e monopolistas, porque tal era o systema dominante. Em consequencia disto todo o Commercio e toda a Industria da Europa rodavão sobre estes dois eixos, porque nada mais se sabia. Hum Rey da Inglaterra fez arrancar os dentes a hum Judeo de York, para lhe arrancar algum dinheiro. Por toda a parte se administravão as Finanças por meio de Lombardos, Judeos, e outros usurarios, humas vezes dimittidos, outras reintegrados, elles são os predecessores dessa immensidade de Financeiros, que tem grandemente arrancado os dentes aos Povos, cahirão debaixo das suas mãos, e que quasi todos acabão por ter o mesmo Patrono — Law. — A Arte de ter dinheiro honesta e abundantemente, de o ter com abundancia, por

isso que honestamente, ainda não era nascida, e se o era, ainda não havia passado o estreito de Calais. Na época dos estabelecimentos formados nas Colônias, que he a mesma de Henrique VIII., e de Isabel, a Inglaterra, que se tornou a terra classica das Finanças, porque era já classica da Liberdade, nem ao menos sonhava com os primeiros principios da Sciencia das Finanças. Francisco I. foi sim o Restaurador das Letras em França, mas nunca o Restaurador das Finanças; e Carlos V. com seu Filho Philippe II. não conhecerão outro segredo nesta Sciencia, que o de morrer de fome (politicamente fallando) com os thesouros ainda virgens da America. Para bem apreciarmos pois o estabelecimento do Monopolio Colonial, cumpre reflexionar sobre a época em que se estabelecêra; elle não foi, como se pôde geralmente pensar, o resultado de hum cálculo, ou de hum systema, mas simplesmente o fructo da ignorancia em que vivião os seus Fundadores. Como os homens são sempre mais promptos a huma acção do que a huma reflexão; como a sua preguiça prefere á continuação de hum necessario exame, elles transplantarão para as Colônias tudo o que existia na Europa, e tendo cada hum feito o mesmo que todos, ellas se acharão debaixo de huma Lei geral de Monopolio, cujos effeitos, e character cumpre analysar.

Quando Fortificações construidas entre todos os Estados, e até entre os Membros desses mesmos Estados, fazião da Europa eriçada de Alfandegas, e de Bancas para recebimento de passagens, o que fôra Paris no dia das — barricadas — quando toda a Sciencia Administrativa limitava-se a dar cadêas aos que vinhão ou de cada Cidade, ou de cada Estado, ¿era por ventura a Europa mais florente? Seguramente não. ¿De que época dáta a sua nova vida, e a sua nova opulencia? ¿Não he depois que as Paliçadas e as Pontes levadiças, tendo sido quasi geralmente destruidas, as Nações aprenderão a conhecer-se, e a communicar-se as suas luzes e as suas riquezas, de modo a fazer huma especie de fundo commum em que cada huma pudesse tirar o necessario, segundo os grãos da sua Industria, e do seu trabalho? Nesta ordem Londres fez que Paris florescesse, e Paris fez que florescesse Londres; Hamburgo verificou Cadiz, Cadiz fez o mesmo serviço a Hamburgo; tudo se ligou, e por isso mesmo tudo prosperou. Appliquemos estes principios ás Colônias; ¿que são

ellas? Campos de cultura, productores sem fabricas, recebendo da Europa os seus objectos de consumo em troca das suas produções. Por consequência, quanto mais baratos obtiverem estes objectos, mais lhes ficarão em augmento os meios de cultura e de consumo. O Colono, que pôde comprar por 50 francos, e dos neutros, aquillo que não pôde obter dos Negociantes da Metropoli, senão por 100 francos, tem no primeiro caso 50 francos para acrescentar á sua cultura e consumo, que no segundo caso lhe seriam roubados. O bom mercado tende por si mesmo a augmentar a cultura, e o consumo. Depois que o assucar veio ao preço de 40 soldos por libra, 26 milhões de Francezes consomem mais assucar, do que consumião 42 milhões de subditos do Imperio Francez, quando este producto custava 6 francos por libra. Assim no Mexico a miseraçãõ adianta-se ou atrasa-se, á medida que o Mineiro compra a pólvora, e o azogue ou mais barato, ou mais caro.

As Metropolis estabelecerão o commercio exclusivo das Colonias com triplicado fim; primeiro o de assegurarem o seu dominio; segundo, o de colherem o maior proveito possível; terceiro, o de pagarem-se das despesas que ellas lhes custão pela sua conservação e defeza. Acontece muitas vezes, que nem tudo he proveito na possessão de huma Colonia, assim como na de hum prédio rustico. As despesas do estabelecimento e defeza, excedem quasi sempre aos productos da Soberania; os do Commercio, ou dos particulares não fazem parte delles. Deste modo S. Domingos, Havana, Bourbon, e Filipinas, custavão muito mais do que rendião os productos dos Direitos resultantes da Soberania, taes como os impostos das terras, ou que provém do que se chama "impostos indirectos.," Ora o erro das Metropolis parece demonstrado no triplicado fim, a que se propozirão.

O commercio exclusivo, longe de contribuir para consolidar o Imperio das Metropolis, he pelo contrario quem lhes dá por inimigos todos os Colonos, e todos os neutros; huns estão sempre prontos a subtraírem-se, outros a atacarem.

Pelo commercio exclusivo o Colono vê com magoa apertarem-se as suas cadeas; porque elle não he sujeito da Metropoli, como estado, mas he tambem de cada hum dos seus habitantes, como Mercador exclusivo; despoja-se

do direito, que lhe fôra dado pela natureza de escolher Mercador, e fazendas a seu gosto. O commercio exclusivo marca-lhe huma e outra cousa, sem o seu consentimento, e sempre com seu prejuizo; elle não pôde subtrahir-se a esta necessidade; e haverá nada mais capaz de o desgostar na dominação das Metropolis, do que o sentir pesar-lhe huma tal carga, e ficar sempre acurvado debaixo de tão duras Leis? Prova isto inveniavelmente a contradicção forçada, a que esta ordem extravagante de cousas constrange as Metropolis mais zelosas do seu commercio exclusivo, e que as faz mais infatigaveis em viola-lo nas outras. Assim a Inglaterra muito exclusiva nas suas Colonias, occupa-se sempre em violar o commercio exclusivo das outras, fazendo penetrar as suas Mercadorias nas alheias possessões. Depois que ha Colonias Hespanholas, ella não cessou de arruinar o seu regimen exclusivo; fez a guerra em 1740 em apoio dos seus Contrabandistas. Nos ultimos 25 annos fez ainda mais; por toda a parte ella libertou e concorreo para a liberdade, com tanto que desapparecesse o commercio exclusivo a seu respeito. E que outra cousa faz ella ha 10 annos no Rio da Prata, e em toda a Costa da America Meridional?

O regimen exclusivo limita os Povos Colonos á cultivar e a produzir, sem poderem dispor das suas produções; he certamente bem singular este regimen, que se não pôde sustentar senão em duas supposições igualmente impossiveis: a de huma perfeita igualdade nas possessões Coloniaes dos Europeos, assim como em sua industria, e em seus Capitaes. Em ambos os casos, o commercio sendo perfeitamente igual, as Colonias não acharião mais vantagens no commercio estrangeiro, do que no das suas Metropolis; mas como huma tal supposição he tão fóra de realidade como de possibilidade, segue-se que este regimen tem em si mesmo o principio da sua destruição, e esta interessa o mundo commercial. Os Europeos sendo desigualmente empossados nas Colonias, desigualmente divididos em capitaes e industria, resulta huma desigualdade de commercio, que condaz aquelle, que he superior ao lugar em que pôde subplantar hum concorrente inferior, atrahindo, além disso, o consumidor, a quem lhe vende melhor fazenda, e a menor preço. Eis-aqui o combate, que o commercio exclusivo tráva necessariamente nas Colonias. Os Povos superiores em commercio apresentão-se

com todas as vantagens de que pódem dispor, e os Colonos por isso mesmo os convidão de coração; as Metropolis são só contra todos. De mais, as Colonias Europeas sendo muito proximas umas das outras pela sua situação Geographica, a sua união convida a communicações illicitas, e favorece-as por todos os modos. Sobre Costas de huma extensão immensa, como são as da America; qual seria a vigilancia capaz de manter hum exclusivo, que abraça huma tão grande superficie? Bem longe de se affirmar por este commercio o Imperio da Metropoli, elle estabelece e mantém, entre ella e a Colonia, hum estado de continuada guerra, tanto no interior como no exterior, e ntre desejos ardentissimos e continuados de se libertarem. Que hum commercio livre substitua o exclusivo; que todos commercem com as Colonias de hum Paiz, como se faz com as Provincias da Europa; e então todos estes principios de divisão desapparecem: Restaráo poucos motivos reaes á Colonia para desejar romper com a Metropoli, e os Estrangeiros nenhum interesse acharáo em separa-las. Se a America Hespanhola fosse aberta a todos os Pavilhões da Europa, ella não suspirára tanto pela Independencia, e os que querem estabelece-la terião menores titulos de que se prevalecessem contra huma Metropoli, que a não contrariasse na satisfação das suas necessidades as mais essenciaes. Não nos deixemos illudir; he menos contra a Soberania da Hespanha, do que contra o Monopolio de Cadiz, que a America se sublevou; e he porque a Soberania de huma só, se apresenta apoiada no Monopolio da outra, que a America não quer mais de huma, que de outra, e que as repulsa, ou já como causa, ou já como effeito. Não se tem portanto realisado o principal objecto, que as Metropolis se proposérão no estabelecimento do commercio exclusivo.

Trabalhando ao mesmo tempo em assegurar os productos de suas Colonias, as Metropolis não devião separar a prosperidade destas; tinhão de calcular, se sendo mais prosperas, porque mais abandonadas a si mesmas, não renderião tanto ou mais do que fechadas, e portanto menos prosperas. Huma regra bem simples de calculo daria a solução do problema; ella se reduz a saber, se o Colono produz mais em commercio exclusivo, do que em commercio livre. Se elle no primeiro offerece productos no valor de 100.000U francos, e tira da Metropoli, em objectos de

consumo ; e de Fabricas 50:000 francos , e que perde a Metropoli , se a Liberdade do Commercio augmentar a fortuna do Colono de modo a lhe fazer importar 150:000 francos de valores , e a lhe fazer exportar 100:000 francos ? Em que seria a Metropoli prejudicada nesta mudança ? Ora , póde haver a menor duvida de que não se produzisse este effeito , de que não se augmentasse a fortuna do Colono no momento , em que tal mudança se effectuasse ? Os exemplos referidos não nos fornecem a demonstração ? Não deve a Martinica por duas vezes a sua riqueza , tanto a subtrahir-se ao commercio exclusivo da Metropoli , como á substituição do commercio Inglez , e neutro , que teve lugar nas guerras de 1756 , e nas da Revolução ? Quem póde duvidar que as Colonias , livres na escolha dos seus utensis de cultura , na escolha do seu vestuario e subsistencia , em toda a parte , a que as chamem o bom mercado e a boa mercadoria , não encontrem meios de produzir muito mais , e de muito mais se enriquecerem , do que quando não se podião dirigir , senão a hum só mercado , e a Monopolistas privilegiados ? Este grande processo dura sempre entre as Colonias e as Metropolis : estas não sabem mais que opprimi las , e julgão faze-las prosperar , quando só lhes tohem a prosperidade. Jámais quizerão entender , que quando o Colono he mais rico , he mais inevitavel que mais costuma , que mais compre na Metropoli , á proporção da riqueza , que a liberdade do seu trabalho fizer nascer , como se vê nos Estados da Europa , que pedem mais generos aos seus vizinhos , quando são mais prosperos no seu interior. Deixai o Colono em liberdade escolher os meios de augmentar a sua fortuna , e vereis se elle não consóme huma maior quantidade de produções da Metropoli. As Leis do movimento da riqueza , e da felicidade estabelecerão-se entre todos os interesses dos homens , bem como entre os corpos phisicos , dos quaes nenhum se deslôca , sem que o contra golpe não se faça sentir em toda a extensão da cadeia , que a natureza entre elles formára para os unir , e para os arrochar terrivelmente , como acontece em quasi todas as partes.

O calculo das Metropolis , estabelecendo o commercio exclusivo das Colonias , não foi mais feliz no segundo objecto do seu triplicado fim , do que no primeiro , como acabamos de mostrar ; as mesmas razões as privão tambem das vantagens , que esperavão colher do terceiro fim.

O commercio exclusivo oppondo-se ao inteiro desenvolvimento das forças das Colonias, oppõe-se por isso mesmo ás suas riquezas; as Metropolis devem tirar muito menos, do que aconteceria em hum regimen, que não tivesse em si mesmo as causas da sua esterilidade: só se prospera com ricos, e só se empobrece com pobres. Se as Colonias livres tem huma riqueza dobrada, ou triplicada das Colonias fechadas, como não se duvida, as Metropolis deduzindo de hum fundo dobrado, ou triplicado em valor, terão para dispor huma fortuna tambem dobrada, ou triplicada. He preciso que remontemos sempre ao principio: é qual he o meio de enriquecer huma Colonia, o commercio livre, ou o commercio exclusivo? Tanto as Colonias, como as Metropolis tem hum igual interesse na solução deste problema. Se a Colonia se empobrece, a Metropoli soffre; se prospera ella he sócia da sua prosperidade. Tal he a Lei da sua união, que nada poderá jámais tentar impunemente o falsifica-la. Trata-se de bem conhecer de que lado está a vantagem. Se antes da Revolução, S. Domingos com o seu commercio exclusivo produzia para a Metropoli huma renda de 10:000:000 pelos Direitos da Soberania, e se pela Liberdade produzio de 20 a 30, a França se teria conduzido por hum juizo bem certo, quando na escolha do regimen da sua Colonia preferisse o que rendia 10:000:000 a aquelle que lhe devia valer duas ou tres vezes mais? Applicai esta solução do problema a todas as Colonias do mundo, e acrescentai: que a Metropoli recebendo duas, ou tres vezes mais, tem duas, ou tres vezes menos a dispendir; porque nada he tão caro como o regimen do commercio exclusivo, e nada tão barato como o regimen da Liberdade. Ao exclusivo pertencem exercitos de Guardas, de Juizes, de Carcereiros, e de Verdugos; a Liberdade he só, porque a verdade he nua. He para deplorar-se, ver as Sociedades humanas despendarem o seu dinheiro para conseguirem arrojarem-se, em vez de ligarem-se: pôde dizer-se, que a parte principal da sua fortuna emprega-se na compra das suas cadêas. A ignorancia com o seu cortejo ordinario, os velhos prejuizos, podem fazer de hum negocio simples hum negocio complicadissimo; acontece sobre isto o mesmo que sobre outras muitas cousas, que embaraço o homem na sua escolha livre, e ajusada, quando huma bem pequena reflexão o teria desembaraçado com gloria. Violentamo-nos,

e até superamos algum sentimento de pejo, insistindo neste exame; mas a experiencia nos tem mostrado homens rebeldes á evidencia, em cujos espiritos ella não penetra, assim como a luz não penetra os olhos de hum cego; homens encravados no caminho, a que se derão, sem reconhecerem a sua entrada e a sua sahida. Tem-nos acontecido encontrar espiritos desta qualidade até mesmo em alguns Colonos, álias animados de honrosos sentimentos; mas em cujas cabeças os primeiros elementos da ordem Colonial, aquella, com que elles mesmos vivião, não podião entrar; homens, que resistião com todas as suas forças á demonstração dos meios, pelos quaes se duplicaria a sua fortuna com a da Colonia a que pertencião; homens que chamavão anti-Colonial a qualquer que quera mudar a sua fortuna de 50:000 libras de renda, por huma de 100:000, e talvez maior.

REFLEXÕES.

Destas excellentes, e bem ajustadas considerações de Mr. De Pradt, cõlhe-se, ou a ignorancia, ou a injustiça (entre as quaes o diabo escolha) da nossa Metropoli para com o Brasil no antigo systema do nosso Governo. Ellas não terião de certo escapado á aquelle sabio em hum escrito de tanta importancia, e que por isso tanto desagrada a certos encapotados inimigos de nossa verdadeira liberdade, se elle não escrevesse no anno de 1817. tempo, em que sendo já o assento do Throno Portuguez no Brasil, elle considerava a antiga Metropoli convertida em Colonia, como diz em mais de hum lugar, (sem admittir meio entre estes dous nomes, ainda quando alli se achava toda a sua primeira representação e cathegoria.) Para supprimos esta falta, porque nas actuaes circumstancias convém muito a illustração em taes materias, e porque talvez existão ainda no meio de nós espiritos ou teimosos e rebeldes á evidencia, como o author encontrára, ou mesmo interessados no commercio exclusivo de Portugal, mais lucroso sem duvida para os Negociantes da Metropoli, do que para elles mesmos, citaremos o que Mr. De Pradt escreve a paginas 35 e 36 do Primeiro Tomo da sua Obra das Colonias, deixando aos cuidados, de quem melhor conheça a differença de equilibrio na nossa balança Commercial, o acertar o calculo, que elle do possivel modo formára sobre a authoridade de dous Inglezes. Diz pois o Author: = as rendas do Brasil montavão a

100.000:000 de libras , com este producto , e com o de algumas produções do seu terreno , Portugal balanceava os 60 milhões de importação , que a fraqueza da sua Industria , e da sua mesma Agricultura o forçava a receber dos Estrangeiros. Elle obtinha a enorme somma , que tirava das Colonias , com hum valor de 15 milhões de Mercadorias , das quaes apenas metade porvinha do seu terreno , e da sua Industria. =

Se Portugal importasse no Brasil só fazendas das suas Fabricas , se estas fossem de hum decidida bondade , e chegassem para o nosso consumo , seria bom comprarmos aos de casa com preferencia aos de fóra. Mas nem isto acontece , nem he provavel que aconteça tão cedo ; logo he injusto que nos obrigue a recolher em seus Armazens todos os nossos generos do Brasil , para serem exportados por Monopolistas a Portos Estrangeiros , voltando pelo mesmo caminho , e ainda com maior Monopolio , as fazendas que não fabrica , de que necessitamos , e que podemos comprar muito do nosso gosto , e muito baratas , á nossa porta , a troco dos nossos generos , sem empate dos nossos fundos , sem correrem grande risco os nossos productos , sem darmos a outros o que póde ser nosso , isto he , sem as grandes despesas de fretes , armazens , commissões de venda , e de compra , &c. &c.

Temos grandes esperanças de que não surja o tal systema de Monopolio Colonial dos abyssos , a que fóra condemnado pelas luzes do nosso Seculo , e pelos bens da nossa Constitucional Liberdade ; porque de certo agora , nenhum Politico Portuguez cuidará merecer esse titulo , fazendo subir a prosperidade de hum Emispherio com prejuizo da riqueza , e justiça do outro. A Nação he rica , quando são ricos todos os seus Membros ; a Liberdade do Commercio , que jámais cederemos , apesar dos desejos de alguns mãos Portuguezes , que esperão o termo do Tratado com a Inglaterra para levantarem o sceptro da Oppressão Colonial antiga e amaldiçoada , multiplica os canaes da riqueza Nacional , e estimula a industria de casa , que só póde adiantar-se pela emulação. O commercio exclusivo , pelo contrario , tolhe o vôo ao Genio Commercial , restringe as especulações mercantis , suffoca , ou enerva a Industria , que tendo certa a venda das suas produções , sem temer concorrência no mercado , dorme descansada , e não enida de aperfeiçoar-se ; finalmente , faz ricos hums

poucos de Monopolistas , empobrecendo muitos Concida-
 dãos , no que o Estado tem hum real , e infallivel pre-
 juizo. Estas verdades , que tiramos por consequencias dos
 principios lembrados por Mr. De Pradt , são igualmente
 manifestos aos Portuguezes de ambos os mundos , nem ho-
 je os Brasileiros são tão indifferentes para com os seus
 verdadeiros interesses , ou tão açamados pelo Despotismo ,
 como forão n'outros tempos , que não requeirão sempre a
 franqueza do seu Commercio ; que não usem da sua Li-
 berdade Constitucional , punindo pelos seus direitos , pela
 sua gloria , pelo augmento da sua prosperidade que nunca
 poderá resultar do oppressivo Systema Colonial.

REFLEXÕES CONTINUADAS DA PAG. 196 DO N.º XVI.

Teria toda a razão o Author da Carta em queixarse
 do menoscabo , com que diz , forão tratados alguns dos
 Eleitores Parochiaes , senão podessemos assegurar por nós
 mesmos , que recebemos Officio dos Presidentes das Eleições
 de Parochia , para suspender-se a Commissão , a que éra-
 mos convocados por outro igual Officio : e cõlhe-se deste
 procedimento que os Presidentes que assim procedêrão tive-
 rão Aviso do Vice-Ouvidor , sobre quem se pertende accu-
 mular huma falta de polidez , talvez nascida dos que de-
 vião executar para com os Eleitores as ordens , necessa-
 riamente expedidas ; e ainda assim mesmo não nos atreve-
 mos a inculpa-los rigorosamente , porque a brevidade do
 tempo talvez dêsse causa ao succedido , ou falta de conhe-
 cimentos a tal respeito. Tambem o Governo não teve a cul-
 pa em semelhante falta de polidez , e attenção ; e só agora
 a terá senão euidar de saber daquelle Magistrado a origem
 deste insulto , feito aos Representantes do Povo desta Pro-
 vincia , porque o Governo está bem certo de que não he
 este o tempo de semear desconfianças , nem de menosca-
 bar principios reconhecidos da Soberania dos Povos.

Não nos persuadimos de que houvesse mysterio politi-
 co , ou tenebroso em se não fazer ratificar em auto solem-
 ne o procedimento da Camara no dia nove Janeiro. Per-
 guntamos ao Author da Carta , quem havia de mandar
 fazer essa ratificação ? O Governo ? Não lhe competia. A
 Camara ? Não tinha authoridade sobre os Eleitores , con-
 vidados para a funcção differente , a qual por successos pos-
 teriores ficara ou nulla , ou suspensa : o que competia ao

Governo era fazer-lhes intimar (como fez) esta ultima deliberação, mas nunca mandar-lhes que a approvassem, e ratificassem. O Povo do Rio de Janeiro reempossou-se dos seus Direitos para este facto extraordinario, e prescendio dos seus Eleitores: e para dar solemnidade ao seu procedimento, procurou huma Authoridade legitima com que se pozesse a coberto de increpação de tumultos, e sedição. Na nossa opinião culpados são os Eleitores de não fazerem elles entre si huma reunião (que seria tanto mais gloriosa, quanto mais voluntaria fosse), e representarem igualmente a S. A. R. os votos de toda a Provincia.

Terminaremos com dizer ao illustrado Author da Carta, que cada hum offerece á Patria o que pôde: se as Materias, que temos tratado não frisão na sua opinião com o tempo, e lugar, procede o erro do nosso entendimento, e não da nossa vontade, e menos do nosso medo. Continue este Escriptor a transmittir-nos as suas reflexões, e luminosos escriptos; sirva tambem á Patria, pois que tem talentos para isso, e confessa, que a Patria precisa de Escriptores, vigorosos, destemidos, leaes, e Constitucionaes; e nós com verdadeiro jubilo publicaremos as suas lições.



AVISO.

Os Redactores do Reverbero protéstão não responder a sarcasmos, e invectivas, que se lhes fação por objectos litterarios, entretanto que accetão justas admoestações. A sua divisa he = *Et peragit cursum surda Diana suum.* = Elles pedem á aquelles que se canção a mandar Cartas ao Compilador, e ao Espelho, que tomen a pena, escrevão, sirvão á Patria melhor do que elles servem. Este he o verdadeiro modo de os reprehender: se assim fizerem, elles até lhes darão sinceros agradecimentos.

N.º XVIII.



REVERBERO

CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.

TERÇA FEIRA 12 DE MARCO DE 1822.

Redire sit nefas.

HORAT. LIV. V. OD. II.

CORRESPONDENCIA.



NECESSIDADE DE INSTRUÇÃO.

Discite vos miseri, et causas cognoscite rerum;
Quid sumus, et quidnam victuri gignimur, ordo
Quis datus

PERS. SAT. 3. VERS. 66.

A VIRTUDE he a alma da República; promovê-la por Leis para suppressão do vicio e immoralidade . seria hum meio tão inefficaz, como pela multiplicidade e grandeza de Carceres. O unico methodo de prevenir os crimes, e fazer o Governo duravel, he diffundir luzes e Sciencias pelo Es-

tado, como sementes fecundas de todas as virtudes. Na verdade conhecemos, de onde começa a Historia, ainda com o soccorro da Fabula, até os nossos dias; que hum Povo por virtuoso que seja, sem luzes se corrompe; e que hum Povo corrupto pôde fazer-se virtuoso pela instrucção; alternativas, que em parte nenhuma do nosso Globo se pôdem melhor estudar, do que nas diferentes Epocas e vicissitudes da Grecia e da Italia.

Todos os actos humanos positivos ou negativos, são determinações da vontade, e esta se decide sempre em consequencia de combinações intellectuaes; pois querer sem motiva, como se exprime o maior Medico Philosopho que tem havido, he querer sem desejo, ou aversão, o que equivale a sentir sem prazer ou dor. A volição deve estar em estado de equilibrio com as faculdades intellectuaes; excesso ou deficiencia occasiona mania, ou imbecillidade, estados em que as commissões, ou omissões não são imputaveis, ou puniveis em individuos, em taes circumstancias; por quanto a razão não lhes pôde conter ou ampliar os movimentos volitivos; e eis porque diz Rousseau, que o instincto moral bem regulado, he para a felicidade o guia mais seguro.

O maior Scelerado julga que obra bem, a seu modo de pensar, e se tivesse o espirito illuminado de principios verdadeiros, idéas justas, conhecimentos legitimos do bem, e habito de raciocinar com exactidão, a sua vontade se dirigiria constantemente para o bem, por quanto he repugnante ao Senso intimo, que se procure o mal, que como tal se conhece; e quando se prefere ao bem, he porque as noções que se tem de ambos são falsas, e obscuras. Forsyth, excellent e moderno Moralista estabelece por decisivas regras da perfeição moral, I., trabalhar cada individuo por melhorar a excellencia do seu entendimento; II., por promover o mesmo melhoramento nos outros homens.

O erro tem até aqui sido o meio em que temos vivido; e o elemento de nossos raciocinios. A dignidade natural do homem estava eclipsada: elle não tinha a menor idéa de seus direitos. Pensava-se pouco, nada se fallava, e temia-se raciocinar. Perderiamos mesmo a memoria, se o esquecimento fosse, como o silencio, hum acto da nossa vontade.

A Constituição abateo as cataractas de nossos olhos. Abrio o espaço immenso á perfectibilidade quasi infinita do

Espirito humano. Já a mão do Despotismo não comprime o elastério de nossos pensamentos. He preciso que nos aproveitemos das novas faculdades, que nos aclimatemos á situação estranha em que nos achamos; quero dizer, devemos instruir-nos, adquirir novas, e verdadeiras idéas, julgar com evidencia, e com evidencia raciocinar. Só pôde haver harmonia nos sentimentos, sendo verdadeiras e justas as idéas, porque só na verdade pôde haver uniformidade invariavel, e constante.

A instrucção influe na virtude e felicidade dos Povos, e merece particular attenção aos seus Reguladores. Esta regra he geral a todas as Sociedades humanas; mas actualmente excitará com maior energia o Governo Portuguez, por quanto nas innovações he que se deve orientar com todas as luzes, no caminho da verdade, o *Espirito publico*; e sendo o meio mais efficaz para se conservar a Constituição do Governo, o educar-se a mocidade, segundo o *Espirito* dessa Constituição, a instrucção luminosa, a verdade pura, a razão aperfeiçoada (a dize-lo sem frase) a sabedoria deve ser o sustentaculo da nossa Constituição e prosperidade. A emersão do servilismo exige a emersão da ignorancia, ou o que he ainda mais necessario, a liberdade do imperio do erro, porque o erro he peor inimigo da verdade, do que a ignorancia. He a instrucção que produz Magistrados sabios, Militares intelligentes, e corajosos, bons Pais, bons Esposos, bons Irmãos, bons Amigos, e Homens de Bem.

Todo o Governo deve cuidar na Instrucção Publica. Quanto mais forem illuminadas todas as Classes, menos serão seduzidas pela superstição e enthusiasmo, que entre as Nações ignorantes, são as fontes ordinarias das maiores desordens, das quaes a Sciencia he o antidoto especifico. Suppondo-se que os administradores da República são sabios, e habéis, não o sendo á Nação, ; que opposição, que rivalidade na execução dos mais bellos projectos? Não basta que os Chefes possam formar os melhores planos, he tambem preciso que o Povo seja capaz de recebê-los, sendo essencialmente exigivel curso reciproco, e perfeição mutua de luzes entre o Governo, e a Nação. A luz da Sciencia tem tambem a propriedade de diffundir e propagar, com a força e rapidez, muitas vezes do fluido electrico, em huma esfêra, para todos os lados, mais ou menos extensiva, na razão de sua intensidade.

Hum grande Philosopho , conhecedor profundo da natureza humana , observa que a degeneração Nacional se tem repetidas vezes remediado pela cura desesperada de huma revolução , tornando se homens afeminados em vigorosissimos , resurgindo-se pela animação da liberdade , do torpor em que se achavão . ; Poderião semelhantes reacções effectuar-se felizmente , sem que a instrução trouxesse novas idéas , e novo modo de pensar no todo da Nação ?

Só huma instrução solida , que vivifique a razão , demarca os limites , dos quaes nem párem áquem , nem transcendão as pertençaes. O Templo da Liberdade está posto sobre hum monte íngreme , e escarpado ; não se chegando ao cimo , he-se obrigado a retrogradar , passando-se além da arca do Edifício , começa-se a descer , e a precipitar-se em abysmos. A Revolução Franceza , Livro Mestre a todas as Nações do Mundo , abortou , porque luzes verdadeiras , e principios razoaveis , não fizeram em todos huma só vontade , e hum só modo de actuar. Perto estiverão os Anglo-Americanos , não cessando a Revolução , ainda depois da paz 1783 , de se despeñarem no mesmo precipicio.

A instrução não só regula a conducta presente , senão ainda previne , e providencia a marcha do futuro. O presente está prenhe do porvir , diz Leibnitz , e pôde-se conhecer a connexão por observadores attentos e profundos. As medidas e providencias dos homens são proporcionaes ás suas vistas. O que he cego do futuro , tropeçará em mil obstaculos no caminho da vida. O que se fascina de luzes falsas , experimentará a sorte do viajante desvairado , pelos metéoros nocturnos da exhalção dos pantanos ; depois de bem fatigado , se achará tão distante , como aos primeiros passos , do objecto que proségue.

Brasileiros em geral , munidos do telescopio da instrução , antolhai a perspectiva do futuro ; extasiai-vos na consideração das felicidades , que preparamos , se formos sabios , á nossa posteridade. A America , diz hum nosso illustre Conterraneo , he o theatro onde a Natureza humana receberá provavelmente a maior honra litteraria , moral , e politica. Se novos terremotos , novas convulsões agitarem o Antigo Mundo , o Novo será o asylo das Sciencias e da Virtude. Acabamos de ver a Europa salva pelo acolhimento com que abraçamos a Dynastia , que o Tyranno della procrevêra. Carlos IV. tentou o mesmo refugio. Em 1755 a

Marquez de Pombal o propoz ao Rei D. José, e já o Conde de Castello Melhor o tinha lembrado a D. Afonso Sexto. Tambem Philippe V. deliberou abandonar Hespanha ao seu concorrente, e vir estabelecer a sua Corte no Novo Mundo. Brasileiros, os Grandes Imperios tem caminhado do Oriente para o Occidente. Instrui-vos, meditaí, e obraí com acerto. A prosperidade dos Estados, diz o Phocion de Mably, he a recompensa certa, e constante de suas virtudes, e a adversidade, o castigo de seus vicios. As Praias Occidentaes da Europa estão unidas por indissoluveis laços de fraternidade natural, de benevolencia reciproca, e de igualdade absoluta de Direitos com as Orientaes da America, isto he, Portugal com o Brasil. Que grande, e poderoso Imperio, se o formarmos e conservarmos com Sabedoria!

Serão delirios de patriotismo? ; serão esperanças illusorias concebidas na embriaguez do amor da Patria? ; serão as minhas idéas, e os signaes dellas expansão da fantasia, que vê o Brasil pelo microscopio da parcialidade? Quando Athenas era a Séde da Sciencia e Litteratura, cheia de Escolas, Domicilio, e Patria de Philosophos, Oradores, Legisladores, e Heroes: Londres, e Paris, presentemente os dois pontos centraes de quanto he grande, e elegante, nada mais erão que bosques paludosos. No tempo de Philippe, e de Alexandre, Italia, Hespanha, erão desconhecidas á Grecia. A Allemanha, Polonia, Russia, Dinamarca, e Suecia, que então erão huma extensão immensa de brenhas, de charcos invadiaveis, habitação de animaes ferozes, ou de homens tão barbaros e incultos como os nossos Selvagens Americanos, são agora os Paizes mais florescentes em Sciencias, e Artes, e cobertos de populosas Cidades, de Universidades, e Academias, onde assiduamente se cultivão todos os ramos de litteratura, entretanto que Grecia está sepultada na mais grosseira barbarie, e ignorancia, como o Egypto, donde ella tirou os rudimentos do saber, e erudição, que tanto tem admirado nas idades posteriores.

Apenas ha quasi 322 annos, que o Almirante Cabral avistou a Costa do Brasil. Que grandes cousas temos feito (não auxiliados, mas acabrunhados pelo Governo que nos obstruia os caminhos de progresso e melhoramento) em espaço de tempo tão breve, comparativamente ao que tem absorvido a civilisação Europea? Póde-se predizer sem hy-

perbole o estado da minha Patria, passados outros tres Seculos, franqueadas as barreiras até aqui oppostas ao Genio, & Industria, aos talentos, e ás producções do Paiz mais bello, e mais rico do Universo. Perde-se a digressão, que não he de todo heterogenea á materia do discurso, porque só a instrucção he o meio seguro de se obter tão desejado fim.

Segunda, e mil vezes repizemos, e insistamos na questáo. He de necessidade urgentissima, que os Governos Provisorios promovão huma Instrucção sólida, que traga, e guie os espiritos no trilho da verdade, e que por gradações os acostume ás impressões da verdadeira luz, a qual até agora se afraçava para chegar ás nossas retinas, e se perdia nas refrações a través dos gazes enganadores de huma atmosphéra impura.

¿Hum Povo pôde ser instruido de repente? Não, de certo; porque a instrucção geral de huma Nação, he fructo de trabalho de muitas gerações; mas nunca se chegará ao successo das grandes empresas, sem que acertadamente se entre no seu começo.

= Dimidium facti, qui bene cœpit, habet. =

Em todas as Capitães de Provincias, se deverá estabelecer hum Liceo, ou Academia, em que se dêm lições de Sciencias Naturaes, e positivas uteis, e de bellas Letras, logo que houverem subsidios sufficientes aos referidos estabelecimentos, que se engrandecerão á proporção do augmento dos recursos, como se deve esperar para o futuro. Entretanto, e quanto antes, se institua em cada Villa, ao menos nas mais populosas e notaveis, ou nas Cabeças de Comarcas, Cadeiras de Geometria, cujos Professores expliquem em cursos annuaes a Arithmetica, addido-se a esta o calculo Algebrico, ou Litterario, inserto a par das respectivas regras, para as operações numericas, e a theoria das equações até segundo gráo; Geometria elemental, que será indefectivel, e precisamente a de Euclides, illustrando o Professor a Synthese com a Analyse, ao que os ouvintes já da Arithmetica estarão predispostos; e Trigonometria plana. ¿Quantas vantagens podem resultar de semelhante instituição? São vehemētissimos estimulantes diffusivos, applicados com methodo, a moribundos de asthma indirecta em huns, que se tem

exaurido no estudo de erros, ou futilidades, e directa em outros pela ignorancia, e indolencia das faculdades intellectuaes.

Estes principios de Mathematica, são a base eterna, a Methaphisica primordial, o genesis da exactidão em todos os Conhecimentos humanos. Só nelles se encontram e se adquirem estas sublimes noções = apriori = de necessidade, e rigorosa universalidade, na linguagem do Professor Kant. São para o espirito, poderoso incitante, familiarisando-o, e habituando-o a proceder com ordem, e systema, e á pratica de huma Logica inaccessible a sofismas, e paralogismos. He admiravel que entre milhares de pessoas, que perderão o juizo na Revolução Franceza, o principal clinico dos Maniacos, não visse entre elles hum só Geometra. Tanto he o vigor a firmeza que dão estes principios ao Entendimento humano!

Elles dirigem as especulações do Commercio, a marcha da Industria, e todos os trabalhos assim na superficie, como nas entranhas da terra. Dão providencia na avaliação das probabilidades em todos os negocios da vida. Habilitão a qualquer, que os possua, a entender plenamente as excellentes obras de Montesquieu, Smith, Say, Filangieri, La Place, Bentham, Werner, Darwin, &c. e consequentemente a ser util aos seus coetaneos, e á sua Posteridade.

Governos Provisorios do Brasil, adoptai, e ponde em execução este plano. O Augusto Congresso das Cortes, e o Principe Regente são assás illuminados para deixar de approva-lo, e prescrevê-lo. Vereis, pelos seus effeitos, verificadas as vossas intenções de prosperidade da Patria.

E vós, Cidadãos Brasileiros, desenvolvei os vossos talentos, applicai-vos ás Sciencias, rectificai os vossos juizos, apurai a vossa rasão. A convicção da verdade bane d'alma a duvida, e a tibiesa. Quem conhece a legitimidade de obrigações, e deveres, e a relação entre elles, e a felicidade propria, os enche sem hesitar.

Meditai, e reflecti sobre cada huma de minhas proposições; e se algumas dellas vos parecerem desligadas, e extemporaneas, reduzi-as a premissas, tirai consequencias, e as Lacunas se encherão. Fontenelle dizia " que temeria abrir a mão, se se contivessem nella todas as verdades! ". Os homens em todos os tempos e lugares são os mesmos. tem sempre sido ingratos para com os seus generosos Beneficentes.

A' vante , ávante , e progressivamente á perfeição ; de fórma que essas maravilhas Politicas , objectos da admiração da Historia , despojadas do esplendor vão , com que se tem revestido , nada mais pareçam aos nossos vindouros , do que brincos frivolos , e muitas vezes funestos , da infancia do genero humana.

A'vante nas luzes , ávante no melhoramento. = Redire sit nefas. = Proporei sempre " Constituição , e Virtude. ,,

" Múnstro , quod ipse tibi possia dare : semita certe
" Tranquilla per virtutem patet unica vitæ.
" Nullum Numen abest , si sit Prudentia. ,,

JUVEN. SATYR. 10 VERS. 331.

Sabará. 25 de Dezembro de 1821.



EXTRACTOS DO ASTRO DA LUSITANIA , N.º 313.
(DE 10 DE DESEMBRO DE 1821.)

O que se lê no Extracto da Sessão do dia 7 , a respeito dos negocios de Pernambuco , não deixará de causar espanto a todo o homem , que despido de prejuizos , empregar em seus raciocinios as severas Leis da Critica , e da sã razão. Pela nossa parte confessamos , que o discurso , e as frases do Senhor Castello Branco (que captiámos no nosso N.º XVI.) , nos parecerão contrarias a tudo isto , e alheas daquella Politica desinteressada , que tanto cabimento tem nos Governos verdadeiramente Liberaes.

" Supponhamos que a maior parte dos Habitantes de Pernambuco se decidião pelo systema da Independencia , e se constituirão hum Estado livre ; que direitos temos nós para os embaraçar ? , Esse mesmo , com que os Austriacos torão algemar os pulsos dos trahidos Napolitanos. Na discussão do dia 6 . disse o Senhor Margiorchi : que o Faial e as outras Ilhas , não erão propriedade , nem patrimonio de Angra ; e a vasta Provincia de Pernambuco , será o patrimonio dos Portuguezes Europeos ?

Devem levar-se á força d'Armas, senão forem d'outra fórma!!! Estas expressões denotão mais o antigo Inquisidor, do que hum Publicista, que tanto tem trabalhado pela causa da Liberdade. Com que justiça hiriamos com Armas fraternas ensanguentar os Lares de pacificos habitantes, que bem ou mal aconselhados se julgassem em termos de passarem sem tutores? Se os Reis da Santa Alliança decretassem no auge dos seus delirios, que nós os Portuguezes continuassemos a viver como dantes; qual seria a nossa resposta? He facil de conceber. E teremos nós huma Politica Pharisaeica, querendo hum Deos para nós, e outro para os Pernambucanos? Doutrina trivial em todos os Publicistas, ouvimos nós ao Senhor Castello Branco, logo que na Sessão de 31 de Março defendeo com tanta justiça, e energia o Patriarca de Lisboa = Quando (disse o Senhor Castello Branco) se estabelece huma nova Ordem de cousas; quando o Pacto Social vem inteiramente de mudar de principios, ainda que sejam para melhores, e ainda mais liberaes, como felizmente nos acontece agora, não se pôde julgar criminoso aquelle, que recusa abraçar esta nova ordem de cousas. = Tal foi então o pensar do Senhor Castello Branco, a favor do Patriarca; e se então o julgou assim, a respeito de hum individuo, com quanta maior razão se não deve julgar acerca da maioria da População de huma Provincia?

Devem levar-se á força d'Armas, senão forem d'outra fórma!! : Quanto não está illudido o Senhor Castello Branco, com as idéas de levarmos Pernambuco á força d'Armas! Já por outras occasiões combatendo tão falsas como atrozes idéas, ponderamos o que os Inglezes, e os Hespanhoes tinham passado com os seus Americanos, sendo obrigados a passar por debaixo das forcas Caudinas, levantadas pelos Milicianos de Wasinghton, e Bolivar. — No combate dos Afogados, os Milicianos de Pernambuco, lançáo-se sobre as Peças de Artilharia como Portuguezes; e hum delles cívado de balas, e com as pernas quebradas, pôde ainda carregar e disparar duas vezes a sua espingarda.

= Pelo que podemos colligir dos factos, e das muitas cartas, que recebemos, nós não encontramos motivos para suspeitar, que o partido da Independencia alli tenha influido; mas não nos admiramos, que daqui a dous, ou tres mezes as cousas mudem de face, porque grandes promotores de huma intempetiva Independencia Brasileira existem

em Lisboa. = Promotor della he o Senhor Margiorchi, pelo que disse dos Americanos logo no principio das Cortes ; promotor he o Senhor Miranda por dizer, que ainda os mais eruditos dos Brasileiros não tinham idéa do que era Constituição, e por defender Luiz do Rego, o labéo da Moral e dos bons costumes ; promotor he o Senhor Serpa Machado, chamando cabeças de levantamento aos do Governo de Goiana ; promotor he todo o Congresso, porque d'entre elle não houve quem levantasse a voz de trovão, quando com tanta injustiça se pertendeo fazer calar o Senhor Ferreira, que advogava a Causa da sua Provincia calumniada ; promotor he o Ministerio, por ter tratado com tanto desmase-lo os Negocios do Brasil ; grande promotor será em fim o Congresso, senão desaprovar solememente todos os attentados commettidos por Luiz do Rego.

Para bem da humanidade afflicta, e em conformidade do Systema, devem as Cortes, e o Governo empregar todos aquelles meios, que possão, não só extinguir a injusta rivalidade, que existe entre Filhos da mesma Mãe, mas até cicatrizar, se tanto he possível, as feridas, que ella, e o féro Despotismo abrirão. Póde ser que nós não consigamos estes desejos ; póde ser que muitos nos leveia em mal o não pensarmos de outra sorte : não importa ; se por injustas contemplações o sangue Portuguez tingir as praias do Novo Mundo, não ficaremos com o pesar de haver guardado silencio em tempo ainda opportuno.

REFLEXÕES.

Temos visto com praser a Representação, que o Illustre Senado da Camara desta Cidade, em seguimento da que lhe fizera o Povo no dia 9 de Janeiro, dirigio ao Soberano Congresso. Não podemos deixar de confessar, que ella faz honra ao seu Author, pela verdade, energia, e eloquencia, com que he traçada. A legitima defesa de si mesmo, he tão applicavel aos Estados, como aos particulares, porque huus e outros tem huma existencia que perder, ou que conservar. Chamem embora os desafeiçoa-

dos ao nosso Paiz , ou os atribularios , que desejão semear a discordia , -- Revolução , e Sedição -- ao passo que este bom Povo dera naquelle dia , e que imitado fôra pelo de S Paulo , Minas , e Rio Grande . ; Como se pôde negar a hum Povo o direito de representar e reclamar , que se concede a qualquer individuo ? ; Poderá o simples Cidadão invocar a justiça contra a usurpação , violação , ou ataque dos seus Direitos , ; e não poderá huma aggregação respeitavel de Cidadãos representar aos seus Mandatarios que tal Lei não lhe convém ? ; Negar-se-ha ao todo , aquillo que se concede á parte ? As Bases da Nossa Constituição recommendão este Direito , quando o elevárão á cathegoria de Lei ; mas não forão ellas , que o inventárão ou creárão , porque elle he mais antigo , do que todas as Constituições . He do interesse dos Estados , que desejão conservar a Paz , e a Segurança , não açamar os Póvos , por que esse silencio contrafeito rebenta muitas vezes volcanicamente . A obediencia no systema Constitucional , he filla da razão , e não da força ; atacar os Fóros que hum Povo vénera ; abater a sua confiança no Pacto Social , que adoptára com o maior enthusiasmo , e querer prohibir-lhe o direito de exprimir seus receios , ou atar-lhe as mãos para que não previna a sua desgraça , seria fazer em geral hum novo damno , maior do que poderia imaginar huma facção , ou hum inimigo declarado .

Alguns espiritos porém , ou delicados por calculos , ou tímidos por conveniencia , viciférão , e torcem-se , como energumenos , á menor expressão , que directa , ou indirectamente encontre as opiniões dos Membros do Soberano Congresso : elles marcárão os Prêlos do Rio de Janeiro , como centro principal donde dispárão os raios , que ferem os Corifêos da nossa Regeneração . Factos convencem mais do que palavras ; olhe se a Europa , lêo-se os Jornaes de Londres , França , e Hespanha , vejão-se os do Porto , e de Lisboa , reflecta-se no Artigo , que extrahimos do Aatro da Lusitania , e pondere se no Extracto do Patriota , transcripto na Gazeta desta Cidade , N.º 29 , para que cada hum se convença de que he este o estylo dos Paizes livres ; a todo o momento resoão arguições contra aquelles , que ou por acto espontaneo , ou por effeito de ignorancia , discrepão dos seus honrosos , para que a Nação os constituirá . Não approvamos invectivas insultantes , e personalidades odiosas , extranhas ao Bem Commum , e desappro-

vadas pela Moral; mas a arguição de injustiças, a elucidação de opiniões Politicas, não sabemos porque devão ser prohibidas, ou reservadas ao estreito circulo da amizade, e desabaladas ali em queixas não proficuas. Se o homem por ser Deputado, ou por occupar hum posto eminente na Sociedade perdesse as fraquezas da sua especie, bem fóra que o respeito Publico dêsse aos seus calculos o character de infalibilidade; mas como os homens são sempre homens, he justo, e necessario, que não despresemos a Liberdade, que a Lei nos concede, e que chamemos as suas acções ao Tribunal da Opinião Publica.

Derão-se limites ao Poder dos Reys, derão-se á Liberdade dos Povos ? e porque se não devem limitar os cégos respeitos, votados a quanto nos vem dos nossos Representantes? Porque se não ha de proscrever esta vergonhosa idolatria, indigna de homens livres, e que só incutia nos que a seguem hoje, ou ignorancia, ou maldade, do que muitos se podem aproveitar com prejuizo da Nação? O Brasil, ou desprezado, ou insultado por huma vez á face do Augusto Congresso, ¿deverá conservar-se irremediavelmente na attitude do homem fraco, que apanha sem defender-se, e ate sem queixar-se? Deverá beijar satisfeito a mão que o flagella, e que o opprime? Deverá o Rio de Janeiro tecer coroas civicas, para tributa-las aos Senhores Varella, e Brandão, que longe de advogarem a sua Causa, e desempenharem a honrosa Expectação da sua Patria, conservão-se ou indifferentes, ou tímidos, mas de certo sempre mados? Com que magoa não temos nós lido, na Sessão de 14 de Novembro, sobre o numero dos Deputados da Europa e do Ultramar, que devião compor a Deputação permanente, que opinára o Senhor Varella nas seguintes palavras, bem expressivas da seu indifferentismo = a mim parecia-me, que o modo de cortar esta questão, já bem longa, era tratando do modo das eleições, e deixando o mais para depois. = He tanto verdade que elle deixou o mais para depois, que não votou nem pró, nem contra o Artigo, como se cõhe das votações nominaes, em que se não lê o seu nome.

(CONTINUAR SE-HA.)



REVERBERO

CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.



TERÇA FEIRA 19 DE MARÇO DE 1822.

Redire sit nefas.

HORAT. LIV. V. OD. II.

CORRESPONDENCIA.



Senhor Eleitor, que diz ser, da Roça

Simplificando as emphaticas, e cumpridas linhas da sua Carta aos Redactores do Reverbero, diz v. m., que tendo sido chamados a esta Capital os Senhores Eleitores de Parochia por Officio meu circular do mez de Dezembro, forão os mesmos = despedidos atraz da porta, isto he, como v. m. mais adiante se explica = com falta de polidez, gravidade, delicadeza, e respeitosa attenção... = e qualifica v. m. de misterio politico, tenebroso, e iniquo a ommissão de se ter convocado o Collegio Eleitoral para que em auto solemne ratificasse o procedimento, que o Senado da Camara desta Cidade teve no dia 9 de Janeiro.

Eu respondo a v. m. que a sua primeira queixa he hum calumnia absolutamente falsa, e a segunda hum erro crasso de diraito publico, e hum mal terrivel em Politica.

Provo a falsidade da sua primeira queixa com a Portaria junta da Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino datada em 17 de Janeiro, recebida por mim em 18 de tarde; e com a existencia da minha circular desta mesma data dirigida a todos os Juizes de Fóra, e Ordinarios das Villas desta Commarca, e aos Presidentes das Juntas Eleitoraes das Parochias desta Cidade, e seu Termo, para que cada hum na sua parte respectiva fizesse saber aos Senhores Eleitores, que estavão dispensados por Sua Alteza Real de comparecer nesta Capital no dia 25 de Janeiro, como se lhes havia ordenado. Todos os Officios desta circular ficarão expedidos por vias seguras no dia 19 de Janeiro; e sei que muitos delles forão entregues. Eis quanto me incumbia fazer: se houve faltas não foi culpa minha, e por certo as sinto ainda mais que v. m... mas no estado actual de cousas, ellas são inevitaveis, e desculpaveis.

Mas dirá v. m. que estes avisos sahirão muito tarde, perdendo-se oito dias, que tantos decorrerão de 9 a 17. He verdade... mas accuse desta falta o ex-Ministro Vieira, que por muitos dias demorou na sua Pasta a Portaria competente, que o nosso energico Regente lhe Mandou expedir logo depois do dia 9, e elle nunca quiz assignar apesar de novas Ordens que positivamente lhe forão intimadas por hum Carta do Mesmo Senhor. E saiba v. m. que o Collegio Eleitoral mereceo tanta consideração a Sua Alteza Real, e Desejou tanto poupar-lhe hum jornada perdida, que a Portaria inclusa foi a primeira Ordem que Mandou expedir ao novo Ministerio.

Provo que a sua segunda queixa, he hum erro crasso de Direito Publico.

O Passo que o Povo desta Cidade deo no dia 9 de Janeiro foi desempenhado pelo Senado da Camara a requerimento do mesmo Povo: e apesar de que não interveio nelle autorisamento dos Eleitores Parochiaes, ainda ninguem lhe chamou nullo, porque todos sabem que as Camaras

são Authoridades legitimas para representar os Povos: e se está valido para que queria v. m. ratifica-lo? Acaso o Collegio Eleitoral recebeu estes poderes do Povo? não: e se os não recebeu do Povo, donde lhe vierão?

Convém, meu Collega (tambem tenho a honra de ser Eleitor de Parochia), ter idéas exactas para não errar. Os poderes que recebemos dos Povos nossos Constituintes forão determinadamente limitados a eleger os Eleitores de Provincia sómente: logo com a eleição destes expirou absolutamente a nossa commissão. Se duvida desta verdade, leia o Decreto, e Instrucções de 7 de Março de 1821, ouça os Compromissarios que lhe derão os seus votos, e consulte mais authenticamente o Povo seu Constituinte. Mas para que ha de v. m. hir tão longe? Consulte se a si mesmo; e se quizer deixar de ser contradictorio por hum momento achará a verdade: pois se v. m. reconhece na sua Carta, que se reputava sem poderes para eleger o novo Governo, a despeito da existencia de hum Decreto do Poder em quem reside a Soberania da Nação, como se atreve a dizer que = poderes, e authoridade tinha para reclamar, na qualidade de Eleitor, a perasteancia do Principe Regente? =

Sejamos coherentes, Senhor Eleitor, e não cahiamos nos mesmos erros que condemnamos nos outros... se muito nos offende, e escandalisa a confusão nos poderes: se muito estranhamos que as authoridades constituídas saião fóra do circulo da sua alçada, como queremos representar com poderes que exorbitão as nossas procurações? Se admittirmos o seu principio brevemente seremos obrigados a conceder, que os Eleitores de Parochia se pôdem juntar a seu hom grado, e que será valida qualquer moção que fizerem...

Do que fica dito sãem muitos corollarios necessarios, mas eu só quero por agora tirar hum, e he que v. m. commetteo hum grande erro de Direito Publico, quando estabeleceo como necessaria, ou ao menos como legitima a reunião do Collegio Eleitoral para confirmação de hum acto leito immediatamente pelo Povo desta Cidade por via do Senado óa Camara, seu Legitimo Representante. E não seria melhor que v. m. tivesse aconselhado ás Camaras das Villas, que devião vir unir os seus votos aos do Se-

nado da Camara desta Capital? - Non omnia placent cunctis . . .

Apesar do exposto o direito reconhecerá sempre como legitimos todos, e quaesquer actos, que os Eleitores Parochiaes celebrarem, quando, sendo mandados congregar competentemente para hum acto determinado, os Povos seus Constituintes não declararem que a celebração d'elle he contraria ás suas vontades; porque neste caso o consenso tácito dos Povos, por ser fundado em perfeito conhecimento de causa, constitue huma outorga expressa dos mesmos Povos, huma verdadeira prorrogação dos poderes dados.

Provo finalmente que v. m. fez hum mal incrível em Politica, quando teve a criminosa animosidade de qualificar de misterio politico, tenebroso, e iniquo, a falta de se convocarem os Senhores Eleitores Parochiaes, para confirmar o acto, que fez o Senado da Camara desta Cidade no dia 9 de Janeiro.

He principio incontestavel em Politica que os Povos devem ser dirigidos á União, e Tranquilidade: e este Dogma Politico foi a v. m. aconselhado pelo nosso Augusto Regente no dia 9 de Janeiro, e por esta causa não pode v. m. allegar ignorancia d'elle: persuadir hum caminho contrario será por consequencia hum terrivel mal em Politica: mas desta natureza são todas as doutrinas que se estabelecem tendentes a metter em desconfiança o Governo com os Governados, publicando idéas falsas, e incendiarias: ora isto he o que v. m. fez com a sua doutrina tão falsa, como insidiosa, e caluniadora: logo v. m. fez hum terrivel mal em Politica, muito prejudicial a este Povo, muito injuriosa ao Governo, e muito digno por consequencia de hum castigo exemplar.

Oxalá que estes principios fossem bem entendidos, e melhor desempenhados por todos os nossos Escriptores do dia, alguns dos quaes, não tendo ainda tomado assento de discipulos já occupão cadeiras de mestres! Queirão elles aconselhar ao Povo União e Tranquilidade, e ensinar aos que governão o caminho a marchar com sabedoria e polidez, sem derramar veneno em factos que convem entender puros, e de boa fé: por tal arte se consegue mais; e

nada duvidem os que escrevem, que a opinião public' alem dirigida, se caminhar sempre a hum só fim. ha de conseguir huma forga tão irresistivel, que nenhum braço por d'estro, e valente que elle se considere, será capaz de a derribar jámais: huma marcha contraria só serve de a enfraquecer.

A Deos meu Collega, que en me retiro: dê-nos alguma boa memoria de agricultura, de que muito necessitamos, e deixe o manejo dos negocios politicos para outros que os entendão melhor. Fico esperando por conhecer o seu nome, para saber de quem me hei de assignar

Seu Respeitador

Joze Clemente Pereira.

PORTARIA.

Manda Sua Alteza Real, O Principe Regente pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, que o Juiz de Fôra desta Cidade, servindo nesta parte pelo Ouvidor da Comarca, que se acha ausente, faça constar, sem perda de tempo, aos Eleitores convocados para a nomeação do Governo desta Provincia em virtude da Portaria de 10 de Dezembro proximo passado, que, em consequencia de ter o Mesmo Senhor, annuindo ao voto geral do Povo, resolvido ficar no Brasil, estão dispensados de comparecer para o referido fim.

Palacio do Rio de Janeiro em 17 de Janeiro de 1822.

Caetano Pinto de Miranda Montenegro.

REFLEXÕES.

(CONTINUADAS DA PAG. 220 DO NOSSO N.º XVIII.)

*Insensíveis á mordacidade continuaremos a defender a causa da Liberdade Brasileira, contra a = Política Egypciaca das Cortes = como lhe chama o Patriarcha da nossa Litteratura no seu N. 5. da Reclamação do Brasil. In-

amigos do Despotismo, desde que tivemos conhecimento do Mundo, somos todavia bem longe de crer, que ser Constitucional queira dizer "Detractor do Rey; idolatra cego das maximas do Congresso, que he composto de homens, e não de Anjos." Na marcha dos trabalhos, que emprendemos, procuramos sempre acostar-nos ás opiniões de homens bem respeitaveis na República das Letras, e mais estimamos errar com estes, do que acertar com aquelles, que só escrevem para verter em seus escritos o veneno, e a raiva, que lhes ferve no coração. Continuando pois a nossa começada tarefa dizemos, que não nos he possível atinar com o gráo de valor, e de representação que ao Brasil querem dar os Senhores Deputados do Congresso. Humas vezes o envolvem na denominação geral de Provincias Ultramarinas; — outras vez s dizem, que Portugal, e Nacional são synonymos; — agora, que elle se deve contentar com ter no Augusto Congresso hum honrado Militar, e na Supplicação hum benemerito Desembargador; — logo, que não deve ter hum centio, para não complicar as rodas da Maquina Politica; — aqui, que se não deve manchar a Constituição com a palavra Federação; — alli, que os nossos Deputados nem devem ter assento no Congresso, seuão vierem dispostos a dar liberdade á escravidão; — em fim, que o Rey perde a Coroa se vier ao Brasil... Dizemos ao Brasil, porque não he de supôr, que o Congresso tomando medidas a esse respeito, tivesse em vista acautelar que o Rey não fosse estabelecer-se na Asia, em Gôa, Dio, ou Macáo; na Africa, em Angola, Benguela, Moçambique, ou S. Thomé, nem tão pouco, que quizesse transplantar a Séde da Monarquia para ás Ilhas dos Açores, ou de Cabo Verde. Quanto he porém para admirar que fosse hum Deputado Brasileiro, o que pesaroso de que o N.º 2.º do Artigo 106 da Constituição, que marca os factos, que o Rey não pôde praticar sem consentimento das Cortes, e com perdimento da Coroa, não fechasse bem a cadeia, que prende o Rey ao Reino de Portugal, propoz e pediu huma declaração ao dito artigo! = Esta expressão (disse o Senhor Villela) sahir do Reino, parece-me muito indeterminada, e pôde entender-se de todo o Territorio Portuguez em geral: em consequencia do que, o Rey querendo mudar a Séde do Throno, para qualquer Provincia do Ultramar, não he inhibido pela Constituição, de o fazer, pois dirá que está dentro dos

(227)

Dominios Portuguezes. Ora, esta mudança pôde ser prejudicial aos interesses da Nação, e pôde tambem ser alguma vez necessaria. Por conseguinte, julgo conveniente que se declare, que o Rey não possa sahir do Territorio Portuguez sem consentimento das Cortes, mas nem mudar a Séde do Throno. = Esta opinião, tanto a sabor do partido anti-Brasileiro, foi altamente apoiada... O Senhor Borges Carneiro, não deixou de exclamar immediatamente com a sua costumada impetuosidade: = que o Rey poderia hir visitar as nossas Provincias do Brasil, ou de Africa, e ter grande demôra nessas viagens tão dilatadas, com grande prejuizo da Nação: = e o Senhor Camello disse: = que o Rey não deve sahir, para evitar grandes despesas. =

Ora aqui temos no sentimento de hum Senhor Deputado, o Brasil na mesma linha da Africa; e no de outro, hum grande temor das despesas, que o Rei poderia fazer em huma viagem tão util e necessaria aos interesses da Monarquia, entretanto que nenhum ha daquelles que se tem feito e se faz com aprestos de Esquadras, e remessa de Tropas para conter o Brasil debaixo da Liberdade Machiavellica, que nos offerecem. Esquecerão-se os Senhores do Congresso de que a mudança do Throno foi a salvação da Monarquia, quer na Europa, quer no Brasil; esquecerão-se, que as Scenas de 1807, podem reproduzir-se, e mui facilmente; esquecerão-se de que foi o titulo de Reino, dado ao Brasil, quem deu assento aos nossos Embaixadores no Congresso de Vienna, entre os Embaixadores das grandes Potencias; de nada lhes aproveitou a experiencia do presente, em que os successos mais pasmosos succedem-se tão rapidamente, que não dão tempo a prevenirem-se; só se lembrarão de punir a este Paiz pela decidida superioridade que a Natureza lhe dá sobre essa já cansada ouréla de huma parte da Europa. ; Acaso a ingratição será vicio sómente no individuo?... Ah! que o grande segredo do Soberano Congresso sobre a recolonisação do Brasil já está como o de Midas, confiado dos Canaviaes que os ventos zimbrevão; o certo he que com opprobrio dos nossos Deputados Brasileiros, passou o Artigo com a emenda e comminação proposta; e nunca o Rey Portuguez poderá, sem perder a Coroa, vir ver o Paiz, que salvára os Seus Maiores, que os recebera no coração, sem queixar-se de pesados sacrificios, que então fizera.

Eis aqui como se aviva o tocante quadro de felicidade, que nos bosquejavão em principios; eis-aqui a igualdade de Direitos, e de bens, que na sua Proclamação, tão gratuitamente alardearão! Já não perdem huma só occasião de offenderem a nossa honra, de menosprezarem a nossa representação, e de aguarentarem os nossos foros. Entretanto, estatua muda para reclamar e sustentar os nossos Direitos, o Senhor Fagundes Varella, só acha palavras, ou para escaracear materias graves, ou para escandalisar os que sempre respeitarão os seus Principes. Sim, debatendo se a questão, se seria licito a huma Princeza de Portugal, quando reinante, casar com Principe Estrangeiro, elle disse, rompendo o seu diuturno silencio: = que viria fazer a Portugal? (o Principe Estrangeiro) e viria a fazer raça? Para isto em Portugal ha muitos capazes de exercitar os trabalhos de Hercules. = (Diario das Cortes, N.º 246, pag. 3364. l. col.) Aquelles que levão a mal o fallar-se das expressões de alguns Senhores Deputados, quando offendem os interesses do Brasil, que agora consultem as leis da decencia, e do decóro com que sempre os Portuguezes tratarão o bello sexo, para depois pronunciareem os seus juisos sobre a grosseria destas palavras do Senhor Fagundes Varella, e tanto mais grosseiras, quanto mais publicas, e n'huma Assembléa tão Augusta. Não nos consta que nessa occasião o chamassem á ordem, mas sabemos que o fizerão para com o Senhor Silva Ferreira, quando como bom e verdadeiro Patriota advogava a Causa da sua Provincia despresada, e escarrecida!!! Tão pouco se chamou á ordem o Senhor Borges Carneiro, quando na Sessão de 7 de Dezembro (Diario das Cortes N.º 245, pag. 3348, col. 1) disse: = a emenda, que eu propouho (sobre as linhas collateraes) he: que extinctas todas as linhas, succeda a Tia do Senhor D. João VI. a Senhora D. Maria Francisca Benedicta; porque seria notavel omissão, tendo o Senhor D. João VI. huma Tia, não se fazer menção della. =

No meio porém de tão repetidas precauções, para se roubar insensivelmente ao Brasil toda a idéa de Reino, e toda a esperanza de ser a Séde da Monarquia, não attenderao, que hum Rey, que bem pesar a importancia de ambos os Paizes, e convencer-se das vantagens, que este novo Reino lhe offerecer, não hesitará por hum momento em trocar hum cristal por hum diamante; ou, como diz

De Pradt, em preferir no Novo Mundo hum grande e rico Imperio, a humna pequena Provincia da Europa. Se o Triumvirato, ou Quinquvirato (segundo a expressão de Sandoval) pudesse de hum golpe de penna, riscar o Brasil das Cartas Geograficas, já elle não existia; e qual fóra então a independencia de Portugal desde 27 de Novembro de 1807? respondão os Politicos desapaixonados.

Não satisfeitos ainda com o anathema fulminado sobre o Rey, passáráo tambem na Sessão de 3 de Dezembro á fulmina-lo sobre os Príncipes Herdeiros da Coroa, de que se tratou no Artigo 112. Então debalde se exprimio nestes termos o Senhor Correa de Seabra: = a experiencia dos nossos dias mostra que o espirito mais penetrante, e atilado, não pôde prever todos os acontecimentos politicos. Se ainda humna vez se renovarem os acontecimentos de 1807, estando o Rey, e o Principe Real ligados pela Constituição, para não poderem sahir, se as Cortes não estiverem reunidas, podemos nós calcular as males, que se seguiráó de qualquer resolução, que ElRey tomar? Poderemos por ventura calcular o partido, que a Familia Real tomará? O que podemos só julgar he que a existencia Politica está muito em risco. O que a Portugal, e mesmo á Europa aconteceria, se em 1807 houvesse hum tal Artigo? Além disso não ha Portuguez, que se não lembre, que seria muito conveniente se se renovasse a antiga pratica de Nossos Príncipes viajarem pelo Reino, e por Si-mesmos conhecerem os males, que soffre a Nação, e os remedios, e providencias que necessitarão, e os bens, e utilidades, que podião promover. Não deve tambem esquecer, que os Estrangeiros não louváo muito o costume actual de Portugal, de não sahirem os seus Príncipes para fóra da Corte. A minha opinião he, que se supprima o Artigo, e que na Constituição se não inhiba o Principe R. de poder livremente viajar por qualquer Provincia do Reino-Unido, e quando na Constituição se tome alguma providencia a este respeito, seja recommendar-lhe estas mesmas viagens: até porque não haja contradicção no que já determinou o Congresso em mandar, que viaje o Principe R. pelos Estados Estrangeiros. = Se a Verdade fosse ouvida: se a Imparcialidade, e a Rectidão dirigissem sempre as decisões dos homens, esta opinião fóra de certo abraçada; mas como os éccos das paixões resoáo tanto nos Templos como nas Cheupanas, como a voz imperiosa = o Congresso man-

da = deve ser ouvida sem réplica na Opinião de alguns, ainda quando a Nação se acha em character organisante, e não organizado, foi desprezada a reflexão daquelle benemérito e prudente Deputado, e elevou-se á cathegoria de Lei fundamental, = que o Principe R. perdesse o Direito á Coroa, se sahisse do Reino de Portugal e Algarves. = A setta nem sempre fere o ponto a que he dirigida; escapou o melhor naquelle Artigo, era = evitar que o Principe aqui ficasse. = Contarão com o seu regresso, sem attender, como sempre, á nossa vontade; firmarão-se na infallibilidade dos seus mandados; legislárão, e descobrirão por isso mesmo que o ultimo golpe para a nossa recolonização, era, depois de voltar o Principe, fexarem-se os Portos ao Commercio livre.

Brasileiros, deixai que murmure a intriga, deixai que vomite o veneno e a peste; O Principe R. he a egide da nossa Liberdade; he o penhor dos nossos presos fóros; he o esteio da Constituição no Brasil; he o instrumento da nossa tranquillidade; he o centro da nossa liberal Reunião com Portugal; he a fonte da nossa ventura; he o Amigo dos Portuguezes, porque só deseja a sua maior gloria, e só promóve o seu maior bem. O Brasil não pôde deixar de ter huma Constituição liberal, e que bem harmonie os Direitos imprescriptiveis do homem, com o decóro da Dignidade Real. Que força hercúlea poderia agora arraucar dos nossos corações esta nova potencia aggregada ás potencias da nossa alma? A Liberdade he congenita com o Brasileiro; o horror ao Despotismo he innato nos Americanos. Ai daquelles que sómente tentassem abalar a Arvore da nossa Liberdade! Mas cumpre, Brasileiros, cumpre ter confiança no Governo; cumpre reunirnos nos, e não consentir que mal entendida liberdade quebre os vinculos dos nossos communs interesses, que ligão entre si as Provincias deste grande Reino; sejamos dos mal intencionados, que especulão na anarquia o interesse, que os conduz, que tudo fazem suspeito para que nada se affirme. A nossa Reunião com Portugal só pôde assentar em huma perfeita igualdade de Direitos; em quanto estes se não equilibrarem não podemos colher os fructos de huma Sabia Constituição, nem dormir seguros, e contentes á sombra da Arvore, que plantámos. Se a uniformidade de Religião, e de Linguagem; se os laços do sangue, e da amizade nos chamão á União, esta União não deve cus-

tar-nos o sacrificio da nossa Representação , da nossa Grandeza , e dos nossos futuros destinos ; chamando porém os nossos Irmãos á confiança no Governo , e á Reunião necessaria em hum só honroso e patriótico sentimento , nós tambem recommendamos ao Governo , o despir de todo o velho homem para se vertir do novo ; a mistura do antigo systema com as novas instituições he huma amalgama infernal , impossivel de persistir. A irresolução he o peior dos defeitos ; medidas liberaes , publicidade , franqueza , verdade , e justiça são os Astros porque se deve conduzir o Governo , dirigindo a Náo do Estado ao Porto da Felicidade.



O Ceo como que se tem apressado muitas vezes em lenir os mágoados corações Brasileiros , ungiendo-os de tão precioso balsamo , que nos faz o prazer muito maior , do que a dôr que o precedêra. Se do nosso seio expellimos a Divisão Auxiliadora , que desorientada pelos seus Chefes , foi motivo dos dissabores porque passámos , até o ponto de temermos ver derramar-se o sangue Portuguez entre Irmãos , cobertos com as mesmas bandeiras ; se esta dôr aggravou-se consideravelmente pela morte prematura do Serenissimo Principe da Beira , por quem sobimos mais alguns degrãos na escada de gloria , donde já não podemos ser derribados ; o Ceo , aplacado talvez com esta victima innocente , fez aportar em nossas Cóstas , outra Divisão , que dirigida por Chefes Honrados e Liberaes , nem desconhece , nem ataca os nossos Direitos ; e pelo recente nascimento da Serenissima Senhora Infanta D. Januaria , augmentou a nossa justa satisfação , não só adiantando a linha da Augusta Dynastia , que a Nação escolhêra em 1640 , que reconhecêra e proclamára em Portugal em 24 de Agosto de 1820 , e no Rio de Janeiro em 26 de Fevereiro de 1821 ; mas tambem porque nella reconhecemos hum formoso Iris de paz e serenidade , hum duplicado penhor da nossa futura gloria , acrescentado ao que já possuimos na Serenissima Senhora Princeza da Beira.

Se o nascimento de hum Principe he huma benção , com que o Ceo confirma a sua Protecção , para com os Povos escolhidos ; se por elle a Política reconhece hum no-

vo enlace na prosperidade da Nação, afastando-lhe o flagello da guerra civil, que se ateia faltando a successão: nas circumstancias melindrosas, em que nos achamos, o nascimento da Serenissima Senhora Infanta D. Januaria, desperta a lembrança desta benção celeste, deste interesse Nacional, e sôlda o elo, que pela morte do Serenissimo Senhor Principe D. João, se quebrára na cadêa que prende ao Brasil os nossos Augustos Regentes. Fomos privados de ver neste Principe, cortado em flôr, e n'hum periodo diffidentoso, hum Patricio desvelado, e nelle retratadas as heroicas qualidades de seu Augusto Pai; mas não seremos inibidos de admirar na Infanta recém-nascida aquellas Virtudes, que fazem tão respeitavel, e tão digna do Amor dos Brasileiros a Excelsa Princeza, que nos enriquece com tão preciosos fructos. A Nação que se recorda sempre com saudade dos dias da Memoravel Senhora D. Maria I., Herdeira das Virtudes da Senhora D. Maria Anna d'Austria, espera vê-las reproduzidas nas Augustas e Brasileiras Nêtas, educadas por huma Princeza tão Liberal como Sabia, tão boa Mãe como terna Esposa. Ah! em quanto o nome da Serenissima Senhora Infanta D. Januaria lhe recordar que ella nasceo nesta Cidade, recordar-lhe-ha tambem, que o dia 9 de Janeiro do anno do seu nascimento, foi quem lhe conservou a Patria, e a seu Augusto Pai a mais rica joia da Coroa, a que já tem direitos: só por este titulo, nós devemos esperar do seu Coração, em que se ajunta o sangue dos Nossos Reis, com o sangue dos Cesares, hum acolhimento nobre, e bem digno do seu Patriotismo e da sua Real Gratidão.



REVERBERO

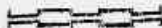
CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.

TERÇA FEIRA 26 DE MARÇO DE 1822.

Redire sit nefas.

HORAT. Liv. V. OD. II.

CORRESPONDENCIA.



Sñrs. Redactores.

Apesar de ter geralmente ouvido declamar contra o Amor proprio como germen de todos os males, seja-me licito denomina-lo virtude, e germen de virtudes. Quem disso se escandalisar, lembre-se de que as Divinas Leys natural, e positiva, o presupoé sempre como huma régua, pela qual devemos nivelar o nosso procedimento com o proximo.

Muito parente, porém, delle he o Egoismo: melhores pennas tem já traçado suas linhas divisorias, mas nas ac-

taes circumstancias creio não abusar chamando em soccorro da causa publica toda a eloquencia e poderosa influencia de v. v. m. m., neste ponto. Perigou a Patria, tremeo o nosso coração á vista do abysmo, e apressurados voámos ; mas está ella perfeitamente sábia ? Esgotada de sangue, jaz quasi exhausta, sem poder convalescer. Deixemos figuras. Nós precisamos pagar a velha divida, sustentar os Tribunaes, a cuja demolição obstámos, abrilhantar e manter nossa Marinha, sustentar independente o brio do honrado Militar, a cuja sombra descansamos, n'humra palavra, contribuir a todas as despesas do Estado. O nosso Amor proprio, eia o innato desejo do nosso bom ser nos arrebatou gloriosamente áquelle primeiro passo, elle mesmo nos deve chamar ao cumprimento do segundo. Em vão planta aquelle que não réga, e aduba ; a conservação he huma continuada criação. ; E, como, Fluminenses, como com arrastado pé vos chegais áquelle voluntaria Contribuição, que tão adequadamente abrirão exemplares Concidadãos nossos ? O Militar offerece o seu sangue, a sua vida. Os Ministros suas inquietas vigílias. Os Empregados o cumprimento de seus deveres ; e que dareis vós senão for o numerario em taes circumstancias indispensavel ? Sustentando a Patria, sustentai-vos a vós mesmos, e se ella cahir todos perecemos.

Isto atéqai já he velho, Sñrs. Redactores, mas bom he que v. v. m. m. o retoquem com o seu lustroso burrido, para que não esmoreça o Patriotismo de nossos coévos. Os nossos Brasileiros são nobres, amantes da verdadeira gloria, sabios avaliadores do seu bom ser ; basta.

Morde-me porém ainda hum escrupulosinho, sobre que consulto a v. v. m. m. : os Estrangeiros, que entre nós vivem, desfrutão todos os bens resultantes dos sacrificiós que nós temos feito e fazemos. Defendendo as nossas Propriedades, a franqueza dos Portos Brasileiros, a nossa cathogorica Independencia, não os defendemos tambem a elles, o seu commercio, as suas pessoas e bens ? Que pouco gozamos nós, que elles não gozem ? O Negociante não tem Patria ; a sua Patria he aquelle ponto do Globo, onde melhor se combinão os seus interesses. Ora, sendo tão notorias as vantagens que destes nossos sacrificiós lhes revertem ; não será racionavel que tambem elles botem a mão fóra

do capote ? O companheiro no lucro , deve-o ser tambem nas perdas. ; Quem melhor do que elles conhece as nossas circumstancias , e o bem futuro , que daqui lhes provirá ? Poucas palavras , bons entendedores.

Rogo portanto a v v. m m. queirão ter a condescendencia de juntar esta pequena sombra aos fulgurantes raios do seu Reverbero , para que delle tome a expansão de luz e brilhantismo , com que affluente superabunda. A tanto me anima aquella benignidade com que v v. m m. já acolherão as minhas duas pequenas cartas. Farei por jámais lhes tomar o tempo senão com materias , que a nós todos avancem. Sou com toda a consideração e respeito ,

De v v. m m.

Affetuoso Leitor :

O Aventureiro.



Sñrs. Redactores.

Eu tinha lido no N.º IV. do seu Reverbero as justas queixas , que lhe enviou hum seu Correspondente , sobre o mysterio , que no Jardim da Lagôa se fazia das preciosas plantas e sementes , de que elle abundava , e cuja propagação sendo do maior interesse para o Estado , huma indiscreta vigilancia as guardava , como a do Visionario Alchimista , que recata a pedra philosophal. No longo periodo , que decorreo da publicação do precitado N.º , até o presente , admirei eu que os Mandatarios daquelle Jardim emperrassem no seu systema , e não sei se diga , em peor , sem lhes embarçar o interesse publico , e o grito da verdade. Digo , que não sei se peor , pois he constante , que sabendo hum dos Cerineos , que alli subcommandão , que em casa de pessoa moradora naquelles contornos havia hum Craveiro , e assás viçoso , o foi (por ordem) arrancar , e conduzir para o Jardim da Fabrica , julgando-se aquella possessão hum sacrilegio digno de exemplar castigo.

Tenho porém agora o praser de communicar-lhe para satisfação do Publico, e do seu Correspondente, e para conhecimento dos que amão o melhoramento das nossas cousas, que S. A. R. hindo em hum destes ultimos dias jantar áquelle Jardim, acompanhado do Ministro de Estado dos Negocios deste Reino, mandou expressamente ao Inspector da Fabrica, que se franqueassem, e com abundancia, a todos os possuidores de terras, as plantas, e sementes que alli havião, pois que o interesse Nacional, não era te-las para ostentação, ou bel-prazer dos seus Directores, mas sim que se divulgassem, e que se reproduziassem, para se colherem os fructos e vantajens, que ellas promettem e que huma tal avareza empecia.

Está vencido portanto o primeiro passo; mas não está tudo feito, porque ainda resta alguma cousa a fazer. He preciso aproveitar as boas disposições do Nosso Regente, e a sabedoria do nosso actual Ministerio. V v. m. sabem que nem todos os Lavradores podem consultar bons livros, em que aprendão as doutrinas necessarias á proficua cultura destas arvores, e que sendo raros no nosso Idioma, apenas se encontrão em huma ou outra Livraria, e em linguagem estrangeira; tambem sabem, que sempre que se procura acclimatar taes, ou taes plantas, ou introduzir tal ou tal invento, mandão-se espalhar simultaneamente Memorias sobre a sua cultura, amanho, e processo, porisso mesmo que = *facilius est inventis addere.* = Parece-me portanto que não devo ser estranhado, se em desafogo dos meus patrioticos desejos, lembrar por meio do seu Periodico, que seria de grande proveito, que S. A. R. mande publicar pela Imprensa, e em dialecto vulgar, Memorias redigidas pelo Inspector daquelle Jardim, fundadas na experiencia que deve ter feito nos annos que d'elle cuida, onde com toda a possivel clareza se ensine o methodo de colher, torrar, e beneficiar o Chá, o Cravo, e a Pimenta, juntando-se-lhes estampas dos fornos, e peneiras necessarias, para melhor conhecimento dos Lavradores distantes; indicando-se qual he o melhor tempo da plantação, e colheita; qual a terra mais propria, e que beneficio deve prepara-la; em fim, tudo o que pôde facilitar huma cultura tão preciosa, e da qual se devem esperar grandes luctos, talvez em bem poucos annos.

Conheço que a nossa Agricultura ainda se reduz a poucos ramos, porque huma quasi cega rotina a obriga a ser pequena, n'hum Continente, em que pôde abranger infinitas produções de commercio, e exportação; conheço que lhe faltão aquelles estímulos que a promovem n'outros Reinos, como são as Sociedades dos Amantes da Lavoura; os prémios ainda que pequenos, com tudo apreciáveis, sendo dados ao merecimento, e aos que mais se distinguirem; em quanto porém o Governo não pôde cuidar destas providencias, porque negocios de mais urgente expedição fazem hoje o emprego dos seus desvelos, julgo que aproveitaria, mandarem-se aos principaes Fazendeiros da nossa Provincia, algumas plantas do Jardim, com as Memorias em que fallei, e recommendar-se a sua cultura, como hum Serviço á Patria, e a communicação dos seus progressos, para publicidade e conhecimento de todos; o zelo Patriótico enche os corações Brasileiros, elle se manifestará sendo desafiado com honra; cada hum dos mais ricos Fazendeiros, pôde bem sem prejuizo da mais necessaria cultura, occupar-se tambem destas Plantas exóticas, elles em breve serão os Mestres de seus vizinhos, e quando o lucro lhes compensar o trabalho, como devemos esperar, então veremos o interesse chamar huma grande parte dos Lavradores a seguir novas estradas, como acontecêra com o Café, aqui plantado ha menos de 60 annos; e não passaria esta planta pelas mesmas difficuldades em seus principios?

Não são unicamente as plantas exóticas, as que necessitam destes estímulos; ha muitos e muitos objectos que clamão por auxilio, e pela sabedoria de quem os conduza a ponto de darem os mais felizes resultados. As nossas estradas, que se me he permittido dizer lo, são as veias do grande corpo do Estado; as estradas, que só podem facilitar as communicações de Provincia a Provincia, animando o commercio interior, que he, além das suas grandes vantagens, o primeiro movel da civilisação dos Povos; as estradas exigem prontas e grandes providencias. Que riquezas não offerecem as Pescarias, nas quaes até pôde o Estado achar hum viveiro para a Marinha de Guerra? Em quam breve tempo, conduzidas com sabedoria e prudencia sobre os parais dos abrólhos, nas Cóstas de Santa Catharina, e nas bocas do Amasonas, poderiam talvez exceder as de — New Jouoland? — Lancemos os olhos sobre as ri-

quezas, que ellas tem dado á Inglaterra, consideremos os lucros que a Hollanda tem tirado da péscas, e salga dos Arezques, e conheceremos, o que podemos igualmente lucrare. ; E não he tempo de sahirnos dessa miseravel rotina, que até nos apoucava as mesmas idéas? ; Porque se não fomentarão Associações, ou Companhias, tão necessarias e uteis a estabelecimentos novos, a fim de se promoverem estes e outros igualmente interessantes objectos? Se o Governo ainda não pôde submeter os seus hombros ao peso destas criações, pôde com tudo, e deve remover, quanto esteja da sua parte, todos os obstaculos, que até agora enfraquecião, ou annullavão a sua confiança. Bem pouco tempo ha, que quando se reunião ou congregavão tres homens, julgava o Ministerio, que com elles estava o Diabo, maquinando a ruina da sua Arbitrariedade, apesar de que he dontrina do Espirito Santo, que = onde se acharem duas ou tres pessoas em seu nome, estará Deos no meio delles. = Mas graças ao novo Astro de 24 de Agosto, e 26 de Fevereiro! outra luz nos illumina, outra prudencia nos encaminha; que se teme? qual he o embaraço? ; Não ficará ao alcance e comprehensão dos nossos Negociantes outro genero de commercio, além desse curto gyro que fazião, e que bem os assemelhava (antes do estabelecimento da Corte no Brasil) ou a Mascates, ou a Correspondentes dos Monopolistas de Lisboa e Porto? ; Que riquezas não offerece á desvelada Industria a vasta e rica Provincia do Rio Grande do Sul? Que necessidade temos nós de comprar ao Estrangeiro o Queijo e a Manteiga, podendo adiantar e aperfeiçoar este ramo de commercio, até hoje possuido por Nações menos abundantes de gados, porém mais cuidadas dos seus interesses e dos seus commodos? Lembra-me o que a este respeito escrevêra o viajante Inglez -- João Mawe -- visitando na Provincia de Minas huma pequena Fabrica de Queijos; a curiosidade mais do que huma industria firmada em principios, era no sentir daquelle estrangeiro o movel de hum producto, de que poderião tirar grandes vantagens os Mineiros, se o levassem á perfeição de que he susceptivel; faltão-lhes até os utensilios mais simplics, e mais precisos, e não lhes chegão Memorias, que lhes despertem a idéa de os fazer.

; Que necessidade temos nós de vender ao Estrangeiro os Couros, para lhos comprarmos depois curtidos com aquella

perfeição, a que também podemos chegar, se o estudo de cousas uteis, acordar a nossa entorpecida Industria? Os Americanos Inglezes recolhem immensas sommas de Potassa que fabricão; o nosso terreno abunda de vegetaes de que ella se pôde extrahir; basta ler-se a Memoria escrita e dedicada á Real Academia das Sciencias de Lisboa, pelo nosso falecido Brasileiro — João Mango, — para nos convencermos, que ou por desmazelo, ou por ignorancia, perdemos esta preciosidade, que a Natureza a cada passo nos offerece no Reino do Brasil. Poderíamos, com a nossa Potassa, ou concorrer com os Americanos nos Mercados da Europa, ou emprehender optimas saboarias, para nos dispensarmos do pessimo sabão, fabricado ás cegas, e que mais suja que purifica, e para não darmos o nosso dinheiro pelo melhor, que nos importão os Hespanhoes, Francezes, Inglezes, e Americanos. Os nossos bosques estão cheios de madeiras de tinturaria, de que se podem fazer extractos, que além de mais proveitosos, são de muito facil conducção, e de lucro certo ao Fazendeiro que os perde.

He tempo, Senhores Redactores, he tempo de lembrar ao Governo, e aos Povos, tudo o que pôde dar a este Paiz o impulso que elle merece, e que o deve fazer hum dos primeiros Imperios do Mundo. V v. m. m. disserão na excellente Memoria do Sabio Mineiro inscrita no seu N.º XVIII. que = os grandes Imperios tem caminhado do Oriente para o Occidente, e que o Brasil está reservado para ser o mais poderoso do Universo, franqueadas as barreiras até aqui oppostas ao Genio, á Industria, aos Talentos, e ás Produções do Paiz o mais bello, e o mais rico. = He preciso pois destruir essas barreiras; e declarando guerra ao torpe Egoismo, ou á mascarada Arbitrariedade não deixar de propalar, ou a machiavellica conducta de huns, ou a maldosa renitencia de outros. Roma, diz o dictado, não se fez n'hum dia; he verdade, mas também diz o rifão: De pequenino se torce o Pepino. Convém desde agora dar huma boa direcção, marcar hum bom rumo ás cousas do nosso Brasil, para que esta grande Não navegue sem soçóbro, e sem guinar. = Desenhemos huma grande Carta (diz hum Sabio Medico Brasileiro), demarquemos nella todos os pontos, illumemos todas as sinuosidades, tracemos as linhas pelas quaes possamos, sem o menor desvio, navegar com segurança ao Porto da

Felicidade Publica. = Finalmente, Srs. Redactores, he preciso hum Systema de perfeita Reunião, do contrario, sempre que novos Palinuros tomarem o Governo da Barca entrando no Ministerio, haverá variação, e retardar-se-ha por isso mesmo a nossa tão desejada prosperidade.

Reservo para outra occasião muitas cousas, que me occorrem, e que podem ser de proveito nas nossas actuaes circumstancias; hum Governo Liberal, não despréza as lembranças de hum Patriota, que francamente deseja o bem Publico; n'outros tempos, eu seria taxado de dar conselhos a quem nem os pedia, nem os presava; hoje só me poderiam taxar de falta de conhecimentos, mas não de Patriotismo.

REFLEXÕES.

Quando a raiva dos Partidos começa a dividir huma Nação, a verdade, solido interesse dos Povos, confunde-se, e perde-se na luta porfiada das paixões, que então se desencadeão. Aquelles mesmos, que tem a fortuna de lobriga-la, não poucas vezes são obrigados a calar-se, para não serem victimas da maledicencia, da intriga, e do odio. Cada hum partido começa a encarar os objectos pela côr das suas paixões; com todo o empenho procura fazer prosélitos, e apoiar-se na opinião; apresenta sempre os seus proprios interesses e sentimentos, como interesse e sentimento geral; e na falta de razões recorre á impostura. Quizesse o Ceo, que mendigassemos entre estranhos a próva desta verdade!...

Appareceo entre nós a Constituição; era impossivel que os principios despoticos do Governo então existente, não fizessem que logo, e logo se abraçasse o novo systema: mas tambem desde então se principiou a dar nome de Republicanismo á sincera adhesão para com as maximas do Governo Representativo. Os devotos da Arbitrariedade, aquelles, que á sua sombra haviam exaustido a substancia deste Paiz, temendo a cada instante ver quebrado o fio, que prendia a espada da Justiça imminente ás suas cabe-

ças, lançarão mão de todas as calumnias para macular os mais puros e mais decididos Liberaes. Por outra parte estes attribuirão aos servís tantos projectos, que todavia, apesar dos seus bons desejos, e da sua facilidade em conceber esperanças, elles nunca talvez imaginário.

Pareçião porém extinctos, ou pelo menos acalmados os Partidos, e os sentimentos geraes convergindo para hum unico centro da Felicidade Publica. Eis, que começa a formar-se huma nuvem negra, carregada de electricidade, que arrebentou sobre o Brasil, despejando do seu seio dous raios abrasadores. Taes são os Decretos que mandão retirar o Principe, e estabelecem o novo systema de Governo para as Provincias do nosso Reino; Governo sem unidade, e que parece antes dictado pelo Genio da Discordia, do que calculado pela Sabedoria collectiva da Nação. Quem não crêra, á vista do estado de civilisação e cathegoria do Brasil, que todos os Brasileiros fizessem dos seus sentimentos, hum sentimento só, gritando, como homens livres = não, não queremos. Nós jurámos huma Constituição, que nos promettia igualdade de Direitos, e que agora nos differencêa tanto della, quanto vai da Liberdade á escravidão; a fé nas promessas he a base das Sociedades, e muito ignominiosa nos seria a defeição no juramento prestado, se se não manifestasse agora, que jurámos huma cousa, e que outra se nos verifica. Não, não queremos. = Dividirão-se porém, e o mais he que não existe a divisão sómente entre Provincias, mas até entre os Moradores da mesma Cidade... Já não ha artificio, que não empreguem, sentimento que não exaltem, disputas que não esquentem, para ver se desfazem a nossa brilhante Reunião, semeando o desgosto, a discordia, e até promovendo a desconfiança no Governo com a pintura de males, que só são possiveis, e só existem nos corações dos perversos. Elles sabem que hum edificio abalado, he mais facil de derribar-se, e que os amantes da Liberdade Constitucional devem temer a perda deste thesouro inapreciavel, por isso bosquejão o Despotismo como resultado dos nossos procedimentos, para assustarem os Liberaes mais simplices, porque estremeçada a sua firmeza com estas visões, ou sonhos, engrossa o partido da oppressão Colonial, e ajustão-se os ferros nos pulsos dos que só querem a Liberdade.

Até certo tempo, pareceo que todo este manejo tenebroso e iniquo, vinha da Divisão, de nefanda memoria,

que com escandalo da rasão, e da virtude achava Patro-
nos, e até Escritores, que os applaudissem; mas depois
que ella se ausentou, somos persuadidos, que este manejo
tambem nasce de certas yiboras encobertas, que existem
no meio de nós, e que colhendo a substancia do Brasil,
recebendo delle huma existencia Social, que álias, não
terião, são ingratamente os seus maiores inimigos, maldos-
zas vésphas, que malignas por natureza, fazem o mal por
força de instinto, e até sem proveito particular. Quanto
era bem entendida, aquella Lei de Solon, que obrigava
os Cidadãos todos nos perigos da Patria a declararem-se
por hum Partido! Se ella existisse entre nós, quantos Tar-
tufo (nas classes mais elevadas) veriamos nós, largando
a roupeta da hypocrisia, e declarando-se acerbos inimigos
daquelle systema que parecia ser o seu? Quantos punhaes,
quantos patibulos veriamos prometidos aos mais abrasados
no amor de huma Causa, que elles simuladamente com o
sorriso de Judas, dizem que he a da rasão? Quantos in-
censos veriamos, que se queimão em roda do Throno, e
do Ministerio, que aquelles que alli os offerecem deseja-
rião ver convertidos em veneno? Quantos epigrammas não
soltão elles despejadamente, quando não temem o espreita-
dor Patriota? Que tactica infernal (nas classes baixas)
não vemos nós quasi todos os dias praticada? Que calum-
nias escandalosas que se espargem; que persuasões que se
fazem; que falsas correspondencias que se fingem; que
libellos infamatorios que se publicão; que noticias desfavo-
raveis que se ussoalhão; que intrigas odiosas que se tra-
nãm; e sobre tudo, que descaramento e que vileza para
prosequirem no mesmo caminho em que são desmentidos a
cada passo, e em que a cada passo se conhecem mais a
mais os seus perniciosos fins? Huns gritão, que se tenta
destruir a Constituição (que elles mesmos a não querem
por casa, e que he impossivel arrancar-se dos coragões
Brasileiros); outros, que o Ministerio macha a arvorar o
Despotismo (e elles frequentão as salas dos Ministros). Es-
tes louvãõ o desorientado Governo de Minas Geraes, onde
com tudo, elles não fallãõ com tanto despejo; e amea-
gãõ-nos com Bahia, e Pernambuco. Aquelles chamão assal-
lariados quantos defendem a Causa do vilipendiado Brasil...
Que malvada raça de harpias tem o Brasil a desgraça de
acutar no seu seio? Bem sabem com tudo, os que ins-
pirãõ estes receios, os que propagãõ estas indignas suspei-

(243)

tas , que o tempo ha de dissipar-las . e que não se fundão em factos , que fação duvidosa a nossa Constitucionalidade ; mas elles continuão , talvez desafiando algum acto de despotismo pela exasperação da nossa liberal Prudencia ; para justficarem as suas calumnias ; elles proseguem , porque he este o modo de produzir inquietações e anarquia.

Os Brasileiros de bom senso , são assás perspicazes para que deixem estes amantes da desordem tender aos seus perniciosos fins , sem apcutarem aos seus irmãos o perigo a que os arrastão , e o meio de o evitarem , consolidando cada vez mais a nossa confiança na Sabedoria e Liberalidade do nosso actual Governo. Oxalá podessemos nós , pelo sacrificio dos nossos bem curtos talentos persuadir alguma firme , huma honrosa , huma necessaria Reuniao de vontades e sentimentos , sendo a Constituição o nosso principal apoio , e o nosso Regente o centro do Governo , que anime e actúe os muitos e distantes pontos na circumferencia do grande Reino do Brasil ! Nós sabemos o que he Constituição , e conhecemos quanto se apartão della aquelles que semeando a desconfiança , e accendendo a discordia , promovem a anarquia e a desgraça , dizendo-se zelosos de hum bem , . que sem duvida não aprecião em seus procedimentos. Nós entendemos com Bentham , que a Constituição , he huma Legislação dirigida principalmente a conferir poderes , e a prescrever deveres , dictada pela equidade , e pelo principio de utilidade igual a toda a Familia Nacional ; sabemos com Locke , que para melhorarmos de condição nos submettemos ao novo Governo Civil Constitucional , que só deve tender a produzir entre nós tranquillidade , e segurança , e bem publico ; sabemos com Montesquien , que a Liberdade em hum Governo deve ser tal , que hum não tema a outro Cidadão. Se firmados nestes principios persuadimos a Reuniao , defendendo os nossos Direitos , mostramos por isso mesmo que detestamos a doutrina de Machiavel , só abraçada por homens ou perversos , ou ignorantes , que pertendem dividir para reinar , levando esta perniciosa divisão , não só de Provincia a Provincia , mas ainda de Cidadão , a Cidadão.

Entre os dissidentes da nossa justa causa , avultão de hum modo attendivel , os Membros do Governo de Villa Rica ; dizendo-se Constitucionaes , elles parecem proceder como Republicanos ; já fazem Proclamações incendiarias á frente da Tropa ; já se arrogão attributos soberanos , e eu-

tes, só proprios do Poder Executivo; intenta-se a organização de huma Legião de Honra, conferem-se Patentes, e chama-se, apesar d'isto, que o Rio de Janeiro quer tomar no antigo Despotismo; o mais he, que hum dos seus Deputados para Cortes não hesitou em dar-lhe o tratamento de = Governo Interinamente Soberano. = Os Povos sopeados pela força, gemem nas Comarcas daquella Provincia, desalçoão-se de suas queixas ou no seio de huma experimentada amizade, ou em repetidas cartas aos seus correspondentes. Será possível, que dure por muito tempo este estado contrafeito? Não, ousamos dizer; não, os Mineiros são briosos, são amantes da Constituição, são presadores de huma bem entendida Liberdade, são Brasileiros em fim, e o decóro do seu Paiz os chamará por força aos interesses da honra, e da nossa grande Familia. Generosos Mineiros, vós tendes, niuguem o duvida, o direito de constituir o vossa Governo; mas este Direito he vosso, he do Povo, e não de poucos homens, de quem haveis confiado a Direcção dos vossos Negocios; vós não lhes transmitistes, nem lhes podéis transmittir hum poder que vos compete reunidos. Será possível que sejais mais zelosos da Liberdade Constitucional, do que os invenciveis Paulistas, que sincera, e unanimemente cooperão a sustentar a grande resolução, que tomamos, pára que se conservem os nossos fóros, os nossos commodos, a nossa tranquillidade, e até a mesma cathegoria do nosso Paiz? Desceremos, porque libertos, de huma elevação a que sobimos escravos quando pela Liberdade a podemos fazer muito mais gloriosa? Perderemos o nosso centro, para que os partidos se chóquetem furiosos, para que a Anarquia nos dególe, retrogradando a nossa prosperidade? Generosos Mineiros, se cada hum de nós, com as suas vistas fixadas no verdadeiro bem da Patria, e com o coração cheio de amor á Constituição, e á verdadeira igualdade, que ella deve produzir, gritar resolutamente = não quero = seremos Livres, seremos Concidadãos, seremos Patriotas, seremos Portuguezes, estabelecendo eternas (por isso mesmo que justas) relações entre o velho, e o novo Mundo, entre os nossos Irmãos de Portugal, e do Brasil.

N.º XXI.



REVERBERO

CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.

TERÇA FEIRA 2 DE ABRIL DE 1822.

Redire sit nefas.

HORAT. Liv. v. Od. II.

CORRESPONDENCIA.



Crescite, et multiplicamini, et replete terram.
GENESIS.

Sñrs. Redactores.

A' vista do acontecido no dia 24 de Agosto de 1820. em Portugal, e no de 26 de Fevereiro do anno seguinte no Rio de Janeiro, esperava muita gente, e eu com ella, que os papeis publicos de cada huma das nossas Povoações annunciarião com preferencia os negocios domesticos, por isso que o conhecimento destes he mais necessario, do que outros, que se podem dar aos homems; por ora vai illudi-

da a minha expectação, e como v. v. m. são os únicos que principiáráo, e continuão a fallar do Brasil, desafiando a esta importante carreira, os que agora apparecem surgindo do póo dos antigos mysterios, e encarando a luz da Liberdade Constitucional, quero que publiquem a seguinte noticia, e com ella as reflexões que me aventurei a escrever com o intento de ser util.

Li com pasmo no — Courier — de 28 de Setembro, que era triste e miseravel a situação da Colonia Suissa, estabelecida a 20 leguas desta Corte; que dentro dos nossos mesmos muros se formára huma Sociedade estrangeira, em principios de Junho, com o charitativo objecto de a soccorrer, repartindo por aquelles Colonos a subscripção aberta em Londres a seu beneficio, e principalmente de grande numero de Orphãos, que são quasi os que hoje povoão a nossa nova Friburgo. Esta subscripção alli, parece que já montava a 50:000 cruzados.

Nós os Portuguezes, temos proporcionalmente tanta humanidade como tem os outros Povos; e se os Estrangeiros, que se lembráráo de não deixar morrer de fome as crianças Suissas, publicassem aqui o seu plano, estou certo que encontrárião a charidade individual. Parece-me portanto muito estranhavel que fação collectas ás escondidas, porque hua tal modo de proceder, indica desconfiança no Governo, e persuasão de que os Portuguezes Brasileiros não possuem caridade, e compaixão, não lhes servindo tambem de desculpa a prohibição do nosso actual systema, para se não fazerem ajuntamentos, que não sejam presididos por algum Magistrado, pois no mesmo corpo da Magistratura acharião quem os patrocinasse, promovendo o soccorro daquelles desgraçados, até mesmo repartindo o seu pão, e havendo-o em mais abundancia, dos seus amigos, e de pessoas bem intencionadas, que não faltão.

Para intelligencia do Publico a este respeito, transcrevo em extracto o que se passou em Londres, visto ser esse hum dos meios de sabermos o que se passa no meio de nós (e vergonhosamente ás escondidas, ou sem devida publicidade como outrás muitas cousas).

Hontem (diz o Courier de 28 de Setembro) juntáráo-se em Londres na Casa de Pasto intitulada — London Tavern — muitas pessoas respeitaveis, mórmente Suissas, com o fim de tomar em consideração certos documentos relativos á Colonia Suissa, estabelecida nas vizinhanças do Rio

de Janeiro , trazidos por P. Schmidtmeier ; e depois de se agradecer muito a este o seu zelo , foram lidas as opiniões de huma commissão , antes nomeada em particular para este fim , cujo resumo he a seguinte.

A Commissão disse : que já depois de principiado o exame dos papeis trazidos por Schmidtmeier , receberam-se as resoluções de huma associação formada no Rio de Janeiro por varios Negociantes , e outras pessoas benevolentes com intento de socorrer aos infelizes Suiçosos , e huma carta de agradecimento dos principaes Colonos á mesma Sociedade. Disse mais : que dnas mil creaturas , pouco mais , ou menos , do Cantão de Friburgo , e d'outros lugares da Suissa , haviam sido transportadas para o Brasil , e que estes individuos tinham largado a sua Patria , porque as manufacturas do Paiz haviam diminuido muito nos seus trabalhos , e que por isso , e outros motivos , muita gente ficou ociosa por força. — Que huma vez aggregada a Colonia debaixo dos auspicios do Governo Portuguez , de hum modo nimiamente honroso aos generosos sentimentos do mesmo Governo , marchou por França , e Hollanda ao seu destino , onde chegou em fins do anno de 1819 , e principios de 1820 ; e posto se applicassem todos os meios , que estavão ao alcance dos Directores da mesma Colonia , teve todavia de soffrer os inconvenientes proprios de taes expedições. — Que a pesar de todas as diligencias do Governo Portuguez , não foi possivel prevenir-se todos os embarços para arranjamto dos commodos , que devião estar prontos á chegada da mesma Colonia ; matos virgens , desigualdades de terreno , embarçarão a divisão das terras , que lhes forão destinadas , de sorte que ao partirem as ultimas noticias , ainda muitas familias se achavão sem o seu lótte , e portanto impossibilitadas de procurar pelo seu trabalho os meios de subsistencia. — Que alguns individuos tendo já rogado porções de terreno , forão obrigados a perder o fructo do seu trabalho , porque ao medir-se , cahirão estes em lótte alheio. Esperava-se pois que o Governo tomasse medidas efficazes para terminar esta necessaria divisão , concertar as estradas , e dar á Camara as terras , que lhe forão promettidas. — Que em tal caso deve suppôr-se que muitas pessoas estão inhabilitadas para obterem por seus proprios meios a precisa subsistencia ; e a não serem os supprimentos do Governo Portuguez , e a charidade de muitos visinhos , antigos cultores do Paiz , certa-

mente teria sido excessiva a miseria dos Colonos ; esta charidade individual nimiamente honrosa á Nação Portuguesa, evitou as mais afflictivas desgraças aos pobres Orphãos, que perderão seus Pays pelo incommodo da viagem, ou por effeito da mudança de clima.

Que a Commissão se abstinha de expôr com viridicas cores o miseravel estado da Colonia, para evitar sensações dolorosas ; mas que esperava, e recommendava huma subscrição voluntaria a favor da mesma, para ser distribuida por via da Sociedade estabelecida no Rio de Janeiro, mórmente para manutenção de huma escola, onde os meninos orphãos possam achar principios de educação, que ninguem lhos dará alli.

Foi nomeada huma Commissão para receber as Contribuições ; Donat, e Comp. forão escolhidos para Thesouros ; e o mesmo P. Schmidtmeier, para Secretario. Até aqui o — Courier — ; direi alguma cousa sobre a materia.



Quando o homem sahio das Mãos do Creador, possui logo a faculdade de reproduzir-se ; esta faculdade he nelle incalculavel ; os outros animaes só propágão huma vez por anno, e isso mesmo em certa época ; o homem, porém, desde a sua puberdade até morrer, pôde gerar todos os dias, e até mais ainda.

Parece que esta propriedade foi o principal estímulo com que o Creador quiz obrigar o homem a fazer uso da faculdade de raciosinar, pela qual o differençou dos outros animaes, porque dando-lhe para habitar hum mundo limitado, e com produções limitadas, elle que pôde produzir incalculavelmente, deveria evitar, quanto estivesse em seu poder, a concorrência de consumidores das limitadas produções do mundo, ou descobrir nóvos meios, e criar elle mesmo por diversas combinações, nóvos recursos para huma segura subsistencia. A não usar cada homem do seu raciocinio, apparecerião no mundo innumeraveis consumidores das suas naturaes produções ; mas a industria foi logo descobriudo, e criando os meios de satisfazer o futuro desfalque, que era facil de conhecer se pelo augmento da propagação do homem ; o trabalho dos campos, ou pe-

los plantios, ou pelos rebanhos, dilatando os recursos da subsistencia, assegurou a possibilidade de se sustentarem tantos homens, quantos se procreassem; quando elles esperavão da natureza os seus fructos espontaneos, era precaria a sua subsistencia, e assustadora a de seus filhos, netos, e bisnetos; mas logo que a sua rasão, confirmada pela experiencia, lhes ensinou, que a natureza constrangida pelo trabalho, redobrava e melhorava as suas produções, então a sua vida, e a de seus descendentes assegurou-se nesta verdade, que anima a sua prodigiosa propagação.

Com tudo, não se póde negar, que circumstancias mais ou menos poderosas, tem feito em alguns lugares, multiplicarem-se os homens além dos recursos, que hum terreno apertado lhes póde fornecer. Daqui vem, que de tempos em tempos, alguns Povos enxameão Colonias para Paizes, incultos, a fim de se alliviarem de muitos consumidores das suas poucas produções; outros, á força d'armas conquistão Plagas já povoadas, assentando os seus mais commodos recursos de subsistencia, sobre o aniquilamento de antigos habitantes; outros finalmente dando maior e mais nobre vôo á sua industria, procurarão pela Navegação, e pelo Commercio, aquillo que o seu terreno lhes nega, trocando os productos do seu trabalho, nos lugares em que elles são precisos, pelos productos da natureza necessarios ás suas fabricas, e á sua mais commoda e mais segura subsistencia.

Segundo o nosso Telles = da India enchameou muita gente para a Africa. = Os Egypcios provavelmente Colonia Indiana, mandarião as suas até á China, como querem alguns Escriptores; a expedição de Sesostris, descobrindo e povoando as praias do Mar Negro, he provada pela Historia. Os Persas, que Alexandre conquistou, já erão descendentes dos Medos, conduzidos para alli por Dario. Os Assyrios assenhorearão-se da Asia Menor, combinando, e povoando até á India. Os Gregos baixarão do Cáucaso, e povoarão de novo o Mar Negro, a Asia Menor, a Italia, Portugal, &c., &c. Os Romanos fundarão Colonias em todos os Paizes, que conquistarão; foi esta por muitos seculos a paga dos seus soldados, e até era muitas vezes o unico fim das suas guerras. Os Carthaginezes, Colonia de Tyro, povoarão a Costa Occidental de Africa, e até os 14 grãos, a Hespanha, o Portugal (cude ainda

hoje existem, Portimão, Carthagená, e outros Povos, eternisando os nomes de seus primeiros fundadores). Os Povos modernos da Europa, apossarão-se da America, e a povoarão, assenhorearão-se de alguns pedaços na Africa, e na Asia. Na America apparecem seguros indícios de ser habitada por gente perseguida pelos Europeos. Os Mexicanos povoavão de pouco tempo a Cidade de Deus, quando Cortez os descobriu; ainda hoje se conhecem nas margens do Gilla, sinais da sua residencia temporaria, quando talvez viessem do Cáucaso, trazendo com si os termos daquella linguagem, que os Graios, ou então, ou antes, tinham levado para as scientificas margens do Meria. Os Peruanos tinham pelo menos recebido do Oriente a Dynastia, que os governava, quando Pizarro fez nelles huma matança, que horrorisou o Ceo, e a Terra, e não he muito provavel que hum homem só se apossasse do primeiro emprego de hum grande Paiz. No nosso Brasil ha vislumbres de gente, que erguera Altares, nem era de certo aquella, com quem fallou Cabral. No Norte da America ha individuos de duas raças distinctas, habitadoras do Paiz, antes daquella que descobrirão os Corte-Reaes; Fortalezas quadradas, desconhecidas dos habitantes encontrados, e muros soterrados, prôvao a existencia de hum Povo aniquilado pelo de então.

Que a falta de lugar para viverem commodamente, levou os Portuguezes a buscarem fóra dos seus Lares, terreno em que estivessem melhor, he cousa evidente; sirva de prova o que ha perto de dois mil annos lhes disse o Pretor Servio Galba: “ Bem entendo, valorosos Lusitanos, quanta força tenha para mover vossas Armas contra os Romanos, e seus Confederados, a pobreza e necessidade summa, nascida dos estreitos campos, que tendes para semear novidades e apascentar vossos gados, he mais isto, do que odio natural, ou vontade perversa que nos tenhais. „ Com estas, e outras palayras elle os attrahio desarmados, e os assassinou a seu gosto.

A Inglaterra, ha annos mandou huma Colonia da sua Ilha, para povoar algumas terras no Cabo da Boa Esperança, e com ella gastou 500:000 cruzados. Os Americanos do Norte, depois de seguirem por alguns tempos o systema de dar Carta de naturalisação, (no fim de dous annos) a todo o individuo Estrangeiro, que se apresentasse com capitães, alterarão já esta Ley, e hoje exigem 7

annos; admittem sim os pobres, mas te forçando os a passar parte da vida em estado de serviço forçado pessoal, ou temporaria escravidão. Havendo-se importado por conta do Governo huma Colonia de Gregos, que se estabeleceu na parte Meridional da Georgia (por isso mesmo, que foi obra do Governo) nunca prosperou. Agora porém que o adiantamento das suas luzes lhes faz olhar para as cousas com vistas de sabedoria, e de bem calculada Politica, elles já mandarão fundar huma Colonia em — Sherbó — na Africa, a fim de serem para alli transportados os homens de côr, que nunca quizerão amalgar com sigo.

A' vista do exposto, prova-se com evidencia, que depois que o mundo he mundo, todos os homens viverão convencidos, que se devia seguir o systema de exportar, e não de importar homens; que a População cresce necessariamente augmentando-se os meios de huma mais facil, e mais segura subsistencia; que esta se promôve animando-se, ou alliviando-se a Agricultura, desafiando-se a Industria por meio de huma igual execução de boas Leis. Hum célebre Monarca, no centro da Europa, que ousou arrogar-se o titulo de Salomão do Norte, tentou seguir huma marcha novissima para augmentar a população do seu Reino; decretou (em 1750, se bem me lembro) huma pensão para todo o homem, que procreasse e nutrisse 12 filhos. Este systema he muito peor, que o de importar Familias; porque ao menos aos Colonos se lhes deixa a pena de nutrir seus filhos, e por isso a necessidade de trabalhar; e os outros, tirada esta necessidade, ficão reduzidos ao estado de Cavallos Pais; vê-se além disto, que a primeira parte daquelle Decreto he de saborosa e de facil execução; a segunda porém, torna-se commoda, e até agradável, havendo quem faça as despesas. Forão tantos os concorrentes á pensão, que em menos de 6 annos, se annullou o tal Decreto, ficando por isto a cada hum o cuidado de se alliviar da amargura unida aos saborosos fructos, trabalhando para sustentar-se com seus filhos.

Parece, que de todas as Nações da Europa, a unica, que seriamente se convenceo de tão errada doutrina, foi a de Hespanha; fez grandes despesas para importar Alemães, e com pasmo atravessão hoje os viajantes a Real Carolina, e outras Povoações, que ornão a Serra Morena, povoadas de oriundos do Danubio mascando Hespanhol, quando em Andujar, e Ciudad Real, pedem esmolla em

claro Castelhaño, milhares de Indigenas, para cujo estabelecimento nenhum dos Estadistas se lembrou de construir ao menos huma cabana de palha.

Seguiu-se por ultimo o nosso pretérito Governo, conduzido em sua marcha pelo anti-Politico = Villa Nova = que parecia empenhado em realisar a invectiva de certo Philosopho Francez, quando disse: = Os Portuguezes, a respeito das outras Nações, andão atrazados duzentos annos. = A mania de augmentar a População Brasileira, contra todas as regras communs, unio-se no seu cérebro á de fazer render muito a Alfandega, ainda que fosse com prejuizo do Commercio, ou com escandalosa publicidade da nossa ainda curta exportação; hão ávante os seus planos (ou os dos seus apaniguados) porque erão despoticamente presos, e deportados os que fallavão da sua errada Politica, porque então fallar dos Ministros, ou dos seus Amigos, era fallar do Governo, era crime, e crime imperdoavel. Mandou vir a Colonia Suissa, approvárão este novo disparate aquelles, que talvez se interessavão no seu estabelecimento; e conhecida a sua mania colonial, não faltárão pertendentes, que della se aproveitassem para serem prontamente despachados, offerecendo-lhe planos aérios, que merecêrão a sua attenção, e a liberalidade do Governo por elle regido. Oh! e quantas próvas desta verdade não fôra facil citar-se, senão fosse outro o fim deste Escrito, e já bem conhecido o Ministerio do tal Sñr. Villa Nova, pelo menos nos ultimos 4 mezes da sua vida politica!

Arruinou-se a Colonia dos Suissos da nova Friburgo, como era de esperar, sem que lhe valesse mais de hum milhão de cruzados dispendido pelo Governo... Ora, como não se deve perder tão enorme somma, he preciso que individualmente concorramos para a conservação do que existe, mórmente das infelices crianças, que sendo desde o berço habituadas com linguagem Portugueza, amalgamarse-hão connosco: pelo menos, quando daqui a tres seculos hum descendente dos Portuguezes pedir serviço a hum Proprietario de raça Alpina, não ouça a necessaria repulsa, pronunciada com cinco consoantes, e duas vogaes, quando muito.

Publique portanto o seu systema a charidosa Sociedade Estrangeira, que nesta Cidade se encarregou de soccorrer a Colonia; diga quem he o encarregado de receber as subscripções; não faltará, sem duvida, quem procure promo-

ver hum fim de tanta gloria. Obliterem-se nesses innocentes as idéas, que indicão origem estrangeira com desfalque do nosso Patriotismo; chamem-se para povoarem as nossas terras, os pobres de que abundão as nossas Ilhas; e se em tres seculos nós temos prosperado na rasão de dez para hum, crescerá muito mais de hoje em diante o Povo Brasileiro, diminuindo-se a importação da Africa, e polindo-se a gente de cõr, por meio de huma prudente e necessaria legislação.

Sñrs. Redactores.

Quando o Amor do Bem Publico, interessa os corações de todos os Constitucionaes, não se deve estranhar, que eu recomende a v. v. m. m. que lembrem sempre e sempre a factura do Monumento da nossa Liberdade, que outro seu Correspondente aconselhára, e pareceo agradar ao Illustre Senado da Camara desta Corte. Está-se-me figurando, que se vai desvanecendo esta idéa tão patriota; e como tem sido esta a sorte de muitas cousas nossas, quero aventurar algum estímulo, que, ou renóve, ou sustente o primeiro enthusiasmo despertado pela leitura do N.º XV. do seu Reverbero.

Não julguem v. v. m. m. que sem rasão desconfio, que se perca no esquecimento o projecto annunciado, ou que não possa dar os motivos de assim expressar me. Lembrem-se, que no tempo dos Mystérios, esta Cidade pertenceo consagrar hum Monumento a Sua Magestade por haver nella estabelecido o Throno Portuguez, cujo nobre intento nos foi pela primeira vez conhecido quando lemos no Investigador a proposta feita em Londres aos Architectos Inglezes, com promessa de premio a quem apresentasse o melhor risco. Depois este mesmo projecto servio como de nariz de cera ao Presidente do Illustre Senado da Camara, quando em Dezembro de 1815. fez delle hum Episodio no seu Discurso mal recitado, e bem dirigido a El-Rey, então Principe Regente, congratulando-se por haver elevado o Brasil á cathegoria de Reino. Offereceo se de novo o monumento intentado, e adiado a ponto, que ainda hoje só existe em projecto, sem que o Povo, em nome de quem

se offerecia, visse, pelo menos, o seu desenho, que para maior vergonha dos offerentes, baixou approved por hum Aviso. Todavia, desta, ou da primeira occasião, levantou-se hum telheiro contiguo ao Theatro (agora só serve de Cocheira) em frente da Igreja da Lampadosa, onde, dizia-se que se aprestava a Cantaria necessaria para a base da grande Obra, e que se esperava de Lisboa o famoso Grupo, encommendado para se collocar na Praça, hoje da Constituição. Poderemos acaso dizer que se evaporou o dito monumento tão solemnemente offercido, pela mesma razão porque ficou no tinteiro a Festa de sete de Março, consagrada em Acção de Graças pela salvação da Monarquia, do Rey, e do Augusto Regente, que ainda entre nós se conserva, a quem devemos a nossa Representação, e em quem tantas esperanças depositamos? Não me affeito a dizer tanto, Sñra. Redactores; mas o certo he, que o Illustre Senado da Camara he descuidado nos seus projectos, e parece mais contentar-se com a pompa das expressões, do que com a execução das promessas, e solemnnes determinações consignadas nos livros do seu Cartorio.

Não se admirem v. v. m. m. desta proposição, e haja vista ás provas seguintes. Além dos dons monumentos, ou hum por duas vezes promettido, e sempre evaporado, recordemo-nos dos Editaes, e Cartas, pediado Planos e Memorias sobre calçadas, despejos, &c., &c. e todos estes objectos, não estão no mesmo, ou peor estado? Fez-se huma subscripção para hum Palacio Municipal, pois era indecoroso, que a Camara de huma Cidade tal como a Rio de Janeiro, fizesse as suas Sessões por cima de huma Taberna, ou no Consistorio de huma Igreja, foi aprovado o plano, e o Palacio sahio dos alicerces até certa altura para ficar em amostra. A este respeito contarei a v. v. m. huma anecdóta, que he galante; começou se a construir este Palacio de mão gosto, e bem digno do seu Director; toda a Cantaria da frente, he da nossa pedra; gastarão se porém alguns contos de réis em marmores, que se mandá-rão vir de Lisboa para ladrilhar-se o saguão. Ainda mais vista: na discripção do ultimo bando, em que nem ao menos apparecêrão os quatro Almotacés, isto he, os tres amoviveis e o outro perpetuo = ad perpetuum rei memoriam = alli se nos mostram com tudo os Vereadores, e o seu Presidente bem montados, e com cavallos de reserva, sem que o Illustre Senado ainda rebatesse este engano de que o Po-

vo se ri á sua custa. Creio por tanto ter bem provado a v. v. m. que elle contenta-se mais com expressões e promessas do que com o desempenho dellas , e que por isso , são necessarios estes estímulos , para que o monumento da Constituição não corra o mesmo destino.

Ora pois , eu vou dar ham bem curto plano para o lembrado monumento da nossa Regeneração Política; e como só perco a papel , em que escrevo , e não exijo que se me franquêem as Officinas para modellar , o que propo-nho , nem teimarei , em que elle he tão gigantesco , como o Pharol do Pão de Assucar , nem tão ridiculo , como o pombal do chafariz do Campo de Santa Anna ; nem me enfadarei de que o desprêsem por outro , ou por muitos , podendo só affirmar , que o meu Plano , colhido de idéas alheias , he patriota , he util , e até necessario.

Lendo a Obra , attribuida a Mercier , intitulada = Anno de 2440 = (não me lembra , em que Capitulo , por ter isso acontecido quando ainda o Santo Officio tirava por denuncia da casa de Chagas Ribeiro o Dictionario Geografico de Vosgien , e perseguia o P. M. São Paio , por dizer , que não era dogma a entrega do Escapulario dos Carmelitas por Nossa Senhora , a S. Simão Stok) notei que elle acordando naquelle anno , que suppunha mais illuminado , que os annos do seculo passado , admirava grandes edificios consagrados ao bem da humanidade em memoria , ou de nascimentos de Principes , ou de outros taes acontecimentos , que hoje só se eternisão com foguetes , e luminarias. Esta lembrança levou-me a pensar , que seria muito util ao Brasil , e muito do agrado dos homens de juizo , se em vez de huma pedra lisa , de huma columna , de huma pyramide , de hum obelisco , &c. , &c. se fundasse hum Collegio de publica educação , em cujo Portico , com singeleza Constitucional , se lesse gravada em letras de bronze doirado a seguinte Inscripção :

VINTE E SEIS DE FEVEREIRO DO ANNO DE M. DCCC. XXI.

NOVE DE JANEIRO DO ANNO DE M. DCCC. XXII.

DIAS DE GLORIA E DE LIBERDADE PARA

O POVO DO RIO DE JANEIRO.

Hum Povo livre , he necessariamente generoso , e hum Povo generoso como o do Brasil , concorrerá de certo para hum necessario estabelecimento em que se eduquem methodicamente aquelles , que depois de nós colherão tranquillamente os fructos da Liberal Constituição , que abraçamos. Os Habitantes abastados desta Cidade , hoje não quererão ser menos amantes da humanidade , do que forão os de tempos mais antigos ; e até se esforçarão por melhorar as fundações charidosas , que nos forão deixadas , e de que tanta utilidade nos resulta.

Sabemos , que se estabelecêra a Casa dos Expostos , e que nella se crião muitos innocentes , até huma idade , em que o seu sustento passa a ser necessario a outros , porque as suas rendas não se podem estender á educação destes filhos abandonados por seus Pays ; sabemos que se perdem n'hum e n'outro Sexo muitas infelizes crianças , sobre quem parece recahir o castigo só merecido por seus Pays , quando impossibilitados de acudir á educação de seus filhos , passão de huma longa prisão a hum perpetuo desterro. ¿ E não será glorioso , que no Collegio , que lembro , tenham entrada com preferencia estes Brasileiros desgraçados , que podem alguma vez recompensar os desvêlos da sua Patria , com serviços relevantes , e com honra da Constituição , que assim muito melhor se affirmará em seus corações ? ¿ Quantos Almirantes , quantos Generaes , quantos Homens grandes em diversos ramos , não honrão talvez a Inglaterra , e que forão educados nesse Philantropico estabelecimento dos filhos dos que morrem processados ? ¿ Quantos Genios não tem já admirado a Cidade de Lisboa , que emplumarão as suas azas , ensaiando os seus primeiros vôos nessa Escólla Pia do Castello , em que se recolhem , e se ensiunão desvalidas crianças ? ¿ Por ventura os Expóstos do Rio de Janeiro merecerão menos da nossa generosidade para a sua necessaria educação , do que merecerão da ternura dos Fundadores do seu Estabelecimento para a sua necessaria criação ? ¿ Devem elles chegar a certo ponto de crescimento para serem segunda vez abandonados ? ¿ Devem passar do regaço em que os nutrirá a beneficencia , para as cadeas daquelles vicios , que sempre gera a ociosidade ! a ociosidade tão funesta a todos os Povos , e tão geral no meio de nós ?

(CONTINUAR-SE-HA.)

N.º XXII.



REVERBERO

CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.



TERÇA FEIRA 9 DE ABRIL DE 1822.

 Redire sit nefas.

HORAT. LIV. V. OD. II.



CORRESPONDENCIA.



Meu Am.º e Patricio.

Accuso a recepção da sua carta, e dos papeis que a acompanharão. Agradeço-lhe a remessa da carta do Sacristão de Itaboray ao seu Reverendo Vigário, e nella vejo a escandalosa historia das transacções dos nossos Protectores Europeos (quaes para elles forão os Francezes); mas em fim o Senhor Avillez com os seus Flibusteiros = abiit, excessit, evadit, erupit. =

Extasiei-me absorto ao ler as Augustas Palavras = Eu sei que o meu sangue he da mesma cor que o dos negros. = Meu Am.º, o Principe sente, e reconhece huma verdade,

manifesta que se o seu sangue he da cor do dos negros , o seu Coração he o do Imperador Antonino , e a sua alma muito grande , e muito nobre para ser o centro da convergencia das nossas attenções.

A Providencia , a quem o Genero Humano não he indifferente , beneficia os Paizes , diz o Barão de Bielfeld , produzindo , para lhes confiar a direcção dos Estados , Homens de habilidade , e probidade proporcionada ás circumstancias do tempo. Ser Sabio , e Bom , he o grande segredo de reinar com prosperidade , e segurança , sendo o titulo de Rey Cidadão , o mais glorioso de todos.

Que esperanças não podemos e devemos ter na Sabe-doria e Probidade do Principe Real!

Passo agora a dizer-lhe , que não me envie mais o Semanario Civico da Bahia , pois tenho protestado , que o N.º 49 , e o seu Supplemento , sejam as ultimas folhas , que eu lesse do referido Periodico. Conheço que lhe causará sorpresa esta miuha recommendação , recordando-se das instancias , e soffreguidão com que outr'ora lhe pedia a remessa do dito Semanario , que agora proscrevo. Meu Am.º as idéas daquelle Redactor coincidião então exactamente com as minhas , sobre a unidade e indivisibilidade do Imperio Portuguez , e de adhesão ás Cortes , esperando que este Soberano Congresso regulasse de fôrma , que Brasileiros , e Europeos fizessemos huma só Familia , com igualdade em Direitos ; e que para sempre se obliterasse a infame característica differencial de Colonias , e Metrópoli em todo o Imperio hum , e indivisivel.

Fomos illudidos ; e pelo principio = divide , et impera = o mesmo Congresso decretou a desunião das nossas Provincias , recolonisando-as evidentemente pela fôrma de Governo , que lhes arbitrou ; e a despeito da injusta violencia , que fêre a vista de todos , o Sñr. Redactor do Semanario insiste porfiadamente nas mesmas idéas , no que mostra de duas huma ; ou que he cego não vendo o que todos vêem , ou que está prostituido , e teima por capricho e espirito de partido. Escolha huma , ou ambas (o que he possível) das duas posições.

Affecta sinceros interesses pelo bem do Brasil , dando-nos a entender , que tem estabelecimentos , e talvez Filhos , que o arraiguem ao Paiz . Não sabe que na mesma Cidade , que habita já houve hum Minhoto , que fazendo grande fortuna , tendo muitos filhos , e querendo transmit-

tir as suas acquisições a sobrinhos , deo cábo daquelles , evadindo apenas , e apesar de suas diligencias , hum fraquinho , que logo destinou ao Sacerdocio , para ver se ainda effeituaria a reversão dos seus bens a sobrinhos Europeos , mais caros , que os filhos Brasileiros ?

Desatemos o nó Górdio do Sñr. Redactor. No Estado pódem coexistir (e Grecia o mostron) dous Poderes Legislativos , e dous Executivos , sem se destruir a unidade , sendo o segundo e particular predefinido , e prescripto na sua esphera de acção pelo primeiro e geral. Sinto que a brevidade de huma carta me não permita o desenvolvimento extensivo destes principios , que são incontestaveis.

Concebe-se outro modo de conciliação de interesses Europeos , e Brasileiros. Quando se opinasse de Legislação Geral , fosse o Congresso composto de todos os Deputados , opinando-se porém da Legislação privativa do Brasil , se composesse de todos os Deputados do Brasil , e de hum terço do numero destes de Deputados Europeos escolhidos a votos : e ficaria assim nulla a influencia de pluralidade e da rivalidade , da qual ficará agora desconfiança eterna , quanta devemos ter nas asserções parciaes do Senhor Redactor.

Este Sñr. , desconhece a riqueza e poderio do Brasil , accedendo ás idéas de outros Europeos , que o tem declarado póbre , e oneroso a Portugal. A primeira proposição (o Brasil póbre) he até certo gráo admissivel , porque embora seja fecundissima a nossa producção (fonte unica de riquezas) o esgoto continuado pelos Monopolistas de Portugal , tem feito , com enórme lesão nossa , tal consumo , que só a fecundidade de producções póde fazer que restasse algum sangue da succão de sedentas e insaciaveis sanguexugas. A segunda (o Brasil oneroso a Portugal) he insolente e despejada. Não vêm que Lisboa resurgida com tanta magnificencia das ruinas , o Aqueducto colossal das Agoas Livres , o Edificio magestoso de Mafra , e mil outros Monumentos de profusão e grandeza no pequeno e pobre Reino de Portugal , tirão de qualquer Estrangeiro , que os contempla , o enunciado = tudo isto he feito pelo oiro e producções do Brasil ? =

Sim , ao Brasil crescente , e em verde , e não a Portugal decrescente , e podre de maduro , competia ser a Séde da Monarquia , tendo sido hum grande erro de Politica o regresso de Sua Magestade para os Estados Euro-

peos, cujas consequencias, que se podem antolhar, o deo mostrarão indefectivelmente. Observemos na escalla das Nações a Representação da Monarquia com a Corte em Lisboa. He considerada como hum Estado pequeno, fraco, e dependente, que se reduziria á ordem da República de Ragusa, se as riquezas do Brasil lhe não dessem meios de entreter pelo Commercio, relações com alguns Alliados Poderosos.

Observemo-la em contraste com a Corte no Rio de Janeiro. Eleva-se a Estado da primeira ordem, grande, rico, e independente. Não ha Potencia alguma, que não deseje e sollicite a sua amizade pelo interesse do commercio immediato com o Brasil.

Vejamus abstractamente; 1.^o, Portugal sem o Brasil; 2.^o, o Brasil sem Portugal; confrontem se as duas idéas, não com absoluta ignorancia, mas com pleno conhecimento do estado de Portugal, e do Brasil, e será este legitima e consequentemente preferido, em juizo imparcial, para Metropoli do Império, a fim que seja grande, florente, e respeitavel. Protésto, e tômo o Céo por testemunha, que dentro em meu coração tenho os mais puros e ardentes desejos, de que não se quebre, nem se quer estremêça, a união fraternal dos Portuguezes de hum, e de outro Mundo; mas tambem protésto, que préso em mais que a vida, a dignidade e gloria da minha Patria; e que preferiria a morte ao curvar ainda o joelho ao idolo do Despotismo, ou com o nome de Senhores Generaes, ou com o modificado, mas realmente o mesmo, de Senhores Governadores Commandantes da Força Armada, subordinados unicamente a Lisboa, nem mais, nem menos, Pro-Consules Romanos.

Brasileiros, meus Compatriotas, somos ricos, somos poderosos, e podemos figurar dignamente entre as Grandes Potencias do velho e novo Mundo, que todas se regosijarão de ter connosco relações amigaveis. Para nos elevarmos a esta cathogoria, basta que o queiramos, e que haja entre nós huma cohesão (formando o feixe de varinhas) indissolvel de sentimentos, e de vontades, energeticamente conspirantes ao sacratissimo fim da felicidade e gloria da nossa rica Patria.

Seja, dizem, rica em produções, mas não tem a população exigível, e correspondente á extensão immensa do seu terreno. Que a Nação seja feliz, diz judiciosamente

Arthur Young, he o unico favor, que exige a população. A America Ingieza apesar da insalubridade do Clima, prôva quanto ella cresce e prospera com hum Governo Liberal, tornando-se fecundas mulheres, que erão estereis antes da Revolução. ; Que opulentos e industriosos emigrados virão da velha e convulsa Europa a estabelecer-se no Brasil, quando o virem regido por huma Constituição Liberal ?

O Sñr. Redactor mostra que não tem ligão alguma de Economia Politica, porque ignora a ordem gradual, com que se desprende a Industria das Nações. O Brasil deve ser por hora unicamente Agricola, e o seu principal commercio o interior, e de cabotagem, que he em todos os Povos o productor do exterior. Léa o dito Sñr. com attenção, sobre este artigo, todos os Publicistas, e Economistas, e verá que marcha devemos seguir para progredirmos ao apice da grandeza, e não desacorçará pela indigencia e fraqueza, que nos attribue, desmentindo a sua epigrafe, talvez por não saber latim.

A Natureza deu-nos em caudalosos Rios, com que cercou e retalhou o nosso Continente, canaes tão adequados ao commercio interior, que com pouca mão d'obra, e dentro em poucos annos, o veremos tão activo como o da China, que he de remóta antiguidade. Forão precisos seculos, diz Buffon, para o Rodano, e o Loire se fazerem navegaveis; porém nós, livres das agitações do Governo Feudal, e das oppressões do Despotismo, dirigidos por hum Principe Constitucional, mostraremos com quanta rapidez, e successo actúa a liberdade.

Devendo ser o Brasil a Metrôpoli, a nova Capital se fundaria nesta Provincia de Minas Geraes, como mais central, e em que se pôde tomar hum ponto quasi equidistante das outras Provincias. As amenas campinas de Bambuihy, e Pihauhy, limitrofes com o territorio de S. Paulo, e Goiaz, offerecem por muitas rasões o local mais proprio á fundação desta nova Capital, que deveria chamar-se **PETROPLA.**

I. O Rio Grande, e o de S. Francisco alli correm muito proximos; eis como por elles, pelos dous Verissimos, pelo Grande Corumbá, e por innumeraveis outros, que confluem a ambos, se pôde conceber commercio, a maior parte por agna, com S. Paulo, Goiaz, Mato Grosso, Rio Grande, Bahia, Pernambuco, Maranhão, e Pará.

II. Os ares são salubérrimos, o terreno muito fértil, e capaz de produzir quanto se quizer cultivar.

III. Ha abundancia inexgotavel de pedras, e madeiras de construcção, transportaveis por agua, da Serra da Canastra, e da Mata da Corda.

IV. Estando na mesma latitude de Paraty, pôde-se, por huma via Militar abrir communicacão pronta com o Oceano, por Postas, e Telegraphos.

V. Estando á abrigo de toda a invasão.

Serão idéas Platonicas? Não; são deduzidas da natureza das cousas, e da comparacão dos factos de todas as idades.

Tornemos agora ao Semanario Civico; nem posso ler sem indignação o juizo daquelle Redactor, quando condemna a Liberdade illimitada da Imprensa. Não sabe, que he ella a pedra angular do fecho da abóbada no Templo da Liberdade? A Inglaterra, cuja Constitucão he manca em alguns pontos, deve a Liberdade, que gósa, á da Imprensa sem limites. Se he o vehiculo do erro, he tambem o da verdade, e a porta franca, como se exprime Bentham, para os conselhos bons e admissiveis. Podem por ella os Aristophanes, ornejando com as nuvens eclipsar por algum tempo os merecimentos e as virtudes dos Socrates, mas a Opinião Publica seguindo a piogada dos factos, não desembaça logo o clarão da verdade? O primeiro passo da tyraunia contra a Liberdade dos Cidadãos, será a repressão, ou supressão da da Imprensa. Quem a desejar he escravo do despotismo.

Não me desagrada menos a afeição, que o Sñr. Redactor patentéa todas as vezes, que escreve o odioso nome de Luiz do Rego. Combinem-se circumstancias actuaes com as do tempo em que foi eleito aquelle Governador, e salta aos olhos a incompatibilidade essencial do seu character, habitos, maneiras, e delle todo, com o systema Constitucional adoptado. He tanta a repugnancia, quanta ha entre a paz, e a guerra, ou entre a Liberdade, e o Despotismo.

Huma idéa produz outra. Comecei huma Carta, e tenho feito huma Dissertação, para lhe dar, meu Am.^o a causa porque desencommendo a remessa do Semanario Civico da Bahia, cujo Redactor isolado, diverge tanto da Opinião Geral, que se torna suspeito. Se tiver em seu poder alguns já comprados para mim, os dê lá por minha

conta, a quem os quizer, se he possivel, que ainda haja
alguem, que mesmo de graça os queira.

Patricio e Am.^o Constitucional.

Sabará, 6 de Março
de 1822.

REFLEXÕES.

Quando o nosso Correspondente de Minas, escreven-
do-nos a Carta, que levamos transcripta, praguejava o
Redactor do Semanario Civico da Bahia, e nos prohibia
a continuao da remessa daquelle Periodico, parece que
já prognosticava, que persistindo elle em escrever com o
tio das Furias, e sorrindo-se, como se sorri o Inferno
dos males que ajuda a causar, se apressaria a dar-nos
(até bem extraordinariamente) o quadro dos horrores, que
enlutro aquella nobre Cidade, e o desafogo do seu jubi-
lo escandaloso, em huma descripo mentirosa, como se
prva das reflexões de muitos, e sabios Escriptores desta
Corte. = Os Facciosos forão punidos. = E que mais he pre-
ciso para conhecermos, que a este demonio humanado, de-
ve aquella desgraçada Provincia o volco que alli rebent-
ra? Que mais he preciso para sabermos, que foi elle quem
carregou a Mina, ou pelo menos quem fez fogo ao ras-
tilho? A Protervia, e a Venalidade conduzio de muito
tempo a sua penna, e a Discordia era o Genio, que lhe
dictava as frases, sem temer a anti-Constitucional Cen-
sura, para outros tão rigorosa, por não dizer despotica. No
louco frenesim da raiva, que lhe ralava as entranhas, pe-
saroso de que o systema de servilismo, que propagava,
não fascinasse tambem aos Fluminenses, elle havia já con-
tra nos despejado os mais insolentes improperios, nem pou-
pra o Liberal Principe Regente (como não poupra tam-
bem a El-Rey), que com resoluo verdadeiramente he-
roica, apartou do nosso Horizonte a nuvem negra, que se
formára nos princípios deste anno, fazendo-lhe succeder
hum Iris de paz, e de alegria. A Primogenita do Brasil, a
antiga e nobre Cidade da Bahia, pareceo por algum tem-
po deleitar-se com o veneno, que esta serpe, e outra tão

hedionda, quanto variavel, introduzião no seu desaperecido coração. Hum ciame disfarçado em zelo Constitucional, não deixava de estimular o despejado atrevimento desses dous Escritores, que infectavão a sua unica Typographia. ; Como porém pagou caro a antiga Matrona do Brasil, a tolerancia, que prestou a esses malvados, que presaga teria arrojado do seu seio! ; Como aspêra e brevemente foi punida da sua Politica Apostasia! ; Como lava com lagrimas de sangue o systema, que apregoára, e que servio de thermometro no Soberano Congresso, para a infesta divisão das nossas Provincias! = horresco referens = !! Suspendamos porém as nossas accusações; poupemos a infeliz; enchamos-nos das maximas do Orador Latino, = as desgraças de hum homem devem ser sagradas para todos os homens; = seja agora o nosso fito acordar o Brasil da sua perigosa apathia, e chama-lo ao desempenho dos seus principaes deveres; a doutrina que tem por base a experiencia dos males, não pôde deixar de fallar ao coração, e de produzir nelle a mais firme e necessaria convicção; o Rio de Janeiro pôde ver nas desgraças da Bahia as desgraças de que se salvára pela sua briosa reunião, e pelo centro, que respeita no seu Liberal Regente; aquelles que não prestão a sua attenção a esta voz da experiencia, ou são loucos, ou só desejão baptismos de sangue; se o fim destes segundos, he o receio do despotismo, só visto por elles em possibilidade, responde se como na Escócia = do poder para o facto, não vale a conclusão =, ou com os mais atilados Politicos, = bem simples será aquelle Principe, que na presente época, cuidar que pôde ser despótico, porque a Constituição tornou se como huma Religião para os homens (e principalmente para os Americanos, accrescentamos nós, sem escrupulo de errar) se he o interesse da Patria Europea, quem os obriga a divergir de sentimentos que não offendem o Liberalismo por todos os Portuguezes geralmente abraçado; responde-se tambem: não he com baioetas que se préga a Liberdade; não he derramando-se o sangue de Irmãos, que a Irmandade se une, e se ama; o que até hoje tem feito os Militares enviados da Europa, para o Brasil (com bem pouca excepção) promove mais a Independencia deste Reino, que a natureza aconselha, e que Portugal tanto procura obstar, do que apêrta os vinculos de interesse e amizade, que a Constituição aconselha, que a Politica recommenda, e que o Soberano Congresso na

sua Sabedoria parece ter principalmente em vistas. Fluminenses, temamos de escutar depois de tantos males, e da boca daquelles, que tanto presão a Liberdade, que do Doiro, e do Têjo voára ao nosso Reino, a sentença do Poeta Latino na boca dos Troianos escandalizados pela traição dos Gregos = *timeo Danaos et dona ferentes.* =

A Independencia da America (dizia em 1777 o Apostolo, que a pregava com a palavra, em quanto Wasinghton a firmava com victorias) deve datar do instante, em que sobre ella se disparar o primeiro tiro de espingarda. Boston apresentou então as Scenas de horror, que agora se apresentão na Bahia. Realisou-se alli a Prophecia, e o soberbo Colosso da Europa vio-se obrigado a descer do seu orgulho para confessar, que Franklin com a mão, que pôde arrancar o raio das nuvens, pôde arrancar-lhe o Sceptro, com que jurára esmagar os Americanos. Debalde a furia dos partidos os ameaçava (como agora nos acontece) com a mui diminuta população, com a falta da sua precisa Marinha, e com o peso de huma grande divida; debalde se lhes oppunhão as riquezas, o capricho, e a força da sua preponderante Rival; o Mundo estupefacto vio prontamente sahir dos Lagos, e das Máts de S. Lourenço, e Mississipi, a obra mais completa, que tem visto os homens, e que fará por longa extensão de seculos a felicidade de huma Nação generosa, e que obrigou a Inglaterra a confessar pelo seu mesmo silencio, que commettêra hum gravissimo erro em Politica, applicando-se os seus hombros para fazer retrogradar huma Obra, que seguia o impulso necessario da irresistivel Natureza.

Portuguezes de hum, e de outro Hemispherio, attendei ás vozes da verdade, para que se apague o fogo de partidos, que podem sim derramar muito sangue, mas que não poderão conseguir fins contrarios á marcha da civilização do nosso presente seculo. As Nações todas, tem épocas de contacto entre si; as Scenas da America do Norte são as Scenas do Brasil, mas as circumstancias do Brasil são muito mais felizes, tanto porque temos hum centro de união em hum Regente Amante da Constituição, conio porque a Sabedoria do Soberano Congresso, tendo em vistas aquelle exemplo dos Americanos, procederá com Prudencia a nosso respeito, e não com caprichos loucos; porque he tempo de saber-se geralmente, que a Liberdade he franca e voluntaria; que quando se apresenta, ou com dis-

farce, ou com armas, em vez de Irmãos desperta inimigos, que cedo, ou tarde se debatem, com horror da humanidade civilisada.

Hum Tigre agalado, e a sua infernal sequella, fez sobre os Altares do — Bonito —, sobir ao Ceo horrorizado o sangue de innocentes victimas, misturado com o fumo de outras, que ardião no lugar santo, a que lançarão fogo; os Pais virão estupradas as filhas; os maridos, violadas as Esposas; os Cidadãos, investida a sua propriedade; e na época, em que mais se alardeão os grandes principios de Tolerancia, e Liberdade, reproduzidas aquellas Scenas Inquisitoriaes, que manchão a Historia, desde o seculo XIV. até o XVI. No dia 12 de Janeiro vimos a morte esvoaçando sobre as nossas cabeças, e designadas as victimas, que devião perecer no fatal conflicto; as taboas de Scylla já estavam cheias, e os malvados contavão os instantes do saque, e da desolação. A Bahía levada a ferro e a fogo, esteve a ponto de retumbar nos abyssos do nada; a ambição, o egoismo, a dóbrez, e o perjurio, todos os vicios, n'humra palavra, vagárão impunes, erigindo-se defensores do Systema Constitucional, como se a Constituição possa jámais produzir os horrores que alli se commetterão!!!

No instante em que os barbaros Hespanhoes fundamentarão a escravidão da America, as Virgens do Sol, forão profanadas; erão de diferente rito, dirá alguém, e a superstição marcha com os Soldados conquistadores. No momento em que o Brasil forceja pela sua Liberdade, as Virgens de Sion, as Esposas do Immaculado Cordeiro que os Portuguezes adorão, forão mortas com balas, profanado o asylo da innocencia, e da virtude.... e o mesmo Deos, cuja Religião professamos, offerecido na Cruz, com quem ellas se abraçavão, não pôde conter a furia dos Portuguezes Europeos da Bahia... ? E serão estes os meios de se conciliar amizade, e reunião Constitucional? Serão estes os bens, que nos devem resaltar do direito de petição e reclamação, até firmado em humra das Bases, que jurámos, e que a força alli supplantára, como também peritendéra supplantar aqui? Decidão os Brasileiros, em quanto não decide o Soberano Congresso.

Portuguezes, ou antes, homens de todas as Nações, sabei, que não he pela Constituição, que se tem derramado o sangue dos Brasileiros, os Brasileiros tem por muitas

vezes dado provas de que amão a Liberdade; o grito desprendido no Douro, e no Tejo, não fez mais que despertar lhes huma idéa, que lhes he innata. Militares oppressores, buscando sempre fóra dos seus lares huma occasião de faltar a sua desenfreada cobiza; escolhidos talvez para encobrirem intentos sinistros de Monopolio Colonial, e prontos a dar o nome de rebeldes, de facciosos, e de illiberaes aos que não adorão o seu despotismo, aos que jurarão com a Constituição aborrecer toda a arbitrariedade: Militares mandados da Europa em tempo de paz, em tempo de liberdade, e de segurança individual, eis-aqui os instrumentos das nossas desgraças, das nossas lagrimas; e que mais terão feito inimigos declarados, que desembarcassem nas nossas praias?

Sabemos, que desafiamos a cólera de alguns dissidentes, ingratos á hospitalidade, que tem recebido no Brasil; mas não importa, cumpre dizer a verdade, cumpre servir a Patria: só pedimos aos nossos Leitores, que nos não encarem pelo prisma da parcialidade, que fação calar os seus prejuizos, deixando obrar a razão, e sentir o coração. O homem que maduramente reflecte, que se desprende de sórdidos caprichos, e de encanecidas etiquetas, afflige-se com o estado actual do Brasil. Ha hum concurso inaudito de sentimentos, que se não forem convergidos para hum só ponto de centralisação honrosa e justa, podem desgraçadamente mudar a sorte a que tendemos, porque mais de hum inimigo secreto, se esfôrça por destrui-la. A nossa presente condição he assás singular, porque he como huma perfeita independencia forcejando por ser dependente. Neste estado de cousas, tudo parece vacillante; os espiritos, como que fluctuão incertos, e nada vendo fixo e positivo, estão prontos a abraçar todas as opiniões, porque nenhuma reputão criminosa; e desta persuasão, á de fazer tudo o que cada hum quizer, não ha mais do que hum só passo. Brasileiros, evitemos desgraças, que produz sempre a desunião de sentimentos; liguemo-nos pela Constituição jurada, confiemos na prudencia e liberalismo dos que veião em nossa segurança; temos dado hum grande passo no dia 9 de Janeiro, tudo o que for retroceder da carreira, então começada, será cair de abismo em abismo, será dar forças aos nossos inimigos, será ceder lhes hum triumpho, e huma gloria, que nos deve ennobrecer nas gerações futuras.

CONTINUAÇÃO DA CARTA, PRINCIPIADA NA PAG. 253 DO
NOSSO N.º XXI.

Sñrs. Redactores , publiquem estas minhas idéas ; eu espero muito dos generosos Habitantes do Rio de Janeiro ; e se fôr agradável este meu plano , não faltará logo quem escolha o local , quem desenhe o Edifício , quem afervóre a O-bra ; álias prometto de os importunar com muitas Cartas , até vêr se livro do esquecimento o projecto , em que já se falla bem pouco. He preciso até , que por este modo provemos a certas Aves de máo agoiro , que amamos a Constituição jurada no Dia 26 de Fevereiro , e que a desejamos eternisada em todas as futuras gerações , mas com obras , que próvem antes hora , do que loucura. Ora , se me perguntarem em que lugar será mais util , e mais commodo fundar-se esta Casa de Educação Publica , ou Monumento Patriótico , diria (salvo melhor arbitrio) que na Villa Real da Praia Grande. He huma Villa ainda nova , e pôde deste modo prosperar e crescer mais rapidamente ; está separada do tumulto da Corte , ainda que com pequena distancia ; tem muitos e bellos lugares para o dito Edifício , e muitas proporções para não ser dispendioso ; por ultimo , aprenderáo a ser Constitucionaes os nossos Filhos , no mesmo lugar quasi , em que falsos liberaes que-rião opprimir-nos , substituindo o Despotismo Militar , á Civica Reclamação dos nossos Direitos , que fizemos como Povo Livre.

PHILANTROPO.

X O X O X

N.º XXIII.



REVERBERO

CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.



TERÇA FEIRA 16 DE ABRIL DE 1822.



Redire sit nefas.

HORAT. Liv. v. OD. II.



CORRESPONDENCIA.



Sñrs. Redactores.

Lendo o N.º 14. da Maligneta, no qual o seu illustre Redactor querendo fazer valer o seu innegavel merecimento e patriotismo em defeza do Reino do Brasil, assim se expressa na Falla, que dirige a S. A. R. o Principe Regente deste Imperio do Novo Mundo. = V. A. R. chegou a affligir-se, que tantos e tão "vulgares Escriptores", se constituissem piamente Procuradores do Sen Regio Decoro, ao mesmo tempo, que nenhum destes "entes insignificantes, .. com a unica excepção de hum bem intencionado Eleitor, se tinha animado em Desemtro a comba-

ter as perigosas doutrinas da recolonização do Brasil, que a Divisão Auxiliadora, e meia dúzia de miseráveis Portuguezes de cá, e de lá estayão prégando a sombra da Santa Constituição, e com a mira na fonte de hum Governo Provisorio, ou no avarento Monopolio de hum decadente Commercio, — não pude deixar de resentir-me da injustiça, com que tao estimavel Redactor se esquece do mérito alheio, para patentear o seu, e deprime tantos escritos, que, na frase de hum bem authorisado Juiz, honrao o Brasil, e são dignos de correr pela Europa.

Se o illustre Redactor da Malagueta fizesse bem o calculo dos tempos, acharia que muito antes de Dezembro, quando ainda a Pimenteira, nem plantada estava, e quando nesta Capital não apparecia huma só Folha, hum só Periodico, que fallasse, e menos souhasse com o systema da recolonização do Brasil, e no regresso do Monopolio antigo, acharia, digo, que houve quem altamente gritou na — Justa Retribuição dada ao Compadre de Lisboa, paginas 10, “ o Senhor Compadre he que, ou nada sabe do Brasil, da sua Corographia, e da sua Historia, ou suspira por ver os Brasileiros aniquilados, está ancioso por atear a discórdia e a desunião entre os Reinos unidos (quod absit), e ardentemente deseja que o Brasil volte para o antigo estado de Colonia, que nelle não hajão mais do que negros, e feitores brancos para lhe cavar o ouro, fazer assucar, e mandar-lhe de presente.... Porém nada disto ha de acontecer; o Brasil continuará a ser hum Reino, e hum grande Reino, unido aos de Portnal, &c., ”

Nestas poucas Linhas de hum Escripto feito em Junho (como hum de v. v. m. m. pôde attestar, até com juramento, se necessário fosse) mandado para a Impressão no mez de Julho, e que sahio á luz a 8 de Setembro, dois dias antes de dar á vela para Lisboa o Navio em que se transportou o Deputado de Santa Catharina, e em que se remetteo huma boa porção de Folhetos, bem claramente se mostra, que o seu Author previo o systema da recolonização, e denunciou os esforços da caballa anti-Bra-silica para aniquilar este Reino, e reduzi-lo ao antigo captivo. Logo, com a devida venia do Illustre Redactor da Malagueta, houve hum ente insignificante, hum vulgar Escriptor, que se atreveo a combater as perigosas doutrinas da recolonização do Brasil, animando-se a responder ao Compadre de Lisboa e aos seus Auxiliadores

de lá e de cá, seis mezes antes da Malagueta fructificar.

Este mesmo vulgar Escriptor na ultima pagina da citada retribuição dirigindo-se aos seus Patricios Brasileiros, assim concluiu a sua Parenetica = e que em penhor deixou-nos (S. Magestade) a sua Imagem, o seu Augusto Filho, o futuro Herdeiro da Coroa para nosso Regente: Sendo pois isto a prova mais decisiva do apreço que S. Magestade faz dos seus feis Brasileiros, da sua Real solicitude pelo nosso bem e felicidade, e do amor que nos conserva no seu Paternal Coração, convem que jámais deixemos de nos mostrar gratos e reconhecidos á tanto apreço, á tanta solicitude, e a tanto amor = Com estas expressoens do ente insignificante e vulgar Escriptor, que posto que pela sua insignificancia, nem se podia constituir piamente Procurador do Regio Decoro de S. A. R. comtudo se reclamou pela união das Provincias Brasileiras em torno do seu Augusto Regente, deixado entre nós para reunir em hum centro os filhos dispersos deste monstruoso Gigante chamado Brasil, que os Compadres desejavão esquartejar, principiando por desepar-lhe a cabeça. He verdade que tudo quanto se dice, foi como de corrida e com muita delicadeza; pois que ainda não estava rasgado aos olhos de todos o veo da perfidia, que não nos deixava reconhecer que se preparavão em Lisboa novas correntes do Systema Colonial para manietar o Brasil, e privar-o da sua Representação Politica, e dos seus inviolaveis Direitos; mas para bons entendedores duas palavras bastão: e se presentemente ha Philo-Demos incredulos, peiores que S. Thome, que apesar de ver e palpar, ainda não querem crer, seria certamente arrojo mais que temerario, e indesculpavel vosear em Junho ou Setembro contra maquinaçoens, que então se forjavão nas trévas com prejuizo do infeliz Brasil, e que só em Dezembro se manifestarão com toda a evidencia.

Logo porém que se publicarão os Decretos dirigidos á despojar-nos da mais preciosa joia, que nos deixou o nosso Rey, o Sñr. D. João VI. e que a nossa Liberdade, honra, e vida se vio ameaçada pela machavelice Lisboense, este mesmo vulgar Escriptor, que resistio em face ao Compadre pegou na penna para responder ao Lisboeta Trombeteiro do Systema Colonial, e por ser mais amigo de cousas, que de parolas, fez ver aos secretarios da infernal pretensão do monopolio Colonial, que os Brasileiros

não querião, nem podião aceitar presente tão pernicioso como humilhante; prova que o Brasil era hum Reino, transcrevendo a Carta de Lei de 16 de Dezembro de 1815, e mostra com documentos irrefragaveis, que os Povos acceitarão, agradecerão, e solemnizarão tão alta Mercê, e que as Potencias principaes da Europa, reconhecerão, louvarão e sancionarão a Regia Cathogoria do Brasil.

Este 2.º Folheto que tem por titulo = Resposta Analytica &c. = foi entregue na Typographia Nacional muito antes do Natal; na vespera de Reis do presente anno, estava revista a ultima folha; mas por fatalidade não se accoion de imprimir se não em principios de Fevereiro, porque talvez algum Auxiliador lhe possesse obstaculo á sabir á luz. He certo que esta particularidade não podia ser conhecida pelo Illustre Redactor da Malagueta; porém sempre he tenacidade affirmar tão positivamente que nenhum destes entes insignificantes se tinha animado em Dezembro á combater as perigosas doutrinas da recoionisação no Brasil, e he excesso de amor proprio e de vaidade deprimir outros, para se exaltar a si; se o Illustre Redactor da Malagueta quer ser exaltado, não offenda Pessoa, nem ordem de Pessoa; deixe que cada hum queime no altar da Patria aquella porção de insensão, que poder offertar como e quando. Já este Illustre Redactor espesinhou o Autor da Retribuição, dizendo por mófa na sua primeira Malagueta = eu desejaria poder agora couvidar tanto o Filho do Compadre do Rio de Janeiro como o Amigo Sacristão para me ajudarem com o seu desempenho á safar-me bem da tarefa, em que me vou metter &c. = quando naquella epoca não tinha apparecido escripto algum feito em nome de Sacristão; o que na verdade appareceu foi huma Carta do Estudante Constitucional ao amigo Sacristão de Carahy, que dizem ser hum pobre velho, que tem as chaves daquella Igreja, e o Filho do Compadre he mais alguma cousa que Sacristão. Embora remonte-se Agnia tão sublimem, nós = he conamuer teunes grandia; = embora registre sem lhe palpar as palpebras os luminosos raios do Sol penetre com tacto fino — os segredos do Gabinete; leve de corrida Ministros de fanearia —, Magistrados, Funcionarios Publicos, Escriptores vulgares, e entes insignificantes; não lhe envejamos a gloria, notamos sim a sua pillancia e requeremos que seja mais justo dando á cada hum o que he seu. Rio de Janeiro 9 de Abril de 1822.

(273)

DUAS PALAVRAS DOS REDACTORES SOBRE O MESMO ASSUMPTO.

A respeitosa estimação que consagramos ao Sñr. Redactor da Malagueta, tanto como Escriptores interessados na Causa do Brasil, como por amizade particular, e bem fundada nas suas apreciaveis qualidades, nos fez ler com panno as expressões do N.º 14 do seu Periodico, transcriptas na Carta antecedente. O Sñr. Redactor em mais de huma das suas Malaguetas tem feito justiça ao nosso Patriotismo sobre a materia em questão; e para bem desenganar-se de que erra incluindo-nos no N.º de "Escriptores vulgares e entes insignificantes," (visto que ninguem soffre que o chamem máo, ainda que o seja) digno-se ler novamente o N.º VI. deste Periodico, publicado no 1.º de Dezembro, composto 8 dias antes, como não pôde ignorar, porque tambem se servira da pequena Typografia do Garcez, e arranjado em desenvolvimento do que haviamos dito nos Numeros V. e IV;] achará por tanto, que nos não escapara o Plano de recolonisação do Brasil, porque já a previamos, e o denunciavamos; e tanto, que disse muito se agastára o seu principal Pregador na Bahia, como se prova do N.º 49 e Suplemento do Semannario Civico. O N.º VI. do Reverbero não só foi antecedente a entrada do Correio no dia 9 de Dezembro, que com os dous fataes Decretos desenganou a muita Gente de bom senso, como tambem precedeo á publicação do voto do Ilustre Eleitor, com que o Sñr Redactor pretende repartir a gloria desta descoberta, com despresso de outros pretendentes, e tambem precedeu a publicação da sua Malagueta, que ja veio achar os animos bem dispostos para a magestosa Representação do dia 9 de Janeiro, cujo plano anterior ao seu 1.º N.º não lhe pode pertencer, e cuja gloria favorecida sim por aquelle seu Escripto não pode arrogar-se insoullam.

Caminhemos á hum só fim, Sñr. Redactor; podemos marchar reunidos e sem nos acotovelarmos; não nos desputemos o premio da victoria em quanto ainda dura o combate com os nossos opositores de lá e de cá. Somos com veras seus Amigos, mas tambem prezamos a verdade e ninguem gosta que deprimão o seu tal ou qual me-recimento. 10 de Abril de 1822.



REFLEXÕES.

Os inimigos da Liberdade Brasileira canção por fim de attribuir á vistas de huma Democracia pura os esforços que se tem feito para se consolidar o Systema Constitucional, sem desfalque da nossa gloria, e dos nossos commodos. Mas longe de acreditarmos que huma sincera convicção dos seus erros á este respeito os apeira da opinião, que offendia as luzes, e a honra de Liberaes Patriotas, nós só vemos hum novo manejo da intriga monopolista, que espreeita a occasião opportuna, para destruir o edificio da nossa prosperidade que vai crescendo, á pesar de tempestuosos furacoens. Mudarão de fraze, mas conservarão os primeiros intentos, porque erguem novos espantelhos á credulidade de hum Povo generoso, amante do seu bem ser; jurão aballar com mais força a sua confiança no actual Governo. Já não he a pura Democracia, porém sim a Independencia deste Reino, o objecto do seu fingido susto, e dos seus manhosos receios: e em quanto lastimão este delirio (assim o chamão os perfidos) elles concorrem á promovê-lo, accendendo odios, derramando suspeitas, desafiando antipathias, que já tem espalhado sangue em algumas das nossas Provincias, com desdoiro da Constituição por nós sempre idolatrada, com separação vergonhosa, dos que devem ser, agora mais do que nunca, Amigos e Irmaós.

Vagou, e vága ainda esta invectiva "Independencia", ou pronunciada no Augusto Congresso por alguns Senhores Deputados; ou repetida aqui por alguns falsos Amigos, que com os olhos e o coração na Europa, concederão este Reino só proprio á ser eterno patrimonio de meia duzia de Monopolistas. A não conhecermos as suas sordidas vistas de lucro, e de injusta recolonisação em tantos procedimentos, que nos inculcão como beneficios, diríamos que desta arte elles ou lembrão ou apressão a Independencia do Brasil, (que cedo ou tarde se effectuará; visto que o Brasil já entrou no periodo da sua virilidade, já não precisa de tutela, que a emancipação das Colonias segue huma mar-

cha natural , irresistivel , que jámais forças humanas pôdem fazer retrogradar .) São todavia para ponderarem-se os argumentos , com que nos pertendem dissuadir de huma idea só por elles suscitada ; custa a crer , que nos conciderem hoje tão faltos de luzes para nos deixarmos ligar pelas suas razões ; nos vamos analiaal-as , unicamente pelo prazer de as destruir , e ao certo convencidos , de que muitas outras , e muito mais ponderosas nos chamão á grande União , á pesar mesmo das horrorosas catastrophes , que em outros lugares tem desatado para sempre os vinculos de muitas Colonias .

Dizem hums : = ambiciosas Nações empolgarão as Provincias do Brazil , logo que se separem de Portugal ; o Brazil no seu estado actual de fraqueza , não pôde resistir á qualquer golpe de mão de hum experto emprehendedor . = A este argumento poderiamos nós responder : & e que pronto e sufficiente defeza pôde vir de Portugal ao Brazil ? He hum axioma muito antigo que ninguem pode dar o que não tem , ou mais do que tem . As Potencias , que possuem Colonias , e que as desejão conservar , devem ter bem fornecidas Esquadras ; sem ellas todos os seus esforços serão como os da rãa da Fabula . & E que lucros devem colher essas Nações , apresentando-se em attitude de Conquistadoras n'hum Paiz que as recebe como amiga , e que tendo grandes recursos para não soffrer o jugo estrangeiro , ou mesmo o Europeo Nacional , tem ricas produções para ampliar o seu Comercio , que he tudo o que ellas pretendem neste seculo , em que huma sabia Politica calcula melhor os verdadeiros interesses das Nações ? & Porque não forão ellas surprehender os Estados Unidos , logo que a Inglaterra desistira arrependida da sua louca empreza ? & Porque não empolgarão as Provincias da Confederação Holandeza . e Helvetica ? & Porque não vão ellas prear as vastissimas Provincias dos Americanos Hespanhoes , que já sacudirão , e para sempre o jugo e os prejuisos de Madrid e de Cadiz ? & Será com medo de surpresas estrangeiras , que agora Portugal nos envia Divisoes Auxiliadoras e Provisorias ? & Forão por ventura precisas essas Liberaes Phalanges (á quem devemos as Scenas de confraternidade que tanto nos assustarão em Janeiro que tanto enlutão a Bahia , que affligirão Peruambuco .) quando esta ultima Provincia tão briosamente se desembaraçou dos Batavos , ou quando o Rio de Janeiro

se desfez de hum temerario Du Clerc, e de hum vingativo Eussy Tronia? Os exemplos dos nossos vizinhos ao Norte, e ao Sul, fazem diminuir a força dos argumentos dos nossos Agoueiros, obrigando nos á dizer-lhes: não, não he por esse motivo que nos conservamos unidos á Portugal; nem he tambem por isso que de lá se nos envião Tropas: o Brasil tem mais generosidade e mais luzes, do que talvez se pensa; mas o Brasil aborrecendo o Despotismo, do que se salvára, não quer a sua recolonização doirada com pretextos especiosos; quer sim o seu Decoro, a sua Representação Política, e o seu engrandecimento, por meio de huma Sabia, Junta e Liberal Constituição. E como pôde ser crime hum desejo tão nobre?

Dizem outros, o Brasil está na sua primeira infancia a respeito de conhecimentos, nem sabe o que he Constituição, nem o que he o seu systema. — Responderiamos tambem: ? e os Autores por onde agora se regulão os Deputados do Soberano Congresso acaso publicarão se só para Portugal? Por ventura os Portuguezes da Europa são dotados de novas ou melhores potencias, ou são mais sensíveis, que os do Brasil aos males, que soffrimos, e aos bens, que nos resultão, ou nos devem resultar do abraçado systema Representativo? Por ventura havemos dado menos provas de que amamos a Liberdade Constitucional? Se não quizessemos ser livres, como sempre e sempre quizemos, haverião forças, que nos obrigassem? Se fôssemos obrigados, poderia durar por muito tempo o estado de coacção contra o senso intimo? A infancia, em que agora nos julgão os que não querem conhecer nos, longe de prestar hum motivo para estarmos por injustiças, he o maior estimulo, que favorece a nossa prezada Liberdade; he hum dos argumentos mais solidos para nos decidirmos por ella, porque nenhum homem, que provou, ainda por huma só vez, o nectar da Liberdade, pôde soffrer que o chamem escravo, ou que o tratem como tal. A moridade, no sentir de hum grande Politico, he para as Nações assim como para os Individuos, o momento de tomarem boas inclinações; as que se originão do Liberalismo, e se adiantão pelo conhecimento dos verdadeiros direitos do homem, não podem deixar de produzir bons effects, e em muito brève tempo. Consultemos a Historia; he sempre na infancia dos Povos livres, que se exceutarão as suas maiores emprezas. O que era Roma em seus princípios, e quando assustou mais o mundo: O que era Por-

tugal, e quando fez elle calar o Leão da Hespanha, e miinguarem se as Luas Ágarenas? ; O que era a Olanda? hum Povo, que fugindo da Tyrania, refugiou-se no sei das aguas: pequenas Provincias, mais inundadas do que regadas por grandes Rios, muitas vezes submergidas pelo Oceano, a penas contidas por diques, e sem outras riquezas, que o producto de pastagens, que parecião roubar aos Mares e aos Rios; e quando fez ella tremer os Generaes e os Exercitos do maior dos Soberanos da Europa? Não não he a nossa falsamente apregoada infancia, repetimos nós, o motivo, que nos chama á grande União com Portugal; o Brasil tem sentimentos muito generosos: mas apesar disso, elle nunca soffrerá que o tratem com injustiça, nem que lhe miungem a sua Representação Política.

Não esquece a alguns dizer: = o Brasil não tem População, e a que tem soffre o embaraço de mistura de côres = poderíamos á isso responder: que Leis fixas e Liberaes estabelecidas no seio do Brasil; e segurança da Consciencia pelo iado da Religião, será como hum ponte declive lançada da Europa para o Brasil. A População foge das fogueiras da Inquisição, e treme á vista do ferreo Despotismo; mas acolhe se debaixo das azas da Liberdade e de huma bem entendida Tolerancia, prospéra finalmente em hum Paiz Agricola ou industrial, porque abunda em meios de se nutrir e procrear. O clima insalutifero do Norte da America, com todas as suas febres amarellas, não tem servido de remora ao espirito de emigração Europea. Quando ás pasmosas proporções, que o Brasil offerece á Industria, ao Commercio, e ás Artes: quando á salubridade do seu clima, á sua sempre nova e sempre varjada Primavera, se ajuntar o beneficio de huma Sabia Constituição, que assegurar deve o góso dos mais caros Direitos do homem, ¿quem porá diques á affluencia de Cidadãos, que devem fugir ás convulsões da Europa para vi-rem respirar a paz, e a tranquillidade no Paiz da abundancia e da riqueza?

Os obstaculos, que se fazem nascer da mistura de côres, ou não devem assustar-nos, ou assustão menos do que aquelles, que na Europa resultão das grandes Classes da Nobresa, e Clero, que o Brasil felizmente não conhece. Não ignoramos os males horrorosos, que tem rebentado desses dons Vesuvios (principalmente na Hespanha) contra

o sabio systema Representativo; mas os sustos, que nestes principios da nossa Politica Liberdade tem enlutado e affligido os nossos corações, vem mais de brancos Europeos, que de Pretos, ou Mulatos da Africa, ou do Brasil. O Batalhão de Henriques da Bahia, sem desmerecer a gloria daquella, que lhe dá o nome na luta com os Olandezes, defendeo o Estado, quando as Phalanges Provisorias regáram de sangue as ruas dessa infeliz e briosa Cidade. Os Henriques, e o Batalhão dos Pardos do Rio de Janeiro, punido pela gloria, e pelo decóro de hum Povo livre, de hum Povo generoso, apresentáram-se com denôdo, com bisarria, e unanime voluntariedade ao lado da Tropa da I. Linha, para obrigarem aos seus deveres esses Militares arrogantes, que davão Vivas á Constituição, e morte aos Constitucionaes.

Se na linha das rasões, com que os nossos Ultras pretendem intimidar-nos, entrasse em conta a dissidencia de algumas Provincias do Brasil, nós responderiamos: 1.º, que só forão os nossos Regeneradores os que fomentáram essa dissolução, de que tantos bens se promettião os Monopolistas de Lisboa, e Porto; 2.º, que esse temor só poderia intimidar a pobres raciocinadores, para quem nada vale a doutrina da Historia, verdadeira Mestra dos Politicos. Quando a Suissa formou a sua Confederação, ella principiou em 1308 pelas pequenas Provincias de Schwits, Underwald, e Ury; Lucerne aggregou-se-lhe em 1332; Zurich, Glaris, e Sug em 1352; Friburgo, e Soleure em 1481. Bale, Schaffouse em 1501; e finalmente Appenzel ligando-se em 1518 fechou a abobada da grande Associação, no fim de duzentos annos. O Brasil poderia começar a sua, pelas interessantes Provincias do Rio de Janeiro, Minas Geraes, S. Paulo, e Rio Grande; Monte Video, não podendo ver sem inveja as bases de tanta prosperidade, dá-se pressa á acceder; Santa Catharina, e a Capitania acodirão ao edificio do Templo; não tarda, que Goyaz, e Mato Grosso offereçam o seu cabedal respectivo para esta grande Obra. E poderemos nós temer, que os Pernambucanos, e os Bahianos resistão por muito tempo, quando sabemos que o nosso interesse he hum e o mesmo em todo o Brasil? e que só hum indigna oppressão os retém? Na injurias que a Natureza nem esquece, nem perdôa, porque se o fizera, deixaria de ser Natureza. O Pará, e o Maranhão, oh, de certo, não hão de concorrer

para retalhar-se a pessa, que sahio inteirissa das mãos do Creador, e que bordada, além disso, por hum espesso muro de rochedos, e bancos, por mais de 1200 léguas, deixou no principio e fim desta muralha, os dous Gigantes do mundo, os dous grandes Rios, que a defendessem pelo Norte, e pelo Sul. Portanto, não he tambem por este motivo, que nós abraçamos a União com Portugal.

Resta-nos agora levar o histori da Analyse a última e mais moderna rasão dos Assombrados; esta consiste no temor da Inconstitucionalidade do Príncipe; temor injusto, aggravado, muito de proposito, por alguns mal intencionados, que abusando do affecto do Povo á Liberdade em que vive, promovem disfarçadamente a Anarquia, dizendo ás escondidas, e aos simplices = tombamos no Despotismo. = S. Thomé, dizia a J. C. = ver para crer =; mas estes vêm, e não crêm. Deixemos porém de parte as solennes demonstrações, que o Nosso Augusto Regente tem dado do seu verdadeiro Amor ao Systema Constitucional, para examinarmos unicamente se he possivel retrogradar a Constituição no Brasil, e reenthronisar-se o Despotismo. Para elucidarmos melhor este importante objecto, estabelecemos duas proposições: I. a antiga Realeza he impossivel existir de hoje em diante, porque he opposta ao estado actual do Mundo; II., a Realeza Constitucional he só a duravel, porque faz a segurança dos Príncipes, fazendo a prosperidade dos Povos.

Os principios Politicos de Direito Universal, que guardados até certo tempo com mysteriosa avareza, erão o patrimonio de poucos homens, são hoje de huma publicidade absoluta; proclamados, fazem que não haja huma só pessoa, que não saiba o que faz, e o que deve fazer. Regular, e banir a Arbitrariedade; assegurar a Liberdade pessoal pela extincção de barbaras sevicias; firmar a Liberdade intellectual pela destruição dos obstaculos levantados ao espirito para o privar de crescer, obrar, e estender-se, communicar-se e voar até onde pôde chegar; pesquisar o emprego dos dinheiros livremente dados; exigir responsabilidade nos que administrão as cousas Publicas; pôr debaixo de huma Lei commum, todos aquelles, que são interessados em huma mesma cousa, e deixar francas ao mérito, e á verdade todas as avenidas, he doutrina tão clara, tão justa, e tão proclamada, que ninguem pôde ignorar. Estes principios, de que a Inglaterra principiou a

dar o Catholicismo, estendem-se hoje das Colannas de Hercules aos cothos gelados da Patria dos antigos Bardos, atravessarão o Atlantico, estabelecêrão-se no Norte, e no Sul da America, penetrarão o Brasil, e o penetrarão profundamente porque acharão terreno proprio.

O Mundo, embebido nestes principios, quer ser governado regularmente, está muito cansado de arbitrariedades, tem sede de justiça, e de Liberalismo, que procura na igualdade Constitucional. Debalde se diria hoje ao Mundo, que as linhas rectas são curvas, e que as curvas são rectas, como por muito tempo se lhe disse, e o obrigarão á crêr: elle já indaga por si mesmo, e se encontra o erro, clama, revella, e não crê: o dogma do dia he este: = nada de infalibilidades presumidas em alguém, exame em tudo, credito ás cousas. e riso de mófa aos prejuizos = Ninguem cre mais em Genios de Socrates, em Ninphas de Nymas, e em Pombos de Mahomet; a Estupidez, e o Despotismo, estes gémeos, que o inferno abortára para cobrir-nos de horrores por tantos seculos, nesta época já não podem fazer fortuna. Ora, tendo os espiritos tomado a direcção brilhante, que lhes dá o gráo de luzes do nosso seculo, que poder os fará retrogradar? ; Que força os fará arripiar a carreira desta nova Religião Política, que tem por Pregoeiras as mil bocas da Imprensa?

Quando o Christianismo começou a obscurecer os triumphos da Idolatria: quando esses tão incensados, quanto impotentes Names, forão desprezados pelos Martyres, que morrendo testemuhavão o novo culto, debalde os Sacerdotes de Jupiter, e de Venus abraçavão os seus estremecidos Altares, e invocavão o Genio Protector de Roma; o Capitolio vio, apesar disto erguer-se a Cruz, no seu simo, e as Aguias Romanas deslumbradas por esta nova claridade, adorarão por ultimo o novo culto que perseguirão. Outro tanto acoutecerá tambem com o actual Systema Representativo; he filho da Justiça, que o Ceo présa, e recommenda, he fundado em Sabedoria, falla claro ao coração de todos os homens, he impossivel portanto, que não sejam ouvidos geralmente os seus brados, ou que sejam abafados por vozes destemperadas do nutante e desacreditado Despotismo.

(CONTINUAR-SE-HA.)

RIO DE JANEIRO. NA TYP. DE MOR., E GARCEZ. 1822.

N.º XXIV.



REVERBERO

CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.



TERÇA FEIRA 23 DE ABRIL DE 1822.



Redire sit nefas.

HORAT. Liv. v. OD. II.



CORRESPONDENCIA



MEMORIA

SOBRE OS DIZIMOS,

OU

O DESPERTADOR AGRICOLA.

Que o Homem, essa Obra Prima da Natureza, deve
offerecer ao seu Creator primicias de todo o genero, no-lo
inculcão os Codices da Nossa Santa Religião, os Dictames
da mais sã Filosofia Moral, e da universal pratica de to-
dos os Povos, firmada na luz da rasão, e nos eternos
principios da Gratidão e Reconhecimento, mais ou menos

claros e desentrançados. Embora nos digão que Deos não necessita de nossas caducas offerias: sim, eu tambem o confesso; se elle precisasse, não seria Deos: nós he que precisamos de lhe offertar. Os Sacrificios espirituaes são os que verdadeiramente lhe competem. Coberto porém de materia o nosso espirito; colligados mutuamente por principios e signaes, demonstrativos do nosso culto, os quaes tambem formão Base do Edifício Social, cumpre escriptulosamente mantê-los; e esse todo, de que somos parte, tem direito de exigir de nós sua exacta satisfação.

Deste principio commum, emanou, sem duvida, a universal convenção entre todos os Póvos pulidos, de erigirem templos, como centros de suas nidades religiosas, e de manterem aquelles Cidadãos, que se destinavão ao seu Serviço. E porque a miseria nenhum patrono acha mais forte do que a Divindade, de rojo se chega a estes lugares, para que apontando com hum dedo o Deos adorado, e com outro o doloroso motivo de seus aís, implore dos concorrentes lenitivo aos seus males. Tal supponho eu ser a origem da Contribuição Decimal, imposta sobre os Lavradores, e Pastores, maiormente quando tudo me persuade ser esta a vida primitiva do Genero Humano; e tal o fim das suas applicações: Culto de Deos, e Beneficencia.

Desta pratica formou Moyses huma Lei Religiosa, que, espirando com a Synagoga em quanto á letra e quantidade, passou no coração dos Fieis convertidos á Ley da Graça, que sem norma, nem regra lhe satisfazião, segundo seus teres e vontade. Della lançárão mão os Bispos á sombra dos Imperadores Christãos: é, largando épochas, e factos embrenhados na antiguidade, vou considera-la no actual pé em que existe, estabelecendo Proposições, que pela sua evidencia, ou pela sua demonstração, diffundão luz, resultante a bem da Sociedade, a que unicamente aspiro.

PROPOSIÇÕES.

- I. Sem Religião, não ha Sociedade legitima.
- II. Todo o Cidadão deve contribuir para a manutenção da Religião, que professa a Sociedade.
- III. Esta Contribuição originariamente, não tem mais limites, do que o livre arbitrio e sechorio da propriedade.

(283)

- IV. A Sociedade pôde apontar e normalisar a quota parte da prestação individual.
- V. Esta norma obligatoria, já he onus social; e por consequencia deve já ter por base a Igualdade, sem a qual degenera em roubo.
- VI. Neste estado he hum Tributo, de qualquer modo considerado.
- VII. A Igreja, não pôde impor, nem deve cobrar Tributos, de nenhuma natureza, ou qualidade.
- VIII. No estado actual das cousas, são os Dizimos hum Tributo directo, forçado, pesadissimo, e desigual, e o vicioso Systema do seu lançamento, e actual cobrança o torna ainda mais pesado.
- IX. Para manter o culto, pôde a Nação applicar outra qualquer Contribuição, até mesmo abolindo os Dizimos.

; Haverá quem alcombe de paradoxos, ou atrevida alguma destas Proposições? Haja embora. Não hirei demonstrar cada huma individualmente: isso nos levaria longe. As luzes do seculo em que vivo, creio me dispensão desta tarefa, tomando só a mim motivar a reforma na cobrança dos Dizimos, e vê-los expurgados dos muitos vicios e defeitos, que huma politica tenebrosa lhes tem appenso; para que não fação o pobre Lavrador pagar hum oitavo, hum quinto, e ás vezes mais, dizendo-lhe que pague o Dizimo de todos os fructos das suas terras: e até traspassando este Dizimo para a parte industrial, e commercial, a que essencialmente não toca: e isto sem audiencia dos Povos, nem dos seus Representantes, como pactuado era nas antigas Leys, e Côrtes da Nação. Nada direi, que seja meu, excepto a liga e connexão dos pensamentos, e algumas observações, relativas ao actual Systema Brasillico, se pôde chamar-se Systema o adoptado Cahos. A Memoria inserta no Funchalense, será quasi toda copiada. Ella he obra de huma mão mestra, he melhor copiar do que desfigurar.

O PATRIOTA FUNCHALENSE N.º 42. VOL. I.

Ora, a viciosa economia dos Dizimos, segundo o seu actual manejo, he duplicadamente defeitosa; já pela desigualdade, com que esta Contribuição carrega mais sobre huma, que sobre outra classe dos Cidadãos; o que he

obviamente monstruoso na theoria dos Impostos; e já pela sua Havença capciosa, e execciva, havendo dos Contribuintes muito mais do que aquillo, que elle promete, e significa. O primeiro vicio, ataca directamente não só a devida proporção, que sempre deve guarda-se entre o pezo da Contribuição, e a força do Contribuinte; o que he hum axioma em economia politica; mas destroe abertamente a igualdade, que essencialmente deve haver entre todos os individuos da Sociedade; em ordem a que hum não gemão debaixo do pezo, em quanto outros folgão em gandioso allivio. Esta igualdade nos Impostos, he o primeiro preceito do Decalogo Politico. Elle não pôde ser violado, sem que ao mesmo tempo se resintão todos os foros dos Cidadãos, os quaes ignaes são todos diante da Lei.

O segundo vicio he visivelmente lezivo da justiça, e boa fé de todo aquelle Governo, que não quizer tomar por diviza o despotismo dos Tamerlaons, e Bajecetos; vicio, supõe no Governo intenzões fraudulentas, exigindo hum, e recebendo dois, ou trez do Cidadão mal apercebido. Podem pois reduzir-se a trez os vicios, ou defeitos, que se encontrão no actual systema dos Dizimos; a saber: Desproporção entre o pezo da Contribuição, e a força do Contribuintor. Desigualdade entre os Contribuintes. Excessos na sua Cobrança. Convém fallar de cada hum dos dois ultimos de per si; pondo de parte o primeiro, o qual pela sua importancia, e consequente necessidade de maior desenvolvimento, merece hum lugar distincto.

DESIGUALDADE ENTRE OS CONTRIBUINTES

Exacta repartição dos Impostos, e escrupulosa igualdade da sua derrama, he o mais importante objecto para o homem d' Estado. Todo o Politico, que em tão perigosa tarefa perdeo de vista este norte, accelerou o mais que pôde squeda do Estado, e depositou, sem o advertir no desgosto geral da Nação o combustivel mais violento, e de não tardia explosão. Exemplos desta terrivel verdade temos nós mais que muitos em grande parte das Nações, e alguns delles mui recentes.

Mas por ventura vemos que no manejo deste tributo se tenha devidamente respeitado aquelle dogma Politico; a Igualdade? Ah! a desigualdade apparece facilmente a

qualquer, que lançar huma vista passageira sobre as diversas classes de Cidadãos; sobre a differença dos proprietarios; sobre os differentes terrenos; sobre a diversissima cultura, e ellaborações ruraes, mais, ou menos dispendiosas das terras; o que tudo põe os Contribuintes em circumstancias mui diversas. E será justo equiparar na solução entidades de tamanha imparidade?

Tudo porém se tem perdido de vista, attentos sómente & Havença contributiva. "Pagareis a decima parte de todos os fructos da vossa cultura. Seja pingue, exteril, ou magro o vosso campo; isso importa pouco. Embora vos não fiquem lucros alguns do vosso Capital, da vossa industria, e trabalho; ficando-vos as mãos vazias, e os olhos molhados naquelle mesmo pranto, com que regasteis huma terra negativa. Embora todo o pezo de tributo recaia sobre o suor do vosso rosto. Embora senão dedusão nem as sommas adiantadas no cultivo, nem as sementes já dizimadas, e redizimadas tantas vezes pela mais dolorosa fatalidade!... Ainda que a Razão se horroriza, a Lei com tudo não admittie essas muidas distincções!... Em que ella he bem explicita, he em que deveis dar o Decimo de tudo quan o o vosso braço tirar da terra! „ Eis-aqui huma linguagem bem despotica no meu fraco entender: mas o Dizimador não tem-ontra! Ai da Lavoura! Ai do Lavrador!

E não parece isto mais hum castigo pelo attentado de haver aberto o ventre nutridor da madre terra, que hum imposto, ou Contribuição, a qual sempre deve olhar para as ganancias do Cidadão? Que! Multar o Lavrador no seu trabalho!... O jornaleiro tambem paga tributo do seu sallario jornal? He Lei que ainda se não conhece no mundo. Se esta verdade, (que he da maior notoriedade) carecesse ainda de provas, ou se necessario fosse confirmar esta Doutrina com alguma respeitavel authoridade, eu produziria aquelle axioma de hum dos mais illustres Politicos da Europa = Calculem-se as despesas do cultivo das terras. Regule se a quota da Contribuição, pela massa dos lucros. E seja hum, o thermometro fiel do ontro. Dê o Lavrador alguma parte dos seus lucros; mas do seu trabalho? isso nunca. Il faut que les non valeurs entrent toujours dans les calculs: Que la quotité des impôts soit toujours déterminée par la masse des revenus;

et q'l' me soit le thermometre fidele de lautre. Les im-
pôts doivent porter sur le produit, et non sur le travail.
Mem. de Sull. Vovez. Mr. Thom. Elog. tom. 3. pag. 193.
Not. 31.

Tudo porém se ha desprezado no actual manejo dos
Dizimos. Os proprietarios de terras, por maior que seja a
disparidade, que os separa huns, dos outros, tem sido
postos na mesma linha. Os campos, que são de huma
variedade infinita, tem sido colocados debaixo do mesmo
ponto de vista contributiva; e exclusivamente aferrados ao
sentido literal da palavra, Dezimar, perdeo-se de vista as
intencções do Legislador, e exigio-se do Lavrador, a deci-
ma parte de todos os fructos da terra promiscuamente com
os do seu trabalho! Quer que as terras sejam todas indes-
tinctamente iguaes, e que tenham todas a mesma feracida-
de, e os mesmos elementos productores, he o maior de to-
dos os absurdos. He o mesmo que querer que os homens
tenham todos as mesmas feições, a mesma fisionomia, e
a mesma estrutura organica. O politico pois, que na
Cobrança dos Dizimos igualou as terras todas em o mes-
mo ponto de vista exequivel, sugeitando todas ao mesmo pezo,
esse commetteo de certo o erro mais indisculpavel em Economia
Politica. Entre hum terreno naturalmente fecundo, e dadivo-
so, e hum terreno calaceiro, e preguiçoso, não ha huma differ-
rença notabilissima? Mas que importa, se o mesmo pezo do tri-
buto a todas indistinctamente iguala!

Exigir de cada hum dos Lavradores indifferentemente
o Decimo de todos os fructos da terra, he hum necessario
effeito de considerar as terras todas na mesma linha de
homogenia igualdade. Ora quem deixará de ver que isto
he hum absurdo o mais chocante á humana razão? Terras
ha na Madeira (e em todo o Mundo) que contribuindo
com o Decimo dos seus fructos, deixão ao Cultor mais lu-
cros, e ganancias, que outras, dando a Decima quinta,
e a Vigessima parte. He isto huma verdade de conho
inegavel, e tem por base a experiencia. Como então ha-
vemos de pôr na Contribuição humas, e outras no mesmo
nivel, e paridade! Igualdade no pezo; igualdade na força.
Fis-aqui hum principio de eterna verdade. O contrario he
e será sempre a theoria mais barbara, e impolitica. Suas
bazes são, ou malicia, ou ignorancia.

Mas que importa que sejam tão luminosos estes prin-
cipios, se os vemos infelizmente tão postergados na tarefa

dos Dizimos! E quanto de tamanho desprêso se não tem resentido a esmorecida Lavoura! Ah! nobre, antiga, e sumamente respeitavel Arte de manejar as terras! Infeliz Lavoura! De que servem tantos louvores em theoria, se tão espesinhada te vejo na prática? Como poderás convalescer, e progredir, senão te for deminuido o pezo? Como poderás, não digo progredir, mas conservar esses escaços restos de tua finada existencia, se huma mão aliviosa, e valedora, estendendo-se a teu favor, não obtiver do Soberano Congresso algum alivio aos teus males?

O Campo espontaneo, e úbere paga o Decimo da sua colheita; e hade pagar o mesmo o terreno difficil, e rebelde? Então onde he que tem aqui lugar aquelle dogma tão unanimemente proclamado por todos os Economistas? Aquelle ther mometro, que deve medir os grãos do pezo, e da força e accomodar esta áquelle? Onde está aqui a proporção, e a igualdade? Ora esta igualdade he respiciente á força; e a força dos corpos contribuintes he a medida do pezo. A Phthisis não pôde perder huma gota de sangue: a Apoplexia perde sem detrimento muitas onças. Tal he o parallelo entre hum, e outro terreno. Mas que, se o Dizimo põe tudo na mesma balança! Deste sentimento estava sem duvido possuido o Sabio Ministro de Henrique IV. quando disse no rico presente, que nos deixou de suas Memorias: — Importa muito conhecer a natureza dos Impostos pela relação que entre si tem: he preciso, alem disto, considera-los pela relação que ha entre elles, e a natureza productora das terras. Mas isto não basta, he preciso comparar terreno com terreno. Ce n'est pas assez d'examiner la nature des impôts en eux memes . . . Il faut encore comparer les terres les unes, aux autres.

Ainda que o terram da Madeira seja em geral de natureza productiva; não deixa com tudo de haver terras muito designaes, que por isso demandão processos mais, ou menos difficéis, e dispendiosos. Humas, são de natureza tão escaça, que todas as fadigas não bastão para obter dellas huma colheita mediocre: outras fecundão-se com mais facil amanho. Na primeira classe entrão a maior parte das terras da Ilha; e todas as da costa do Norte, mui drincipalmente para a produção dos generos Cereaes. Na segunda as de algumas paragens do Sul. Consequentemente quando o Cultor de hum terreno, gordo gastar hum,

ou dois no seu cultivo; o outro gastará dois, e tres para se emparelharem nas vantagens. Pergunto agora se será muito conforme á justiça, e á razão, medir pela mesma razão a Decimaria os fructos de humas, e outras indistinctamente? Mas he isto tal qual, o que estamos vendo praticar-se!

O Lançamento actual dos Disimos soffre ainda outras grandes phazes na sua Igualdade Contributiva, classifica-veis no seu primeiro defeito, de que não fallarei por ora. Mas sejame permittido, que, por conclusão deste, de que me propuz tratar, e antes de passar ao terceiro vicio, possa transcrever neste lugar as recomendaveis palavras do respeitavel Panegirista do Barão de Rosni, as quaes verterei o mais literalmente possível. = Bem sabido he que sendo as terras a primeira fonte da riqueza do Estado, he sobre esta que deve o tributo recahir. Mas tambem he igualmente certo, que este deve carregar tão sómente sobre o producto da terra, e nunca sobre o trabalho do Lavrador. Ora o producto total das terras, divide-se em duas partes. Huma, pertence ao Capital empatado nas mesma terras, e ás despesas, adiantadamente feitas no cultivo: esta he sagrada, e com ella não entra o fisco. Se lhe tocaes moer o germe productor. A outra parte, corresponde ao beneficio agricolo: e he esta que constitue os seus lucros, e vantagens. He pois sobre esta porção, que o tributo deve cahir. Em todo o paiz, onde o Lavrador não ficar com algumas sobras, e interesses sobre os seus avanços, e sobre o que elle deve pagar á protecção do Soberano (aos Impostos) deixará necessariamente de interessar-se na cultura: e consequentemente retrogradará esta, e definharão as rendas da Nação. Neste caso ninguem se admire se vir de todo abandonada a profissão mais util, e infeliz! Se vir fiarem em bruto as terras! E transformada toda a ordem Economica, desandar o Edificio do Estado, pela total supressão das suas rendas. Mr. Thom Elog. t. 3. pag. 194. Not 31.

(CONTINUAR-SE-HA.)

(289)

X O X O X

REFLEXÕES

CONTINUADAS DA PAG. 280 DO N.º XXIII.

Acabou portanto a superstição odiosa da antiga Realza, e á luz dos conhecimentos do nosso seculo, só apparece a sua depurada Religião: e se ella quizer ser de boa fé, confessará, que he esta a que mais lhe convém, porque nem á ella, nem á nós utilisavão titulos sem rasão, e sem provas, sem principios, e sem necessidade, que se não pôdem mostrar nem explicar, como são todos aquelles, que se inculcão fundados em Direito Divino. Os Supersticiosos das antigas despoticas Monarquias, não reparavão que fazião o vituperio do Idolo, á que servilmente incensavão, quando por lisonja dizião: = he's a imagem de Deos: o que elle pôde nos Ceos, tu pôdes sobre a terra; ; quem te disputa huma origem tão nobre e tão sublime? ; quem pôde resistir ao teu poder? = Mas a Sabedoria assignalando hoje limites aos diversos Poderes em que repousa a grande Maquina do quasi geralmente admittido Systema Monarchico Representativo, grita, e nunca cessará de gritar: = Enganão-te, ó Rey; não excedas as balizas, que te honrão, que te segurarão no Throno, e que nos afluencião a mais sólida prosperidade; enganão-te, ó Rei, porque o primeiro espirito, que se lembrou de ser semelhante á Deos, foi tambem o primeiro sobre quem se descarregára a Espada da Omnipotente Justiça, precipitando-o do seu louco orgulho nos abismos de huma irremediavel confusão. Se amas o decóro da Realza, se amas á humanidade, acredita, que he muito melhor, sem duvida, poder livremente operar o bem, e achar sempre huma barreira invencivel, para nunca fazer o mal; que he melhor ter por Norte a Lei, e huma Lei que seja o resultado da vontade universal da Nação, do que fazer descontentes e infelizes, por méro capricho, e por arbitrariedades, que só agradão ou aos cegos, ou aos perversos, que tem por unico alvo de suas accões alimentarem-se com a substancia dos Povos, e refrescarem-se com as lagrimas dos desgraçados.

As Monarquias Representativas Hereditarias, forão o mais venturoso achado de huma Politica sublime; todos se

Poucos cultos se reúnem hoje em torno dellas, por se conhecem que a perfeita distribuição dos Poderes, que ellas fazem, he o unico mais seguro modo de conservar o equilibrio da Harmonia Social. Os mesmos Reys, que ainda luctão contra hum Systema tão luminoso, que em vão procurão substituir-lhe o obscuro e velho Despotismo, hão de convencer-se por ultimo, que as Nações não morrem; que o todo he maior que a sua parte; que a Sabedoria, mais facilmente se encontra no Grande Corpo Moral da Nação, do que em hum individuo sujeito á paixões e fraquezas proprias do homem; que o Systema da reunião de todos os Poderes em huma só cabeça, e esta sem outra Lei, que a sua vontade, ou o seu capricho, he hum Systema monstruoso, de que não ha modelo — in rerum natura, — e que só á sombra da Inquisição, do Fanatismo, e da Ignorancia, durára por longo tempo para vergonha, e laheo da triste humanidade.

São hoje muito mais honrosos os titulos da Realeza, porque tem por bases as verdadeiras necessidades da Associação dos homens. He porque a vemos firmada nestas bases diamantinas, que não tememos dizer, que a Monarquia Constitucional, ha de ser a verdadeira — Universal Monarquia — Os escriptos de Mably, de Sydney, e Junius, brevemente não passarão mais por delirios de huma imaginação exaltada na pesquisa do — bello ideal. — Se a America do Norte, e do Sul restabelecêrão Republicas, he porque ainda contão dez habitantes por legua quadrada; quando porém cem ou duzentos, occuparem o mesmo espaço de terreno; quando Cidades magnificas, e floccentes substituirem as florestas virgens, que hora cobrem as margens dos seus Rios; quando a Industria se abraçar com a natureza; quando a Arte tirar vantagens dos soberbos portos, que bordão as suas Costas, e hum Commercio bem dirigido levar a vida, a força, a riqueza, e a abundancia á todas as Arterias do Estado: quando finalmente as Artes do velho Mundo se aclimatarem neste Paiz abençoado, que a Natureza por tantos seculos occultára no tumulto do Sol, recessa de que a cega Idolatria da Europa, lhe não desse o grão de aprêco, que lhe convinha de justiça, então a America toda procurará na Monarquia Constitucional hum refugio contra a sua propria grandeza, e contra o seu colossal engrandecimento. A Realeza então conhecendo-se melhor em seus principios, e em suas relações com os fins,

e duração das Sociedades, receberá huma homenagem mais gloriosa, porque será mais pura a fonte, de que ella deve emanar; queremos dizer: receberá votos de Amor, que a Gratidão colherá de seus corações sensíveis á felicidade da sua existencia, e não lisonjas servis, e podres, arrancadas pela força, ou pelo quadro de ameaçadas desgraças.

Feliz então o Brasil, porque já tem abraçado a Systema Representativo, o primor, a maravilha da Arte de governar Póvos, evitando assim as delongas, que hão de soffrer outros Paizes. Feliz então o Brasil, porque se tem identificado com a Liberdade Constitucional, e horrorisa-se tanto do Despotismo, como do Machiavellismo. Huma indisputavel estabilidade, huma prosperidade superior á das outras Nações, ha de ser a sua infallivel, e gloriosa pertença.

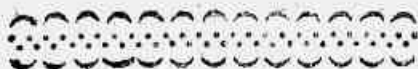
Não temaes Concidadãos, não temaes, que reentõe o Monstro quasi geralmente abatido. Somos tambem Brasileiros; e desde o momento em que a rasão em nós se desenvolveo, aborrecemos o Despotismo, e toda a cáfila de vicios, que delle descendem por linhas ou legitimas, ou lateraes, ou bastardas; não temaes, com toda a segurança vos bradamos, porque para variar a direcção actual do Mundo, fôra mister, que todas as riquezas moraes da Humanidade, não fizessem hum fundo commum, de que todos participamos; fundo immenso, inesgotavel, que se estende e se augmenta, á medida que se esgôta, e se consôme; fôra mister que os homens não vissem, não desejassem, e não adoptassem prontos o que ha de melhor nos outros; fôra mister fazer retrogradar o nosso presente estado de civilisação, e de luzes, o que de certo he hum impossivel, porque a ordem Social consiste, por assim dizer, em hum empréstimo mutuo; porque aquillo que se diz nas Tribunas da Inglaterra, e da França, he applicavel (com pequenas alterações) á Madrid, á Lisboa, ao Rio de Janeiro, e ao mundo todo. Se ha alguma força, que seja capaz de fazer os homens esquecer, o que elles tem aprendido ha trezentos annos, forcejando por empossarse dos seus Direitos, e dos seus Fóros; se ha hum meio de vedar que a Imprensa não publique mil vezes em hum instante o pensamento do homem livre: se ha modo de nos fechar as estradas do Universo todo, e de clausurar n'hum abismo insondavel as nossas luzes, e os nossos conhecimentos; então, e só então, pôde o Despotismo conseguir o

seu fim. Mas quem he o que funda hoje hum tal recio n'hum principio de decidida impossibilidade ?

Se com tudo houver ainda quem nos faça o offensivo reparo, nascido, ou da mal entendida vinganga, ou de hum Pirronismo vaidoso e abjecto, ou de outra qualquer causa = tudo he fallar em Constituição, e qual he a Constituição destes Senhores ? = Responderemos: que a nossa he a de todos os homens de Senso, que considerão as cousas despidas de prejuizos, e de paixões; aquella, que se conforma com os verdadeiros principios das humanas Associações; he a de Burke, de Brie, Bentham, Benjamin, Guisot, Bonin, e outros, que valem muito mais neste ramo, do que os taes requisitorias; he em fim aquella, que deve fazer a nossa honra, a nossa segurança, o nosso bem estar, sem descabimento da nossa Cathegoria, sem eclipse da nossa Soberania, sem perdimento dos nossos Fóros. E se ainda apesar disto insistem, que não ha Constituição, além daquella que de fóra nos pôde vir, responderemos tambem (e não somos os primeiros em publicar esta opinião, que em nada offende a nossa Constitucionalidade), que se algum dia o Brasil lançar mão desse projecto, sejam quaes forem os defeitos da que fizer sobre tantos e tão bons modélos, hão de ser com tudo menores, que os daquella, que for organizada longe do lugar em que deve ser executada, e dos males, que deve remediar. =

Se a Liberdade, que para sempre abraçámos, consente ao Cidadão expôr francamente os seus sentimentos: se no estado organisante da nossa Constituição aproveita muito reflexionar, e publicar o que sentimos, diremos sempre o que julgarmos que pôde utilisar a Patria; para ella nascemos, e por ella morreremos, muito felices, se com este nosso acanhado sacrificio promovermos a sua gloria.

N.º XXV.



REVERBERO

CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.



TERÇA FEIRA 30 DE ABRIL DE 1822.



Redire sit nefas.

HORAT. Liv. V. Od. II.



MEMORIA

SOBRE OS DIZIMOS,

CONTINUADA DA PAG. 188 DO NOSSO NUM. XXIV.

EXCESSOS DA COBRANÇA DOS DIZIMOS.

Que cousa he Dizimo? He hum tributo de natureza tão barbara, como a barbaridade dos tempos de huma Theocracia universal de que elle he parto; e que por isso ou nunca foi conhecido de huma grande parte de Nações; ou proscripto com horror, logo que conhecido. Hum tributo, que de dez em dez annos, e ás vezes, de cinco em cinco (segundo a desigualdade das terras), constitue hum anno de morto para a Lavoura; deixando o Lavrador com as lagrimas nos olhos. Durissima Contribuição, na verdade! Mas passe. ; Para que he faze-la ainda mais pesada, e

lançar sobre huma montanha tão enormemente pesada, outras grandes massas sotopostas?

Pague embora o Lavrador a Decima parte dos fructos da sua Cultura; mas deduzão-se-lhe as despesas, e gastos; entrem em calculo as materias precisas para o cultivo, e mettão-se em conta as sementes, que já forão tantas vezes disimadas. Que absurdo! não ver, que hum moio de trigo, que o Ceareño semeou, e que ao disimar não foi deduzido do monte; no fim de dez annos, he hum moio de trigo sobre o disimo, roubado ao Lavrador! Disimem-se os fructos; mas tirem-se as sementes, e descontem-se as despesas do cultivo, e o trabalho do Colono; o qual, em quanto trabalhou no seu campo, podia occupar-se de objectos jornaleiros, ou fabricis, cuja paga diaria ainda nunca foi até aqui disimada; Disimem-se os fructos excedentes destes attendiveis objectos, reclamados pela rasão, e pela justiça! Disimem os fructos; mas não o honrado suor do respeitavel Lavrador! Dizimem as lãs; mas não as pelles das ovelhas, ao querer que ellas continuem a viver? Pobre Lavrador! Quanto se tem abusado da tua simplicidade! Has de trabalhar todo o dia aturado! E todos os dias do anno! E em huma boa parte das noites! E ha de ser tão infeliz o teu trabalho, que se avalia em nada! E nem se quer ha de ser tido na mesma conta de hum jornaleiro, o qual ainda até aqui não foi multado na decima parte do seu jornal! Que tens tu com as formosas pinturas, que de ti fazem os Filosofos, e os Poetas, e com os gabos, e encomios, que rendem os livros á Arte Agricola? Que te importa a ti, que de Bagcho se fizesse hum Deos, por haver plantado a primeira parra; e que a Ceres erigissem altares, por haver sido a inventora da loira, saturnal espiga; se em quanto aquelles sobem ao Olimpo da gloria, e da boa fortuna, tu desces ao Cocito da fome, e da mingua!

Na verdade, huma só cousa desejava eu que me dissessem; e he: Se o Lavrador, trabalhando todo o dia no manejo da sua terra, e o Jornaleiro, Artista ou Fabricil, occupado da sua tarefa, não estão em perfeita igualdade? Ninguem o pôde negar. Pois bem, se o trabalho destes não he multado na decima parte; como, e porque rasão deverá ser o daquelle? Dizem-nos, que pagnemos o decimo de todos os fructos da nossa terra. Boa palavra! Pedimos o cumprimento. O meu trabalho não he fructo da

terra : o meu dinheiro nella , e no seu cultivo empregado , não he fructo da terra : a semente mandada á terra , e huma vez dizimada , deixa (neste unico caso) de ser considerada como fructo da terra ! Que tem o Dizimo com isto ? Sejam sagrados para o Fisco (segundo a sentença de Sully) o trabalho do Lavrador , o seu cansasso , o seu suor , as suas despesas ; sobre o que nunca o tributo deve cair . Mas se isto não se pratica assim , onde , onde he que está a Igualdade ? E sem igualdade , onde está a Justiça ? E sem esta , ó Ceos ! onde está a Lei !

Não basta só conhecer o valor das terras , e a sua natureza , mais , ou menos espontanea . He ainda muito necessario ter em conta as despesas da Lavoura , e o trabalho do Cultor , que não he menos computavel , e valioso , que o das outras classes . Calculeni-se todos os trabalhos do Vinhateiro . e as suas despesas , desde o plantio do bacello , até colher o primeiro Caixo ; ponderem-se os varios , enfadonhos , e molinos trabalhos do Ceareiro ; a primeira ellaboração , chamada abertura da terra ; o difficillimo fabrico dos estrumes ; a sementeira ; a des-soffrida monda ; a céga , ou apanha do trigo ; e a sua debulha . Entre em conta a escassez dos annos ; a intemperie das Estações ; os temporaes daminhos , &c. &c. ponha-se tudo na balança com a Colheita , e ver-se-ha contra quem ella pende !!! Annos haverá , em que o Ceareiro perde tudo , e nem tira a semente , que lançou á terra ! E então neste caso , como será justo o tributo , quando todos os Politicos apregoão a huma voz com Sully , que os tributos devem cair sobre os lucros , e ganancias , e nunca sobre o trabalho do Lavrador , nem sobre o valor das terras ? Porque não perderá o Dizimo o seu direito , naquelle caso , vendo que o miseravel Lavrador perdeo tantos dias de trabalho , tanto suor do seu rosto , tantas despesas , e morre de fome ? . . . Esta idéa dolorosa não só punge o coração ; mas affecta toda a irritabilidade de fibras do homem , que não póde ainda acostumar-se a folgar com as desgraças do seu semelhante . Della estava sem dvida possuido o mais habil Ministro do melhor Monarca da franga , quando disse : “ Para „ que diremos ao Lavrador pagarás o decimo dos fructos „ da tua Lavoura , senão lhe deduzindo despesas , e se- „ mentes , o obrigamos a dar hum quinto , e ás vezes „ ainda mais ? Dizimar o suor do pobre , apenas será to- „ lerado por algum Legislador dos Scittas ! Ai ! muito , e

„ mais que muito soffre o pobre! Para que he tornar ainda
 „ mais infeliz a sua sorte mesquinha?... Não basta o que
 „ elle soffre na ordem social, da parte da prepotencia do
 „ rico, e do orgulho do poderoso? Querem dar-lhe ainda
 „ mais hum motivo, sobejamente legitimo de maldizer a
 „ patria, e de detestar o nome de Cidadão: „ = Il faut
 que les non valens entrent toujours dans les calculs...
 Que la quotité des impôts soit toujours déterminée par la
 masse des revenus, et qu'on en déduisent les depences...
 Il faut que le pauvre, que dans l'institution sociale est
 déjà écrasé par l'insolence, et l'orgueil du riche, n'ayant
 point encore un motif trop légitime de maudire la patrie,
 et de détester le nom de citoyen. Mémoires de Sully. Voyez
 Mr. Thom. tom. 3. pag. 196. =

Que coração pôde haver, que sem commoção ouça
 (como eu tenho muitas vezes ouvido) as exclamações do
 Lavrador, tão honrado, quanto infeliz, que chorando, e
 deitando culpas á incupada terra, diz, no excesso da sua
 mágoa: “ Arte infeliz! tu serás boa, mas não o és para
 „ os que te cultivão! E ousão dar-te tantos gabos! Não
 „ fóra melhor ter-me eu dado a hum officio, e seguido o
 „ destino daquelles, que do pouco que ganhão, ninguém
 „ lhes disputa o senhorio! Trabalho hum dia todo inteiro,
 „ e todos os dias do anno, e ainda os prolongo por huma
 „ grande parte das noites! Trabalho, lido, esmorejo, e
 „ nunca levanto a cabeça; semeio, as nebrinas comem o
 „ meu trigo; os nevoeiros cretão-me a vinha. Se alguma
 „ cousa colho; mais do que isso está adiantadamente co-
 „ mido nos gastos da Lavoura. Do pouco, que resta, vem
 „ o Senhorio, (*) leva metade por inteiro; (e isto ainda que
 „ o valor da minha Bemfeitoria valha o triplo do seu ter-
 „ reno) da outra exigua, e sumida parte, os Santinhos
 „ esboliscão o que padem; e o Dizimo acaba com o res-
 „ to?... Em fim morro de fome; e não vejo no meu
 „ casal, senão retratos da miseria! Filhinhos comidos da
 „ mingua!... a esposa, ás mãos da fome... „ Mas
 basta. Os corações Madeirenses são sobejamente sensiveis,
 e não convém leva-los ao apuro.

(CONTINUAR-SE-HÁ.)

CORRESPONDENCIA.

Sñrs. Redactores.

V v. m m. acabáráo , sem duvida , hontem de se persuadir do respeito que eu lhes consagro , e do sentimento , que me resultou do “ mal-entenden „ do meu N.º 11. , que servio de fundamento á Carta do seu Correspondente transcripta em principio do N.º XXIII. do seu Reverbero. Nem por isso , meus Amigos , deixei de me apparellhar com a minha humilde resposta ao Publico , apesar de reconhecer bellamente , que v v. m m. serravão de cima , pela sua superioridade ; mas como cheios de condescendencia , se não dégão á inserir a minha Carta de 13 de Abril , com as rasões de Typos , que impediráo a sua publicação á tempo ; ou esta mesma Carta , ou outra qualquer reflexáo , que v v. m m. judiciosamente assentem que baste = para ficarmos todos airosos = sem sacrificio do nosso bom brio , e até mesmo concorrendo “ o digno Filho do Compadre „ que tanto respeito , e que nem por sombra pertendi offender ; entrego-me em tudo , e por tudo á sua descripção para o N.º XXV. do Reverbero , em virtude da sua insinuaçãc.

Tenho a honra de ser

De v v. m m.

Reverente e fiel Amigo

L. A. M.



NOTA DOS REDACTORES.

Se he verdade que nem sempre o Escriitor exprime as suas idéas , por defeito , ou por abuso de vocabulos : e que quasi nunca interpretamos bem os escritos alheios , por ignorancia , desenido , malicia , &c ; não he menos certo , que concordando dous contendores Litterarios na intelligencia de seus principios , adiantáo á marcha de seus argumentos caminháo uniformes á hum fim proposto , sem perderem

tempo, e até mesmo crédito, com disputas, que pouco, ou nada interessão na presente época. Fomos prontos em doer-nos de huma supposta offensa do Illustre e Sabio Redactor da Malagueta; porisso agora, e com bastante prazer nos apressamos em publicar a honrosa Carta, que leve a bon-dade de enviar-nos, para que os nossos Leitores se per-suadão, que, quando assim se procede, as contendas Lit-terarias expirão logo ao nascer, apertão-se de mais em mais os vinculos de perfeita amisade, desapparecem indignos resentimentos, e juntos em boa harmonia aprestão-se os Es-critores á dar em favor da Causa, que todos defendemos, o espaço das Folhas, que se daria á questões peculiares e inuteis, saboreando-se com isso os nossos contrários, que tanto desejão e promovem a desunião.

Somos authorisados á publicar tambem, que o honra-do Filho do Compadre do Rio de Janeiro, participa dos nossos sentimentos, e respeitando muito mais o Illustre e Sabio Redactor da Malagueta, por muitos motivos nosso particular Amigo, só comnosco desaprova as modéstas expressões da sua Carta = serrar de cima por superiorida-de, = visto que muito nos agrada a igualdade no serviço, e na gloria de defendermos com o mesmo Patriotismo do Sabio Redactor, a Causa do Brasil com justiça, e sem prevenções.

REFLEXÕES.

Quando em outro lugar dissemos, que admittindo-se em Portugal hum senso anterior ao tempo da guerra para a eleição dos Deputados do Soberano Congresso, e ainda assim mesmo ordenando-se positivamente, que nunca estes fossem menos de — cem — ficava de certo subplantada a Representação Brasileira, huma vez que os negocios fossem decididos por votos, lembrem-se os nossos Leitores, que tambem accrescentámos = Parece que huma occulta mão, muito de proposito dirigio o senso desta Provincia para que della sabissem menos Deputados do que na verdade pode dar. = Ainda sem nada dizer da machiavellica e parcial omissão com que deixou de fazer-se applicavel o mesmo numero — cem — ao Brasil (como parte tão preponderante da Monarchia), medida necessaria para manter os princí-

pias de huma igualdade tão decantada, e tão pouco praticada, esta mão, que então só suspeitámos nesta Cidade, vai apparecendo já bem nas queixas de outras Provincias (lêa-se a energica Representação, reimpressa aqui, dos Prezos mandados da Bahia para Lisboa pelo seu antigo Governo de infernal memoria) e em factos do Soberano Congresso, e com muita especialidade no dia 12 de Fevereiro deste anno em que pela primeira vez fallára o Sabio Deputado de S. Paulo o Senhor Ribeiro de Andrade, e outros Illustres Membros (até mesmo de Portugal) a favor do Brasil.

Não tocaríamos esta materia para justificação do que havíamos dito por mais de huma vez, se nos não parecesse necessario refoscilar a nossa Causa com argumentos fundados na rasão, na justiça, e na verdade, respondendo ás immensas murmurações de certos falsos devotos (côfila infernal, e mais medonha, que a dos reconhecidos coreundas), que bem desejarião encaixar-nos as suas opiniões, ainda que fosse á ferro e á fogo; que fogem de discursos, e debates litterarios, francos, leaes, e civis, proprios de hum Povo culto e livre, como fazem todos aquelles Escriitores, que seguem as leis da decencia; respeitando o Publico, para quem escrevem.

Perguntão os que só fallão em cartas de fingidas letras, os que só obrão no escuro de seus recatados Gabinetes, môchos politicos, que temem a claridade do dia, hypocritas da Patria, que sacrificão ás suas paixões particulares, rebuçados com falso zelo pela Constituição: = por que motivo, transcrevendo-se com toda a prêssa o que dizem, fallão, e obrão os Deputados do Soberano Congresso contra o Brasil, ainda não se transcreveo o que alli se tem feito ou dito em nosso beneficio? Porque se desauthorisão com amudadas reflexões aquelles, que havemos escolhido, e enviado, em quem por isso mesmo devemos confiar, e que devem promover o nosso bem? = Diz huma outra especie de assombrados (o Pirrhoneismo he hoje a Philosophia destes emperrados anti-Brasileos) usando de fingida macieza para attrahir os innocentes desaparecidos: = as Cortes não tem andado bem, mas não he cá, he lá que se deve reclamar, e de lá esperar o bem e o remedio, porque Constituições feitas aqui, nunca hão de ser grande cousa. = Vamos analysar estes grandes argumentos, e mostrar a absoluta nullidade delles, e dos seus Proponentes.

Nenhum bem ainda resultou directamente ao Brasil depois que se reuniu o Soberano Congresso Nacional, resultou-lhe he verdade indirectamente (talvez contra a sua vontade, e porque não se podião marcar excepções em principios geraes) o das Sabias, e Liberaes Bases da Constituição, que havemos jurado, que defenderemos sempre, e por cuja authoridade expomos agora a nossa opinião, clamamos pelos nossos Direitos inalienaveis, e reclamamos a nossa desprezada Justiça. Mas esses mesmos principios universaes, que não são invenção de Congresso, que os achamos em Scyes, em Condorcet, na Constituição Franceza, na Americana, em todas as Constituições Liberaes, obra hoje tão facil de fazer (hum Sabio da França as trazia prontas na sua Carteira) esses mesmos principios, dizemos, forão logo atacados na Base 21, que se dirigia especialmente ao Brasil, e que lhe concedia o Direito innegavel de examina-las, para lhes dar depois a sua acquiescencia. Esta proposição assim desamparada fará de certo estremecer os da cabála anti-Brasilica, que idólatras de tudo o que se diz no Congresso por muitos dos seus Membros, não duvidarão erguer mãos indignadas para nos tapar a boca, clamando = blasfemia = e soltando depois longo arauzel de calumnias e personalidades, em todos os lugares, e por todas as Leis prohibidas. ; E ainda nos admiraremos de que os homens adorassem Cebollas, e Serpentes, ou que ainda em certo Paiz aceitem como o mais sobido favor, que lhes póde vir do Throno, huma tal pulverisação, que o Monarca reparte pelos mais grados da sua Corte? Aqui temos todos estes ultras bem proximos de ignaes idolatrias; gritão contra o Despotismo aborrecido da Realza, mas querem endosar o Despotismo dos Illustrés Deputados em Cortes, prégando delles huma infallibilidade que hoje ninguem mais reconhece em algum mortal, por muito sabio que seja. Quando a Patria nomêa e escolhe os seus Representantes, para sustentar os seus Direitos, e estabelecer o edificio da sua felicidade ; contrahe por ventura a obrigação de compensar os males com alguns bens, que lhe resultem? ; Acaso somos no caso do Alcorão, em que bem poucas verdades se occultão entre muitas falidades, para que não deslumbrem com o seu esplendor os fracos olhos dos miseros mortaes? ; Depoz a Patria nas mãos dos seus Representantes a Soberania: deo-lhes a maior prova da sua confiança, para que com mal seguro pã,

entrem no Templo da Razão e da Igualdade, e com mão trémula segurem o pendão da sua Justiça, e da sua Liberdade? He isto negocio mercantil, que se forma por = Deve e Ha de Haver? He isto hama conta de perdas, e de lucros? Publiquem-se porém estes lucros, estes beneficios, e para não sermos increpados de parcialidade, sendo de opiniões encontradas, appareção aquelles mesmos, que em longo discurso alardeou hum dos mais respeitaveis Deputados do Soberano Congresso, cujas luzes cordialmente admiramos (ainda quando enreda algumas vezes delicadissimos sophismas, talvez só com espirito de bilhar em grandes e eloquentes arrasoados). He o Senhor Manoel Fernandes Thomaz, quem vai fallar, reunindo em breve quadro todos os bens, que tem chuvido sobre o Brasil, depois de reunido o Soberano Congresso.

(CONTINUAR SE-HA.)

X O X O X

SOBRE O REGRESSO DE S. A. R.

DA PROVINCIA DE MINAS GERAES A' SUA CORTE DO RIO DE JANEIRO, NO DIA 25 DE ABRIL DESTES ANNO.

“ Tudo fica socegado em Villa Rica, dalli venho em quatro dias e meio acabar de socegar as cousas aqui. ,, Taes forão as palavras, que o Joven Principe Real, o Grande Regente do Brasil, proferio no Theatro de S. João apparecendo repentinamente, e por isso mesmo desataudo as mais electricas Aclamações de hum Povo generoso, que o adora, e a quem a sua amavel Presença elevava ao Zenith do enthusiasmo Patriotico e da mais justa e cordial alegria.

Estranhem muito embora os anti-Brasilicos, o nosso bem publico arrebatamento, dêm-lhe os nomes, que lhes suggerir a raiva concentrada em seus peitos, pela progressiva marcha da Soberania do Brasil, que proclamamos, e proclamaremos até o final suspiro, authorisados á exclamar com o Poeta Latino “ Odi profanum vulgus et arceo. ,, não podemos deixar de render os mais sinceros louvores a S. A. R. pelas suas pessoas fadigas, pelas seus liberas

desvelos á favor de hum Paiz , que adoptou por Patria , e cuja Justiça se pertendia desprezar. A mais rigida virtude não se esquivava de pagar tributos á verdade e ao verdadeiro merecimento ; a mesma Religião manda que se queimem incensos de gratidão sobre as Aras da Justiça. “ Tudo fica socegado em Villa Rica ,, vale o mesmo que dizer : dissolveo-se a tempestade , que se formava sobre aquella riquissima Provincia : fixei com diamantina chave as portas do abismo , que ameaçava tragar aquelles Povos briosos ; nem hum instante só o medo fez descorar os semblantes , porque das minhas mãos só partirão Graças , porque faz a Lem entendida Piedade sustentar a balança da Justiça. “ Vim em quatro dias e meio acabar de socegar as cousas aqui : ,, isto he , venho afugentar o Demonio das trévas , que tentou derrama-las na minha ausencia em meio de hum Povo , que deixei tranquillo : venho dar o ultimo golpe na Caballa desorganisante , que daqui mesmo soprava o volcão da ruina , e da desordem pronto á rebentar em Minas ; mas as minhas unicas Armas continuarão a ser a Prudencia e o Liberalismo , porque eu amo conquistar Corações , ter Filhos agradecidos , e não Subditos violentados : “ vós sois Constitucionaes e Amigos do Brasil ; Eu não sou menos ; vós amais a Liberdade , e Eu adoro-a : repito-vos o que disse aos briosos Minsiros na minha despedida. ,,

Com effeito , Brasileiros , he digno dos Ceos o espectáculo , que nos offerece hum Joven Principe na idade impetuosa das paixões (que muitas vezes allucinao Corações já experimentados no cadinho da experiencia e da desgraça) emprehendendo huma longa viagem ; abafando o eco ultimamente atroador de partienlares injurias , e de injustas desconfianças ; cravando os olhos no norte do Bem Publico , escudado sómente da Bondade inérme , da Confiança virtuosa , da Beneficencia conciliadora ; e mais rápido que o relampago desarmando a Hydra da Discordia , destruindo o Monstro da Sedição , soffocando as suggestões da Intriga , estancando a fonte das calamidades , que em largo jorro começava á inundar a deliciosa Provincia de Minas Geraes , e plantando a Oliveira da Paz , fazendo-a regar com essas lagrimas suaves , que o arrependimento virtuosos arranca , e só as almas sensiveis aprecião ! Estes titulos são dignos do Amor do Universo , e fórmão ao Principe Regente do Brasil huma Aureola de Gloria , que os seus olhos não poderá eclipsar.

O Orador de Roma fallando com o oppressor da Liberdade dessa Rainha dos Povos: ao primeiro anel dessa cadeia de Monstros (com poucas excepções) que mancharão o Throno Imperial do Capitolio, dizia, que a gloria de vencer exercitos e queimar Cidades, era commum com muitos outros; mas a de vencer-se á si mesmo, a de perder aos seus inimigos, a de fazer assomar os risos aos semblantes, que descórava a pallidez da morte, era unicamente sua, era o maior dos triunfos, era o titano e a quinta essencia da virtude. E que devemos nós dizer ao Conservador das nossas Liberdades, ao primeiro elo da grande familia de Principes, que serão os garantes da nossa conservação, e os arbitros da futura prosperidade do Brasil? O que Brasileiros? O que? Que a nossa Opinião está consolidada, que os nossos corações fazem hum bastuarte invencivel em sua defeza; que estes abátes, ha pouco experimentados, forão os ultimos arrancos da Discordia; que a Natureza mesmo, Obra do Eterno Architecto do Universo, tambem soffre estas concussões, mas nem por isso se desordena a grande Maquina; que se aprêsse em pôr hum remate á pedra triangular, que ha de fexar a abobada da grande Obra começada... Sim, Principe, rasguemos o véo dos Mystérios, rompa-se a nuvem, que encobre o Sol, que deve raiar na Esphéra do Brasil. Eleva, eleva o Templo da Liberdade Brasileira; forme-se nelle o Livro da Lei, que nos deve reger, e sobre as Bases já por nós juradas, em grande pompa seja conduzido e depositado sobre as Aras do Deos de nossos Pais; ahí, diante do Altissimo, que te ha de ouvir, e punir se fores trahidor, jura defende-la, e guarda-la, á custa do teu proprio sangue; jura identificar-te com ella; o Deos dos Christãos, a Constituição Brazileira, e Pedro, eis os nossos votos, eis os votos de todos os bons Brasileiros... Oh dia de Gloria! quanto és bello, até mesmo lóbriga-do por entre as nevas do futuro!.. Principe, só assim baquearáo de huma vez os cem Dragões, que rugem, e procuráo devorar-nos... Não desprêses a gloria de ser o Fundador de hum novo Imperio.... O Brasil de joelhos te amostra o peito, e nelle gravado em letras de diamante o Teu Nome.... Não te assustem os pequenos principios... Ah! se visseis como he pobre a nascente dos dons Gigantes da America!... e como depois levão aos mares mais guerra, do que tripulos! Principe! As Nações todas tem

hara momento unico, que não torna quando escapa, para estabelecerem os seus Governos. O Rubicon passou-se: atrá: fica o Inferno.... adiante está o Templo da Immortalidade. — Redire sit nefas. —

ERRATA.

A pagin. 290 do N.º 24. linh. 24, em lugar de = Não passarão mais por delirios = lea-se , = não passarão mais do que por delirios =



REVERBERO

CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.



TERÇA FEIRA 7 DE MAIO DE 1822.



Redire sit nefas.

HORAT. Liv. V. Od. II.



MEMORIA

SOBRE OS DIZIMOS,

CONTINUADA DA PAG. 296 DO NOSSO NUM. XXV.

São factos do mais terrivel aspecto : terrivel , porque são verdadeiros. Sim , virtuoso Lavrador , tu cuidas que das o decimo dos fructos do teu trabalho ; mas enganaste. Tira os legitimos lucros do teu capital , empatada na tua terra ; tira as despesas do Cultivo ; tira as sementes ; dizima o resto ; e verás senão pagas a quinta parte , e ás vezes mais , dos fructos do teu suor ! Infeliz ! Eis-aqui como tu no meio do teu trigo , e do teu vinho , morres de fome , e de sede ! Vês o bocado , corres a lançar mão delle , e fuge-te aos olhos vistos ! E's outro Tantaló da fábula. Sim , aquelle infeliz filho de Jupiter , e da Ninfa Plota , foi condemnado a morrer á fome , e á sede , sem

nunca acabar de morrer. É-lo mettido n'hum lago ; cuja agua lhe chega á barba , e tendo junto a si , toca não toca , formosa arvore carregada de pemos ; quer comer , foga-lhe o ramo ! Quer beber , afunda se-lhe a agoa á proporção que a busca ! Mas Tantaló ao menos merece aquella pena em castigo de haver roubado o guapo Ganimedes ; porém tu ? . . . Mas não ; não correrás por muito tempo inutilmente as vossas lagrimas. Ellas serão prompta , e eficazmente enxugadas pelo Augusto , e Soberano Congresso , logo , e immediatamente que os vossos ais , sendo dirigidos pelo devido órgão , humilde , e respeitosa-mente áquelles Illustres Pais , e Custodias da Patria , tocarem seu coração. Elle fará estender alliviosa mão , a qual expurgando os dizimos de todos os seus vicios , e defeitos , conseguirá que perdure a devida Contribuição , que todos devemos á Mãe Patria , sem que perdure a continuação dos vossos males. Ah ! se convencido dos grandes abusos do actual systema dos Dizimos , e melhor dos Monarchas já na sua Carta Regia de 7 de Março de 1810 vos havia promettido dar-lhe nova forma , e fazer-vos mais toleravel o seu pezo , como seria possível que isso esquecesse ao desvelo , e nunca igualada sollicitude de tão Virtuosa , e amplissimamente ornada Assembléa ! Eu vo-lo affianço , respeitaveis Agricultores. A nunca eclipsada honra daquelle Sacrosanto Palladium da Lusitana Liberdade , o aguçozo anhello das suas fadigas , o aturado , fadigoso , mas voluntario martirio dos seus nunca interrompidos trabalhos , e a sua omnis-crutadora sabedoria ; taes são as primissas de que infere tão necessaria consequencia.

Até aqui o Amigo dos homens no retiro , cujos principios muito peço aos meus Leitores queirão combinar com aquellas faiscas de Luz natural , que illumina a todo o homem despidido de prevengão e prejuizo : e formando desta Memoria hum contraste com o Decreto de 16 de Abril de 1821 , reprehendido á S. Magestade , nos momentos em que te urdia a trama de solapar o Throno e o Estado ; e com o atorado methodo de hoje cobrar os Dizimos nesta Provincia , e talvez nas outras , de hum modo inteiramente arbitrario , e sem Lei ; infrão se he ou não de relevante exigencia , que pennas de melhores bicos do que a minha , acudão á huma tal postergação e faduidade . E como accidir-lhe ? Como Cidadãos Liberaes , amantes da Patria , e do

Governo; apontando os abusos, offerecendo Planos, e Methodos applicaveis á cada Provincia, á cada genero de cultura, á cada terra; ou abrindo huma estrada geral, igualmente distante das nossas propriedades. Longe de nós Leis fabricadas á nuha, no escuro dos Gabinetes, sem observação intuitiva, sem o perfeito conhecimento dos lugares e estado dos Povos, e ferradas com o desastroso carimbo da desigualdade.

Appello para a leitura d'aquelle Decreto: rôgo aos meus benemeritos Leitores, que observem bem de pousado aquelles — dous por cento — agraciados á quem dispende cinco e seis, segundo a distancia donde parte, e beneficio da cousa trazida. A nullidade do uso e costumes, em tal tributo sempre respeitadas; segundo as differentes criações das terras; aquella multiplicidade d'Alfandegas secas, que será preciso estabelecer, só para manter huma bicharia de Empregados. Aquella lisura, com que se diz ao Proprietario rural: “ o que conservardes em vossas casas, não pagará Dizimo; mas se fordes passar hum dia na Cidade, hei de dizimar o vosso feijão, o vosso arroz, as vossas conves, &c., &c. Aquella impiedade, com que sem se fazerem saber aos Lavradores taes alterações, se corresponde o Thezouro com a Alfandega com Portarias, de que só o proprietario sabe, quando vindo á despachar, fica embaçado. Aquella generosidade, com que se diz á hum: não pagarás, porque trabalhas em generos minuciosos, e de consumo domestico; e á outro: pagarás, porque cultivas generos de exportação; e este, passadas já duas e tres mãos, quando vai a embarcar-se; e o que mais he, com peso o recôrdo! na Alfandega se mandou cobrar (para não lhe dar outro nome) o Dizimo do Café de tres mezes precedentes, que os Negociantes da Praça tinham embarcado — nemine contradicente — e com toda a solemnidade prescripta! Isto em tempo já Constitucional! Isto he Dizimo do producto das terras, ou he da Industria, ou he mixto? não sei. Que aquelle Decreto sahisse tal em dias que a Maquina oscillava, passe; mas que ainda esteja no mesmo estado! e que a Gazeta desta Corte N.º 12 nos desentrançasse hum prospecto deste producto, quando aliás ainda o Brasil não sabe o que tem, nem o que deve! E os nossos Escriptores governando em Cortes, quando a nossa casa está com tanta teia de aranha! Remendo de pano novo em cazaca velha; cazaca sempre rola, e de furta côres.

Estas Palinodias são de máo cheiro para quem fritando a gordura dos particulares, se aprazia com suas essencias; mas, negra imprensa, escandalo e terror dos máos, falla, grita no meio da Praça; talvez que algum Candidato de novo Systema leve estas verdades ao Nosso adorado Príncipe; talvez que os novos Conselheiros, filhos do voto Popular, e geração sua propria, chamem esta materia ás suas Assembléas, e descubram o fio do Labyrintho; não temas borrar com negras picelladas essas máscaras velhas; o máo só se teme = nemo ita malus est, ut malus videri velit. = Se o innocente for de envolta, o teu proprio antidoto o curará; a virtude brilha na tribulação, e a maldade perece.

A natureza deste tributo pede, que elle se cõbre ao ponto da colheita, por isso mesmo que he, e sempre foi o decimo do producto das terras. Como porém esta marcha empecesse as ganancias do Rendeiro, começou este á avançar-se com os Agricultas (no Rio Grande, e n'outras digãoes de lá, o que lá vai.) Esses, que pela maior parte de húmida conveniencia (com licença dos Sñrs. Rendeiros) e lactados com o IV. Mandamento de = pagar Dizimos, e Primissias, = julgavão sacrilegio hum cará, ou hum pinto, que não dêssem ao Dizimo, virão este ajuste com affabilidade: e realmente desabafando seus Religiosos estímulos, abrigava-os de minuciosas contas com o Rendeiro, que bem enfatilhado em todos os modos, tempos, e geitos do presadissimo verbo = subripio =, fazia cousinhas tão bellas, que darião materia á dez Tragi-Comicos Poetas. Mas no Thesouro, que só tambem argumentão sobre o verbo = Targinar = não se perguntava como erão cobrados estes Dizimos; nem que meios tinha esta, ou aquella Povoação; nem mesmo della tiuhão (nem tem), hum esbôço economico. Porém cavalgados sobre este luminoso principio = Se o Triennio finado deu 300, este deve dar 400 = (excepto se a charidade se estender por todos nós...) venhão donde vierem; para tudo achavão em suas gatonicas bons Ministros na judicatura. Esperamos que o seculo futuro já não queira crer estes disparatés, esta = grêlha do Lavrador =; mas hoje quem o não provará com factos?

REFLEXÕES CONTINUADAS DA PAG. 301.

Diz pois o Senhor Manoel Fernandes Thomaz = Que temos nós feito depois que os Povos do Brasil declararão a sua união? ; Não temos dada provas bastantes de que os queremos reunidos a nós? ; Não temos mostrado assaa para com elles bastante liberalidade? Nós concedemos aos Povos do Brasil, que elles elejão os que os hão de governar, concedemos-lhe todas quantas attribuições podem ter " á excepção de legislar. ,, ; Que mais querem pois os Brasileiros? ; Que mais lhe poderemos fazer? Vai para lá hum Governador Europeo: ora que coisa esta? Nós cá tambem não temos authoridades concedidas a Brasileiros? ; Não está na Casa da Supplicação tambem hum Brasileiro? ; Não temos nós obedecido a Brasileiros? E dizem os Pre-epiuanes do Brasil, que queremos espalhar sementes de discordia? Sementes de discordia se espalha por estas idéas. ; Por ventura os Pernambucanos podem escandalisar-se, de ir tropas com o fim de manter a paz, e a união? ; Lisboa não tem conhecido que lhe são necessarias tropas? ; Não se tem mandado vir? ; Não vemos todos os dias augmentar as patrulhas, e as rondas? ; Tem alguem injuriado-se disto? ; Asaso os habitantes de Lisboa tem-se escandalisado? Não: todos dizem, que he necessario.... Foi tropa para a Bahia, ha tropa no Maranhão, ; e não ha de ir para Pernambuco?... De duas huma, ou eiles querem isto, ou não: se querem hão de sujeitar-se ás ordens do Governo, senão querem acabem com isto: digão que não querem. ; Por ventura Portugal ha de fazer mais sacrificios ao Brasil? Não tem elle mostrado os seus desejos? ; E por ventura he reciproco o interesse que elle teria do Brasil? ; Que temos nós visto? Toda a balança a favor delles. Nós a procurarmos manter a paz, e a união, e a pesar destes Sacrifícios ainda nos dizem, que queremos sacrificar os Cidadãos de Pernambuco? ; Pois os Pernambucanos hão de escandalisar-se de tomar-se huma medida para o seu bem? ; Que mal nos resulta de que os Pernambucanos se degolem huns aos outros? O bem he delles, a paz e a harmonia he que nós queremos. Os Senhores Deputados do Brasil desenganem-se, que nas Juntas do Brasil acontece o mesmo, e ha de acontecer em toda a parte, que as Juntas são compostas de homens que não tem poder, huma vez que não haja huma força, huma vez que

não haja hum poder superior nos que governão ; que seja capaz de cohibir os desordens. ; Que temos visto na Bahia? Veinos hum Membro fugindo de lá: ; que se vê no Pará? Representações da Junta, pedindo que a mandem substituir por outra . . . Os Brasileiros devem dar Graças a Deos e á Providencia, do Congresso ter semelhantes intenções. Outros poderiam ser os Deputados do Congresso, que dissessem “ Vós quereis governar-vos, governai-vos ; ” e resultado havia de ser funesto. &c. &c. =

Lembrem-se os nossos Leitores, que todas estas palavras foram proferidas na Sessão de 18 de Outubro de 1821 impressa aqui em varios papeis, e só desconhecidas ou acatadas por alguns, que desconhecem a Patria, menospreço a sua gloria, calcão a sua justiça, e não querem ver de longe a escravidão trajando as roupas da benevolencia vir demandar estes Climas, que julgára desaparecidos ou ignorantes. ; E não salta aos olhos em toda esta longa, e solistica arenga os esforços que fez o Illustre Deputado, e os suores que teve para bosquejar o quadro dos favores, e das obrigações que lhe devemos? Talvez nós não tenhamos todo o fando de politica necessario para conhecer estas grandes vantagens, estes favores extraordinarios, e por isso nós os comparamos á alguma coisa occulta por detrás de huma cortina, onde se faz muita bulha, e que se conserva com grande ar de solemnidade, mas que faz rir toda a companhia, quando por accidente corre-se a Cortina, e nos certificamos da realidade do que alli ha. Como porém em tempos de commoções he util distinguir bem as coisas passaremos a analysar as Indulgencias que parece conceder-nos aquelle novo Papa (inda bem que sem infallibilidade) procurando ver se topamos realisadas as desgraças de Pernambuco, Rio de Janeiro, e Bahia, conforme se annunciaram em Outubro de 1821, no Soberano Congresso; trabalharemos por mostrar como aproveitada a maioria de votos de Portugal que nesta e nas outras Provincias de proposito se favoreceu porque era antigo o plano da nossa recolonisação, e tinha e tem grandes Patronos, até mesmo entre os nossos Patricios, procuraremos fazer evidente se he em Portugal, ou se he no indispensavel Congresso Brasileiro que devemos buscar o remedio dos nossos males, e se a Constituição, que ha de reger os Povos do Brasil, deve ser feita lá, ou cá.

= Que temos nós feito depois que os Povos do Bra-

não declararão a sua união ? ; não temos dado provas bastantes de que os queremos reunidos a nós ? ; não temos mostrado para com elles assás liberalidade ? = Nada he mais facil do que provar as cousas com exclamações , e interrogações : porém felizmente os homens já hoje se não levão pelos prestigios da eloquencia , querem ser convencidos pela evidencia , e tal , que nada lhes deixe a desejar. Nós não podemos atinar com o alvo a que atira o Illustrado Deputado (que bem podemos chamar o Espirito do Congresso Lutiano) quando arrisca humas semelhantes perguntas : = Nada , e Não = , seria a resposta mais obvia , concisa , e terminante que se lhe podia dar. Por onde quer que lancemos os olhos não vemos senão parcialidades , praticadas com o Brasil , e com os Brasileiros. Quando estes em 1808 acontárão debaixo das suas fortalezas as Quinas fugitivas , recebêrão no Coração os profugos Portuguezes , e até mesmo em silencio os virão lançar-se sobre os hospedes que os agraciárão , como abutres esfomeados , o devorarem a melhor parte da sua substancia : mas em Portugal os Brasileiros , e o que mais he , os mesmos Europeos idos do Brasil são tratados como filhos adulterinos , ou antes como odiosos empestados , cujo contacto se arrecea : forrão precisos até infinitos debates para ao cabo de longos tempos se lhe mandarem pagar dois mezes de vencidos Soldos e Sallarios!! Nós tinhamos abertas profundas chagas , gemiamos debaixo de huma divida horrorosa , sofriamos todos os males provindos da escravidão de 300 annos , e da ruinosa administração que se lhe seguio nos quatorze ultimos , e nós não vimos huma só providencia , huma só lei que nos respeitasse directamente , e nos produzisse o menor genero de allivio , ou de esperanza. Dirigirão-nos huma pomposa proclamação ; mas como palavras não são obras , o que se tem realisado he = a discordia semeada , a desunião promovida , a dissensão propagada , inflammando os odios , e os partidos , salapado o edificio da nossa felicidade , e forjado o systema da nossa recolonisação , doirado com os suaves nomes de philantropia , bem commum , interesse Nacional. Quêrem nos unidos a elles ; mas desunidos entre nós , mas perdida a nossa força moral , mas anniquilada a nossa representação politica , mas envenenados os germens da nossa prosperidade ; querem nos unidos , mas com aquella qualidade de união que ha entre o Amo , e o Criado. São liberaes commosco , porque em quanto ta-

merão a preponderancia que nos davão as circumstancias estabelecêrão a Base 21, e quando se julgáráo de cima, faltáráo, perjurarão essa Base, decidindo da nossa sorte e da nossa prosperidade a seu bel prazer? A Liberdade, Senhores Deputados, para o ser bem sentida, e conservada, pede almas mais nobres, e mais generosas: homens injustos para com os outros homens, Liberaes que occultão hum desejo de conquista, e hum sentimento de ciúme; Regeneradores que conservão antipathias com Cidadãos da mesma Familia, não tem verdadeiras idéas de liberdade. O verdadeiro Liberalismo deve ser acompanhado do amor da equidade, do horror á mentira, e á dobrez, da indifferença para as riquezas; deve ter hum profunda convicção dos direitos do genero humano, respeita-los e guarda-los. A Liberdade só pôde ser firmemente estabelecida tendo por base a Justiça, e por defensora a Virtude. Deixai aos Despotas a gloria estúpida de fazer conquistas, e de querer elevar a grandeza de hum Reino sobre o abatimento de outro; concedei mais ajustadas idéas de Patriotismo. Enganaeis-vos se credes que elle consiste em procurar hum poder efemero á vossa patria: enganais-vos ainda mais se contastes com a nossa credulidade, e com a nossa confiança: o patriotismo he hum paixão nobre e generosa, he incompativel com a avareza, com a ambição, com a inveja, paixões sórdidas, baixas, dissociaveis. Outra vereda Senhores Deputados, ou nada tendes teito.

(CONTINUAR-SE-HA.)

CORRESPONDENCIA.

Srs. Redactores.

Sendo o seu Periodico hum dos escriptos, que leio com maior satisfação, e achando no principio do seu Numero XIV. os apontamentos de hum Patriota Constitucional para se acudir promptamente ao Thesouro Publico nas criticas actuaes circumstancias; fiquei saltando de contente, e cheio da maior curiosidade, por encontrar huma materia

tanto do meu gosto, e inclinação particular, como de hum interesse geral para os habitantes do Brasil, e principalmente para os do Rio de Janeiro.

Muito promettião os titulos de Patriota, e de Constitucional, com que o seu Author se apresentou coberto, porém depois que tenho presenciado a conducta dos Protectores da Nação Portugueza, das Divisões Auxiliadoras; e de outras semelhantes Personagens, que se vem apresentado com titulos eufaticos, e insinuantes, a fim de ganharem a confiança Publica; estou já tão prevenido a este respeito, que mais não creio em palavras, e sómente em obras, conformando-me neste artigo com a doutrina do nosso Divino Mestre, que bem prégou aos seus Discipulos " ex fructibus eorum cognocetis eos. "

Esta minha prevenção se foi cada vez mais augmentando, á medida que encontrava proposições, que o seu Author dava por evidentes, e que no seu conceito, não carecião ser demonstradas, ao mesmo tempo, que para mim erão muito duvidosas, e incertas, e algumas até diametralmente oppostas aos meus principios. Taes são as seguintes = Não se devem, nem se podem cortar as despezas Publicas, = para as igualar com as rendas. = Não se deve offender o direito adquirido = dos que estão de posse das ditas rendas. = Toda a economia se deve reduzir a suspender as obras, e projectos, que admittem demora. = = Não se augmente, nem se dimintua a Folha dos Ordenados, Pensões, e Tenças, esperando unicamente a sua diminição da mão da Morte. = = He indispensavel lançar-se mão de alguma operação de credito, e circulação, para nos tirarmos dos embaraços, em que estamos, ao menos por hum anno. =

Desconfiei pois do escripto, logo que vi, que todas as referidas proposições, sem serem provadas, e demonstradas; erão estabelecidas, como bases do Projecto; e que o seu Author para desviar todas, e quaesquer objecções, que se lhe podessem fazer a este respeito, desde já decidia, que os que propunhão o contrario, não tinham = conhecimentos solidos de materia tão importante ao bem ser de huma Nação. =

Todavia segundo as minhas fracas luzes, entendo que para conhecer, e provar, que os taes apontamentos não correspondem aos titulos de Patriota, e de Constitucional, não será preciso ter hum genio transcendente, ou hum es-

pirito raso , e extraordinario , e que todo o homem , que tiver bom senso , amor da imparcial justiça , e sinceros desejos de viver debaixo de hum Systema Constitucional , será capaz de desempenhar huma semelhante empresa : vamos por partes.

Não se devem , nem se podem cortar as despesas Publicas , para as igualar com as rendas ; e porque razão , meu Amigo Patriota ? Forão as enormes , e inconsideradas despesas , superiores ás rendas Publicas as que levárão o Reino Unido até ás bordas do precipicio ; foi o máo uso , que se fazia dessas rendas (consumindo-se a maior parte dellas em completar hum pequeno numero de individuos , com o detrimento do bem do maior numero) o que obrigou a Nação a dar o atrevido , e heroico passo de fazer huma Revolução , e mudar o systema do seu Governo , arrostrando toda a sorte de perigos , e expondo se ás maiores desgraças , se por acaso a sua empresa fosse infeliz , e mallograda ; e todos esses abusos hão de ser sancionados pela nova ordem de cousas ?

; Não se podem , nem se devem cortar as actuaes despesas Publicas no Rio de Janeiro , pertende o Patriota Constitucional , ao mesmo tempo , que este tem sido hum dos principaes trabalhos do Soberano Congresso das Cortes de Lisboa , e aquelle , em que tem insistido , como o mais seguro , e efficaz para diminuir os embaraços da Administração Publica ! Não se podem , nem se devem cortar no Rio de Janeiro as despesas , ao mesmo tempo , que Sua Magestade em Portugal , e Sua Alteza Real no Brasil forão os primeiros , que as cortárão nas suas Casas , reduzindo-se á mais restricta , e rigorosa economia , dando deste modo o mais edificante exemplo , e a prova menos equivocada de huma alma verdadeiramente Constitucional ! Em toda a parte do mundo o homem , que procura regular os seus gastos , segundo as suas rendas , ampliando , ou restringindo aquelles na razão directa destas , he tido , e reputado por homem prudente , e a este comportamento se chama ter juizo , prohibidade , e hora : e só o Thesouro Publico do Rio de Janeiro ha de ser a excepção da regra , não cortando as suas despesas , para as igualar com as suas rendas ? Confesso Sñrs. Redactores , que sou tão falto de conhecimentos solidos nesta materia , que não posso perceber o sublime de huma tal idéa. Tão original proposição profundamente me tocou , e foi o que me obrigou a pegar

na penna, para a combater, a fim de que se não dissesse que no Rio de Janeiro hum Patriota tinha impunemente avançado hum principio tão anti-constitucional, tão opposto á opinião Publica dos seus habitantes.

Não se devem cortar as despesas Publicas: e porque razão? Já o Author dos apontamentos apresentou a circumstanciada, e individual relação de todas as ditas despesas, sem omitir a mais pequena dellas; já as analysou huma por huma, e fez ver, que desde a primeira até á ultima todas erão necessarias, e indispensaveis para a salvação do Estado, para a conservação da ordem Publica, para firmar, e consolidar a nova ordem de cousas, que a Nação tem com tanto enthusiasmo abraçado? Era por tanto indispensavel que provasse desta maneira a sua proposição: porém dizer vagamente, e sem analysar as ditas despesas, que ellas nem se podem, nem se devem cortar, he demasiada animosidade, he o mais exaltado Despotismo, he querer favorecer, e chamar a si o partido de todos, quantos são interessados na perpetuidade dos antigos abusos; he retrogradar do dia 26 de Fevereiro; he jurar huma Constituição, e obrar em contravenção dos seus principios fundamentaes. E para que fim foi estabelecida, como axioma, huma tal proposição? sem duvida para tirar o corollario: = Que não se deve offender " o direito adquirido. ,, =

Isto enunciado de huma maneira vaga, e sem relação alguma com o mais, parecendo ser derivado dos dous principios juridicos " melhor est conditio possidentis, ,, et qui sui juris ntitur, nemini injuriam facit ,, á primeira vista inculca-se por huma proposição fundada em justiça, e razão; mas ligando-se com o resto da sua doutrina, claramente se conhece, que o fim do Author he estabelecer, que quantos Empregos, Ordenados, Pensões, e Encargos pêsão sobre o Estado (estabelecidos, ou tolerados no tempo da arbitrariedade, no tempo, em que com o maior escandalo se creavão lugares para arrumar afillados sem merecimento algum, tempo, em que erão roubados os homems de todos os ramos da industria para Empregos Publicos, só porque a sua nomeação produzia avultadas sommas a corrompidos Cortezãos), tudo isto-bem, ou mal feito, deve ficar intacto, visto que aquelles, que tem adquirido a posse de hum tal patrimonio, tem o direito inauferivel de o reterem. Pouco importa a falta de meios, e a dificuldade, em que está o Thesouro Publico de satisfazer tão onerosos

encargos; isso nada vale. Ainda que os Empregados sejam corruptos, ou desleixados; bagatellas, são homens. Ainda que os Empregos sejam superfluos, e inúteis; não importa, estão feitos. Ainda que os mesmos individuos estejam sobrecarregados de Lugares, todos lucrativos, e pingues, e cujos deveres elles não podem exactamente desempenhar, como são exercitados em communnidade, em que hum, ou outro não faz falta, sejam dispensados dos trabalhos, mas não dos lucros: fique tudo no statu quo; conservem todos a pacifica posse do que pilhárão por astucia, manha, ou corrupção, ainda que seja em detrimento, e ruina do Patrimonio Publico; e para remedio universal de todos os males presentes, applique-se unicamente a mão da morte, que infelizmente não repousa, e que com a sua foice cortadora he quem ha de pôr termo a todas as desgraças Publicas, e remediar os embaraços do Thesouro. ; Que Patriotismo tão Constitucional! ; que nova descoberta no Mundo Politico, para pôr termo a todos os males da Sociedade!

(CONTINUAR-SE-HA,)

N.º 1.º

 REVERBERO

CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.

EXTRAORDINARIO

 DOMINGO 12 DE MAIO DE 1822.

 Redire sit nefas.

HORAT. LIV. V. OP. II.

 (Extractos ao Correio Brasiliense de Fevereiro.)

UNIÃO DE PORTUGAL COM O BRASIL.

T Inhamos até aqui olhado para esta questão da união de Portugal com o Brazil, como aquella de summa utilidade para ambos os paizes, e outro sim na supposição de que, sendo o Brazil tão superior a Portugal em recursos de toda a natureza, a objecção para a continuação desta união provinha de algumas pessoas inconsideradas no Brazil, que desejavam a separação dos dous paizes, antes que ella devesse ter lugar pela ordem ordinaria das cousas.

Nesta supposição, recommendando a união, temos

sempre dirigido nossos argumentos aos Brasileenses, não nos occorrendo se quer a possibilidade, que nos Portuguezes Europeos pudessem existir essas idéas de desunião; porque a utilidade delles, na união dos dous paizes, é da primeira evidencia.

Mas infelizmente achamos, que as cousas vão muito pelo contrario, e que he entre os Portuguezes e alguns Brasileiros, e não entre os Brasileenses, que se fomenta e se adoptão medidas para essa separação, que temos juigado imprudente, por ser intempestiva; e que temos combatido, na supposição de que os Portuguezes Europeos nos ajudariaõ em nossos esforços, para impedir, ao menos por algum tempo, essa scisaõ.

Os Portuguezes, que olhaõ com desprezo para a união do Brasil, fundam-se nos prejuizos, que já notamos no nosso N.º passado, e argumentaõ com principios totalmente falsos.

Alegam primeiro, que a união de Portugal com Hespanha he mais vantajosa, mais natural, e mais facil, do que a união com o Brasil. Dahi, que a união com o Brasil he perniciososa; porque esgota a população de Portugal, com as continuadas emigrações para o Brasil. Depois, que a união do Brasil com Portugal se pôde comparar á amizade do homem rico com o homem pobre, em que tudo he sempre em vantagem do rico.

Mas se essas razões são as que induzem o Governo de Portugal a desprezar como tem feito os negocios do Brasil, que nos entendamos, sejaõ sinceros, declarem o Brasil independente por uma vez; e não se fomentem alli partidos, que produziraõ a guerra civil, degolando-se os povos uns aos outros: declare-se, que Portugal não precisa do Brasil, e previnaõ-se assim os males da guerra; a qual quando começar, não pôde deixar de ter o mesmo exito da que houve na America Hespanhola.

Deo-se ao Brasil o nome de Reino, mas ficou isso em apparencias; agora o Governo Constitucional conservou o nome, tirou-lhe todas as apparencias de Reino, abolindo os tribunaes superiores no Rio de Janeiro; de maneira que fez retrogradar o Brasil de sua dignidade de Reino, que tinha na apparencia, causando assim uma humilhação desnecessaria nos animos daquelles povos; porque em fim ninguem ha que se conforme com andar para traz em dignidade; quanto mais, que o trazer o povo do Brasil os seus recursos a Lisboa, quando d'antes

os tinha no Rio de Janeiro, não he só perder em dignidade, mas tambem perder muito em commodidade.

O systema das Juntas Governativas, nas differentes provincias do Brasil, he hum meio directo de tirar ao Brasil a cathegoria de Reino, dillacerando-o em divisões; e para fazer mais sensivel este mal, as taes Juntas de Provincia não possuem a força armada, nem governaõ as rendas publicas; o que põem, de preposito, hum germen de discordia em cada provincia, ao mesmo tempo que desune as provincias humas das outras.

Accresce agora o projecto, que se agita nas Cortes, de tornar a fazer de Lisboa o emporio do commercio do Brasil, como o Leitor poderá ver pelo que se passou na sessão 271; o que tudo tende a mostrar o plano de fazer retrogradar o Brasil de sua dignidade de Reino e reduzido a seu antigo estado de dependencia de Portugal; o que não he uniaõ mas sujeiçaõ; e o que se devia fazer era a uniaõ, que recommendamos, dos dous Reinos, mas não a sujeiçaõ do Brasil a Portugal, como colonia ou conquista: tal nunca tivemos em vista; e quando o tivessesmos, nenhum Brasiliense a isso se accommodaria.

Nós protestamos altamente, contra a impolitica medida de mandar tropas ao Brasil, como inutil, para o fim, o que se destinavaõ, porque esse punhado de tropas não era capaz de conter o Brasil sujeito a Portugal por meio da força

Naõ obstante tudo quanto temos dito, tem-se continuado a mandar tropas para o Brasil; e ultimamente saio de Lisboa, aos 16 de Janeiro, a divisaõ com os corpos expedicionarios para o Rio de Janeiro, com escala por Pernambuco; e naõ obstante saber-se em Lisboa, que, com a retirada de Rego, tudo alli estava accommodado.

Ora se os Brasilienses desejaõ fazer-se independentes, o numero dessas tropas he; como temos dito, demasiado pequeno para os conter com essas forças: mas ainda que maiores fossẽm, o exito não corresponderia ao intento. Já vimos, que no Brasil se augmentaraõ os soldos ás tropas, para as congrassar com o systema Constitucional: as tropas aceitarãõ de mui boa vontade esse augmento. Agora, se o Brasil se quizesse fazer independente, e que lhe fosse preciso para isso neutralizar essas tropas, não tinha mais do que augmentar-lhes os soldos, e prometter conservallos a todos os que quizessem dar baixa, dar-lhes terras aonde se estabelecessem, e huma ajuda de custo

para seu principio. ; E qual seria o soldado Portuguez, que com estas vantagens diante dos olhos quizesse fazer a guerra ao seu bem feitor Brasil?

Corre agora hum rumor, de que o Governo de Portugal, conhecendo sua fraqueza, procura valer-se de forças estrangeiras para sugeitar o Brasil: mencionamos isto, para mostrar o erro de tal medida, e pedir encarecidamente, que desista della.

Assevera-se, que o Governo Portuguez pedira soccorros militares á França, e lhe offerecera em compensação cessão de territorios na Guiana Portugueza junto ao Pará.

Além da atrocidade, que essa medida envolve, de desmembrar o Brasil, o que irritará por extremo todos os Brasilienses, não he possível que a Inglaterra veja tal cessão com indifferença; e o Gabinete Inglez não pôde já olhar para suas conexões politicas com Portugal, no mesmo ponto de vista, que outrora olhava.

Está claro, que procurando Portugal esse auxilio da França, e ficando a Inglaterra pelo menos neutral, a desejar o Brasil a sua independencia, procuraria tambem auxilio externo, e o acharia mui prompto nas esquadras de Lord Cochrane, e nos exercitos de Columbia, e mais America Hespanhola, que se acham agóra desocupados, visto que a Hespanha já não tem meios de continuar a guerra, e vai a reconhecer a independencia de suas ex-colonias.

Para evitar esta combinação, medita o Governo de Portugal outra desmembração do Brasil pelo Sul; cedendo a Buenos-Ayres Monte-Vedio, e deixando assim abertas e vulneraveis as fronteiras do Rio-Grande, o que sem duvida he grande calamidade para o Brasil, e de manifesta injustiça aos povos de Montevedio, que já se declararam parte integrante do Brasil.

Estes projectos explicão; porque as Cortes pedirão ao Ministro os planos dos limites entre o Rio-Grande e Monte-Vedio; e porque o Ministerio Europeo no Brasil, antes da sahida d'ElRei lhe aconselhou, que reconhecesse a independencia da America Hespanhola, como mostra o documento p. 113; sem se quer esperar que lho pedissem, para tirar algum partido da negociação: tal era a pressa com que o Ministerio Portuguez queria tirar Monte-Vedio ao Brasil.

O Agente d'ElRei, em Buenos-Aires, diz nesse de-

camento, que ElRei está disposto a reconhecer aquella independéncia; porque reputa legal todo o Governo, que he da vontade dos povos: segundo este principio, tendo declarado os povos de Monte-Vedio, que querião fazer parte integrante do Brasil, a este e não a Buenos-Ayres he que devem pertencer.

Mas voltando ao nosso ponto; ainda que o Governo Portuguez alcance, por essa cessão de Monte-Vedio, neutralizar Buenos-Ayres, e ainda toda a mais America Hespanhola, a respeito do Brasil, se este quizer ser independente; não poderá fazer o mesmo que fez Columbia? ; Não poderá procurar armamentos nos paizes estrangeiros como fez Venezuela e Chili? ; Não poderá contrahir empréstimos, caso não tivesse os recursos, que tem, como fizeram todas as secções da America Hespanhola, em Inglaterra, aonde os titulos dessa divida estão hoje com valor muito mais subido do que os titulos da divida de Hespanha? ; Não poderia o Brasil armar corsarios, pelo menos com a facilidade com que os armou Artigas?

Consta-nos, que as absurdas idéas de sugar o Brasil se tem levado a tal ponto por alguns Portuguezes, que ha até quem medite o plano de prohibir que os estrangeiros se estabeleçam no interior do Brasil e que somente se lhes premita negociar nos portos de mar; e isso mesmo com as restricções, que já se indicáraõ nas Cortes.

Estes erros e outros, que temos apontado, são conhecidos mesmo em Portugal; mas he essencial, que o Correio Brasiliense os indique, e que proteste contra elles.

Depois desta serie de factos, apresenta a Commissão das Cortes sobre os negocios do Brasil, na sessão 276, (veja-se p. 147) hum relatorio, que conclue recomendando, que se proclame aos povos do Brasil, fazendo-lhes ver quaes são os artigos da Constituição, que se tem approvado, e quaes as providencias, que se tem tomado em beneficio daquelles povos, e a imparcialidade, com que tem sido tractados estes negocios. Isto he quererem as Cortes, que no Brasil creiaõ nessa imparcialidade, contra a evidencia de seus olhos; que creiaõ, contra o facto, que foi algum irmão do Brasil contemplado nas promoções geraes dos Ministros de Estado, dos Concelheiros de Estado, dos Governadores do Brasil, do Corpo Diplomatico: que creiaõ contra o facto, que as

atrocidades de Rego foram punidas, e elle preso em huma torre, pelas mortes que causou em Pernambuco, que o Governador do Maranhão, &c. &c. foram punidos.

Mas; que pouco valem taes declarações, contra a evidencia dos sentidos!

REFLEXÕES.

Sobre o Parecer da Commissão special dos negocios Politicos do Brasil, em Sessão de 18 e de Março deste anno, impresso com urgencia em Lisboa.

Les hommes, qui ont medité sur la nature des rapports, qui unissent les Metropoles aux Colonies; ceux qui sont acoutumés a lire de loin les evenemens politiques dans leurs causes, prevoient depuis long-temps que les Colonies Americaines se separeront un jour de leurs Metropoles, et par une tendance naturelle que les vices des Europeens n'ont que trop accelerée. Ainsi le veut cette force des choses, qui fait la destinée des Etats, et a la quelle rien ne resiste.

(Talleyrand. Essai sur les Colonies, lu a l'Institut.)

Naõ de outra maneira, do que fica o Viajante vendo subitamente rasgar-se huma nuvem, e despejar hum raio, que rebenta a seus pés, ficamos nós, quando depois de testemunharmos o geral contentamento pelo jubiloso boato, que se espalhára no dia 4 deste mez — optimas noticias, tudo está vencido — nos achamos em vista com o Parecer de huma Commissão, inveridico, insultante, caviloso, e desleal, mais digno de Jesuitas, do que dos sizudos Deputados do Congresso Nacional. Que idea taõ pouco favoravel fazem de nós, fazem do Brasil, para pensar, que ainda he tempo de nos illudir, que ainda naõ somos capazes de discernir o aspide, que se occulta entre as flo-

res ? Será por ventura o Soberano Congresso a Ilha de Circe, ou a de Armida, que tem o poder de transformar os homens ? Como se metamorphoseão os Deputados Americanos logo que tocaõ aquelle lugar tremendo ! Já as manhas do Despotismo passáráo para os Amigos da Liberdade, já se dão os nomes de *desorganizadores, facciosos, inspirados pelo genio do mal*, á aquelles que ousão levantar o véo do *Machiavelismo*, e propalar a luz da verdade aos seus Concidadaos, como outr' hora se dava o de *Jacobino, Réo de alta traição*, e outros taes, do ensanguentado Catalogo dos Despotas, a quantos se atreviaõ tocar no Sceptro de ferro da tyrannia. Temei os presentes dos Gregos, diremos nós á vista de tantos bens inculcados, e nenhum realiado.

Seculos houve em que o Sacerdocio e o Despotismo não consentiaõ aos homens senaõ aquella porção de luz, que aprazia a estes tyrannos de huma e outra especie. O Congresso parece querer revivificar estes seculos, não permitindo, que nós vejamos os objectos peios nossos proprios olhos, mas sim pelo microscopio, que se nos apresenta : e por isso desde que ha quem faça refulgir a verdade, elle procura inflamar os Povos contra esta verdade, e contra toõs os que a apresentaõ, fazendo encarar aquella como *sedição, delirio, attentado contra a Patria, contra a Nação, contra a felicidade publica &c.* : representando estes que tem o valer de mostrar aos Povos os seus Direitos, de indicar-lhes a róta da felicidade, de os desabusar das opiniões funestas de que vêm a ser victimas, como *turbulentos, venaes, e facciosos*. Porém que prova este comportamento ? Huma consciencia assustada, huma desconfiança inquieta sobre a realidade das suas pertençaõs, hum intento permanente de opprimir Povos, sobre cuja supposta ignorancia apoiavaõ o poder odioso, que queriaõ exercer.

Como pois em tempos de commoções seja necessario bem distinguir e elueidar as cousas, nós passamos a analysar este documento famoso, e o faremos com a maior energia, que nos for possivel, porque nisto se interessaõ tanto a defeza dos incorruptos Escriptores, que injustamente se criminaõ, como a defeza da nossa chara Patria, por enja gloria daremos tudo. . . E saõ *venaes*, eraõ *desorganizadores*, os que em seus escritos tem sustentado e apoiado a Causa da Patria a ponto de fazer mudar a errada marcha que levava o Soberano Congresso ? Quizeramos que

nões respondessem os Illustrvs Membros da Commissão, — quem he mais venal o que escreve contra a Patria, ou o que escreve a favor della? — Quem he mais vil, o que diz „ Cidadãos, alerta: vós sois homens livres, vós tendes iguaes direitos, vós sois a porção maior e melhor da Monarquia, não vos deixeis subplantar por essa outra parte: toda aquella Nação que usurpa, e attenta contra os Direitos da outra, perde o character de Nação livre e generosa; não deixeis escapar de vós o Herdeiro da Monarquia, esse que Portugal apeteceo com preferencia, &c. &c. „ ou aquelle, que diz „ Condidadaos, dormi em paz, Vós jurastes estar por tudo, que viesse da Europa, passareis por baixo de forcas Caudinas, sim, mas ellas estarão ornadas de flores?.. E quem comprou estes Escriptores? Certamente o Principe, que he a quem estes Povos desejaõ e procuraõ para sua tranquillidade, para gloria do Brasil; logo mentis, e sois dôbres, quando approaes, ou vos dizeis convencidos da franqueza e lealdade de S. A. R. Mas descançai que esses Escriptores venaes só largarão a penna quando virem cimentada a felicidade e a Soherania do grande Brasil: se merecem o vosso odio porque sustentão os interesses da Patria tão injustamente por vós desprezados, elles obterão os votos da Sabe-doria, do Probidade, e da Razaõ, unico premio que os pô-de arrancar da vossa execraçaõ; escaldados pelo Sacrosanto fogo da Liberdade, do Patriotismo, e da verdade, ardem e devoraõ-se no desejo de inspirarem, até mesmo em vós, estes sentimentos que a Constituiçãõ aprova e recomenda; cheios de hum util enthusiasmo, vendo consolidada a Opiniãõ dos Brasileiros para deffenderem sempre e sempre a sua honra, feixaõ os olhos aos perigos; se forem martyres, haverá sempre Religiaõ, por que o sangue dos Martyres propagou o Christianismo, e a Liberdade Constitucional, que havemos abraçado he huma nova Religiaõ Politica, que se tem identificado com os nossos corações. A Cicuta com que os ameaça a tyrania, longe de esfriar o ardor de suas almas, o fará reagir com mais força; elles já gosão de algum reconhecimento dos seus contemporaneos, mas a sua imaginaçãõ exalta-se com a vista da Posteridade que mais instruida, reconhecerá melhor a sua linguagem, fará justiça aos seus trabalhos, respeitará a utilidade de seus principios, que a ambiçaõ, o prejuizo, e a raiva apontaõ presentemente

como delirio, como *systema subversivo*, como *venalidade e paradoxos impraticaveis*. Animo, Colegas Escriptores, despresando sarcasmos, provavmos a nossa prudencia; servindo a Humanidade e a Patria, naõ recebemos o ferrete que de longe nos querem imprimir; e continuando na obra da nossa feliz Regeneraçãõ, cumprimos com o mais sagrado dos nossos deveres, e seja desde agora a continuaçãõ da Analyse do famoso parecer.

Vos deploraes o engano dos Brasileiros, e nós pedimos dizervos como J. C: chorai antes sobre vos e sobre os vossos filhos; mordei-vos, porque toi á tempo descoberto e illudido o vosso plano da nossa recolonisaçãõ; está soldada a cadeia das prosperidades do Brasil, que pareceo estremecida com a mudança do Throno, vos a quizestes reduzir a pedaços, substituindo-lhe, ainda que doirada, a cadeia da antiga escravidãõ Colonial; mas o filho que toca a idade da virilidade, se seu Pai o naõ estabelece, como tem de obrigaçãõ, procura elle mesmo o seu honroso e necessario estabelecimento, as Familias ligãõ-se por laços de amizade, reciproco interesse, e perfeita coadjuvaçãõ, as Nações seguem o exemplo das Familias, e as que vaõ contra offendem a natureza, espancaõ a boa harmonia social, e muitas vezes perdem mais do que lhes promettia huma demarcada e injuriosa ambiçãõ.

Naõ concebe a Comissãõ especial, como se *possãõ attribuir ao Congresso vistas contrarias &c. &c.* Parece-nos estar ouvindo por estas meigas expressões o procedimento dos Deputados do Santo Officio, quando sobre o Potro mandavaõ quebrar os membros dos infelises, pregando-se-lhes com muita piedade, que soffressem com paciencia, porque a quillo se dirigia á gloria de Deos. Somos nós os que naõ concebemos, como e porque o Congresso a berrou em certo tempo da marcha liberal e nobre, que affeton seguir em seu principio; como e porque se esqueceo de que dezejára que fosse para o seu seio huma Pessoa da Real Familia, quando ElRei naõ quizesse voltar a Lisboa, para negarnos este favor, que julgára justo para aquella parte da Monarquia. Fõra tal vez melhor naõ fallar nos sentimentos liberaes, que lhe deraõ nascimento: e antes proseguir na continuaçãõ necessariu d'elles, do que com illaqueações, que manifestaõ maldade ou entãõ ou agora, e muito principalmente lendo-se estas celebres palavras „ *condescendencia*, que tal vez se *inculque fraqueza*.

Aos Povos do Brasil nada se negou do que foi concedido aos de Portugal &c. E como se atrevem á huma tal affirmação, ao passo que nas medidas, a que agora recorrem da-se o mais decisivo desmentido? Comessando por animar com o seu Decreto de 18 de Abril do anno de 1821 a desmembração das nossas Provincias, acabará com o de 15 de Setembro de rematar a sua obra; intentará ceder Olivença para Monte Video; mandará-nos Tropas e Governadores insubordinados a titulo de serem os nossos Defensores; descuidará-se da nossa divida, aumentará-na com intentados saques, entre tanto que consolidava a sua; zombará do nosso Banco, apoiando os oppressores dos nossos Conciudadãos, e criava o seu sem alguma relação com o nosso; eis-aqui como se marcha pelo quadrado da Justiça!!!

Debalde se responde agora as nossas queixas com a incompleta reunião dos nossos Representantes. He facil de conhecer-se que os nossos negocios terião levado naquella Assembleia a mesma carreira, porque sempre a votação seguiria a pluralidade como se vê em repetidos casos, e até na cautella maliciosa de serem os Dedutados dos Reinos de Portugal e Algarves não menos de 100 &c. &c. E não publica a Comissão neste parecer, com que parece obzequiar-nos (*que seria absurdo que huma Assembleia deliberante ficasse em inação, só porque algumas partes do Reino se descuidavam do mais sagrado dos seus deveres, isto he, de auxiliar-a, e colloborar na Regeneração geral da Nação?* Logo estavaõ desde o principio determinados a legislar sem a nossa coadjuvação, e tal vez só porque adherimos sem condição ao que se decretava nas Cortes. Não se pôde dizer que não estando presente a maior a maior parte dos Deputados do Brasil, mas sim que não estando ainda no Congresso senão 4 Representantes do Rio de Janeiro; aproximarse hiaõ mais da verdade, e fariaõ melhor conhecer ao Mundo a impetuosidade com que a Assembleia procurou a proveitar esta nulidade de Representação peculiar, fazendo valer além dos limites a machiavelica maxima: *o Representante de huma Provincia, he Representante da Nação toda, desde que presta o seu juramento e toma assento no Congresso.* Os Brasileiros não podiaõ advinhar que o Congresso intentava por notas á Constituição por motivo de comparecimento dos seus Deputados; pelo contrario, ouviraõ e leraõ muitas vezes no Diario das Cortes chamar-

(11)

se *inconstitucional* tudo quanto cheirava a reforma ou additamento de artigos e ordens deliberadas. Nem tão pouco serve para desculpa dizer-se que os Povos retardavaõ a nomeaçõ dos seus Deputados; porque a primeira vez que o Congresso se dirigio ao Brasil, foi em humã Proclamação que a algumas partes chegou em fim de Julho, e a outras sã em Setembro e Dezembro. Naõ podiaõ por tanto juntarem-se em Lisboa em Setembro aquelles homẽs que eraõ convidados de tão longe, e á cujas nomeações deviaõ preceder circumstancias morosas para sua validade. Mas supõhamos que podiaõ, e naõ foraõ, de quem he a culpa, dos Povos ou dos Governadores? Entre tanto Luiz do Rego banquetea-se lãtamente em Lisboa, nem foi recebido com os infelices Pernambucanos a quem oprimira e remettera presos. A Junta da Bahia recebeo altos encomios, desobedecendo ao executivo no Brasil, e dando o sinal para a divisaõ das nossas Provincias. Silveira he proposto como modelo dos Governadores; e a Junta do Pará a pezar dos gritos do energumeno Patroni conservou sempre o seu posto!!! Deve acaso em boa justiça recabir sobre os Povos, as penas que tem merecido os seus Governadores? E por que encorreraõ em humã falta filha das circumstancias, devem pagala com o perdimento dos seus inalienaveis Direitos e regalias?

Debalde se responde tambem ás nossas queixas com a falta de necessarias instrucções dos nossos Deputados. E seriaõ ellas precisas para clamarem, como deviaõ, contra o desmembramento das nossas Provincias, ainda que fossem chamados á Ordem, ainda que os suplantassem os votos, como vemos acontecer em tudo o que nos diz respeito? Seriaõ precisas instrucções para punirem contra o Governo das Armas independente, e sempre Europeo? contra a nomeaçã dos Diplomaticos todos Europeos e até com exclusã de alguns Brasileiros aqui nomeados por ElRei antes da sua partida? Precitaria de instrucções o Senhor Fagundes Varella para fallar no Soberano C. em favor do Banco do Brasil, tantas vezes e tão infructuosamente requerido por hum Deputado do mesmo Banco, que ainda se acha em Lisboa demorado por este negocio importante! a-cazo podia elle ignorar que dinheiros passados daquelle Caza para o Thesouro Publico, despendidos em beneficio dos tres Reinos, faziaõ de justiça humã divida Nacional, que naõ devia pesar unicamente

sobre esta Provincia? Se o não ignorava e calou-se, o mesmo faria a pesar de todas as nossas instrucções.

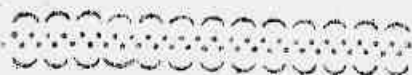
O Congresso levou *mesmo a sua delicadeza á especificar a partilha na Deputação permanente, e no Conselho de Estado.* E não ha de o Brasil queixar-se quando ouve tratar-se como hum favor, o que he hum obrigação rigorosa? Delicadeza! Grande Deos! como he variavel a hypocresia? Delicadeza! *Ubiqum Gentium sumus?* Concidadãos Benemeritos, Brasileiros Illustres, esperai que a morte vos abra a entrada nesse Concelho, por que criado o que existe com attributos vitalicios; só por mercê della podereis entrar nos lugares que vos concedeo a delicadeza do S. Congresso; (se ainda assim mesmo houver quem conheça o vosso merecimento, por que o Governo ou Ministerio que do Brasil se apartou ha bem poucos mezes, não conheceo Brasileiros para empregar em tres promoções, e só os conheceo para os excluir depois de despachados; e nós devemos ser contentes e calados, por que temos no Congresso *hum benemerito Militar, e na Suplicação hum Sabio Magistrado, como já foi dito.*)

(Continuar-se-ha.)

RIO DE JANEIRO.

NA TYPOGRAPHIA NACIONAL.

1822.



REVERBERO

CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.

TERÇA FEIRA 14 DE MAIO DE 1822.

Redire sit nefas.

HORAT. Liv. v. OD. II.

MEMORIA

SOBRE OS DIZIMOS ;

CONTINUADA DA PAG. 308 DO NOSSO NUM. XXVI.

Quero de huma vez passar por má lingua, meus Leitores; julgai-me como quizerdes. Mas aproximai os principios, acima elucidados, á pratica rotineira das Finanças Decimaes deste Reino do Brasil. Notemos com attenção huma terra virgem, fechada de annosos madeiros, onde o pobre Lavrador para se estabelecer, entra guiado pela Agulha; a anticipada despesa com escravos e mais utensilios; levantamento de Fabricas, Plantações, Casas, &c. e a dolorosa visita do Dizimeiro apenas a terra começa a produzir! Toda a Republica bem entendida avança cabedaeas á taes emprehededores, ou os brinda com alguns annos de isenção. No nosso velho Ministerio lá correo alguns

destes relâmpagos : mas tão depressa se abríão , como se fechavão as nuvens escuras. Para os novos Colóns Suissoes forão concedidos 10 annos de isenção de todos os tributos, impostos, e censos, excepto o Quinto do Ouro ; e os Filhos que os cercão , e que apenas estremados comêção a servir o Estado , vára de ferro — per omnia secula seculorum. —

Posto que a cousa venha meia esgueilhada , contarei (talvez que a miúba vós chegue aos pios ouvidos do que nos rege), hum facto notavel. Entre Minas e o Cantagallo furoo o Povo hum caminho , que , a proufificar se , poupa 20 legoas , pelo menos , entre esta Corte e Mariana. E quando ainda todos fógem deste caminho por ser pessimo , com muitos rodeios e mórros , apparece huma Patrulha á margem do Paraiiba do Sul , que se atravêssa , sentão-se quarteis , e cada pessoa paga 240 réis , cargas , animaes , até os que passão á nado ! Então he felicidade , ou não he ? Verdade seja que alli se assentou huma barca ; mas até quando venderá o Estado aos miseraveis , tão insignificantes favores ? Nem deixe que nenhum particular os levante gratuitos , só para ter occasião de esvasiar as desfalecidas veias desse moribundo cadaver ! Santo Deos , reforçai as nossas esperanças ! Principe amante da Humanidade , Ministros , soffrei os meus clamores ; eu vejo , e vós não vedes ; eu oiço , e vós não ouvis ; vivo com os pobres , e vós viveis longe ! em todo o Brasil achareis outros e peiores laçãos desse finado Systema

¿ E são estes os tributos , que enriquecem hum Estado ? Tributos indevidamente extorquidos , e que só servem de maior mal ao todo , paralisando a Industria , sobrecarregando os generos , entrévando a circula ção ! ; Que huma Povoação florescente contribua com os seus superfluos , bem vai ; mas tirar ao necessitado , além de lhe vender as terras , que enganosamente se denominão gratuitas , quando as despesas com a usada chicana de huma Sesmaria , se calculão em 200U , á 300U réis ! Abençoado dia favoravel ao Lavrador , quando chegarás ! Não descorçoêmos , meus Leitores , refoscilemos o nosso desalentado Patriotismo ; o Principe não póde fazer Anjos para o Ministerio ; os homens conhecem-se pelas obras ; proufificai-vos , o actual Ministro deve preencher dignamente os seus deveres ; temos hum Principe ancioso pelo bem Publico , e tudo promete acerto , e prosperidade.

Quadros lastimosos enfiarão ; mas como poderá o Medico curar , se o doente lhe não expozer os seus achaques ? Resulte bem á minha Patria , muito embora me aborregão. Os tropêços uns sobre outros se multiplicão , precisando sermos Portuguezes para não repetirmos scenas entre outros Povos bem vulgares. Bem haja a nossa paciencia ! Destinado aquelle tributo para o Culto Publico , pela vontade universal dos contribuintes , que em todas as Legislações , e Codices formão isto a que se chama Justiça ou Direito , que nunca impunemente se pôde violar ; nelle he o em que menos se empregava. E como se empregaria , se o Estado , desgraçado Tântalo , bem via as riquezas diante dos olhos , mas não erão para elle ? As Igrejas desmanteladas , vergonha de nós mesmos , erão reedificadas , ou mesmo edificadas , á custa de hum novo tributo , docemente lançado pelas lagrimas e rógos do bom Parocho (onde o havia) , ou pela Piedade de homens associados , que tambem não escapavão á voracidade desses aurivoros insaciaveis. Os Ornamentos jámais o Rey os negou ; mas quem os obteve sem sinistros intermedios ? Os Parochos (perdão , meus Leitores ; hei de fallar a verdade : Deos , e vós mesmos sabeis quem são os exceptuados desta dolorosissima nota) Os Parochos digo , que em almséda comprário suas Igrejas , Ministerialmente authorizados em suas rapinas , e extorsões com o honesto véo de usos , costumes , oblatas , &c. &c. como se o que nasce de esmóla e beneficencia pudesse nunca trocar-se em vinculo gravoso , em vexame maior das ingratições , sobre pequenas congruas , que muitas vezes lhes erão pagas com 30 por cento de rebate , tiverão de soffrer a notabilissima Decima até dessas mesmas rapinas collaradas , quando pela Mesa da Consciencia , por alcunha , lhes são idealmente (e até com juramento) calculados os denominados pés de Altar , para o apparatuso luxuriante suatento de Monsenhores , e mais bichos de pernas vermelhas , e pretas !!! Prodolor : He assim que se adóra o Deos dos Christãos ? Ira sobre mim de todos vós , Senhores , se he mentira o que eu digo. Eu tambem sou Sacerdote : não he raiva canina , que me devóra. Desprezei o que podia ser , alguem o sabe. Não me louvo ; mas devo fazer-me conhecer , para que não me compareis á Rapoza ao pé da parreira. Se me quizerdes julgar , longe de nós o escandalo farisaeo. enthronisemos o Sacrosanto Evangelho , e vamos , Povos , a cujo bem eu sacrificio , não he

comvosco que eu fallo: não, vós tendes sido, e sois muito sábios. Os Ministros enganavão o nosso bom Rei, porque então não tinhamos Constituição; hoje que a temos, e que já gosamos os seus fructos, hum dos quaes he esta minha linguagem, continuar a viver tranquilllos; o Grande Principe, que nos rege, Ministros sábios tirados d'entre vós, Conselheiros vossos proprios Filhos, mais algum tempo de paciencia, seremos felices.

Mas quem tanto mal falla, deve dizer algum bem, ou pelo menos apontar ao Ministerio alguma porta para sahir deste ultrajante frenezim financeiro. — Hoc opus. — Deixemos por hora pensar os meus sábios Concidadãos, á quem rógo se interessem nesta Causa publica. Não convêm hir depressa; o caminho he escabroso. Offereço em Problema: = Qual he mais util aos Povos, e ao Estado; huma Lei geral sobre os Dizimos; ou relativa a cada huma Provincia, segundo seu estado Economico? = Tenhamos sempre em memoria o luminoso dictame do Sábio Publicista Bentham = o melhor bem da maior parte. =

Concluirei pedindo o maior desvélo em levantar todos os estorvos á boa uião das nossas Provincias. A do Rio Grande consta com veracidade que está em tálhas com os taes Dizimos.... Vaiha-nos Deos! e recapitulando direi = Se a Nação tem jus para de mim exigir solução aos impostos, tambem eu o tenho para reclamar igualdade, moderação, fidelidade, e allivios; conforme á boa ordem, fóra da qual não conheço Lei, senão a da força.

E para que ninguem trate este esboço de ociosa maleficencia, e desesperado prurido de escrever, notarei, qua vivo da Lavoura, e sinto immediatamente os seus males. A Povoação, que se dignou honrar-me, he á estes tão sensível, que pagando até agora 5, e não 10 por cento do Assucar, Café, Fumo, e Mandioca, porque os entregava beneficiados, tem de mais a mais agora, de pagar 8 por cento, e vir traze-los aqui á Praça á sua custa! cada hum dia da Festa conforme lhe vai; as Miunças, com que nos aflagão, são por lá tão insignificantes, que quasi não entrão em linha de conta.

(CONTINUADA DA PAG. 316 DO NOSSO NUM. XXVI.)

Faz se-hão Estabelecimentos de Caridade, e de Instrução Publica, determina o Art. 37 das Bases da Constituição, que juramos; he necessario cuidar sem demora, exclamão todos aquelles, sobre quem pesão os impostos, e contribuições Publicas, he necessario cuidar sem demora em huma infinidade de objectos urgentes: a Agricultura clama por estradas, e caminhos; o Commercio por guarda-costas, para o defender das frequentes, e funestas piratarias; o Publico todo pelas commodidades, que os Povos devem achar no Estado de Sociedade, que são as provas mais evidentes da civilisação de huma Nação, e que desgracadamente faltão entre nós. Mas tudo isto parece que o nosso Patriota pertende que fique suspenso, como menos importante, e que póde soffrer demora; e para que? para não offender o direito adquirido no tempo da arbitrariedade, em huma Corte corrompida, no tempo, em que não só se não cuidou seriamente de todos aquelles objectos, mas antes se deixarão perder, e destruir alguns, que já estavam formados, e estabelecidos. Espere o Publico por sapatos de defuntos, soffra a Nação, sobre quem pesão todos os encargos, e contribuições, para que os outros gosem do seu "direito adquirido", visto que não ha dinheiro para satisfazer a todos, e que as despesas se não devem igualar ás rendas.

A fim pois de nada "diminuir das ditas despesas Publicas actnaes, de não offender o direito adquirido", e de trazer a todos contentes, propõe o Author dos apontamentos huma operação de crédito, e circulação, como meio efficaz de livrar o Thesouro Publico dos seus actnaes embaraços.

Qualquer pessoa, que tem idéas de Commercio, sabe que crédito he a boa opinião, que os outros homens tem da riqueza, boa fé, e pontualidade de alguma pessoa, ou Sociedade: e que circulação he huma operação, que fazem as casas alcançadas, que não podendo satisfazer pontualmente as suas dividas, usão de algum desvio, ou rodeio, para entreter os seus Credores, e espaçar o pagamento, que não podem fazer no seu vencimento, illudindo-se muitas vezes a si mesmos, ou querendo illudir os outros com a esperanza de huma futura solução. Esta operação, que he quasi sempre ruinosa, longe de grangear especie alguma de crédito, o destróe, e diminúe, illudindo unicamente

os que não conhecem, ou não desconfião do estado precario da casa, que o pratica. ¿ Como pois pertende o Author conciliar cousas tão diametralmente oppostas, querendo grangear crédito, com huma operação de circulação, que vai augmentar ainda mais a divida do Theouro Publico com os novos juros, com que o onera? Eu estou bem persuadido com o Author dos apontamentos, e nisso soumos inteiramente concordes, que se o Thesouro Publico pudesse dispôr em cada mez de mais 200 contos de réis, ou de 6 milhões de cruzados em hum anno, além da totalidade da sua renda actual, elle caminhará sem duvida admiravelmente, e ficaria livre, senão de todos, ao menos de huma parte dos seus embarços. Mas para conseguír, só pelos meios, que estão ao seu alcance, e nas actuaes circumstancias esses 6 milhões de cruzados; — hoc opus, hic labor est. — Em hum Systema Constitucional (sou obrigado a recorrer muitas vezes a este principio, visto que o nosso Patriota tanto o aprecia, louvando o Ente Supremo por haver inspi rado os acontecimentos de 24 de Agosto, e 15 de Setembro de 1820, coroados com o mais feliz, e desejado exito), em hum Systema Constitucional digo, pertence unicamente ao Poder Legislativo estabelecer os meios para o pagamento da divida Publica, quando esteja liquidada; pertence-lhe unicamente a faculdade de contrahir empréstimos, ou de authorisar o Governo para o fazer, quando sejam indispensaveis, e assignalar as rendas, pelas quaes elles devem ser pagos. ¿ Como pois aponta o Author o plano de contrahir o Thesouro Publico, sem aquella legitima authorisação, huma obrigação de 6 milhões de cruzados com o Banco do Brasil, sacando o Thesoureiro Mór daquella Estação sobre o Thesoureiro Geral deste a referida quantia, parte em bilhetes do Thesouro (Exequer bills), e parte em letras, que muito inapropriamente chama de cambio (não havendo cambio algum em taes letras)? ¿ Quem não vê, que esta transacção, ou seja indicada debaixo do nome de Delcredere, abono, fiança, ou de outro qualquer, com que venha astuciosamente embuçada, he huma anticipação, e por consequencia, hum verdadeiro empréstimo, que comêça pela firma, e pôde acabar pelo dinheiro? Quem ha de garantir por espaço de 12 annos o fiel, e exacto pagamento mensal dos 32, ou dos 16 contos de réis, para que o Banco possa sem receio acettar taes saques, e obrigar-se ao pontual pagamento dos 9 milhões, e seus juros? Além de

exceder os limites dos seus Estatutos, que lhe não permittem outras algumas operações, que não sejam as 8 nos meiros indicadas, e como ha de o Banco comprometter-se a hum pagamento, de que não tira lucro, ou vantagem alguma. visto que os juros de 8 por cento dos ditos bilhetes do Thesouro são a beneficio dos portadores, e não do Banco; e além disso, vendo o quanto essa especie de moeda ficticia (ainda que aliás conhecida no Mondo, boa, e util em muitos cazos) seria nesta crise actual danuosa para o dito Banco, fazendo desaparecer os metaes do giro Commercial, ainda mais do que actualmente acontece? E se por qualquer accidente, ainda mesmo sem que para isso concorra o Thesouro, vier a faltar a apontada consignação, aggregando-se esta divida aos 5 mil contos de réis, que lhe deve o Thesouro, e as mais Estações Publicas, em que embaraços se não verá o Banco do Brasil? O Patriota tão zeloso dos interesses dos Crédores do Thesouro Publico, não mette tambem em linha de conta aquella grande divida e os meios de a satisfazer? Aos mais Crédores he de justiça que o Thesouro pague o que lhe deve; mas ao Banco, além de ser de justiça, he do seu interesse, e da sua politica o faze-lo, a fim de pôr aquelle Estabelecimento em estado de sustentar o seu crédito; o que elle não pôde fazer sem meios reaes, e effectivos, e não de circulação, e de giro. E então quando o Banco estiver inteiramente restabelecido dos golpes, que recebeu na época desgraçada do antigo regimen; quando elle se apresentar em huma actitude respeitavel, pagando francamente, e sem restricção alguma as notas que lhe forem apresentadas, e prestando á Nação todos os auxilios, e beneficios, para que foi instituido; então elle será o seu braço direito, o seu principal, e prompto recurso; por meio d'elle o Thesouro Publico poderá fazer todos os seus pagamentos com aquella regularidade, e exactidão, que faz a belleza da Publica Administração, e a harmonia da Sociedade,

A' vista pois do que tenho exposto, se vê que a medida do emprestimo dos 6 milhões de cruzados em letras da terra, pagaveis pelo Banco, não só não he legal, mas nem mesmo politica, e portanto inteiramente inadmissivel: e que se eu Author quizer merecer dignamente os epitetos de Patriota, e de Constitucional, he preciso apontar contra, mais accommodada ás nossas actuaes circumstancias; não lhe podendo conceder mais do que os bons desejos, que mostra

ter de acudir ao Thesouro Publico, e de trazer contentes
 humia parte dos seus Crédores.

(CONTINUAR-SE-HA.)



REFLEXÕES

CONTINUADAS DA PAG. 12 DO NOSSO NUM. I. EXTRAORDINA-
 RIO, DE DOMINGO 12 DE MAIO.

== A nobre declaração do Congresso, contida no Arti-
 go 21 das Bases, em vez de ganhar-lhes os corações, &c.
 &c. == Custa a crer que sisudamente, e para ser lido no
 Mundo se escrevesse humia proposição tal. Eis-aqui verda-
 deiramente o — Systems Jesuitico — “ perdoemos o mal,
 porque as intenções são boas. „ Vale isto o mesmo que
 dizer: nós atacámos os vossos Direitos, mas confesseamos
 que os tinheis; nós proclamámos, que as Nações, que
 os Póvos não são propriedade de ninguém, mas nós julgá-
 mos que o éreis nossa, por esse Direito feudal, ou banal,
 que para nós destruímos; nós dissemos, que as Nações
 tem o direito de escolher o seu Governo, mas quizemos
 dar-vos hum systema adequado aos nossos fins; no deva-
 neio da Liberdade jurastes sem condições, e nós assentá-
 mos que deveríamos atropellar a vossa boa fé, a vossa con-
 fiança, a vossa Probidade, Rasão, e Justiça. Se em vez
 de generosos Irmãos, fosseis mais maliciosos, nós teríamos
 aprendido desde o principio a respeitar-vos, e a temer-vos,
 e teríamos fielmente cumprido com os principios estabeleci-
 dos naquella Base. „

He tambem para notar-se o esmero com que a Com-
 missão Especial pertende negar, ou aligeirar o peso das
 nossas queixas contra a == desigualdade, que diz, não
 existe, e dos gravames especificos, que, bem acrisolados,
 reputa-los-hão beneficios os Brasileiros, quando abrindo os
 olhos, que lhes cerra a desconfiança, virem as cousas co-
 mo ellas são. == Posto que se não encontre nas assignaturas
 do parecer aqui reimpresso o nome do Senhor Deputado “ Mi-
 randa „ que se apresentou no Soberano Congresso como
 thermometro dos nossos conhecimentos Constitucionaes, acha-
 se com tudo o seu espirito luzindo nesta, e n'outras ex-

pressões do mesmo parecer. E não será licito dizermos também com igual ingenuidade á da Commissão " que o Brasil deplora o engano em que laborão muitos dos Senhores Deputados de Portugal, querendo dar-lhe palavras por factos, nem concebe como possam chamar beneficios, a privação do seu centro e da sua Politica Representação, descendo por esta de huma cathegoria, que o honrava á face do mundo, que as Nações todas applaudirão e reconhecerão justa: e por aquella perdendo o necessario vinculo das suas Provincias, e as relações todas, que nos apertavam em corpo respeitavel, com prejuizo dos nossos modos, e da nossa mutua coadjuvação? Não poderia o Brasil dizer também á Commissão: " quando abrides os olhos, que ainda vos cerra a ambição, e o desejo de dominar-nos, vereis que as vossas medidas desastrosas apressarão a nossa separação; e que quando quizestes reparar-las com procedimentos sabios, justos, e dignos da humanidade illustrada, o mal não tinha remedio, porque a desconfiança consolidada por tantos factos contrarios aos vossos proclamados principios, não desce o vós que remontára; e o mesmo Author da maxima, — divide para imperar —, creveo também outra de que vos esquestes, ou julgais que a ignoramos " qualquer mudança em Governo Politico, he semente de que brotão outras mudanças? "

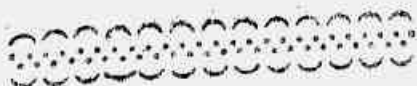
Deixando de fallar na pouca consideração, com que se trata a Pessoa de S. A. R. legitimo Herdeiro do Throno Portuguez, e Regente do Reino do Brasil (titulo, que maliciosamente occultão, só para não serem obrigados a conservar ao Brasil a cathegoria de Reino, que já tem, e jámais perderá: nem reconhecerem a solemnidade legal da Regencia do mesmo Senhor); vejamos, e analysemos as bases sobre que a Commissão especial assenta a necessidade da retirada de S. A. R. He, a I., a immediata banca-rôta do Rio de Janeiro, o qual exigindo por isso economias indispensaveis, torna impossivel a manutenção de huma Corte, que acceleraria a queda fatal desta parte do Imperio Portuguez. A II., he, a necessidade que ha, de que o Herdeiro do Throno resida em hum Paiz, que faz parte do Systema Europeo, e cujas negociações tanto podem influir na sorte do Reino Unido. Em toda esta exposição se conhece bem o zelo Pharisaico, que animou e continúa á animar o Congresso ácerca do Brasil. No Manifesto dirigido ás Nações, dá-se por hum dos motivos que necessi-

rão a Revolução de Portugal “ a ausencia do Soberano, a nullidade immediata da Nação, a sua redução á quasi Colonia, a inanição dos seus recursos, a sua divida immensa, e todos os males porvindos do desgoverno de hum Ministerio corrompido. „ Estes mesmos motivos, por hum particular modo de raciocinar, necessitam a retirada de S. A. R., a redução do Brasil a hum estado de dilaceração, ao estabelecimento de Governos monstruosos, tetracephalos, sem relação mntua, sem centro das suas forças moraes, sem aproximação e nexos das suas forças physicas. O Portugal sobrecarregado de huma divida enorme, com huma despesa muito superior á sua receita, carece, para levantar-se deste estado de torpor e abatimento, a mantença de huma Corte, a residencia do Rei, e a volta do Principe; o Rio de Janeiro (porque elles maldosamente não fálão agora do Brasil) para erguer-se do mesmo estado que elles graciosamente impoem deve perder o unico apoio das suas esperanças, o centro da sua união, e a grande móla do seu andamento. Mas todas estas economias só assentão na retirada do Principe, cuja conservação os punge e agridontá; mas podem mandar Tropas para augmentarem as despesas desta Cidade; mas podem fazer saques, e podem contar com a remessa de sóbras, como = in illo tempore =, e nada disto apréssa a quéda fatal desta Provincia. Tão cheios de compaixão para commosco, não se lembrárão, nem ao menos neste momento de aperto, de intimar ás Provincias do Brasil, que se orientassem com o seu centro politico, e conservassem as suas antigas relações, com esta Capital !!!

“ Pertença a America á America, e a Europa á Europa, e tudo hirá bem. “ Esta sentença sublime e judicioza do Apostolo da America, bebida sem duvida na lição do immortal Penn, e de huma orthodoxia indisputavel aos olhos de todos os Publicistas, que tem reflectido sobre as Colonias, he heterodoxa, criminosa e venal aos olhos da Commissão especial; por isso dizem os seus Membros que = o Principe deve voltar para hum Paiz, que faz parte do Systema Europeo; = aqui também se descobre a origem das futuras desgraças do Brasil, porque este systema Europeo, á que se quer ligar o Brasil, contra a vontade na Natureza, o enredará sempre nas guerras, que alli se sustentarem. Se Portugal quizer manter-se contra as invasões da Hespanha, sua inimiga natural, em quem = manet-alta mente

repostum iudicium Paridis, = eis logo o Brasil envolvido nos desastres dessa guerra. Se o Leopardo atrevido volver os olhos ensanguentados contra as Quivias, o Brasil será o primeiro alvo dos seus tiros. Em fim todas as vezes que a Discordia rolar o seu carro sanguinoso sobre a Europa, onde a multiplicidade dos seus Reinos e de seus diferentes interesses tornão impossivel a duração da Paz, eis o Portugal, ou comprando a Neutralidade á custa de sacrificios vergonhosos, e sempre com o ouro do Brasil; ou tomando parte na guerra, e chamando esta grande parte da Monarquia a participar dos seus males. Eis-aqui o que no Systema de Machiavel se chama Direito de igualdade e de reciprocidade. -- Não, o Brasil não tem interesse algum na partilha do Systema Europeu; o seu interesse he indisputavelmente a Paz com todo o Mundo --; não lhe convém inspirar desconfianças ao resto do Globo; o seu unico fito deve ser o seu Commercio; o grande interesse das Nações á seu respeito, e o seu mesmo grande e verdadeiro interesse, he que os seus Portos sejam francos á todo o Mundo. Não precisamos de liga exclusiva com nenhuma das Potencias, para com nenhuma nos enredarmos em disputas. Se pois a rasão apontada no Parecer, isto he, a economia da nossa Provincia, e o Systema Europeu necessita o Congresso a chamar d'entre nós o Principe, saiba o Congresso, e saiba a Commissão, que o Principe he admiravelmente parco e economico, e tem todo o respeito e amor dos Brasileiros, sem o apparatus de huma Corte dispendiosa: e que o Brasil conhece as rasões, que estorvão o seu regresso; e nao se envergonha de as dednzir do mesmo motivo 2.º, dado pela Commissão, para que volte do nosso grande Reino.

(CONTINUAR-SE-HA.)



REVERBERO
CONSTITUCIONAL FLUMINENSE.

TERÇA FEIRA 21 DE MAIO DE 1822.

Redire sit nefas.

HORAT. LIV. V. OD. II.

(CONTINUADA DA PAG. 324 DO NOSSO NUM. XXVII.)

Os embaraços, e a falta de meios, que o Thesouro Publico do Rio de Janeiro experimenta (segundo o meu parecer), não hão de ser tão grandes, como alguns os pertendem inculcar. Nada ha mais justo, e sauto, do que seja o pagamento de huma divida, logo que o devedor tem meios de a satisfazer. Todo o devedor honrado tem rigorosa obrigação de procurar incessantemente o fiel desempenho do seu alicance, e sacrificar se todo a esse fim, mas a impossiveis ninguem está obrigado. Quando as dividas excedem nos fundos disponiveis do devedor, as nossas Leis Patrias, assim como as de todas as Nações cultas tem prescripto certas regras de preferencia, que a rasão, a justiça, e a humanidade indicão.

Parece-me pois que a pessoa, que se propozer fazer á Patria offerta de hum plano para acudir ao Thesouro Pu-

blico, e livra-lo dos seus embaraços, deverá começar por huma analyse de todas as dividas, que se apresentam naquelle Estação, dividi-las em differentes classes, pondo-as em huma escala, pela qual se proceda ao seu pagamento.

A falta de huma tal divisão, é o amalagama, em que se tem conservado a divida Publica, não he talvez huma obra do acaso; ella parece ter sido feita muito positivamente no antigo regimen, a fim de que o antigo Erario, hoje Thesouro Publico, fosse huma mina preciosa, e hum Thesouro particular, para aquelles Adeptos, a quem era concedida a admissão dos seus Misterios. O meio de fazer valer aquella mina era englobarem-se, confundirem-se, e burlharem-se todas aquellas muito distinctas especies de divida, quando se tratava do seu pagamento. Tudo isto se podia muito bem praticar, e de facto aconteceria com huma bem arranjada Escripturação de todas as entradas, e sahidas dos dinheiros Publicos, e com magnificos Diarios, Livros Mestres, escritos por partidas dobradas, com toda a exactidão, e acceio possível, porque hum Seductor Mestre nunca deixa os vestigios do seu crime.

E porque sempre a receita era muito inferior ao que se tinha de pagar; dizia-se em geral, que não havia dinheiro para todos (o que era verdade), mas que se pagaria logo que o houvesse (o que era mentira); porque nessa occasião os Adeptos, e os Validos, que sabião o momento, e a occasião opportuna de serem embolsados, erão os unicos, que gosavão daquelle beneficio. Com esta certeza compravão com horrosos rebates as dividas dos desgraçados, que não tinham alampada em Méca, vendião os generos por preços exorbitantes, e lesão enormissima, e todavia erão pagos, e embolsados sem perda alguma, á excepção daquelle, que soffrio na partilha da presa com os seus Protectores,

Que pena, que desgraça fatal para huns, e outros, que não durasse mais hum, ou dous annos semelhante Administração! se assim fosse o Patriota Constitucional não feria o trabalho de fazer os longos calculos, e operações arithmeticas da sua Tabella; tudo se pagaria aos Validos, sem ser preciso fazer operações de giro, e circulação, e a doce paz reinaria entre os feis. Maldito Dia 26 de Fevereiro de 1821. fu viestes transtornar o suave gozo de tão grande bem. Mas corramos hum véo por aquella scena de iniquidades, e pois que a Providencia já nos livrou de hu-

(331)

na Administração tão funesta, tratemos unicamente de curar os erros passados, e evitar os futuros.

O Thesouro Publico tem de pagar:

- 1.º As despesas correntes das tres folhas, Militar, Civil, e Ecclesiastica, e as da Casa Real.
- 2.º Os empréstimos feitos gratuitamente ao Thesouro em occasiões urgentes, e os dinheiros de deposito.
- 3.º Os empréstimos feitos com vencimento de juro em diversas épocas.
- 4.º A divida antiga, tanto Provincial, e que existia antes de 1817, como a Geral do Reino-Unido, contractada durante a estada de Sua Magestade nesta Corte, e ainda mesmo depois da sua partida a que foi feita por sua causa, e portanto he da mesma natureza.

I. DESPEZA DAS 3 FOLHAS.

He horroroso, que o Corpo dos Militares, os servos mais uteis do Estado, que os Empregados Publicos, que tem dedicado a sua vida, e consomem o seu tempo no serviço da Nação, soffrão o mais pequeno atrazamento na satisfação dos seus merecidos salarios; a falta das quaes abisma a huas na miseria, e desesperação, excita a outros para romper em perigosos clamores contra a Administração Publica, e desafia a muitos a entregarem-se aos excessos de huma funesta, e torpe venalidade.

Deve pois saber precipuo das rendas Publicas o pagamento destas folhas, visto que tem a natureza de alimentos, necessarios para a existencia dos Empregados: deve-se pagar o mais cedo possivel, o que se acha já vencido, e fazer com que de ora em diante, elles jámais soffrão hum atrazamento tão consideravel, como o que tem tido até o presente. Mas he muito estranhavel, e digno de censura amontoar em hum só Individuo Empregos sobre Empregos, e todos acompanhados de grandes, e pingues ordenados, ainda que alguns não saião directamente do Thesouro Publico. Não he menos estranhavel vencerem individuos ricos pensões a titulo de pobres, avultadas gratificações a titulo de serviços, que não fazem; conservar-se hum Estado Maior isolado, e sem destino (apresentando a este respeito o Exercito de Portugal hum modelo bem digno de se seguir, e que sem privar o Estado daquelle Corpo, o torna util, sem ser oneroso).

Em huma época , em que todos os bons Cidadãos se esmerão em servir a Causa Publica , huns com o sacrificio das suas pessoas , alistando se debaixo das bandeiras da Nação ; outros contribuindo com os seus bens , tirando de seus cofres a favor do Estado as quantias reservadas á sua subsistencia , ou ao manejo do seu commercio ; muitos dedicando o seu tempo , suas vigalias , seus talentos , suas penhas , e a sua tranquillidade , tudo a bem da grande Causa , em que estamos empenhados , e para estabelecer , e consolidar a nova ordem de cousas , em huma tal época unicamente os Empregados Publicos he que hão de ser impassiveis Expectadores de tão heroico procedimento , sem nada contribuirem para o bem da Patria ? Não , delles não formemos hum tal conceito : despidos de todo o egoismo , e animados de hum ardente zelo pelo bem Publico , elles hão de tambem de bom grado fazer o sacrificio de abrir mão da multiplicidade dos seus Empregos , reservando d'entre elles hum sómente , que fielmente sirvão , e desempenhem. E essa diminuição de renda lhe será de algum modo indemnizada com o prompto , e exacto pagamento do ordenado , que conservarem :

1.º Quando pois — com aquella prudencia , e circumspecção que requer tão delicada materia , — esta parte da Administração se reduzir a que cada Indivíduo tenha hum só Emprego , pelo qual receba do Thesouro Publico directa , ou indirectamente hum só ordenado sufficiente para a sua subsistencia , e exactamente pago , a fim de que o mesmo Indivíduo se dedique inteiramente a esse Emprego , sem se ver na triste necessidade de procurar por outra parte os meios de se alimentar :

2.º Quando o Estado Maior for composto de Militares , tirados temporariamente dos Corpos , em que servirem , para serem restituídos a elles , logo que acabem a Commissão para que forem chamados ; sem que o dito Estado-Maior forme hum Corpo permanente , isolado , e ocioso , á excepção dos Officiaes Generaes , que for necessario manter para o commando da Força armada :

3.º Quando forem fiscalizadas com mindeza , e exactidão as despesas ordinarias , e extraordinarias das diversas Repartições Publicas , nenhuma se fazendo sem prévia authorisação , nem se pagando sem authenticos documentos , e examinados por pessoas não suspeitas , nem interessadas nos abúscos :

4.º Quando tantas Repartições, e Contadorias se reduzirem a huma só (a do Thesouro Publico), na qual haja de entrar todas as rendas do Estado, e da qual haja de saber as quantias orgadas pelos seus Chefes para as despesas das ditas Repartições, evitando se deste modo huma repetida multidão de Thesoureiros, de Fiscaes, de Escrivães, de Porteiros, de Contínuos, de Agentes, &c., &c.:

Quando tudo isto se pozer em pratica, as Folhas dos Soldos, dos Ordenados, das Gratificações, das Despesas Publicas, hão de ser, a meu ver, tão diminutas, e diferentes das actuaes, que a maior parte dos embaraços da Administração do Thesouro Publico ha de forçosamente desaparecer. Hum tal passo he tanto mais necessario, e indispensavel, quanto he preciso respeitar a Opinião Publica, que altamente clama por todas estas reformas; e sobre tudo, em hum momento em que a Nação he convidada para abrir as suas bolsas, e para coadjuvar o Thesouro, convém que ella veja, que as rendas Publicas não são distribuidas imprudentemente, para sustentar Empregos inuteis, e para locupletar infeiis, e ociosos servidores.

II. EMPRESTIMOS GRATUITOS.

O pagamento desta divida, no meu modo de pensar, he tão sagrado, que eu o classifico logo abaixo dos alimen-tos devidos aos servos do Estado. Soccorros prestados em urgentes precisões, provas de hum puro patriotismo, ser-viços desinteressados não devem ter em retribuição o esque-cimento, e o abandono de hum Governo Constitucional. Todos os mezes se devem destinar, quanto ser possa, hu-ma quantia para pagamento desta divida áquelles, que o exigirem. Mas eu a considero tão diminuta, que me pa-rece não da de consumir grandes sommas do Thesouro. Os dinheiros do deposito são igualmente sagrados, e não de-vem soffrer demora.

III. EMPRESTIMOS DE JUROS.

Como he possível grangear crédito algum Publico, faltando a promessas sagradas, feitas quando se sollicitarão taes empréstimos daquelles, que tirarão do seu giro avulta-das quantias, para as applicarem ás urgencias do Estado? Como ha de o Thesouro Publico esperar novos recursos para

o futuro, quando delles precisar, em quanto não estabelecer, como regra invariavel, que o juro do dinheiro emprestado ao dito Thesouro ha de ser pago religiosamente, e sem falencia? Não se pague muito embora o principal, por que não ha meios sufficientes para o fazer: porém quanto aos juros estipulados, parece-me que com as reformas, que proponho, e com huma melhor arrecadação (que he tão urgente, como as mesmas reformas), não deixará de haver huma quantia, que se applique para hum tal pagamento, sem faltar aos outros, que acima levo indicados.

IV. DIVIDA ANTIGA.

Esta divida, proveniente pela maior parte dos generos vendidos ao Estado, das antigas e illimitadas despesas da Casa Real, da Marinha Nacional, transportada quasi toda para Portugal, proveniente dos supprimentos feitos, para armamento das outras Provincias do Reino-Unido, da expedição do Rio da Prata, emprehendida para defeza das fronteiras do Brasil, ameaçadas por hum inimigo formidavel; proveniente da viagem de Sua Magestade para Lisboa, esta divida supposto seja huma divida real, a que tem todo o direito os respectivos Crédores, além de ser de huma natureza differente das que tenho referido, ella he a cargo do Reino-Unido de Portugal, Brasil, e Algarves; o seu pagamento deve recahir sobre toda a Nação, e não unicamente sobre o Thesouro Publico do Rio de Janeiro, que apenas lhe compete pagar a quota, que lhe pertencer, mas nunca a sua totalidade.

Ora, se o Thesouro Publico do Rio de Janeiro a podesse satisfazer com os meios actuaes, que estão ao seu alcance, empregando o excedente das suas despesas pecuniarias, e indispensaveis para a manutenção da Causa Publica, em tal caso a sua solução seria ainda admissivel. Porém sendo as ditas actuaes rendas do Thesouro apenas sufficientes para as suas despesas, e urgencias ordinarias (como confessão os que tem conhecimentos sólidos de materia tão importante); e como ha de o Thesouro do Rio de Janeiro tomar unicamente sobre si hum peso, que lhe não compete, e não lhe he possivel sustentar; hum peso, que he quem lhe causa os seus maiores embarços, que ha de ser sempre o inferno, e o tormento dos Chefes dessa Repartição, visto que apesar de mil tratos que dêem ao seu en-

tendimento, e de mil circulações, e giros, ha de haver sempre hum deficit; pois não he com 6 milhões de cruzados, que se paga toda a divida do Estado por esta Repartição, e os Crédores todos que estiverem na mesma linha, devem gozar do mesmo beneficio? Sollicitar pois por hora hum empréstimo, ou seja em dinheiro, ou em letras, para satisfazer tal divida, não he desonerar-se della, he só mudar de Crédor; e se esse empréstimo he de mais a mais onerado de hum juro, longe de a diminuir, e vai augmentando cada vez mais, e portanto procurando novos embaraços ao Devedor. Se acaso he possível applicar alguma quantia para amortisação deste empréstimo, ou para o pagamento das letras, ¿ porque se não applica antes essa mesma quantia para amortisação da propria divida, poupando-se o juro, que ella não vence? Mas senão he possível fazer huma tal applicação, e he forçoso por falta de meios suspender o seu pagamento, proceda o Thesouro Publico do Rio de Janeiro ao exame, e liquidação dessa divida; dê aos Crédores legitimos, e authenticos titulos, que elles possão, ou guardar, ou negociar, como melhor lhes convier; sollicite de quem competir, e procure obter os meios de satisfazer tal divida, visto que ella teve origem pela sua Repartição, e he da sua honra fazer huma tal diligencia. Os Crédores, que forem rasoaveis, e prudentes farão justiça a esta medida, que não he senão temporaria, e filha das circumstancias actuaes. E visto que elles tiverão sufficientes lucros na venda desses objectos, e generos, que o Estado lhes compra, soffirão alguma pequena demora, com a certeza do seu embolso, pois que o Estado não morre, nem ha de fallir de bens.

Os meios para satisfazer toda essa divida, não podem ser outros, senão a concorrência, e cooperação de todas as Provincias do Reino Unido (ou ao menos do Reino do Brasil, se o de Portugal o não poder fazer) enviando-lhe as suas quotas partes, proporcionadas ás suas faculdades, e forças pecuniarias. Hum Estado não se póde manter sem meios, esses meios são as Rendas Publicas, que todas as partes da Monarchia devem metter em commun, para a sua manutenção, e despesas geraes: he este o Pacto Social, de que nenhuma Provincia se póde isentar, se quizer sinceramente formar huma Nação grande, poderosa, e respeitavel. E quando o Poder Legislativo tiver estabelecido huma consiguação regular das ditas Provincias, a qual

junta com as rendas desta possa apresentar ao Thesouro Publico do Rio de Janeiro hum fundo seguro, e disponível, sufficiente para a solução gradual da sua divida, então igualmente sendo — approvedo, e sancionado pelo mesmo Poder Legislativo terá lugar —, muito embora, contrahir o dito Thesouro hum empréstimo de 6, ou de mais milhões de cruzados (aonde lhe convier, e for mais barato, e util á Nação) para de hum golpe satisfazer, não com operações de giro, e circulação, mas com dinheiro de contado e todos, ou á maior parte dos seus Crédores, applicando esses fundos para a amortisação do referido empréstimo. E esta operação (que se poderá muito bem ultimar antes de 24 mezes, a que chegam as letras do Patriota, e certamente antes de 12 annos, que he preciso esperar para a extincção dos bilhetes, que elle propõe) grangeará então ao Thesouro Publico do Rio de Janeiro o mais eminente gráo de crédito, reputação, e confiança. Tudo o mais, meus Amigos, são Castellos em Hespanha.

Queirão pois, Senhores Redactores, apresentar no seu Periodico também estes meus apontamentos para acudir ao Thesouro Publico, senão promptamente, ao menos mais constitucionalmente, do que o nosso Patriota. Não pertendo que elles sejam verdades Evangelicas, nem que se acreditem com fé implicita: — apenas são esforços de quem deseja acertar, e não dar passos em falso, apesar de lhe faltar engenho, e arte.

Expondo-os á censura do Publico sensato, e dos Agentes da Administração, que tem as rédeas do Governo, dou a mais authentica prova da minha boa fé. Se huns, e outros os desapprovarem, direi que tiverão essa sorte, porque não erão acertados; mais habeis, e abalisados pensadores lhe substituirão outros, e como se chegue ao fim desejado, ficarei contente. Mas se por acaso elles forem dignos de alguma contemplação, e aproveitarem: o meu prazer será completo por haver cooperado para o bem da minha cara Patria, da Causa Publica, para a união do Reino-Unido, e para a manutenção de hum Systema Constitucional, — verdadeiro —, e não — illusorio —; Systema que foi sempre o meu Idolo, e ainda antes de haver jurado a Constituição. Para que elle viagne, e prospere, darei quanto posso, e até a ultima gota do meu sangue, preferindo antes a morte, do que voltar atrás, pois pessoa alguma está mais con-

vencida da sua Epigrafe = Redire sit nefas = , do que este seu Amigo , e constante Leitor

J. A. L.

Rio de Janeiro , 28 de Fevereiro de 1822.



Srs. Redactores.

Queirão publicar este Projecto , á ver se agrada ao Governo , e ao Publico. Se aquelle o pozer em execução , este colherá as suas vantagens ; e senão agradar , apparecerá talvez outro melhor , contentando-me eu com a gloria de o haver lembrado.

Hum Executivo sem a confiança publica , no centro do Systema Constitucional , he huma idéa chimerica , e absolutamente fugitiva. Todas as vezes que o Cidadão não esteja bem capacitado de que he necessario obedecer ao Governo , para manter illesa a sua propria liberdade , a sua propriedade , vida , e fortuna , baldados serão os mais energicos esforços do Governo , que só á força o poderá convergar. He logo de summa importancia que o Governo se decida entre estes dois extremos — Força , ou Confiança — : a primeira , tóca ao Despotismo , em cuja presença emmudem as Leis ; a segunda ao Liberalismo , em que a Lei só falla ; e o Cidadão , por esta condemnado , não pôde , ainda que queira , increpar o Governo , de quem só lhe pôde porvir alguma condolencia.

¿ E como obter esta confiança ? Descobrimdo-se ; empunhando n'humã mão a Lei , e na outra a Vara. Se me não engano neste curto raciocinio , espero que não será apedrejado o seguinte

PROJECTO PARA HUM DIARIO DO GOVERNO DO BRASIL.

ARTIGOS.

I.

Sabirá este Diario em todos os dias de trabalho.

II.

Não terá folhas , nem materias certas : o dia decidirá.

III.

Por obrigação só dará huma folha.

IV.

Leys, Decretos, Portarias, Ordens, Editaes, Proclamas, Relações Officiaes entre esta Corte e a de Lisboa, assim como com todos os demais Governos Subalternos do Reino Unido: Contas de todos os Tribunaes Financeiros: Hum Formato Semestral ou annual de todas as Rendas, e Despesas Brasilicas: Providencias Commerciaes, Agronomicas, e Mechanicas; Processos judiciaes os mais notaveis: e todas as mais peças uteis, ou curiosas, que relativamente á boa, ou má ordem Ministerial se poderem haver.

V.

Sendo estas Peças extensas, dar-se-ha sua subsistencia na indicação.

VI.

O cunho da verdade acompanhará este Diario, para que por elle se possa guiar todo o homem publico, e até os Tribunaes.

VII.

Nunca os Redactores serão responsaveis pelo Artigo VI. nas materias declaradas Officiaes, cujo crédito pende da auctoridade superior, que esperão não faltará.

VIII.

Para este exacto cumprimento, todas as Secretarias de Expedição se relacionarão com os Redactores, dando-lhes até ás 3 horas da tarde as communicações assignadas por hum Official, que responderá á sua exacção.

IX.

Este Diario será Ministerialmente remittido a todas as Capitaes do Brasil: para cujo fim, formado o competente Cadastro, levarão os Redactores ao Correio os relativos exemplares.

X.

Para que se extermine a ignorancia das providencias das, todas as Camaras e Tribunaes Provincianos subalternos, tomarão este Diario, á custa de suas rendas particulares, ou das da Nação, sendo pobres; respondendo pelo seu valor nesta Cidade os Governos capitaes de Provincias.

XI.

Aos Redactores se assignará , pelo menos neste principio , huma gratificação ; correspondente ao trabalho e despezas que vão emprehender , e sua resultante utilidade.

XII.

Caso faltem os indicados Assumptes , lançar-se-ha mão de cousas uteis adaptadas ao tempo , e lugar.

XIII.

Os Assignantes darão por mez , em sua casa 1000 réis.
Os não Assignantes , por folha 60 "

REFLEXÕES

CONTINUADAS DA PAG. 24 DO N.º II. EXTRAORDINARIO ,
PUBLICADO SABBADO 18 DE MAIO.

Corrou em fim a Commissão Especial a sua longa e inconcludente arenga com o mais descosido argumento , e com a mais insultante desculpa ; lêamos : = restão por fim alguns Actos do Governo , e do Congresso , que a Calamniã envenenou , taes são as nomeações de Governadores de Armas para o Brasil , de Agentes Diplomaticos &c. = Tanto lhes punge o remórno dos máos tratamentos , que nos tem feito , que elles mesmos já suppoem (sem lá terem ainda chegado) como serião amargas as nossas queixas , não vindo em mais de hum cathalogo de Despachados , o nome de hom só Brasileiro ! Que injuria feita aos bravos e dignissimos Officiaes do Exército do Brasil ! Que injuria á estadiosa mocidade deste vasto Reino ! se seria para esta Promozão consultado o General Vicente Antonio de Oliveira , que não soffria que os Americanos sobissem de Capitães ? Prometten o Congresso pelo sen Decreto de 18 de Abril de 1821 (verdadeiro Pomo de Discordia atirado sobre o Sôlo Brasileiro) o honroso titulo de Benemeritos da Patria aos que concorressem para o estabelecimento do Systema Constitucional ; o Coronel Manoel Pedro na Bahia teve grande parte nos successos do dia 10 de Fevereiro , como testemunhão o Posto de Brigadeiro á que o elevára aquelle Governo , e o commando das Armas á contento de todo o

Povo; mas preferio-se-lhe "Madeira", até dando-se huma antiguidade de Posto anterior á daquelle; Madeira, que foi opposto ao negocio, que tanto se desejava... E ainda, se os nomes que enchem as listas dos Despachados arrebatassem a nossa admiração pela justiça da escolha, pela capacidade, e bem publico merecimento dos que se empregavão, os Brasileiros occultarião a sua dôr em hum modêsto silencio, porque em fica era isto em beneficio da Nação, e para estímulo de todos. Mas, Grande Deos! Madeiras, Verisimos, &c., &c. Desgraçado Brasil!!! Se na lista dos Diplomaticos vissemos Pessoas experimentadas no manejo dos Negocios Publicos, o respeito faria callar as nossas queixás. Porém — Mathias — Thomazes — &c. &c.!!! E sobre tudo isto ainda dizer-se que = o Governo não conhecia os Benemeritos do Brasil = he de certo juntar o escaerço á injustiça. Saiba o Mundo por confissão solemne dos Membros da Commissão. Especial, que em menos de hum anno o Governo de Portugal perdeu a lembrança dâ que havia conhecido no Brasil pelo espaço de 14 annos! Respondão ingenuamente os nossos Leitores, qual sorte esperava os Militares, e Litteratos Brasileiros, se se passassem mais alguns annos, ou se já tivessem entrado para o Ministerio sujeitos que nunca estiverão no Brasil!... Mas bem vingados principiámos a ser, porque se por hum lado o Brasil repêllem os novos Pretores, que tanto mal tem feito em algumas das suas Provincias, por outro lado Vienna, Petersburg, Hollanda, Berlim, Napoles, e Turim (sivera est fama) recusarão aceitar os novos Casthelereags, Nesselrodes, e Metternichs, que para o serem, nada mais lhes foi preciso, do que ser parentes, ou Amigos de alguns Senhores Deputados, ou de alguns Senhores Ministros de Estado.

(CONTINUAR-SE-HA.)

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

RIO DE JANEIRO. NA TYPOG. DE MOR. E GARCEZ. 1822.

INDICE DO TOMO PRIMEIRO.

NUMERO PRIMEIRO 15 de Setembro de 1821.

P

Reclamação do Campeão Portuguez.....	pag. 1
Reflexões contra o despotismo.....	3
Discurso sobre o dia 15 de Setembro de 1820.....	7
Ode sobre o mesmo objecto.....	11
Correspondencia.....	12

NUMERO SEGUNDO 1 de Outubro de 1821.

Reflexões sobre os Cortezãos, e os Validos.....	13
Noticias Estrangeiras.....	19
Refutação do Dialogo entre dois homens da roça....	21
Deputados pelas Prov. do Rio de Janeiro, S. Paulo, S. Catharina, e Alagoas.....	24

SUPLEMENTO AO NUMERO SEGUNDO 8 de Outubro de 1821.

Carta da Junta Provisional da Bahia a ElRei.....	1
Carta da Regencia de Lisboa á Junta da Bahia.....	2
Proclamação aos habitantes de Villa Rica.....	4
Acontecimentos de Villa Rica.....	5
Deputados pelas Provincias da Bahia, e Minas Geraes.	9
Falta de numerario.....	10

NUMERO TERCEIRO 15 de Outubro de 1821.

Defeza da Constitucionalidade do Povo Fluminense..	25
Faltas, que o Banco deve providenciar.....	28
Carta, e Reflexões sobre a união dos Portuguezes de ambos os mundos.....	32
Noticias Estrangeiras.....	36

NUMERO QUARTO 1 de Novembro de 1821.

Destinos futuros de Portugal unido ao Brazil.....	37
---	----

Necessidade de se propagarem as plantas exóticas....	44
Deputados do Rio de Janeiro nas Cortes de Lisboa..	48

NUMERO CINCO 15 de Novembro de 1821.

Sobre a liberdade de Imprensa.....	49
Discurso dos Deputados Americanos nas Cortes de Hespanha.....	54
Extractos do Morning Chronicle.....	59
Avizo.....	60

NUMERO SEIS 1 de Dezembro de 1821.

Fim do Discurso dos Deputados Americanos.....	61
Refutação do Semanario Civico.....	66
Noticias de Moçambique.....	72

NUMERO SETE 15 de Dezembro de 1821.

Instalação do Governo de Minas Geraes.....	73
Fim dos Extractos do Morning Chronicle.....	78
Nota dos Redactores.....	80
Extracto da Gazeta de França.....	81
Forças maritimas dos Gregos.....	83
Anuncio ao Publico.....	84

NUMERO OITO 1 de Janeiro de 1822.

Reflexões sobre os falsos Constitucionaes.....	85
Considerações sobre o Manifesto de Portugal aos Povos da Europa.....	89

NUMERO NOVE 8 de Janeiro de 1822.

Fim das Considerações sobre o Manifesto de Portugal	97
O Sancristão de Tambi ao Estudante Constitucional..	100
Extracto do Diario das Cortes.....	112

NUMERO DEZ 15 de Janeiro de 1822.

Meio facil de amortizar a dívida do Theesouro.....	113
Memorial do Club Patriotico de Valhadolid.....	122

NUMERO ONZE 22 de Janeiro de 1822.

Exhortação aos Povos da Europa.....	126
Reflexões sobre o memorável dia 9 de Janeiro.....	128
Considerações geraes sobre hum artigo do Argos.....	134
Fim do Memorial do Club de Valhadolid.....	136
Anuncio ao Publico.....	136

NUMERO DOZE 29 de Janeiro de 1822.

Fim das Considerações geraes sobre o Argos.....	137
Advertencia.....	139
Carta ao Senhor André Rapozo.....	139
Fim da Exhortação aos Povos da Europa.....	145
Parodia da Catilinaria de Cicero.....	148

NUMERO TREZE 5 de Fevereiro de 1822.

A Europa, e America.....	149
Propostas dos Deputados Americanos nas Cortes de Hespanha.....	152
Encorporação do Estado Cisplatino.....	153
Reflexões sobre os dois Documentos precedentes.....	155

NUMERO QUATORZE 12 de Fevereiro de 1822.

Apontamentos de hum Patriota Constitucional.....	161
Prematura Morte do Serenissimo Principe da Beira.....	169

NUMERO QUINZE 19 de Fevereiro de 1822.

Analyze da Sessão de Cortes de 18 de Outubro de 1821.....	173
Sobre os ultimos acontecimentos do Rio de Janeiro.....	179
Correspondencia.....	183
Breve Exhortação.....	184

NUMERO DEZESEIS 26 de Fevereiro de 1822.

Confusão de poderes.....	185
Constituição.....	186
Liberdade da Imprensa.....	187
Carta de hum Eleitor da Roça.....	188

Fim da Analyse da Sessão de Cortes.....	191
Necessidade de hum novo Censo do Rio de Janeiro	194
Reflexões sobre a Carta do Eleitor da Roça.....	196

NUMERO DEZESETE 5 de Março de 1822.

Extracto de Mr. de Pradt sobre o Commercio exclu- sivo.....	197
Dedução dos principios de Mr. de Pradt.....	205
Fim das Reflexões sobre a Carta do Eleitor da Roça	207
Avizo.....	208

NUMERO DEZOITO 12 de Março de 1822.

Necessidade de instrucção.....	209
Extractos do Astro da Luzitania.....	216
Procedimento das Cortes de Portugal a respeito do Brasil.....	218

NUMERO DEZANOVE 19 de Março de 1822.

Resposta ao Eleitor da Roça.....	221
Portaria.....	225
Continuação do Procedimento das Cortes.....	225
Nascimento da Serenissima Infanta D. Januaria.....	231

NUMERO VINTE 26 de Março de 1822.

Obrigaçào de acudir ás urgencias do Estado.....	233
Necessidade de Memorias sobre as plantas exóticas..	235
Funestos effeitos da raiva de partidos.....	240

NUMERO VINTE HUM 2 de Abril de 1822.

Colonia Suissa da Nova Friburgo.....	245
Plano para hum Monumento Con-stitucional.....	253

NUMERO VINTE DOUS 9 de Abril de 1822.

Refutação do Semanario Civico.....	257
Horrores acontecidos na Bahia.....	263
Continuação do Plano para hum Monumento Consti- tucional.....	268

NUMERO VINTE TRES 16 de Abril de 1822.

Carta refutando a Malagueta.....	269
Os Redactores sobre o mesmo objecto.....	273
Analyse dos argumentos da intriga monopolista.....	274

NUMERO VINTE QUATRO 23 de Abril de 1822.

Memoria sobre os dizimos.....	281
Fim da Analyse dos argumentos da intriga monopolista.....	289

NUMERO VINTE CINCO 30 de Abril de 1822.

Continuação da Memoria sobre os dizimos.....	293
Correspondencia, e Nota dos Redactores.....	297
Beneficios do Congresso de Portugal.....	298
Regresso de S. A. R. da Provincia de Minas.....	301

NOMERO VINTE SEIS 7 de Maio de 1822.

Continuação da Memoria sobre os dizimos.....	305
Continuação dos Beneficios do Congresso.....	309
Refutação dos Apontamentos de hum Patriota Constitucional.....	312

NUMERO PRIMEIRO EXTRAORDINARIO 12 de Maio de 1822.

União de Portugal com o Brasil.....	1
Reflexões sobre o Parecer da Commissão dos negocios do Brasil.....	6

NUMERO VINTE SETE 14 de Maio de 1822.

Conclusão da Memoria sobre os dizimos.....	317
Continuação da Refutação dos apontamentos de hum Patriota.....	321
Continuação das Reflexões sobre o Parecer da Commissão.....	324

NUMERO SEGUNDO EXTRAORDINARIO 18 de Maio de 1822.

Artigo communicado pelo Philopatrio.....	13
Cathecismo Brasilico.....	15
Continuação das Reflexões sobre o Parecer da Com- missão.....	20

NUMERO VINTE OITO 21 de Maio de 1822.

Fim da Refutação dos Apontamentos de hum Patriota	329
Projecto de hum Diario do Governo do Brasil.....	337
Continuação das Reflexões sobre o Parecer da Com- missão.....	339